



5

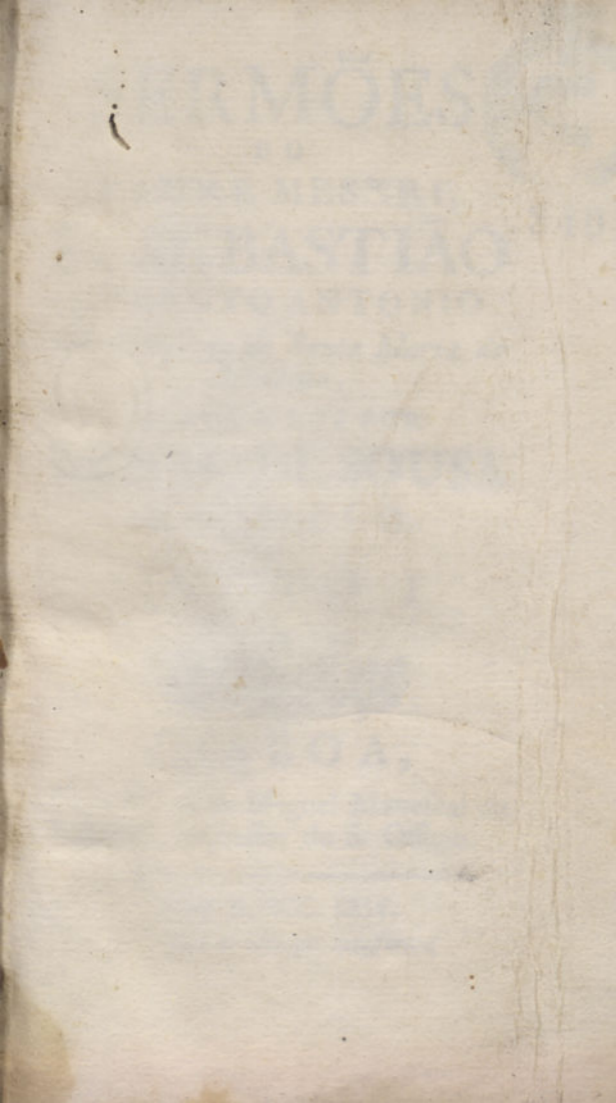
~~B  
3  
37~~

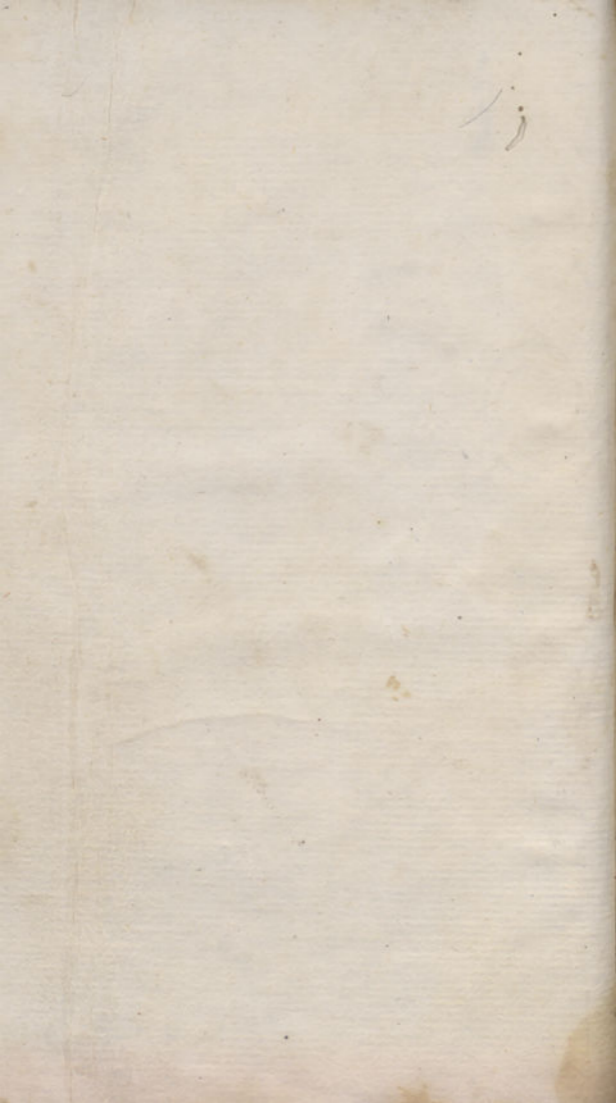
47

47821

9

3





# SERMÕES

DO

PADRE MESTRE

FR. SEBASTIÃO

DE SANTO ANTONIO

*Da Provincia de Santa Maria da  
Arrabida,*

DADOS A' LUZ POR

BENTO DE SOUSA

CAMPELLO.

T O M O I.



LISBOA,

Na Officina de Miguel Manescal da  
Costa, Impressor do S. Officio.

---

Anno M. DCC. LXIV.

*Com todas as licenças necessarias!*



2401

RC  
MNET  
(LA)  
2  
CRM



SERMÕES

DO

PADRE MESTRE

F. SEBASTIÃO

DE SANTO ANTONIO

Da Província de Santa Maria da

Algarves

DADOS A LUZ POR

BENTO DE SOUSA

CAMPFLO.

T O M O I.



L I S B O A,

Na Officina de Miguel Mandual da  
Colla, Impressor do S. Officio.

Ann. M. DCC. LXXV.

Com todos os direitos reservados



# A QUEM LER.

**O** Author desta Obra protesta, que não pretende que estes seus Sermões sirvão de regra fixa, e immovel aos Prégadores. Em todas as idades, e de todas as nações tem florecido homens sabios, que podem servir de Mestres da eloquencia Christã. Tambem confessa que a respeito do estylo, e methodo ha muitas, e diversas opiniões, as quaes todas elle venera, e a nenhuma quer tirar a sua probabilidade. Com tanto que se persuada bem a verdade, fica desempenhado o ministerio do pulpito. Usou deste estylo, por se accommodar mais ao seu genio, e consente se imprimão os seus pensamentos, por entender que haverá quem se agrade de os ler, assim como houve quem se agradou de os ouvir, além de outros motivos, que não deve manifestar ao publico. Nesta Obra se acharão muitos erros: os que pertencem á arte,

nem os pertende desculpar, nem de-  
fender, e só pede aos Leitores se  
compadeção delles: dos que porém  
pertencerem á doutrina, de todos se  
retracta, e não terá dúvida de os  
emendar. Ultimamente como não fa-  
zia tenção de imprimir, não teve  
cuidado de apontar os lugares, don-  
de tirou algumas authoridades, de  
que usa; protesta porém que ou as  
vio nos seus originaes, ou em Autho-  
res dignos de fé.

Mestres da eloquencia  
com coacta que a respeito do esty-  
lo, e methodo ha muitas, e diver-  
sas opinioes, as quaes todas elle ve-  
ria, e a nenhuma quer tirar a sua  
probabilidade. Com tanto que se per-  
tenda bem a verdade, fica sempre  
abdo o ministerio do pulpito. Não  
delle estylo, por se accommodar mais  
ao seu genio, e conforme se imprí-  
mão os seus pensamentos, por enten-  
der que haverá quem se agrade de  
os ler, assim como houve quem se  
agrade de os ouvir, além de outros  
motivos, que não deve manifestar ao  
publico. Nesta Opra se reparão mu-  
tos erros: os que pertencem á arte,

# LICENÇAS.

## Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. M. D. Antonio  
Luiz de Villares, Clerigo Regu-  
lar da Divina Providencia,  
Qualificador do Santo  
Officio, &c.*

ILL.<sup>mos</sup> E R.<sup>mos</sup> SENHORES.

**C**omo as obras do juizo são par-  
tos do entendimento, he con-  
sequencia natural sejam tam-  
bem vivas imagens do espirito, que  
lhes dá o ser. Prova efficaz desta ver-  
dade são os quinze Sermões, que se  
contém neste volume. Basta lellos pa-  
ra conhecer que o seu Author foi o  
M. R. P. M. Fr. Sebastião de Santo  
Antonio, dignissimo Filho do gran-  
de Patriarca S. Francisco, preclaris-  
simo esplendor da sua Ordem na San-  
ta Provincia de N. Senhora da Arra-  
bida. Sempre se mostrou tão supe-  
rior,

rior, e elevado o espirito deste grande Homem, verdadeiramente Religioso, tão raro, tão singular o seu talento, e tão sublime o seu engenho, que sendo ainda discipulo, era já a admiração dos Mestres. Não obrava acção, que não fosse hum documento da prudencia: não dizia palavra, que não fosse acerto, nem formava discurso, que não fosse eloquente, tudo com modestia, nada com affectação.

2. E sendo assim no tempo, em que era discipulo, que feria quando Mestre? As suas resoluções todas estavam em fundamentos solidos: ouviam-se, e erão attendidas como oráculos as suas respostas: cheias do peso da razão, e movidas pelo seu impulso manavão as palavras da sua bocca com aquella fluida suavidade, e efficacia, com que o orvalho cahe do Ceo sobre as plantas. Assim fertilizava os entendimentos dos seus discipulos, assim deleitava, e instruia os espiritos de seus ouvintes.

E se isto era na Cadeira, que havia de ser no Pulpito? o que nos  
mos-

mostra com evidencia a composição destes Sermões, imagens naturaes do seu espirito, partos felices do seu entendimento. Nelles se vê desempenhada a rhetorica do Pulpito, defaggravada das injurias, com que muitos tem desfigurado a sua natural belleza: nelles se mostra, e apparece a eloquencia sagrada com a face descuberta, tão engraçada como ella mesma, sem rebuço, sem disfarce, e sem a mascara de enfeites pueris, e vãos, que são a infamia, e o descredito da sua efficacia, e da sua formosura natural: nelles finalmente se admira, e se vê brilhar todo aquelle bom gosto, que a pezar do seu, da justiça, e da razão, deseção, e não achão em outros muitos, os criticos do seculo presente.

E sobre tudo a doutrina, que encerrão, e de que por meio da sua lição se podem aproveitar muitos, he toda pura, toda sã, izenta de toda a corrupção, qual a folicitava nos Mestres, e Prégadores o Apostolo. E sendo tudo isto assim, como na realidade me parece, julgo que esta

Obra

Obra he dignissima de que Vossas Senhorias Illustrissimas, e Reverendissimas concedão licença para se dar ao publico por meio da impressão. Lisboa, Casa da Divina Providencia em 10. de Dezembro de 1763.

*D. Antonio Luiz Villares C.R.*

*Censura do M. R. P. M. D. Thomaz Caetano de Bem, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, &c.*

ILL.<sup>mos</sup> E R.<sup>mos</sup> SENHORES.

**A** Eloquencia sagrada, que no seculo presente procura restaurar o seu esplendor, e prodigioso luzimento, desterrando da cadeira da verdade aquelle ornato fantastico, e excessiva pompa, que a vã ostentação de sciencia, o espirito de novidade, o amor proprio, e máo gosto do seculo passado lhe tinham introduzido, neste volume de Discursos Euangelicos, que prégoou o M. R. P. M. Fr.

Se-

Sebastião de Santo Antonio, singular ornamento da Santa Provincia da Arrabida, tem a sua devida, e maior perfeição na natural belleza, de que se veste. Persuade huma moral solida, a mesma verdade, e doutrina do Euangelho: propõe com evidencia, e clareza, sem affectação de subtileza, e pompa: facilita a attenção com a suavidade do estylo, usando sempre das melhores luzes, das mais vivas cores, e de hum modesto, e em tudo virtuoso ornato. E como nada contém, que offenda as sagradas Leis da Religião Catholica, me parece muito digno da licença, que se pede para se imprimir. Casa de N. Senhora da Divina Providencia em 13. de Dezembro de 1763.

*D. Thomaz Caetano de Bem C. R.*

**V**istas as informações, póde-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 16. de Dezembro de 1763.

*Trigozo. Lima.*

Do

## Do Ordinario.

*Censura do M. R. P. M. Doutor  
Fr. Caetano de S. José, Eremita  
de Santo Agostinho, Leitor Jubi-  
lado em Theologia, e Oppositor ás  
Cadeiras da mesma faculdade na  
Universidade de Coimbra, Prêga-  
dor da Real Capella da Bempos-  
ta, &c.*

EX.<sup>mo</sup> E R.<sup>mo</sup> SENHOR.

**D**Evo confessar ingenuamente a  
V. Excellencia, que li estes  
Sermões com hum gosto ain-  
da maior do que o grande, que ti-  
ve huma unica vez, que ouvi ao Pa-  
dre Mestre Fr. Sebastião de Santo  
Antonio. Eu estava cheio da grande  
fama do seu nome; e se então vi des-  
empenhada a verdade dos que ma  
persuadião, agora me atrevo a dizer,  
que a elle mesmo he superior o me-  
recimento das suas obras. Nestas me  
entretive com huma tal deleitação,  
que não me contentei com as ler hu-  
ma



ma só vez , e bem de espaço. Em certos genios não he este o menor louvor de semelhantes composições: e na verdade não fei que belleza lhe descubria , que tanto me attrahia! Estava-me como alegrando de não encontrar nem o frequente uso de tropos, e figuras, em que se criticão por excessivos os elegantes Flechier, Segneri , &c. nem aquella força de persuasão puramente ao entendimento, e para o dizer com as expressões destes mesmos criticos , seca , e como despida de toda a arte, que elles descobrem no insigne , e Apostolico Burdalue; nem finalmente certos brincos de engenho , ou vivezas de accommodações nas passagens da Santa Escriitura, de que accusão aos grandes Vieira , e Barcia : em huma palavra , consolava-me de que lhe não pudessem applicar os idiotismos da critica (permitta-se-me a accommodação) de que o Padre Mestre Fr. Sebastião prégava á Franceza , á Italiana, á Hespanhola, em que se comprehende a Portugueza; advertindo ao mesmo passo que nestes Sermões

se vem brilhar estas elegancias dos Italianos, as eloquencias desses Francezes, o engenhoso, e o solido dos Hespanhoes, e ainda com muitas daquellas locuções, e termos, que entre elles estimarão, e usavão os nossos Prégadores Portuguezes. O certo he, que sendo os preceitos da arte de bem dizer sempre os mesmos assim nos argumentos profanos, como sagrados, não sei que original formosura se divisa em os destes Sermões, que os faz brilhar com hum tal novidade, que ainda muitas vezes lidos deleitão, e utilizão, persuadem com hum força insensível, e bem sensível suavidade: lem-se, e tornão-se a ler, nunca com enfado, sempre com gosto, e com fruto; mas não me devo admirar, sendo este o bem estimavel caracter do P. Mestre Fr. Sebastião, confessado, e até conhecido no exemplarissimo Prologo desta Obra. Tudo isto são legitimas produções daquelle religiosissimo espirito, de que sempre se animou; da sua grande instrucção; do bello gosto em todos os seus estudos, e applica-

ca-

cações. Huma cousa não posso negar, ver desempenhadas nestes Sermões todas aquellas regras, que meu grande Padre Santo Agostinho dá para os Ministros da palavra do Senhor em aquelles utilissimos livros *de Doctrina Christiana*, especialmente no quarto. Se todos os Sermões, Senhor Excellentissimo, assim se compuzessem, serião, como certamente são estes, puros, eloquentes, orthodoxos, e bem merecedores por todos os titulos da licença, que se pede para se fazerem publicos pela impressão. Assim me parece, V. Excellencia ordenará o que melhor for servido. Lisboa, Real Convento de N. Senhora da Graça da Ordem de Santo Agostinho 5. de Fevereiro de 1764.

*Doutor Fr. Caetano de S. José.*

**P**O'de imprimir-se o livro, de que se trata, vista a informação, e depois de impresso torne conferido para se dar licença que corra, sem a qual não poderá correr. Lisboa 13. de Fevereiro de 1764.

*D. J. Arceb.*

Do

## Do Paço.

*Censura do M. R. P. Mestre Doutor  
Fr. João Baptista de S. Caetano,  
Monge de S. Bento, Leitor Jubi-  
lado em Theologia, Oppositor ás Ca-  
deiras da mesma faculdade na Uni-  
versidade de Coimbra, Procurador  
Geral da sua Congregação, Qua-  
lificador do Santo Officio, &c.*

### SENHOR.

**O** Primeiro Tomo dos Sermões do P. Mestre Fr. Sebastião de Santo Antonio, da Provincia de Santa Maria da Arrabida, he humma prova bem sensível do muito, que todas as sciencias, e faculdades se tem adiantado no feliz reinado de V. Magestade, que será a epoca da restauração, e estabelecimento dellas em Portugal. Era bem justo que sendo a verdade quem hoje se busca, principiasse ella a apparecer desde aquelle lugar, que a sabedoria de Deos lhe assignou nos Templos, e di-

ante dos mesmos Altares , e se mostrasse com aquelle methodo , clareza , e decencia , de que deve ser servida : era bem de desejar que desterrando-se das Cadeiras da verdade tudo quanto a ignorancia , o máo gosto , e a superstição tinham introduzido , se dictasse dellas só a pureza da Religião , e a bondade dos costumes acompanhadas daquella eloquencia , e gravidade , que lhe são devidas. Todos os bons appetecião isto , todos os sabios já o prescrevião ; mas o costume antigo , que authorizára o futil , o vão , o falso , o encarecido , tinha lançado raizes , e muitos Prêgadores ou não tinham forças para lhas arrancar , ou não acertavão com o meio de o conseguirem. De nada aproveitava entre tanto que a Filosofia tivesse buscado novo rumo para alcançar a verdade ; que na Theologia se dictasse só o que he necessario para crer , e preciso para obrar , se no ministerio da palavra se esquecia de dizer o que huma , e outra subministravão. Devião ir acordes estas faculdades , que nos havião de illustrar

o en-

o entendimento , e dirigir a vontade ; mas para isso era necessario haver quem lhe conhecesse as forças , com que ellas podião ajudar a tão grande fim ; quem fosse habil a trazellas ao pulpito , fazellas acompanhar de huma eloquencia verdadeira , e trabalhar ao grande negocio da nossa instrucção , e doutrina. Para isto não bastava hum espirito mediocre , huma erudição ordinaria : os primeiros a seguir este caminho devião ter forças para o abrir , ou descobrir , e juntamente authoridade , e credito para se fazerem acompanhar. Tudo se encontra felizmente no Padre Mestre Fr. Sebastião de Santo Antonio : elle abre , ou patenteia huma carreira , que será continuada em a-certos , e coroada de gloria a todos os que o seguirem : aquella eloquencia , com que elle persuade as verdades da nossa Religião , será tambem efficaz a obrigar-nos a seguir o methodo , com que elle as inculca : tem nelle finalmente os Prégadores de Portugal hum modelo , que devem imitar , hum original , que authorize as  
suas

suas copias , e V. Magestade hum  
vassallo digno, pelas qualidades, que  
tenho relatado , da sua Real atten-  
ção para a licença que pede. Lisboa  
no Collegio de N. Senhora da Es-  
trela 14. de Abril de 1764.

*Fr. João Baptista de S. Caetano.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as  
licenças do Santo Officio , e  
Ordinario, e depois de impres-  
so tornará á Meza para se conferir,  
e dar licença que corra , e sem ella  
não correrá. Lisboa 9. de Maio de  
1764.

*Carvalho. Affonsca. Pacheco.  
Castro.*

**E** Stá conforme com o seu original. Lisboa , 24. de Setembro de 1764.

*Fr. Mansueto de Santa Catharina.*

Póde correr. Lisboa , 25. de Setembro de 1764.

*Trigozo. Carvalho. Mello. Lima.*

Está conforme ao seu original. Lisboa , Convento da Graça 28. de Setembro de 1764.

*Doutor Fr. Caetano de S. José.*

Póde correr. Lisboa , 28. de Setembro de 1764.

*D. J. Arceb.*

Que possa correr , e taxão em trezentos reis. Lisboa , 3. de Outubro de 1764.

*Affonseca. Pacheco. Castro.*



# SERMÕES,

Que se contém neste primeiro  
Tomo.

- I. Sermão de S. Francisco de Affis,  
Patriarca dos Menores , pré-  
gado em Mafra , pag. 1.
- II. Sermão de Mandato , prégado em  
Marvilla , pag. 27.
- III. Sermão de Santa Barbara , pré-  
gado em Mafra , pag. 52.
- IV. Sermão de Paixão , prégado em  
Marvilla , pag. 91.
- V. Sermão da Conceição , prégado  
em Alcantara , pag. 148.
- VI. Sermão da Soledade , prégado  
em Marvilla , pag. 175.
- VII. Sermão do Santissimo Nome de  
Maria , prégado na Ermida da  
Flamenga , pag. 197.
- VIII. Sermão de Mandato , préga-  
do em Marvilla , pag. 223.
- IX. Sermão da Soledade , prégado  
em Marvilla , pag. 263.
- X. Sermão do Senhor Jesus da Via-  
Sacra , prégado em Marvilla , pa-  
gin. 288.

XI.

- XI. Sermão de Mandato , prégado  
em Marvilla , pag. 303.  
XII. Sermão da Soledade , prégado  
em Marvilla , pag. 329.  
XIII. Sermão de acção de graças a  
S. Sebastião , prégado no Lumear ,  
pag. 366.  
XIV. Sermão de Mandato , prégado  
em Marvilla , pag. 391.  
XV. Sermão da Soledade , prégado  
em Marvilla , pag. 420.



S E R M ã O  
 D E  
 S. FRANCISCO  
 D E A S S I S ,

Patriarca dos Menores,  
 Prégado em Mafra na presença de  
 Suas Magestades, e Altezas.

*Discite à me, quia mitis sum,  
 & humilis corde. Matth. II.*



ÃO são os corações so-  
 berbos, e cheios de  
 vaidade os espelhos, a  
 que devem ver-se os  
 Soberanos. (Muito al-  
 tos, e muito poderosos  
 Reis, e Senhores nossos.) Não são  
 Tom. I. A os

os corações soberbos, e cheios de vaidade os espelhos, a que devem ver-se os Soberanos. De hum coração pacifico, humilde, e ornado de virtudes he que devem aprender os Principes. Governe-se muito embora hum Monarca, e hum Imperio sem Fé, e sem Religião pelo exemplo, e politica dos Alexandres, e dos Cesares, que hum Rei Christão, e huma Monarquia Catholica deve sómente governar-se pelo exemplo de Christo, e pelas maximas do seu Euangelho.

Huma das razões, por que estudando ha tantos annos os homens a arte de reinar, huns para saberem fer Reis, outros para saberem fer Ministros, pela maior parte se tem visto tão opprimidas as Monarquias, tão afflictos os povos, tão vacillantes as Coroas, tão attenuados os Imperios, he, porque a maior parte dos homens ignora as maximas da verdadeira politica. Julgão que o Euangelho foi unicamente escrito para conseguir a felicidade eterna: persuadem-se de que a temporal depende

de de outros principios: querem que a virtude tenha sómente exercicio nos claustros: assentão comsigo que a vangloria he o caracter da Magestade; que o interesse he o caminho da fortuna; que a liberdade he o attributo da grandeza; que no estrondo das armas consiste o augmento dos Imperios.

Não, Senhores, não disse bem, nem discorria catholicamente quem escreveu que a honra temporal he o principio, a que devem dizer respeito as Leis de huma Monarquia. A virtude he a que faz os Reis grandes, he a que conserva, e dilata os Reinos. Perguntem a Santo Agostinho, porque chegarão os Romanos a ser senhores do mundo todo? e responderá, que as virtudes moraes, que exercitavão, os sublimarão a tanta grandeza. Não foi effeito das prudentes resoluções do seu Senado, nem da politica de seus Imperadores, nem do poder das suas armas: foi a Providencia Divina, que liberalmente quiz premiallos. Por isso tanto que

*O Author  
do espirito das  
Leis.*

## 4. Sermão

entre elles se forão corrompendo os costumes , foi sendo menos temido , e respeitado o seu nome , e chegou a ser cadaver da Magestade a mesma , que dava Leis a todas as gentes. Isto mesmo se admirou muitos seculos antes no reinado de Salamão. Em quanto este Principe conservou a simplicidade de coração , que Deos lhe recommendára , foi elle o Soberano mais feliz , e o seu Reino o mais ditoso ; tanto porém que se encheo de vaidade o seu espirito , tanto que se prevaricou a virtude no seu Imperio , logo o mesmo Deos lhe vaticinou a decadencia , logo o ameaçou , segurando-lhe que havia de partir-se o sceptro de Israel.

Eis-aqui o modo admiravel , com que os Imperios dependem mais da virtude , que da politica mundana ; e este tambem o motivo , por que julguei que o coração de Francisco por isso mesmo que he pacifico , humilde , e cheio de virtudes , como o de Christo , era digno de servir hoje de espelho ao maior Monarca.

Bem

Bem conheço que as suas acções, como de homem particular, não devem propôr-se a hum Principe, porque nem todas se compadecem com a Magestade; porém como Francisco não sómente foi Santo, mas também Patriarca, como não sómente se governou a si, mas também deo Leis ao mundo todo, será unicamente o meu systema referir as suas acções como de homem público, e Patriarca de minha Religião Serafica, por serem estas as que mais se accommodão á nobreza do meu auditorio, e as que merecem ser imitadas pelos maiores Soberanos. Principiemos.

Hum dos seculos, em que o mundo se vio mais perturbado, foi o duodecimo da nossa redempção, em que floreceo Francisco. São inexplicaveis as desordens, que por toda a parte erão escandalo da razão, da Fé, da piedade. A doutrina Euangelica se lamentava ferida nos dogmas pela impiedade dos Waldenses, dos Humiliatos, dos Albigenes, dos Almericanos. A Religião se admirava pro-  
fa-

fanada no respeito pela desobediencia, e desprezo dos Fredericos, dos Henriques, dos Othões, dos Mahometanos. A barca de S. Pedro naufragava fluctuante na perfida ambição de quatro Anti-Papas, que pertendião destruir o mysterio da unidade Christã. A disciplina Catholica se achava perturbada na observancia pelas tyrannias, traições, sacrilegios, homicidios, em que ardia todo o Oriente. Em fim mettidas debaixo dos pés todas as Leis, despedaçados todos os freios da razão, da ordem, da honestidade, em tão confuso, e horroso aspecto se achavão os Divinos, e humanos interesses, que parecia terem perdido os homens a vergonha de si mesmos, o temor dos outros homens, e a lembrança de Deos.

Olhou Francisco para estas calamidades, ouviu a voz de Deos, que o chamava para reparar tantas ruinas, e logo intentou fundar huma Religião, que comprehendesse a todos os estados, e pudesse servir de reforma a todas as gentes. Mas em  
que



## De S. Francisco de Assis. 7

que labyrintho se não vio Francisco neste caso ! Que contradicções não teve o seu proposito ! Tentava-o a carne , representando-lhe na sua , e alheia experiencia a doçura , e o socego da vida particular ; a inquietação , e trabalho de huma vida pública. Tentava-o o espirito , representando-lhe no espelho da propria humildade o grande talento , que he preciso para governar aos homens ; a prudencia , que he necessaria para soffrellos ; a difficuldade , que se experimenta em dobrar-lhes as vontades ; e o quanto custa reduzillos a hum modo de vida conforme á razão , e á piedade. Tentava-o finalmente o demonio com a sua mesma virtude , pondo-lhe diante dos olhos os perigos , a que se expõe a santidade , quando sahe ao mundo ; o quanto he terrivel ter que dar conta a Deos o homem não só de si , mas tambem dos outros ; e o desvanecimento , que lhe podia causar ver-se Patriarca de tantos filhos , obedecido de tantos subditos , estimado dos Principes , e venerado dos povos.

Po-

Porém o inclyto Heroe com magnanimo coração, sem olhar mais que para a vontade de Deos, e para o bem do proximo, resistio a todo este exercito de pensamentos, desprezou toda esta multidão de idéas, e ficou immovel na sua resolução. Sabia com sciencia superior á dos homens que aquelles, que Deos escolhe para governarem aos outros, devem renunciar todo o descanzo; que o mesmo Deos illustra os entendimentos, conforme o fim, para que os ordena; que as felicidades dos governos são mais favores do Ceo, que industria dos homens; que as dignidades não dão nova fôrma ao barro, de que fomos formados; que os respeitos não são outra cousa mais que hum pouco de fumo, que nos cerca, e algumas vezes nos suffoca; que as estimações do mundo só podem agradar, e desvanecer a quem não espera outro premio; e como tudo isto sabia, julgou a sua generosidade que fazia pouco em desprezar todas aquellas tentações. Não se desculpou, como Moy-  
fés;

fés ; mas obedecendo sem repugnancia , como Abrahão , revestio-se do seu caracter , e principiou a cuidar nas Leis , que havia de estabelecer aos seus filhos.

Mas como procederia Francisco nesta occasião ? Faria grande estudo nas Leis Canonicas , e Civís para tirar de humas , e outras as que mais se accomodavão ao seu fim ? Leria os Estatutos das outras Religiões para escolher o melhor , que os mais Patriarcas deixárão escrito ? Consultaria as Universidades mais celebres da Europa para se regular pelo parecer prudente dos sabios ? Procuraria Religiosos antigos , e experimentados para se aproveitar do seu conselho ? Não , Senhores , nada disto fez Francisco. Pegou no Sagrado Evangelho , e assim mesmo como o dictou o Espirito Santo , assim mesmo como o escrevêrão os Euangelistas , o entregou aos seus filhos , dizendo-lhes estas palavras : *Eis-aqui a vossa vida : eis-aqui a vossa Regra.*

E que

E que melhor ordenação póde haver do que esta para hum governo Catholico? Que falta naquelle livro para constituir feliz hum Imperio? Alli se acha recommendado o respeito, que os vassallos devem ter aos Soberanos; o amor, que os Reis devem ter aos subditos, que são os fundamentos de huma Monarquia. Alli se manda observar com rigoroso preceito a união, e concordia, que devemos ter huns com os outros, que he o que nos faz viver como membros de hum só corpo. Alli se prohibe a soberba, nos Grandes tão insupportavel aos povos, e nos debaixo nascimento tão pernicioso á Republica. Alli se prohibe a ociosidade, que he causa de não florecerem nas artes, nas sciencias, e nos commercios as Coroas. Alli se ensina a perder o affecto desordenado aos parentes, e ao proprio domicilio, que tanto mal faz hoje aos nossos; a desprezar os perigos, a não fugir aos trabalhos, sem o que se não podem emprender acções heroicas. Naquel-

le

le livro se aprendem a magnanimidade, a fortaleza, a constancia, a paciencia, a misericordia, a justiça, e todas as mais virtudes, que são os esmaltes da verdadeira grandeza, e os lustres mais gloriosos de hum Imperio.

Nas outras Leis finalmente podem enganar-se os homens, podem mudar-se os tempos, podem variar-se as circumstancias, que por isso necessitam de tantas interpretações, e commentos, que fazem, com prejuizo grave dos povos, eternos os pleitos, e muitas vezes atão as mãos á justiça; no Evangelho porém não póde haver engano, porque foi dictado pela summa verdade: he Lei para todos os tempos, porque he eterna: não está sujeita a novas circumstancias, porque todas forão previstas pelo seu Author. E como Francisco era tão grande politico, esta, e não outra foi a regra, que deo aos seus filhos, porque achou que não havia outra melhor, nem era precisa outra. O que fez de mais foi sómente

reduzir todo o Evangelho a principios generalissimos , a maximas certas , para que melhor se observasse.

As Leis devem ser claras , e perceptíveis , porque como a maior parte do povo he rude , e de fraca memoria , he necessario propôr-lhas por modo que as comprehendão para saberem observallas. Bem sei que os costumes patrios mais se aprendem pela tradição que pelo estudo ; mas como a tradição não ensina tudo de huma vez , he preciso que a memoria suppra o defeito dos annos : não he justo que as Leis pela sua confusão fiquem sendo hum mysterio occulto para a plebe. Por isso Deos reduzio toda a sua Lei a dous Mandamentos , e Francisco todo o Evangelho de Christo a trez votos , de Pobreza , Obediencia , e Castidade , que professamos. Estas são as virtudes , a que diz respeito toda a perfeição Euangelica , e estas tambem as maximas fundamentaes da melhor , e mais verdadeira politica. Sem obediencia não póde haver Principes ,  
por-

porque a rebellião insulta os thronos. Sem o desprezo das riquezas não póde haver inteireza nos Ministros, porque a cobiça corrompe os animos. Sem continencia não póde haver acerto nos conselhos, porque a luxuria cega os entendimentos. Que catastrofes não tem causado na Corte Othomana a desobediencia? Que prejuizos não tem feito ás Republicas a ambição do ouro? Que males não produzio nas Provincias do Norte a incontinencia? Não receava Francisco na sua Religião estes successos; mas como queria reformar segunda vez o mundo, a todos dava exemplos na instituição da sua Regra. Escrevia esta para os seus filhos, e com ella ensinava a todas as gentes: por isso adiantando-se cada vez mais na arte de governar, poz em execução hum arbitrio o mais admiravel.

Vio com o espirito profetico, de que era dotado, que á sua Religião havião de concorrer gentes de todos os estados; e que fez? Dividiu a sua Monarquia em trez Ordens,

dens , e accommodou a cada huma as suas Leis : aos da Primeira com maior aperto , aos da Segunda com menos rigor , aos da Terceira com mais suavidade. A todos o mesmo Euangelho na substancia , mas proposto por tal modo , que todos suavemente com a graça pudessem observallo. Quem já mais usou de politica tão fina ! O certo he que Francisco mais parece homem de Corte , que Mestre de espirito. Porque em algumas Monarquias se não distinguem os estados , e se não accommodão as Leis á condição , ao genio , á capacidade dos subditos , por isso se confundem , e se não observão ; e de Francisco o executar , como disse , se lhe seguiu huma observancia não só perfeita , mas prodigiosa.

Dilatem os olhos pelo portentoso mappa do Orbe Serafico , e acharão huma prova sensivel desta verdade. Alli verão retratados em primorosas laminas os Xerges , os Joãos , os Robertos , os Sanchos , os Jacobos , os Fernandos , os Filippes , os Guilha-



Ihermes, os Carlos, os Berengarios, os Nicoláos, os Luizes, os Affonfos, os Henriques, os Boaventuras, os Guidos, os Andulfos, e outros muitos Imperadores, Reis, e Principes de todos os Imperios, Monarquias, e Estados do mundo com as coroas lançadas aos pés, trocadas as purpuras em mortalhas, os íceptros em disciplinas, as Magestades em abatimentos. Alli verão escritas as vidas das Isabeis, das Joannas, das Leonores, das Viridianas, das Claras, das Coletas, das Angelas, das Delfinas, e de outras innumeraveis Matronas, as quaes nem o melindre do sexo, nem a nobreza do sangue, nem o mimo da criação pudérão fervir de obstaculo, para que observassem os Estatutos de Francisco. Alli verão crucificados os annos mais floridos, clausurados os genios mais inquietos, humildes os corações mais ativos, obedientes os animos mais indomaveis, attrahidos todos da suavidade, com que soube accommodar a todos os estados, e condições a sua regra,

ve-

verificando-se tambem d'elle o que  
 Ifai. 2. 2. David, e Ifaias profetizarão de Chri-  
 sto, que todas as gentes o havião de  
 servir, e correr para elle como agua,  
 que naturalmente cahe a buscar o seu  
 centro.

Affim hia Francisco desempe-  
 nhando o seu ministerio, e para mais  
 segurar a grande obra, a que dava  
 principio, depois de ter dividido as  
 suas Ordens, e accommodado a ca-  
 da huma as suas Leis, tornou a unil-  
 las, reduzindo-as a hum principio  
 unico, o qual quiz que fosse o cara-  
 cter da sua Religião. Este foi a vir-  
 tude da humildade, que, sem distin-  
 ção de pessoas, recommendou a to-  
 dos os seus filhos, decretando se cha-  
 maste a sua Ordem a Ordem dos Me-  
 nores. Mas aqui me queixára eu da  
 politica de Francisco. Pois huma Or-  
 dem, em que hão de contar-se trinta  
 Imperadores, mais de trinta Impe-  
 ratrizes, oitenta e tantos Reis, cem  
 Rainhas, mais de mil Principes, e  
 Princezas, tantas Tiaras, tantos Ca-  
 pellos, tantas Mitras, duzentas e  
 qua-

quarenta e seis Provincias , mais de nove mil Conventos , nos quaes hão de viver mais de quatrocentas mil pessoas regulares , esta he que ha de chamar-se a Ordem dos Menores? Porém este he hum dos segredos , que sómente foi revelado a Francisco. Que os humildes na terra havião de ser grandes no Ceo , revelou Christo aos outros homens ; mas que o caminho para ser tambem grande na terra era o da humildade , sómente se revelou a Francisco.

Nem me digão que estes augmentos acontecerão com a successão dos tempos contra o fim , que se propoz Francisco , quando fundou a sua Religião ; porque além de que elle previo todos , como he opinião bem fundada , os augmentos nenhum perigo correm , quando tem por fundamento a humildade ; porque como esta virtude consiste no perfeito conhecimento do nosso nada , não póde haver augmento , que tenha força para nos desnaturalizar do que somos. Este foi sem dúvida o motivo ,

por que Francisco depois de estabelecer Leis na sua Religião, logo cuidou em abrir nella estudos, mandando que Santo Antonio de Lisboa lesse Theologia aos seus Frades. Não receou que os applausos, que havião de conseguir nas mais celebres Universidades da Europa, prejudicasssem á sua virtude. Não teve medo que a sciencia os fizesse inchar, como disse S. Paulo fallando da sabedoria mundana. Considerou que huma Congregação de homens sem estudos he hum corpo sem alma, inutil á Igreja, e á Republica. Ponderou que as letras são as que fazem os sujeitos capazes de qualquer empreza, e por isso lhes deo tão heroico principio. Grande gloria foi esta para a nossa nação ser hum Portuguez o primeiro Mestre da Religião Serafica, que tem dado ao mundo tantos homens sabios! Com este unico exemplo tapára eu a boca a todos aquelles, que em materia de letras nos pertendem escurecer o credito; porém como o elogio he de Francisco, sómente supplico aos meus

ouvintes ponderem o muito, que lhe devemos, pelo grande conceito, que de nós formava.

A ultima maxima finalmente, com que Francisco estabeleceo a sua Monarquia, foi o exemplo, que deo aos seus filhos da observancia das mesmas Leis, que lhes decretára. Esta he a pensão, que traz consigo a grandeza: este he o pezo, que faz insupportaveis as dignidades. Os vicios, e as virtudes dos homens particulares são tão escuros, e imperceptiveis, como a sua mesma fortuna: fó por acaso podem servir de exemplo aos outros. Os Grandes porém parece que nascêrão para os outros homens. Como a Providencia os collocou em lugar superior, todos invejão a sua fortuna, todos desejião imitar as suas acções. A sua mesma sublimidade parece que até tem poder para authorizar os máos costumes. Considerava-se Francisco Patriarca de huma Religião, e este mesmo conceito o obrigava a huma vida a mais exemplar, a mais religiosa. Não usa-

va do privilegio de Legislador para se dispensar de alguns preceitos : ufa-va fim do caracter de Prelado para os executar todos com a maior pontualidade. Nunca o izentárão das obrigações da Regra, e do estado Religioso nem os negocios da Religião, nem os annos, nem os achaques. Mais modesto era o Patriarca que o Noviço, era mais humilde o Fundador que o Leigo, mais observante era o Pai que todos os filhos.

Que pasmosas imagens não poderia eu agora formar da pobreza, da obediencia, e da castidade de Francisco, se o permittisse o tempo! Baste saber-se que foi tão pobre, que até o mesmo nada, que possuia, lhe pareceo muito, despindo-se, para morrer, da propria mortalha : tão humilde, e obediente, que depois de fundar a sua Religião se julgou incapaz de governalla, entregando o governo della aos seus filhos, e obedecendo-lhes, como se os não tivera creado, tão casto, que não receou acabar a vida ou entiriffado nos gelos,

los , ou esvaído em fangue nos espinhos , com tanto que não offendesse a pureza. Mas por isso com o seu exemplo aperfeiçoou a grande obra , para que Deos o chamára , firmou a observancia da sua Regra , attrahio a si todos os povos , converteo á penitencia todas as gentes , e tirou do mundo todas as abominações do peccado , como de Isaias se lê no Eccl. 48. 23.

Agora fim , que já posso romper em assombros á vista de politica tão admiravel. He possível que hum homem particular , sem tratar com Principes , sem experiencia das Cortes , e com pouca ainda do mundo fundasse huma Religião , estabelecesse hum Imperio tão bem governado , tão extenso , e tão glorioso ! Os Principes , os Grandes do mundo , ainda com o poder do ouro , ainda com a liberdade dos costumes , ainda com a mesma força das armas experimentarão tão grande difficuldade em fundar Monarquias , em conquistar corações humanos ; e Francisco com o

amargoso da obediencia , com o desprezo das riquezas , com os freios da virtude , com os abatimentos da humildade os sujeita , os attrahe , os conquista ! Prodigiosa politica ! Mas esta he a diversidade , que vai de hum coração humilde , e cheio de virtudes a hum coração soberbo , e cheio de vaidade : esta he a differença , que ha entre hum Heroe , que se governa pelos dictames do Evangelho , e aquelles Soberanos , que se governarão pela falsa politica do mundo.

O que até agora disse he a causa , por que Francisco he venerado por Patriarca de huma Religião a mais estavel , a mais dilatada , e tão gloriosa , que nem a inveja dos seus emulos , nem a inconstancia dos tempos , nem a corrupção dos costumes , nem o poder dos mesmos Infernos a pudérão já mais fazer descahir da sua estabilidade , da sua grandeza , da sua gloria. Por isso se vê , e ha de ver sempre respeitada do mundo todo , porque se governa por humas Leis , que só tem por fim a gloria de Deos ,



Deos, e o bem do proximo. Por isso cada vez mais vê augmentado o numero de seus filhos, porque a pobreza Euangelica, e o desprezo de todas as riquezas são os seus thesouros. Por isso se vão dilatando de dia em dia os limites do seu Imperio, porque a humildade, e o bom exemplo he o systema das suas conquistas.

Isto he o que vem os olhos em minha Religião Serafica, e o mesmo, sem conhecerem muitos o principio, acontece na Monarquia Lusitana. Sabeis, ó politicos do mundo, a razão, por que o Reino de Portugal, principiando com tão pequenas forças, em tão breve tempo arvorou victoriosas as suas bandeiras em todas as quatro partes do mundo, sujeitando ao seu Imperio gentes, que parecião de outra especie, chegando com as suas armas onde se julgava impossivel poderem chegar os homens, e conservando esta gloria sempre a mesma? Pois he porque os Monarcas Portuguezes aprendêrão a ser Principes pelos livros, que a vossa sober-

ba

ba julga inúteis para o governo do mundo. Nunca estudarão as maximas gentílicas, sempre praticarão os ditames Evangelicos. Nunca lêrão os annaes profanos para imitarem os exemplos daquelles, a quem chama heroes a vossa ignorancia. Semelhantes memorias sómente lhes servirão para conhecerem, e fugirem os vossos enganos. Das Escrituras Sagradas, dos livros santos he que extrahirão as regras da sua politica. Não conquistarão paizes remotos sómente para lhes tirar o ouro das minas, e dos rios as perolas, o seu fim principal era promulgar o Evangelho de Christo ao Gentilismo: por isso nas armadas, que expedião, mais erão os Missionarios que os soldados, erão mais os Catecismos que as munições de guerra. Não mandarão debuxar nos seus estandartes nem aguias altivas, nem leões soberbos por insignias da sua coroa: a Cruz humilde de Christo, as suas Chagas forão sempre o timbre do seu poder, o brazão da sua gloria. Sim usárão por muitas

vezes do estrondo das armas, da força da Magestade; mas foi sómente para castigar aos impios, para fazer tremar aos rebeldes. A brandura porém, a paz, o bom exemplo, a humanidade forão sempre as maximas, com que souberão attrahir os povos, e conquistar os corações humanos.

Feliz Imperio, que se governa pelas Leis da verdade! Felices povos, que são governados pela verdadeira politica! Porém feliz, e muitas vezes feliz o Rei, que segue o exemplo de seus Augustos Progenitores! Senhor, de toda esta gloria a melhor parte he de V. Magestade, porque ninguem melhor que V. Magestade soube ser Monarca. Esse temor de Deos, com que nos governa conforme a justiça, e a sua Santa Lei, he que lhe dá hum novo Imperio. Esse exemplo da virtude, com que nos assombra, he que faz respeitaveis os seus Decretos. Este governo pacifico, de que gozamos os seus vassallos, he que o constitue o maior Principe. Esse desprezo do facto,

to, e tumulto da Corte, que he sistema de grandes politicos, he que o dá a conhecer verdadeiramente por Soberano. Esse mesmo, que parece esquecimento da Magestade, com que delce hoje do throno para honrar, e fazer companhia aos humildes, he que mostra a sua maior grandeza. Essa politica, Senhor, com que V. Magestade imita a Christo, e a Francisco, he que lhe segura na terra a coroa temporal, e no Ceo a eterna.





# S E R M ã O

DE

# M A N D A T O,

Prégado em Marvilla.

*Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci, ita & vos faciatis. Joan. 13.*



IS-AQUI, meus ouvintes, o que he ser bom Prelado, e bom Mestre, ensinar com palavras, e confirmar a doutrina com as obras, dar Leis aos inferiores, e primeiro executallas em si proprio. Não ha cousa mais ordinaria entre os homens, que escrever excellentes tratados para a moral das acções, e ar-  
bi-

bitrar preceitos muito uteis , e proveitosos ao bem commum , e reformação dos costumes ; porém como a virtude he menos aspera na especulação que na pratica , e o mandar muito mais doce , e suave que obedecer , nem sempre na exemplos , que persuadão , muitas vezes vem as palavras desacompanhadas de obras. Contentão-se muitos com mostrar que he bella a virtude , e conveniente o preceito , e deixão aos outros a prova , e a experiencia : tomão por sua conta zelar a observancia do que mandão , e ensinão , e livrão-se della com os mais affectados pretextos.

Não assim porém o Divino Mestre , e supremo Legislador Christo bem nosso : as suas palavras forão sempre acompanhadas de obras : com humas instrua os entendimentos , com outras tocava , e movia os corações. Muitas vezes provou com razões nos seus discursos a verdade da sua doutrina , mas logo com o exemplo desfazia todas as dúvidas , que na pratica podia fingir a humana malicia.

Re-

Recommendava, e propunha com fundamentos solidos a utilidade dos seus preceitos ; mas primeiro os executava para nos convencer de que erão possiveis , e bons de observar-se. Por isso do principal ponto da sua doutrina , e do mais importante preceito da sua Lei nos deixou taes , e tão fortes exemplos , que parecem excessos quasi improprios do seu caracter , e da sua magestade. Ora notem.

A virtude , que pertendeo Christo persuadir aos homens com maior empenho , e que se observasse com toda a exacção , he a virtude da humildade. Como a soberba foi o principio da nossa ruina , no seu contrario empregou o Redemptor do mundo todo o seu disvelo : na humildade fundou , como em alicerce firme , e não sujeito a ruinas , o grande edificio da sua Igreja : a humildade quiz que fesse o espirito do Christianismo : esta , e não outra , escolheo , e decretou para distinctivo dos seus Discipulos , para fundamento de toda a santidade , para raiz de toda a perfei-

feição Euangelica , e porta em fim , por onde unicamente se pudesse entrar no Ceo ; e não satisfeito com os exemplos heroicos , que por huma successão de seculos não interrompida nos havia dado nos antigos Patriarcas , e Profetas , nem com as repetidas recommendações , de que está cheia toda a Escriitura do velho Testamento , obrou em si mesmo prodigios de humildade tão sobrenaturaes , e affirma de toda a razão , que para os crer he preciso usar da mesma Fé.

E se não , digão-me : Como poderia caber no entendimento de algum mortal , sem revelação , que o Verbo Divino , o Filho unigenito do Eterno Pai , o espelho de toda a perfeição , a imagem da bondade infinita do mesmo Eterno Pai havia de descer do Ceo á terra , esconder em o nosso barro todos os attributos da sua grandeza , revestir-se do habito da nossa mortalidade , tomar de boa vontade , e com gosto a fórma de servo , nascer homem , como qualquer de



de nós , viver huma vida , como se não fora Deos , e ter semelhança com os peccadores ? Pois tudo isto fez , e ainda isto lhe pareceo pouco. Não se agradou ainda de si mesmo , e por isso fazendo hoje do Cenaculo escola , e theatro de humildade , alli como bom Prelado , e bom Mestre , não pode haver acção de abatimento , que não executasse a impulsos do seu amor.

Toda a humildade Christã se reduz a duas especies , humildade para com os homens , e humildade para com Deos. Nestes dous pontos consiste , e se inclue toda a perfeição deste preceito ; e com huma cerimonia , que de huma vez comprehende tudo o que fica dito , poz Christo o fim ao seu exemplo. Humilhou-se no lavatorio dos pés , servindo de joelhos aos Apostolos , para nos ensinar a ser humildes para com os homens : humilhou-se na instituição do Sacramento , reduzindo-se quasi a nada debaixo dos accidentes de pão , e vinho , para que aprendessemos a ser hu-

humildes na presença de Deos. Este, e não outro he o fim principal de tão soberano Myfterio, e deve ser tambem o argumento do meu discurso: Que devemos todos ser humildes para com os homens, e tambem para com Deos, assim como o foi, e o manda Christo: he o que pertendo persuadir aos meus ouvintes, e he o fructo, que devemos tirar desta cerimonia. Principiemos.

Nada custa mais aos homens que humilharem-se huns aos outros. Aquelles, a quem mais aperta este preceito, pelos mesmos motivos, que os obrigão, se julgão dispensados da sua observancia. Ora discorramos com alguma ordem, pois he justo profundar, quanto nos for possível, tão importante materia. Os primeiros, que se julgão izentos do exercicio da humildade, são alguns daquelles venturosos homens, que tiverão a fortuna de proceder de sangue illustre. Como o seu nascimento os distingue, e aparta da plebe, imaginão que os não deve comprehender huma Lei, que

que se estende ao vulgo. Vivem costumados a gozar das excepções, que a politica lhes permite de algumas Leis do mundo, e pertendem que a Religião lhes soffra a respeito da Lei de Deos o mesmo privilegio. Considerão como proprio centro o lugar mais alto, em que habitão, e tudo aquillo, que he descer, e abater-se, lhes parece violento. Olhão para a humildade como para hum abyssmo, e della se apartão, porque julgão que se precipitão.

Tambem o poder, e o mando podem causar terriveis effeitos. Alguns poderosos attribuem ao proprio merecimento o que de ordinario he sómente disposição da Providencia. Cuidão que o emprego só he dignidade, e não ministerio. Vem sempre á roda de si ajoelhados em grande numero os pertendentes. Todos os lisongeoão, porque necessitão da sua protecção. Muitos os servem movidos pela maior parte do proprio interesse; e se acaso não são homens de superior talento, persuadem-se de

que estes obsequios são devidos ás suas pessoas , e se perturbão de modo , que tem por improprio todo aquelle exercicio , que não respira superioridade ; e como no governo he maior a independencia , encontra maior resistencia a humildade.

Ultimamente a sciencia se não cahe em fogeito despido de presumpção , causa grandes estragos no coração humano. Em o homem entrando em desvanecimento de ser sabio , he creatura , que não póde haver quem a soffra. Todos os de semelhante character avalião por pessoas inuteis , e indignos da sociedade os que não apprendêrão letras. No seu conceito quem não seguiu as aulas , quem não frequentou as Universidades , quem não fallou em público , he fogeito popular , he homem sem espirito , anda neste mundo occupando o lugar de alguma cousa necessaria. E como esta arrogancia se espalha por grande multidão de individuos , produz , segundo as diversas disposições , que acha , huma diversidade de affectos

tão

tão varia, e tão notavel, que se não póde comprehender, nem explicar. Em fim inchados da sua vaidade, olhão, como de cima, para os outros, e tem por indecentes ás suas pessoas os mais heroicos actos de humildade. Lêrão que antigamente forão Reis os sabios, e não póde passar-lhes da memoria o throno. Como Diogenes desprezou Alexandre, não reconhecem merecimento, que seja respeitavel.

Além destes, que tenho referido, ainda a soberba tem mais gente sujeita ao seu imperio. Ha homens de tal qualidade, que sendo vís por nascimento, sem poder, sem riqueza, e sem sciencia, tambem se envergonhão de serem humildes; porém o erro destes como não procede de tentação, nem de fraqueza, mas só de loucura, he erro quasi incuravel. Com gente semelhante não tem poder algum a razão, porque se não governa por ella: os mais porém com facilidade se convencem, senão quizerem obstinar-se na sua cegueira;

pois não ha , nem póde haver pre-  
texto , que possa desculpar a sober-  
ba.

Que cousa mais propria de hum  
homem illustre , que mostrar se não  
desvanece da sua fortuna , e que faz  
gosto de viver com os outros homens?  
Que titulos de grandeza póde haver  
no mundo , que bem considerados não  
sejão huma pouca de vaidade? Que  
antiga nobreza me podem affinar,  
que do barro não traga a sua origem?  
Maior honra he metter debaixo dos  
pés , e desprezar coroas , e sceptros,  
que cingillas , e empunhallos. Hum  
coração, que verdadeiramente he gran-  
de , de nada deste mundo se conten-  
ta. Quem suspira pelas honras, con-  
fessa que lhe faltão : quem as des-  
preza , mostra que lhe sobejão. Qual  
he a obrigação dos Grandes , senão  
serem pais da Patria , valedores de  
desgraçados , amparadores de perse-  
guidos , e bemfeitores de todos , am-  
parando-os , e servindo-os como por  
officio? Para que fez Deos homens  
maiores que outros , ou permittio que

os houvesse no mundo , senão para reformar nelles , e no seu exemplo os pequenos ? De quem havemos de aprender a pratica da humildade ? Dos homenszinhos da plebe , vís , e defestimaveis , que não podem obrar acção alguma , que se não confunda com a sua mesma vileza ? Façam os Grandes reflexão em si mesmos , leião as memorias de seus antepassados , e encontrarão homens de tanta razão , e Christandade , que sendo tão illustres , e talvez mais do que hoje são alguns de seus successores , erão por modo tal desprezadores do fasto , e distincções do seculo , que podião causar inveja aos mesmos , que por instituto professavão humildade.

Que mando , ou poder ha no mundo capaz de mover o homem a soberba ? Que cousa he governar mais do que servir ? Não tem a palavra de Ministro a mesma significação que a de servo ? Para que elegêrão os povos quem os governasse , e os Príncipes quem fizesse as suas vezes , senão para descansarem muitos no cuidado de

de hum só , e fervirem-se huns dos talentos dos outros ? Que importa vos estimem , se todos vos perseguem ? Quantas mais são as murmurações do vosso governo , por mais acertado que seja , que os louvores ? Que dias , e noites passais tristes , e amargosas , que levão alegres , e contentes os que não governão ? Queixais-vos da má vida , a que vos obriga o ministerio , chamais-lhe má , e podereis ensoberbecer-vos com ella ? Dizeis que não tendes hombros para tão grande pezo , e com elle ás costas tanto vos custa olhar outra vez para a terra , de que todos nascemos ? Não he ordinario no mundo levantarem-se os pequenos , e cahirem os Grandes ? Muitos daquelles mesmos , que hoje vos dobrão o joelho , póde ser que á manhã pertendão de vós o mesmo.

Tambem não ha sciencia , que possa , ou deva produzir desvanecimento , e desprezo dos outros. Ninguem soube mais que Salamão , e elle mesmo confessou que ignorava mui-



tas cousas. Por mais que o homem se cance , e leia , e estude , e observe , quando cuidar que está consumado , então , diz o Ecclesiastico , que principia. Quantas são as cousas capazes de saber-se , que totalmente ignoramos ? Do passado sabemos o que os outros nos quizerão deixar escrito , tudo envolto em dúvidas , em opiniões , e encarecimentos : do futuro nada sabemos ; e do presente muito pouco , porque a vida he curta , as molestias não poucas , e a paciencia para cada hum se applicar ao que importa não sobeja. Não podemos ver senão alguns accidentes mais grosseiros , que ainda não assentámos no que erão. Discorremos sobre hum pequeno numero de supposições , de cuja verdade ainda nos não consta. Costumamos dizer as cousas por outras palavras , que os mais não entendem , e esta he toda a nossa sciencia.

Mas ainda que souberamos muito , e tudo quanto se póde saber na vida , que era semelhante cabedal para

ra ensoberbecer alguém? Que importa que eu saiba muita Theologia, se outro, que a não estudou, me excede em muitas partes no amor de Deos, e no exercicio das mais virtudes? De que me serve huma noticia de Filosofia, ainda que fora completa, se qualquer official no seu officio a põe em praxe para o uso das gentes, o que eu não sei, nem posso fazer? De que me vale saber de memoria todas as regras, e primores da eloquencia, se eu encontro fogeitos, que sem conhecerem a Cicero, nem pelo nome, me envergonhão no bem que fallão, claro, natural, sem artificio? Esta mesma experiencia de que não sei muitas cousas me havia de obrigar a ser humilde, se eu fora homem de proposito.

Mas todas estas reflexões em semelhante dia parecem escusadas. Que melhor argumento que o mesmo exemplo, que hoje nos deo Christo a todos no Cenaculo? Quem pôde haver, que se não veja nelle severamente reprehendido? Sabeis, ó Nobres,

bres, quem he aquelle homem, que lava os pés, e os alimpa, e os beija de joelhos aos outros homens? Pois he hum homem, que juntamente he Deos: he a segunda Pessoa da Trindade Santissima, eterno na geração, independente no ser, infinito nos attributos: he o Senhor, a quem adorão os Anjos: he o que faz Bemaventurados ló com a sua presença: he o principio, e fim de todas as cousas. Quando todos eramos nada, já elle era o mesmo, que hoje he. A sua grandeza mede-se por si mesma, e tudo quanto tem não lho deo outrem. Dentro de si tem a fonte de toda a nobreza, de toda a perfeição, de toda a magestade.

Sabeis, ó poderosos, quem he aquelle homem, que vedes prostrado aos pés de huns pobres Pescadores? Pois he o Todo poderoso, a cujo imperio obedecem todas as creaturas: he o que fez o mundo todo sem mais trabalho que mandar se fizesse, e com esta unica palavra podia fazer mundos infinitos, se tantos  
qui-

quizera : he o que manda diluvios , e incendios para castigar peccados : he o que póde fazer filhos de Abrahão até das pedras : he o que faz Reis , e os tira do throno : he o que ha de vir outra vez ao mundo com grande magestade , e nos ha de julgar a todos , mandando huns para o Ceo , outros para o Inferno por toda a eternidade : he o que póde reduzir-nos a cinzas , e mandar-nos outra vez para o nada , donde sahimos , sem que lhe fação falta os nossos obsequios , as nossas adorações , os nossos sacrificios , porque em si mesmo tem quanto he necessario para ser infinitamente feliz sem dependencia de outrem.

Quereis vos diga , ó sabios do mundo , quem he aquelle homem , que tanto préza , e estima a huns homens a seu respeito ignorantes , e rudes ? Pois he o mesmo Verbo Divino , sabedoria do Eterno Pai por essencia : he o que sabe , e comprehende tudo , e até a si mesmo. O passado , o presente , o futuro , tudo tem diante dos olhos sempre no mesmo ser ,

fer, e sem differença de tempos. Nada se lhe esconde, porque tudo vê: nada lhe he escuro, porque tudo conhece claramente. Todos os seus juizos são infalliveis, e certos: todos os seus conselhos são prudentes: todas as suas palavras são efficazes. Se alguem sabe alguma cousa, a elle o deve; e se quer confundir os juizos dos homens, tambem o póde.

Este homem pois tão nobre, tão poderoso, e tão sabio he quem vos dá hoje este exemplo de humildade, para que á sua imitação observeis tão importante preceito. E ainda haverá que responder a tão forçoso argumento? Ainda haverá escusa, ou pretexto, que desculpe o contrario procedimento? Não bastava mandar Deos que fossemos humildes, para logo lhe obedecermos sem repugnancia? Não só o manda, mas primeiro o executa; e ainda haverá quem resista á sua vontade? Quantas cousas fazeis alheias de toda a virtude, que parão em si mesmas, e nada conduzem para a vida eterna, sómente por se-

seguir o exemplo de outrem , que não he Deos ? Quantas vezes vos tendes humilhado sómente por comprar com outra creatura , e póde ser que vil , e indigna de algum obsequio ? Póde alguém duvidar de que este exemplo de Christo he para o mesmo Redemptor glorioso ? Não vos enche de respeito esta cerimonia ? Não vos parece hum esforço de grandeza , de amor , de generosidade ? Pois se tanto vos quereis parecer com quem julgais que he de maior grandeza : se a tanto vos obriga , e arrasta pela terra quem vos he inferior : se desejais honrar-vos : se pertendeis estimações , porque não fazeis o que Deos faz , para vos pareceres com elle , para seres felices , para fazeres o gosto a quem deveis tanto , e para tambem mereceres a verdadeira honra , que se alcança por meio da virtude ? Não , meu Redemptor , nenhum homem , por mais nobre , poderoso , e sabio que se considere , sem passar a louco , póde hoje resistir ao vosso preceito. O exemplo , que nos dais , he  
tão

tão efficaz , que de todo nos quebranta as forças , e nos obriga a ser humildes não só para com os homens , mas tambem para com Deos.

Mas quem não dirá ser escusado persuadir esta segunda parte do preceito de Christo , e do meu discurso? Que homem ha , ou póde haver , que tendo uso de razão , se queira tambem levantar contra Deos? Que hum Atheista lhe negue a existencia , he loucura , nada he mais claro que existir Deos ; mas que se lhe não humilhe quem o confessa , he muito maior sem razão. Porém o certo he , que sem recorrer á soberba de Lucifer , ou do primeiro homem , o nosso procedimento prova bem a necessidade , que ha de persuadir a observancia da segunda parte deste preceito. Nem só quem pertende ter assento sobre as estrellas , e ser semelhante ao Altissimo he soberbo na presença do mesmo Senhor : eu , e outros como eu , que nunca tivemos pensamentos semelhantes , temos commettido por não poucas vezes este horrendo crime.

A pre-

A presumpção, com que emprendemos negocios, que excedem as nossas forças, e os desejamos com effeito conseguir: a forte ambição, com que appetecemos, sem nos serem devidas por titulo algum, honras, poder, e dignidades: a vangloria, e fêde, em que ardemos da estimação, e louvor humano: a jaçtancia, com que engrandecemos as nossas acções, feitos panegyristas de nós mesmos: a hypocrezia, com que pertendemos com capa de virtude encubrir os nossos defeitos: a pertinacia, com que sustentamos o parecer proprio, conhecendo claramente o nosso erro: a desobediencia, e arrogancia, com que desprezamos aquelles, em quem Deos delegou o seu poder para nos governarem: o pouco apreço, que fazemos da Lei do mesmo Deos, quebrantando-a por tantas vezes, que outra cousa são, senão effeitos da mais refinada soberba?

Se eu não fora soberbo, vivêra contente com o talento, que Deos me deo, sem eu lho merecer, e que  
ba-



bastar para me salvar, e não aceitara  
empresas, que excedem a minha ca-  
pacidade. Se eu não fora soberbo, a  
honra, que tenho, me pareceria ain-  
da maior que o meu merecimento,  
e não olharia para os lugares com os  
olhos, e também com os affectos.  
Se eu não fora soberbo, não procu-  
raria com tanto trabalho, e á força  
de incançavel estudo os applausos dos  
homens, e quando, sem eu os bus-  
car, me tentassem com elles, as fa-  
ces se me farião vermelhas, e os re-  
feriria para Deos, donde procede tu-  
do o que he bom. Se eu finalmente  
não fora soberbo, nem me louvaria  
a mim mesmo, nem encubriria as  
minhas maldades com tanto artificio,  
nem seria pertinaz na minha senten-  
ça, nem desobedeceria aos meus su-  
periores. Conheceria o meu nada:  
gastaria o tempo em louvar ao meu  
Deos, porque me tirou d'elle: publi-  
camente me retractaria dos meus er-  
ros, para que não pudessem prejudi-  
car a outrem: confessaria com gran-  
de submissão minhas culpas, e defei-  
tos,

tos , para que ninguem se enganasse comigo , e me estimassem pelo que eu sou : beijaria os pés a quem Deos deo o poder de mandar-me ; e quando me reprehendesse , cruzar-me-hia na sua presença : tremeria de quebrantar o mais leve preceito da Lei , que me deo o meu Creador , e me confundiria em mim mesmo , considerando na minha miseria , e na minha fragilidade.

Porém se eu nada disto faço , certamente me não humilho na presença de Deos : o meu procedimento desmente a minha confissão : as minhas acções dão sinaes bem claros da minha soberba. Mas oh que bem nos reprehende o Divino Mestre no portentoso modo , com que hoje se oferece no Cenaculo a seu Eterno Pai sacramentado naquella Hostia ! Alli , para se pôr na presença de Deos , totalmente se diminue , e quasi se aniquilla. Não só esconde debaixo das especies sacramentaes toda a magestade , que lhe compete em quanto Deos , mas tambem em quanto Homem. He  
fa-

fabio, e calla, como senão foubera : he Senhor de tudo, e deixa-se tratar dos servos, como elles muito querem : he Creador, e obedece ás vozes da creatura. Nem vê as adorações, com que o tratão, nem ouve os canticos, que lhe entoão, porque sem usar dos sentidos de seu corpo existe no Sacramento como se fora morto, e tão reduzido a pouco, que na mais pequena particula consagrada cabe tão perfeitamente, como no seu lugar proprio.

Oh exemplo forte, e que só o podia dar hum homem Deos ! Eis aqui, meus ouvintes, como nos devemos humilhar na presença de Deos : todas as nossas potencias, todos os nossos sentidos, e tudo quanto somos devemos sacrificar ao nosso Creador. Vivos sim para lhe obedecermos, e para o servirmos; porém como mortos para tudo aquillo, que não for vontade sua, recolhidos dentro do nosso nada, e conhecendo a nossa pequenez, e a nossa miseria, pois só assim poderemos imitar de algum modo o exemplo, que hoje nos dá o Di-

vino Mestre, quando nos manda que façamos o que elle fez, humilhando-nos, como elle se humilhou, na presença de Deos, e dos homens.

Omnipotente Deos, e Senhor, prostrado por terra adoro todos os vossos Mysterios; porém parece-me que não era preciso tanto para nos obrigares á observancia dos vossos preceitos. Quem sou eu para me ensoberbecer, ainda que hoje não admirára o vosso exemplo! Eu, que não sou mais que huma pouca de cinza animada, hum athomo, que se perde de vista, hum fragil mortal, que respiro, porque ainda me soffreis, exposto a mil perigos, sujeito a tantas enfermidades, cheio de innumeraveis erros, capaz de infinitas fraquezas, concebido em peccado, carregado de culpas, indigno da vossa presença, merecedor de mil Infernos, conhecendo bem tudo isto, como a Fé, e a mesma experiencia me persuadem, posso ser soberbo! Ha de ser necessario que vós obreis semelhantes acções de humildade, para que

eu vos obedeça em hum preceito, que tanto se accomoda com o meu fer!

Porém, Senhor, já fei o que vos obrigou a este excessõ. A minha cegueira, e o amor, que me tendes, he que hoje vos obrigárão a descer tanto, he que vos puzerão aos pés das creaturas, he que vos reduzirão a tão pequena figura. Conhecestes que eu me havia de esquecer do meu nada, e o vosso excessivo amor rompeo neste exemplo, que me abre os olhos, e me convence de todo. Louvado sejais, Senhor, por tão immensa caridade. Os Anjos vos louvem, já que somos taes, que nem sabemos louvar-vos. E se por correspondencia nos estais pedindo os corações contritos, e humilhados, e disto fazeis gosto, e gloria, aos pés desse throno os offerecemos todos não só humilhados, não só contritos, mas tambem arrependidos, e abrazados no vosso amor. Recebei-os, Senhor, como victimas do nosso agradecimento, como testemunho da nossa obediencia, como fruto do vosso exemplo.



S E R M ã O  
 D E  
 S.<sup>TA</sup> BARBARA,

Prégado em Mafra no dia da  
 mesma Santa de tarde.

*Omnia possibilia sunt credenti.*  
 Marc. 9.



ENTRE as muitas excellencias, que tem a Fé, a que mais particularmente a enobrece, e distingue das outras virtudes, he a efficacia. São cousas admiraveis as que se referem na Escritura a este respeito. Com a Fé se livrou Noé a si, e a seus filhos do universal diluvio, e

me-

mereceo confervar na Arca as especies de todos os animaes , para que o mundo não acabaffe de todo. Com a Fé desbaratou Abrahão , sem ter ufo da guerra , quatro Reis poderofos , indo em favor de Loth com hum pequeno numero de feus fervos. Com a Fé venceo Jacob os perigos de toda a fua vida , e até quebrantou as forças ao indomavel genio de feu irmão Efaú. Com a Fé triunfou Moyfés de Faraó , e de todo o poder do Egypto , e fez com que os Ifraelitas paffassem a pé enxuto o mar vermelho , deixando feus inimigos fepultados nas mefmas aguas. Com a Fé forão derribados os muros fortiffimos de Jericó , durando fete dias unicamente o fitio daquella até então inconquiftavel Cidade. Com a Fé affim os Patriarcas da Lei antiga , como os Santos da Lei da graça obrarão prodigios tão admiraveis , que já mais os julgaria o entendimento poffiveis , fe primeiro os não viffem os olhos.

Humas vezes fazião rebentar a-  
gua

gua em copiosas correntes das pedras mais duras, e mais secas para socorrerem os povos, que hião em seu seguimento: outras vezes fazião chover do Ceo diluvios de fogo para castigar todos aquelles, que desprezavão, e escarnecião o seu ministerio. Despedaçavão leões, vencião gigantes, destroçavão, e punhão em fugida exercitos inteiros, arrazavão templos, triunfavão de todo o poder do mundo, e até das invenciveis forças da mesma natureza triunfavão. Era cousa palmosa ver passear huns por entre o fogo sem a menor offensa, como se passeassem pelo ar mais livre, e mais benigno: ver caminhar outros pelas aguas do mar com tanta segurança, como poderião caminhar pela mesma terra: estes resuscitando mortos, e desenterrando-os das sepulturas depois de estarem já quasi corrompidos os cadaveres: aquelles feitos em pedaços seus corpos, e elles prégando, e movendo-se, como se a união não fora necessaria para a vida, e todos vencendo perigos, sofren-



frendo tormentos , e obrando proezas taes , e tão extraordinarias , que he tambem necessaria muita Fé para as crer , assim como foi precisa para as obrar.

Finalmente para que tudo diga de huma vez , se algum de nós os que estamos aqui presentes , os que temos mais perfeito conhecimento do nada que somos , os que menos confiamos nas proprias forças : se algum destes tiver huma Fé viva , e forte , e differ a este monte , em que habitamos , tão grande , tão pezado , tão firme , tão arraigado á terra : se lhe differ , ou lhe mandar , que passe deste para outro lugar , por mais distante que seja de nós , assim mesmo inteiro , e coroado com este soberbo edificio , como ao presente se acha , até hum tão grande milagre lhes não será impossivel : correrá o monte , e com assombro de todos obedecerá ás suas vozes. Lede o capitulo undecimo da Epistola , que S. Paulo escreveu aos Hebreos , e lede tambem a S. Mattheus no capitulo decimo setimo , e

acha-

achareis quasi pelas mesmas palavras quanto vos tenho dito.

Deste modo he poderosa a Fé para obrar milagres , e não he menor a sua efficacia para receber extraordinarios beneficios. Sendo innumeraveis os que fez Christo , em quanto viveo na companhia dos homens , merece especial reflexão que quasi sempre o Senhor os attribuia á Fé dos mesmos , que recorrião á sua protecção.

Matth. 5.

Matth. 8.

Matth. 9.

Luc. 8.

Matth. 9.

Luc. 17.

Luc. 18.

Quando concedeo á Cananea saude para a filha , quando curou o criado do Centurião , quando fez parar á Emorroissa o fluxo de sangue , no qual se lhe hia acabando a vida , quando resuscitou a filha do Archifynagogo , quando deo vista aos dous cegos , quando curou o leproso , e quando perdoou á Magdarena , a todos disse , que á sua Fé devião aquelles favores. He a Fé hum assenso firme , que damos ás cousas sobrenaturaes , só porque Deos as disse ; e decretou a providencia altissima do mesmo Deos premiar esta virtude , concedendo poder , e efficacia

aos

aos que lhe tributão este obsequio para obrarem acções, alcançarem benefícios também sobrenaturaes, e superiores a todas as Leis da natureza.

Tanto como isto he poderosa a Fé, e eis-aqui, meus ouvintes, também o motivo, por que a gloriosa Santa Barbara tem obrado em beneficio nosso os prodigios, de que annualmente neste dia lhe rendemos as graças, e que esperamos continue para credito do seu poder, e admiravel patrocínio. Esta izenção, que ha tantos annos experimentamos de raios, que tanto horror, e por algumas vezes também estrago causavão aos moradores desta Villa, não he outra cousa senão hum maravilhoso effeito da Fé de Barbara, e de seus devotos. A heroica constancia, com que a nossa Santa derramou o sangue, e deo a vida por confessar os Mysterios da nossa Religião, não só lhe mereceo ser bemaventurada no Ceo, também lhe grangeou ser poderosa na terra. A firme confiança, que os

de-

devotos de Barbara tem no seu patrocinio, nos tem livrado de tão repentinas desgraças, e nos tem merecido huma protecção tão continuada, e segura. Depois que recorremos a tão efficaz amparo, por muitas vezes se tem embravecido os elementos, e se tem confundido a bellissima ordem, e harmonia, com que forão dispostos: sim temos ouvido retumbar o temeroso éco dos trovões horrendos: sim temos visto o fuzilar medonho dos espantosos raios, e tem acontecido horrorosas tempestades; mas tudo ao longe, e sem experimentar-mos tenão aquelle susto, que he ordinario effeito ainda dos perigos mais remotos. Muitos nos tem contado com lagrimas de afflicção as proprias ruinas: nós só podemos contar com lagrimas de gosto innumeraveis misericordias, verificando-se da nossa Santa, e de nós mesmos o que disse Christo nas palavras, que tomei por thema: que tudo he possivel a quem tem Fé, ou que não ha cousa, por mais difficuliosa que seja assim de obrar,

como de conseguir , que se não torne facil por meio desta soberana virtude.

Visto pois ser este o principio da nossa felicidade, e tambem a medida de obrar , e receber extraordinarios beneficios , esta , e não outra deve ser a materia do meu discurso na occasião presente. Se Barbara não houvera tido tão grande Fé, não seria tão poderosa. Se os seus devotos não confiassem tanto no seu patrocínio , não haverão sido tão bem livrados. A Fé por tanto de Barbara, e tambem a nossa Fé farão as duas partes do meu discurso. Na primeira farei patente a todos o quanto foi heroica a Fé de' Barbara; e servindo esta primeira parte de elogio á nossa Protectora, mostrará por consequencia infallivel a grandeza do seu poder. Na segunda ponderarei as circumstancias, que deve ter a nossa Fé, para que nos seja efficaz tão alto patrocínio; e servindo esta segunda parte de instrucção aos meus ouvintes, mostrará até onde se póde

ef-

estender a nossa esperança. Será ultimamente o fim de todo este Sermão formar das palavras de Christo, que tomei por thema, da grandeza da Fé de Barbara, e da sinceridade da nossa Fé hum discurso, que mostre com toda a certeza que não sómente a izeção de raios, mas tudo quanto christãmente desejarmos, podemos alcançar da nossa Protectora. Principie-mos.

Todas as virtudes, ordinariamente fallando, necessitão de annos para chegarem a ser perfeitas, e com muita especialidade a Fé. Ter Fé, como diz o Apostolo, he dar credito a cousas, que ou sómente se esperão, ou de nenhum modo se podem ver. He persuadir-se o homem de mysterios, que se não comprehendem, que fogem ao lume da razão, que são totalmente alheios de quanto nos entra na alma pelo ministerio dos sentidos. He sujeitar o entendimento á Divina authoridade, e desprezar tudo quanto em contrario nos póde suggerir a malicia, ou a ignorancia.

He

He finalmente estar prompto para dar o fangue, e a propria vida, se as circumstancias o pedirem, em testemunho da mesma Fé. E que madureza não he necessaria para executar com perfeição tudo isto? Nos poucos annos tem grande poder os sentidos sobre nossa alma: o que vemos, isso desejamos; o que ouvimos, isso julgamos possivel: tudo o mais he para nós quasi como se não existira: qualquer difficuldade nos prende, qualquer apparencia nos convence, e com bem pouco nos enganamos. Nem a lição dos livros nos aproveita de muito, porque ou nos falta, ou não reparamos bem no que lemos: nem a experiencia nos póde ainda levar ao conhecimento das cousas futuras, porque passamos quasi por tudo sem o advertirmos: nem a variedade nos permite reflectir sobre os objectos, porque ainda não olhamos para elles com socego: nem sabemos ajuntar as idéas para conhecer o que he possivel, porque esta operação depende de maior arte: quasi em tudo obra-

mos,

mos, e discorremos como naturalmente, e as impressões mais grosseiras são de ordinario as que obrão em nós com maior força,

Sap. 10.  
21.

Bem conheço que Deos he omnipotente, e que, quando elle quer, faz com que as linguas dos que não sabem ainda fallar sejam eloquentes, e que obra estupendos milagres naquellas almas, das quaes particularmente se agrada; mas tambem fei que Deos não necessita, nem tira a liberdade com a sua graça; e se nos adultos he digno de louvor, e agradavel aos olhos do Senhor abraçarem os seus auxilios, naquelles, em que apenas principia a raiar a luz da razão, he muito mais crescido o merecimento. O certo he, que para Tobias ser qual elle foi, houve necessidade de que sua mãe na tenridade o instruisse nos Mysterios, e na Lei; e porque o exercicio da guerra trouxe por muito tempo a David longe de sua casa, e seus filhos ficaram entregues aos poucos annos, por isso depois vio o mesmo David não  
sem



sem lagrimas, e virão todos com escandalo os estragos, que nelles havia feito a idade. Amon sahio iniquissimo, Absalão fraticida, Adonias tumultuoso, e talvez que pelo mesmo motivo chegasse Salamão a ser idolatra. Forão creados sem freio, quando as paixões são mais inquietas: não se fortalecêrão ao principio dos annos na virtude, e o derão depois a conhecer com o tempo.

Porém nesta mesma idade, já nos poucos annos era grande a virtude de Barbara, e muito heroica a sua Fé. Era Barbara por extremo bella, e temendo seu pai os perigos, a que se expõe a formosura, se acaso se manifesta ao mundo, com rustico excesso a encerrou em huma torre alta, e forte, mandando abrir na mesma torre duas janellas, por onde sómente pudesse entrar a luz do dia, e de ninguem ser vista. Nesta segurança a deixou Dioscoro, e se retirou por algum tempo de sua casa. Voltando porém, e indo ver a filha,

Iha, achou que esta havia mandado abrir mais huma janella, e feito lavar por dentro da torre a Cruz de Christo, como precioso ornato daquelle aposento. Confuso ficou Dioscoro com semelhante novidade, e movido de paixão fortissima, perguntou a Barbara a causa de semelhante procedimento; porém então a Santa donzella, que até este tempo occultava a sua Fé, tomando occasião da pergunta, principiou a fallar tão altamente do Mysterio da Trindade Santissima, e dos mais da nossa redempção: reprehendeo o pai da cegueira, com que idolatrava nos falsos deoses com palavras tão livres, e cheias de zelo: persuadio-lhe que se convertesse á verdadeira Fé com argumentos tão fortes, e insoluveis, que a não ser Dioscoro tão obstinado, se dera logo por convencido, e ficaria devendo a sua filha o que tanto agradeceo Santo Agostinho a sua mãe.

E quem se poderá capacitar de que semelhante Fé não havia sido  
mui-

muito tempo antes cultivada? Se para os Apostolos irem prégar pelo mundo o Evangelho foi conveniente que o mesmo Verbo Divino feito homem tantos annos antes os ensinasse, que o Espirito Santo descesse sobre elles para os ensinar ainda mais, e que por ultimo os confirmasse em graça, que tempo não era necessario para ensinar a fallar huma donzella tão profundamente de Mysterios tão altos? Que tempo não era necessario para ensinar a fallar huma filha com tanta liberdade, e fortaleza a seu proprio pai? Com grande fundamento devemos julgar que a Fé de Barbara era huma Fé logo nos primeiros annos nascida; huma Fé, que já naquelle tempo tinha grandes rai- zes na sua alma; huma Fé, que desde o principio lhe occupava todo o espirito; huma Fé, na qual sempre havia empregado todos os seus cuidados; huma Fé, que venceo todas as inclinações da natureza ainda quando esta nos arrasta com maior violencia; mas por isso huma Fé

grande, e verdadeiramente heroica. Porém com ser isto muito, não feria tão admiravel, se Barbara fora nascida de pais Christãos, e com elles creada. Tem grande poder a criação, que os pais dão aos filhos, sobre os costumes. O amor, que a mesma natureza inspira nos filhos para com os pais; o respeito, que lhes devem; o trato contínuo, e familiar, que tem com elles; e sobre tudo a certeza, em que vivem de que ninguém lhes deseja mais o seu bem, todas estas cousas juntas obrão effeitos muito mais admiraveis do que ordinariamente se julga. He a voz do pai huma voz, que sempre se ouve: são as suas acções humas acções, que sempre se estão vendo: e não ha cousa, que em toda a vida nos lembre mais do que isto. Santo Agostinho diz, que o filho obra o que vio fazer a seu pai. Santo Ambrosio affirma, que por isso Noé amaldiçoára Canaan, sendo Cão o culpado, porque logo víra que de hum pai tão per-

perverso não podia naturalmente proceder filho, que fosse digno da sua benção. A Elcritura nota como grande milagre ser castigado Coré, e não se acharem nos seus filhos culpas, que merecessem o mesmo castigo. Os antigos, como refere Alexandre, costumavão muitas vezes tirar os filhos do poder dos pais, se vião que estes lhes não davão bom exemplo. O mesmo Author refere, que Manlio Senador, e Epicharmo comico forão severamente castigados, porque diante de seus filhos se portavão menos bem do que devião. E Thomaz Moro, aquelle celebre homem, que foi tão singular na fortuna, como no talento, em huma carta, que se acha no capitulo decimo da sua vida, assenta que a razão, por que a soberba reina mais que outro qualquer vicio, e he tão universal no mundo, não he outra que ter este vicio nascido de nossos primeiros pais, e propagar-se, como por geração, de humas para outras familias.

Num. 26.

10. 11.

Tanto como isto póde o exem-

22M

E ii

plo,

plo , e a educação , que os pais dão  
 aos filhos , e por isso não he tão ad-  
 miravel ajuntar aos poucos annos a  
 virtude , quando se acautelão os pe-  
 rigos da idade com o ensino ; porém  
 esta circumstancia sómente serve pa-  
 ra augmentar mais o merecimento  
 da Fé da nossa Santa. Sabeis , meus  
 ouvintes , quem erão os pais de Bar-  
 bara ? Pois eu o digo. Da mãe não  
 trata a sua Lenda ; mas o pai era  
 hum gentio de pessimos costumes :  
 era sacrilego , idolatra , e tudo o  
 mais , que costuma nascer de seme-  
 lhantes raizes ; e sem embargo do en-  
 sino , educação , e exemplo de seme-  
 lhante pai , era a Fé de Barbara , a-  
 inda nos poucos annos , como tendes  
 ouvido , e havia crescido tanto , co-  
 mo já disse. Não podia dizer Barba-  
 ra com David no Psalmo quarenta  
 e trez : *Isto , que eu creio , ouvi-o com  
 meus ouvidos , e meus pais mo reve-  
 larão* : só podia dizer com o mesmo  
 Profeta no Psalmo cento e dezoito :  
*Os mãos me contarão grandes fabu-  
 las , e nenhum a verdadeira Lei.*

Mas

Mas por isso assim como a Escritura para encarecer a maldade de Afa, perfido filho de pai ainda peor, qual era Abias, diz, que em tudo seguio <sup>3 Reg 15:</sup> este filho as pizadas de seu pai, pelo <sup>25. 26.</sup> contrario para fazer o maior elogio á Fé, e virtude de Barbara, não he necessario mais que dizer, que em nada esta filha imitou a seu pai; pois sendo nascida de hum pai infiel, e com elle creada, era de huma Fé tão pura, tão viva, e tão constante.

Só huma circumstancia me lembra, que poderia diminuir de algum modo o heroico desta virtude, e vem a ser, que poderia haver quem instruisse a nossa Santa, e a confortasse na Fé. Este he o melhor remedio, que tem a creação pessima, e máo ensino, que alguns pais dão aos filhos, e tambem o meio unico de plantar, e conservar a Fé. Por isso lemos nos Actos dos Apostolos, que o Di- <sup>Act. 5.42.</sup> vino Mestre, e seus Discipulos não cessavão de trabalhar para este fim. Todos os dias ensinavão no Templo, e andavão continuamente pelas casas  
con-

convertendo huns, e catequizando outros. Por este motivo lemos na Historia Ecclesiastica, que era costume nos principios da Igreja andarem os Ministros do Evangelho humas vezes a peito descuberto, outras occultamente, conforme a occasião o pedia, pelos carceres, pelas praças, e por toda a parte confortando os novamente convertidos, para que máos exemplos, e peiores conselhos os não fizessem desmaiar, e tornar ao antigo estado. Por esta causa finalmente ainda depois de promulgado o Evangelho pelo mundo todo, com particular cuidado nos Concilios Lateranense, e Tridentino se encarrega muito aos Pastores de almas o quanto devem cuidar em instruir na Fé as suas ovelhas, e se determinão graves penas contra os transgressores, de modo, que se não fora a grande corrupção de costumes, em que vivemos, e o pouco, que cada hum cuida no que deve, os faria tremer, e acordar do escandaloso lethargo, em que alguns se achão adormecidos

com

Lateran.  
ult. sess.  
II. Trid.  
sess. 5. de  
Reform.  
cap. 2.



com prejuizo gravissimo das almas, que Deos confiou do seu zelo, e não menor risco da propria.

Mas nem isto teve a Fé de Barbara para ser por todos os modos admiravel. Sim he opinião que Origenes a instruíra nas Divinas Letras, e assim o devemos crer, pois he certo que a Fé entra pelos ouvidos, e para estes receberem a palavra de Christo he necessario que alguem a proponha. Porém que docil coração, e suave genio não erão necessarios para receber a Fé, e conservalla, e ir sempre em augmento em semelhante lugar, em tal casa, e com pai semelhante? O lugar, onde Barbara habitava, era Nicomedia, Cidade sujeita ao Imperador dos Romanos, naquelle tempo grande perseguidor dos Christãos, Cidade cheia de idolatrias, de abominações, e de escandalos: a casa, em que Barbara vivia, era hum carcere a toda a sorte de gente inaccessible: o pai, que a Barbara coube por sorte, era o homem de peiores intenções, que havia naquell-

Ad Rom:

10. 17.

quella idade. E que instrucção podia ter Barbara , attendendo a estas circumstancias , capaz de vencer os annos , e a educação , se da sua parte não concorrera com o mais , a que podem chegar as forças humanas , para que a Fé obrasse na sua alma tão sobrenaturaes effectos ? Notavel esforço de virtude ! Se Christo se admirou de que o Centurião tivesse tanta Fé , sendo Gentio , e com tão pouco ensino , quem haverá , que se não admire da Fé de Barbara , não sendo muito outras as circumstancias ? Porém quanto a mim o que mais nos deve assombrar he a miudeza da Fé da nossa Santa.

Não ha Mysterio , que mais tenha custado a crer aos homens , que o Mysterio da Trindade Santissima , ou seja porque a necessidade , que temos de o crer para nos salvarmos , mova o commum inimigo a pôr contra nós maiores forças para ver se nos póde cegar em tão importante artigo , ou seja porque a presumpção humana se persuade com violencia

de

de tudo aquillo , que não alcança com o discurso : o certo he , que este ponto tem dado muito que fazer á Igreja , nelle se tem precipitado innumeraveis entendimentos. Só a respeito da consubstancialidade do Filho com o Pai , e da processão do Espirito Santo se perdêrão os Arrianos , e os Gregos. Do Mysterio da Paixão , e Morte de Christo diz expressamente S. Paulo , que para os Judeos era escandalo , e que aos Gentios parecia loucura. E estes são os Mysterios , em que Barbara mostrava mais firme , mais viva , e mais distinta a sua Fé. Não sómente creio que Deos era Hum na essencia , e Trino nas pessoas confusamente : mandou abrir na torre mais huma janel-la , para mostrar que sendo as trez Pessoas Divinas realmente distintas , são entre si inseparaveis , e que por isso duas não podião existir sem a terceira. Não sómente creio que Jesus Christo era Deos , e Homem , e que morrêra na Cruz para nos remir , mas até creio que a mesma Cruz já

I. ad Cor:  
I. 23.

não

não era affrontosa , senão muito nobre , e digna dos maiores respeitos. E sobre tudo isto tambem creio que estava obrigada a dar testemunho da verdadeira Religião , que professava : que a devia confessar diante de quem quer que fosse sem temer o poder todo do mundo , que he hum primor da Fé , que alguns não sabem , ou ao menos não o sabem logo no principio.

Eu não ignoro que tudo isto foram milagres da Omnipotencia Divina ; mas com isto mesmo se vai fazendo melhor o elogio de Barbara. No tempo , em que o povo Israelitico florescia debaixo do governo de Heli , Juiz , e Sacerdote , era muito raro fallar Deos com os homens : não se manifestava o Senhor com facilidade , como se lê no primeiro livro dos Reis ; tanto porém que entra no Templo Samuel , logo Deos com triplicada voz o desperta do sono , logo lhe manifesta segredos altissimos , logo lhe põe diante dos olhos huma dilatada serie de acontecimen-

tos futuros. O sonho de Nabuco, que se occulta aos sabios de Babylo-  
nia, se declara ao pequeno Daniel.  
O mesmo, que os Conselheiros de  
Faraó não entendem, explica mara-  
vilhosamente José, hum mancebo de  
bem poucos annos. Não ignoro que  
em casos semelhantes Deos he quem  
obra, e revela estes segredos por ad-  
miraveis modos; mas por isso mesmo  
ninguem póde negar que Samuel foi  
mais do agrado de Deos do que foi  
Heli; que Daniel possuia hum espi-  
rito, que os sabios de Babylo-  
nia não tinham; que a grande virtude de José  
lhe mereceo tão particular dom, e  
por consequencia que tambem a mes-  
ma Fé de Barbara concorreo para  
Deos a illustrar cada vez mais, e  
para obrar na sua alma tão raras ma-  
ravelhas. Que bem se conhece por  
estes excessos o quanto era do agrado  
de Deos a nossa Santa, e o muito,  
que o Divino Esposo amava esta di-  
tosa creatura! Aqui me detivera eu  
por algum tempo a ponderar o que  
he ser huma alma do agrado de Deos;  
po-

porém já me está chamando o mais forte, e o mais heroico da Fé admiravel da nossa Santa.

Nunca a virtude sóbe mais de ponto, que quando se vê cercada das maiores tribulações, e combatida dos mais fortes contrarios. He a tribulação semelhante á chuva, sem a qual não póde a terra produzir seus frutos. He a virtude semelhante aos aromas, que então deitão de si maior fragrancia, quando o calor mais os desata. He finalmente semelhante a virtude ao ouro, que quanto mais o fogo o pertende destruir, tanto melhor dá a conhecer os seus quilates. E quem já mais se vio em maiores tribulações, e com mais fortes contrarios á vista, que a nossa Santa? Perfuadio-se Dioscoro de que era grande a Fé de Barbara, e não podendo soffrer que huma filha se apartasse da Religião de seu pai, temendo muito o desagrado de Cesar, e envergonhando-se de se ver vencido de huma mulher, procurou todos os meios para triunfar da constancia de Barbara.

De

De huma parte lhe põe diante dos olhos o amor de pai , e a obrigação de filha ; o gosto , que dará aos seus parentes ; a consolação , que terão os seus naturaes ; as ricas heranças , com que pertende dotalla ; as nobres alianças , para que a destina ; a honra , e prazer , que lhe poderão resultar de se ver mãe de muitos filhos ; os divertimentos , que lhe promete a idade ; as delicias , que lhe offerece o tempo ; e todos os mais bens , que póde esperar da fortuna , se acaso tornar para a mesma Religião , em que foi nascida. Da outra parte lhe propõe em primeiro lugar o seu odio , e a sua maldição : diz-lhe que será a des-honra dos seus parentes , e opprobrio da sua nação : promete-lhe carceres , tormentos , e morte : protesta que se não sacrificar aos seus deoses , elle mesmo a entregará aos Juizes , elle mesmo a ha de accusar do seu crime , elle mesmo será o executor do seu martyrio.

Porém neste apertado lance he que Barbara mostra o heroico da sua Fé.

Fé. Não dá ouvidos ao pai, não faz caso das suas razões, despreza o amor dos parentes, avalia por nada todos os bens do mundo, e mais firme que hum rochedo, que a tudo igualmente resiste, se entrega gostosa aos tormentos. Soffre ser accusada das suas mesmas virtudes, soffre cruelissimos açoutes, soffre que lhe esfreguem as feridas com ásperos instrumentos; soffre o horror de medonhos carcerees, soffre que lhe despedassem as mimosas carnes com unhas de ferro, soffre que lhe tostem as ilhargas com fachas ardentes, soffre que lhe amassem a cabeça com pezadissimos malhos, soffre que a levem pelas ruas públicas da Cidade, rasgados os vestidos, e quasi nua á vergonha do povo, soffre em fim que seu mesmo pai cruel, e deshumano lhe corte a cabeça, estimando mais por amor de Christo acabar victima de tão abominavel odio, que ficar com perjuiço da sua Fé, sendo objecto ternissimo de tão desordenado amor.

Oh Fé singular! Oh Fé constante!



te! Oh Fé heroica! Grande documento, meus ouvintes, nos deo Christo Matth. 4, quando no pinaculo do Templo lhe mostrou o espirito tentador o mundo, e promettendo-lhe todos os seus bens, para que o adorasse, o Senhor o esconjurou, e lhe deo a conhecer o pouco apreço, que fazia de semelhantes cousas, e que mais que tudo estimava a sua Cruz; porém era Christo hum homem Deos, não podia o commum inimigo armar-lhe tentação tão forte, que fosse capaz de o vencer. Mas Barbara, huma creatura puramente humana, portar-se do mesmo modo, e em semelhantes circumstancias, he prodigio, que só não causará admiração a quem não fizer nelle a reflexão devida! Que virtude ha, que não esteja reluzindo nesta ultima, e sobre todas gloriosa acção da nossa Santa, ao mesmo passo, que nunca se vio mais fortemente combatida, e tentada? Que maior caridade, que dar a vida por quem tanto amava, que era o summo Bem, sobre todas as cousas digno de ser ama-

ma-

mado? Que esperança mais firme, que huma esperança, que durou sempre a mesma até o ultimo instante da vida? Que prudencia mais acertada, que deixar as miserias do mundo pelas delicias da Bemaventurança? Que maior fortaleza, que saber triunfar igualmente de todos os perigos? Que justiça mais inteira, que restituir a vida na occasião ao mesmo Author della? Que observancia mais exacta, que cumprir á risca com os mais difficultosos preceitos, e conselhos do Euangelho? Que mandidão mais Apostolica, que passar com socego pelos maiores trabalhos? Que pureza de coração mais Angelica, que não dar nelle entrada ao menor affecto terreno? Que paciencia mais Christã, que soffrer com gosto os mais crueis tormentos? Que humildade mais profunda, que procurar meios para ser desprezada dos homens? Que grandeza de animo mais fenhoril, que pizar aos pés tudo quanto o mundo tem de precioso? Que zelo finalmente da honra de Deos.

mais

mais abrazado, que defaggravar com o proprio fangue a Divindade? Mas por isso foi a Fé de Barbara heroica por todos os titulos. Heroica, por ser adquirida, e conservada na mais perigosa idade: heroica, por ter nascido Barbara de pais infieis, e ser por elles pessimamente educada: heroica, porque não teve muito quem a instruisse, e sensivelmente a confortasse: heroica, porque foi huma Fé individual, e dos mais altos, e incomprehensiveis Mysterios: heroica, porque foi combatida das maiores tentações, e dos mais fortes contrarios: heroica finalmente, porque foi acompanhada de todas as outras virtudes.

Estamos na segunda parte do discurso; e se não temêra ser molesto aos meus ouvintes, muito tivera que dizer sobre semelhante materia. Direi por tanto, e em poucas palavras o que julgar mais necessario, e me parecer mais concludente. Hum dos maiores erros dos hereges destes ultimos tempos foi affirmarem, que

para o homem se salvar bastava ter Fé, ainda que não fizesse boas obras; e hum dos maiores erros dos Catholicos em a nossa idade he terem alguns para si que basta crer que os Santos são poderosos, e que Deos ouve seus rogos, para delles alcançarem quanto pertendem, sem que para isso seja necessario fazer boas obras, nem imitar aos mesmos Santos nas virtudes. Do primeiro erro seguia-se servir a Fé como de seguro para commetter todo o genero de maldades, e por isso o Concilio Tridentino condemnou semelhante sentença por impia, escandalosa, heretica, e opposta expressamente á Sagrada Escritura. Do segundo erro segue-se servir a Fé no poder dos Santos como de asylo, para que vivão adormecidos nas culpas os que unicamente confião nos seus Protectores, e por isso eu o desejo hoje reprehender como contrario á Fé, alheio da boa razão, e totalmente opposto aos bons costumes.

He semelhante a Fé sem boas obras

Trident.  
sefs. 6. de  
Justific. &  
Can. 10.

obras, como diz o Apostolo Sant-Iago, Cap. 2.  
 a hum cadaver, que sem embargo <sup>26.</sup>  
 de que existe, para nada presta: he  
 semelhante a Fé sem boas obras á  
 Fé dos demonios, os quaes com ella  
 unicamente crem, e temem sem al-  
 gum proveito: he semelhante a Fé  
 sem boas obras áquella arvore, de  
 que falla S. Lucas no capitulo setimo  
 do seu Euangelho, a qual era muito  
 frondosa, e já mais dava algum fru-  
 to: he finalmente semelhante a Fé  
 sem boas obras ao talento do servo  
 inutil, de que trata S. Mattheus no  
 capitulo vigesimo quinto, que ten-  
 do-o muito guardado, já mais havia  
 lucrado com elle coufa alguma. E  
 Fé, que he assim, nem sómente por  
 si póde servir para salvar-nos, nem  
 para fazer efficaz o patrocínio dos  
 Santos. E se não, digão-me: Póde  
 esperar-se outra coufa de hum cada-  
 ver, senão que se vá corrompendo  
 pouco a pouco, e que finalmente a-  
 cabe de todo? Livra aquella Fé aos  
 demonios de estarem ardendo no In-  
 ferno? Izentou-se aquella arvore, por

fer muito pomposa , de que a mandassem cortar , e lançar no fogo ? Deixou aquelle servo , por ser tão arre cadado , de se ver condemnado ás trévas exteriores ? Pois como espera que Santa Barbara o livre dos raios quem tem huma Fé morta ? Como espera que a nossa Santa os faça parar , ou retroceder quem tem huma Fé , que sómente o faz ter medo , e tremer de semelhantes acontecimentos ? Como não receia que os mesmos raios o reduzão a cinzas quem tem huma Fé , que toda he folhage ? Como não teme cegar com os relampagos quem já mais com a sua Fé lucrou a menor virtude ? Que cousa mais indigna de hum homem de razão , que ter grande Fé no poder de Santa Barbara , e sem a querer imitar nas virtudes esperar confiadamente no seu patrocínio ? Porque motivo he Barbara tão poderosa , senão por ter sido tão Santa ? Pois se Barbara para poder tanto com Deos foi necessario que tivesse tantas virtudes , como póde esperar poder muito pa-  
ra

ra com Barbara quem vive obstinado nos vicios? Isto, meus ouvintes, he ter Fé, e juntamente contradizella, porque he admittir hum principio com o entendimento, e negallo com as obras. Além de que he quasi impossivel que huma esposa tão amante de Christo se empenhe com efficacia por quem offende, e despreza, e agrava enormemente ao seu querido.

Bem sei que muitas vezes tereis ouvido prégar, que o maior credito do poder he a misericordia, e que em favorecer aos indignos se exalta mais a grandeza de Deos, e dos seus Santos. Tudo isto assim he, e eu tambem digo o mesmo; mas he necessario entender estas cousas no seu verdadeiro sentido. Hum peccador contrito, e arrependido, que afflicto, e banhado em lagrimas chega ao Altar, em que se venera qualquer Santo, e prostrado por terra humildemente lhe pede o âmpare com seu poderoso patrocínio, protestando sinceramente emendar-se, por mais peccados, que antes tenha commettido,

pó-

póde esperar muito da misericordia de Deos, e do poder dos Santos; porém aquelle, que fiado sómente no poder dos mesmos Santos, se não lembra de Deos, senão para se ver livre dos perigos: aquelle, que se lembra de Santa Barbara só quando vê que vem cahindo sobre elle os raios, e unicamente para escapar delles: aquelle finalmente, que está esperando acabe a tempestade para continuar alegre, como de antes, na carreira dos vicios, e só o entristece durar tanto, porque o temor lhe perturba o gosto, com que vive engolfado nos prazeres do mundo: quem nestas circumstancias recorre ao poder dos Santos, mais deve temer a sua indignação, que esperar o seu patrocínio. Poderá Santa Barbara ainda neste caso pedir a Deos que suspenda o castigo, para ver se com o tempo se emenda quem deste modo invoca o seu nome, e busca o seu amparo; mas semelhante milagre só he possível, nenhum Catholico o deve esperar com certeza, e eu desejo que os meus



meus ouvintes tenham huma Fé efficaz ; huma Fé , que seja capaz de nos segurar dos perigos ; huma Fé , que nos faça agradaveis aos olhos de Deos ; huma Fé , que nos faça dignos do amor , e protecção de Barbara ; huma Fé tal , que , quando nos virmos nas occasiões , nos alente , nos dê animo , e accenda em nossos corações huma esperança firme de que seremos bem livrados. Etão admiraveis effeitos só com certeza se devem esperar de huma Fé viva , e animada de boas obras.

Tenho acabado , e supponho que todos quantos me ouvem estão formando consigo mesmos o discurso , ao qual se encaminha tudo quanto até agora tenho dito , e he o seguinte. Se todas as cousas são possiveis a quem tem Fé : se a Fé de Barbara foi a mais heroica : se esta virtude , quando he viva , e acompanhada de boas obras , faz seguro o patrocínio dos Santos , que cousa poderemos desejar christãmente , quero dizer , se não for opposta á nossa salvação , que se-

seja impossível ao poder da nossa Santa, e á nossa devoção? Os raios ou ficarão no ar suspensos, ou seguirão outro caminho, sem que nos offendão: as tempestades deporão a sua furia, ou se apartarão de nós sem deixarem o menor estrago: a terra permanecerá immovel, e socegada, sem que nos affuste com os seus tremores: alcançarão vista os cegos, pés os coxos, mãos os aleijados, faude os enfermos, alegria os tristes, misericordia os pobres, consolação os afflictos, liberdade os presos, e até a mesma morte nos terá respeito, e não accometterá algum de nós de repente, pois para tudo isto, e ainda para muito mais he poderosa a Fé da nossa Protectora.

Bem haja quem foi o primeiro, que deo principio a devoção tão prodigiosa, e mil benções do Ceo cubrão a quem a promove com a generosidade, com o cuidado, com a permissão, e com a assistencia, e bemaventurados tambem todos aquelles, que escolhêrão tão soberana Pro-  
te-

teçtorã , pois tem na Fé de Barbara quanto podia defejar o noſſo coração. Porém ferá deſgraça , meus ouvintes , que por noſſa culpa fique fruſtrada a noſſa eſperança , e não chegue a ter effeito tão poderoſo patrocínio ! Não falta outra couſa ſenão o que eſtá da noſſa parte. Só não ſendo a noſſa Fé como deve ſer he que poderemos ſer deſgraçados. E que maior laſtima , que ficarmos expoſtos ao fatal perigo de perder tanto bem , podendo-o ter ſeguro ? Se tanto tememos os perigos , ſe com tanta ancia pedimos aos Santos que nos defendão delles , porque não imitaremos as ſuas virtudes , para com ellas animar a noſſa Fé , e triunfar de todas as infelicidades ? Segura-nos Deos com a ſua palavra , ſigura-nos Santa Barbara com a ſua Fé , e ſó nós , que ſomos os mais intereſſados , he que havemos de faltar com o que nos toca ?

Glorioſa Santa , para que os meus ouvintes ſe perſuadão bem da verdade , que lhes prégo , e ſaibão aprovei-

veitar-se do vosso patrocínio, he que eu hoje particularmente imploro todo o vosso poder, e toda a vossa efficacia. Favorecer aos que merecem a vossa protecção he grande credito da vossa generosidade; porém fazer com que todos aquelles, que vos louvãõ, se façãõ dignos do vosso amparo, ferá ainda maior gloria da vossa protecção, e este he o milagre, que sobre tudo hoje vos peço. Pedi a Deos nos conceda hum raio daquella sobrenatural luz, que tanto vos illustrou, para que por meio della saibamos distinguir o verdadeiro do falso. Pedi-lhe nos communique huma faísca daquelle fogo Divino, que purificou o vosso coração, para que nos alimpe o nosso de todos os affectos mundanos. Pedi-lhe finalmente nos conceda cada vez maiores auxilios, de modo que possamos entrar com fervor no exercicio das virtudes, para que ajuntando á nossa Fé as demais boas obras, nos seja efficaz o vosso amparo, e livres neste mundo de todas as desgraças, acabemos em paz, e alcancemos a

Gloria. SER-



# S E R M ã O

D E

# P A I X ã O,

Prégado em Marvilla.

*Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus. I. Petr. 2. 21.*



ADMIRAVEL espectaculo se propõe hoje á nossa consideração no Mysterio altissimo, que celebramos. Para qualquer parte, que voltamos os olhos, encontramos espantosos objectos, e dignos do maior asombro. Todas as nossas paixões se  
fen-

sentem mover, e arrebatat com força incrível pelas extraordinarias circumstancias de tão tragico acontecimento. Não póde o nosso espirito satisfazer a quanto deseja, sem que se perturbe, sem que desfaleça, sem que desmaie. Se olho para o mundo todo, vejo escurecido o Sol, a terra tremendo, as sepulturas abertas, resuscitados os mortos, cheios de medo os vivos, espantados os brutos, e até partidas as pedras. Se olho para o Calvario, vejo o mais innocente, e justo de todos os homens, como se fora malfeitor pessimo, pregado em huma Cruz, exposto á vergonha na presença de povo innumeravel, chovendo sobre elle pragas, maldições, e blasfemias a milhares, despedaçado, e envolto em sangue seu corpo, e já de todo acabando a vida entre as maiores amarguras. Sem tirar os olhos do mesmo lugar, vejo a faudosa, e afflicta Mãi traspassada da maior, e mais penetrante dor, cercada de angustias, e tribulações, que se não podem explicar, e tão opprimida

da da mágoa, que parece ter perdido o perfeito dominio, que sempre teve sobre as proprias paixões. A compaixão faz força, para que não veja o que tanto lhe aviva o sentimento; porém o amor a obriga a não tirar os olhos do lastimoso cadaver do Filho. Quer chorar para alivio da sua pena, e acha que para tamanho mal são fraco remedio as lagrimas. Suspende, não sem violencia, o pranto, para que a dor faça em seu peito maior estrago, e tem por ingratição negar á perda de tão grande bem este costumado tributo da natureza. Deseja acabar a vida para ir com o espirito em seguimento de seu querido, mas julga que he maior fineza ficar só, e sem consolação sentindo a sua ausencia. E deste modo, sem que possa resolver-se, fica immovel nesta contrariedade de affectos, e padece huma nova especie de martyrio, que por todos os modos atormenta sua Santissima alma. As piedosas mulheres, que fazem companhia á Senhora, causão lastima a quem

quem as vê. Já cahem por terra com fatal deliquio amortecidas: já se levantão, e abraçando-se com a Cruz, são tantos os suspiros, quantas as lagrimas: já observão huma, e muitas vezes o sacrosanto cadaver, sem que possão persuadir-se de que está defanimado de todo: já pedem aos algozes, que ao menos desçam da Cruz para seus braços o que já não póde servir para desafogo da sua crueldade; e não achando na terra remedio algum, senão o sentimento, com os olhos no Ceo vão continuando as lagrimas, e ferindo os corações de quem as ouve com os gemidos.

O Discipulo amado está pedindo a maior compaixão: olha para seu Mestre, vê-o morto, e carregado de affrontas: olha para Maria Santissima, e vê a grande afflicção, em que se acha: tudo conhece, e ainda que não falla, tudo sente, como pedem o seu amor, e a sua lealdade. Os mesmos Judeos, os executores do sacrilegio, os que mostrão tanta sede do innocente sangue,

vol-



voltão muito outros do que subirão. Estes mesmos monstros da crueldade vem descendo do monte todos encolhidos , cozendo-se com a terra , pallidos , espavoridos , batendo nos peitos , e desejando , se possível fora , desfazer o mesmo mal , que tanto por sua vontade fizerão. Se ólho para a Igreja , vejo rasgado o véo do Templo , despídos os Altares , apagadas as luzes , parados os sacrificios , cubertas de luto as paredes , os Sacerdotes gemendo , os demais ministros em contínuo pranto , e todos os fieis no maior desamparo. Finalmente para qualquer parte , que me volte , não tem que ver os olhos se não horrores. Se considero na Pessoa , que padece , adoro na Cruz o mesmo Deos feito homem , e he tal a minha admiração , que fico absorto. Se contemplo nos tormentos , que padece , conheço que são os mais crueis , e deshumanos , e he tal o juizo , que formo da compaixão que merecem , que totalmente excede as minhas forças. Se faço reflexão nos

tyrannos , acho serem os mais favorecidos , e huma ingratição tão abominavel me accende no peito a mais implacavel ira. Se medito nos fins , por que padece , conheço que hum delles , e o principal foi para me remir da culpa , e he tal o gosto de me ver livre de escravidão tão pezáda , que em toda a alma me não cabe. Se busco a causa , por que padece , encontro com o meu peccado , e tão feio se me representa ser eu complice de tão execrando delicto , que de horror , e confusão se me congela o sangue todo nas veias. Finalmente não ha circumstancia alguma , que me não opprima. Se quero dar graças ao mesmo Deos por tão grande misericordia , a minha frouxidão me defanima. Se proponho aproveitar-me de tão precioso sangue , ainda temo a minha inconstancia. Se pertendo corresponder de algum modo a tantos beneficios , reconheço a minha vileza. Se me resolvo a subir ao Calvario para fazer ao menos companhia ao defanimado cadaver , caio por

por terra , e nem para o considerar tenho animo. Ultimamente tudo me afflige , não ha consideração , ou desejo , que me não perturbe.

Esta he , meus ouvintes , a idéa , que formo da Paixão de Christo , e que supponho formais tambem todos os que me ouvís. E sendo quanto vos tenho representado muito , e ainda demasiado para occupar totalmente o maior juizo , e o mais dilatado animo , o que hoje em mim faz maior impressão he o que ainda tenho para vos dizer. Sabeis para que padeceo Christo o que vistes no Calvario , e ouvistes ha pouco da boca dos sagrados Ministros ? Pois eu o digo. Não sómente padeceo para nos remir da culpa , padeceo tambem , como diz o Apostolo S. Pedro , para que o imitassemos em sua Paixão Sacrosanta , e isto he o que hoje mais que tudo me atemoriza. Para ponderar este Mysterio do modo que he possivel a hum mediano entendimento , ainda sinto em mim algum vigor. Sim me admiro , sim me entristeço ,

fim me perturbo ; mas ainda que por algum tempo caia , ainda que ceda , a mesma Paixão me anima : levanto-me , resisto , forcejo , e venço. Porém considerar que estou obrigado a obrar senão as mesmas acções , ao menos acções , que se pareçam com aquellas , que hum Deos feito homem obrou em semelhante Paixão ; e que dando-me o mesmo Deos , além do seu exemplo , tudo quanto me he necessario para assim o fazer , eu sem embargo de tudo isto tenho vivido , e ainda vivo , e obro tanto pelo contrario , he pensamento , que totalmente me opprime o espirito , he reflexão , que por modo mais que ordinario me confunde , me envergonha , me enche de medo , e de horror a alma toda. Almas justas , que me estais ouvindo , perdoai-me. Eu bem quizera seguir outro assumpto menos forte , que pudesse mover os vossos corações a ternura , e que não tivesse só por fim confundir os peccadores , e persuadillos a penitencia. Bem conheço que com o vosso genio suave ,  
e bran-

e brando menos bem se accommoda o horror , que a piedade. Tambem não ignoro que indo por este caminho , nada direi que possa causar novidade. He estrada muito seguida , e materia , sobre a qual se tem discorrido muito. Tudo isto me lembra , e menos seria bastante , para que hum juizo livre mudasse de sistema ; porém esta reflexão , que affirma disse , tomou de mim tal posse , que me he quasi impossivel caminhar com o discurso para outra parte. Tudo o mais me parece menos importante , tudo o mais me parece menos attendivel , tudo o mais em fim me foge da lembrança , quando considero neste ponto. Deixai-me por tanto mostrar aos outros peccadores como eu a notavel differença , que ha entre a nossa vida , e a Paixão de Christo ; e se a vossa humildade , contra o seu costume , não achar alguma cousa , que reprehender em vós do que eu disser , conhecereis ao menos a grande razão , com que me affusto. Principiemos.

O primeiro exemplo, que hoje nos propõe Jesus Christo para o imitarmos, he a Paixão de sua alma Santissima no Horto. He a alma o principio de todas as nossas acções: tudo quanto dizemos, tudo quanto obramos, primeiro o concebemos dentro de nós mesmos. O entendimento propõe os objectos, o dictame da razão os julga, e antes que saião á luz as obras, he necessario que a vontade as abrace. Sem alma nenhuma virtude he solida, tudo quanto se obra he inattendivel, e nenhum sacrificio póde ser aos olhos de Deos agradavel, porque do homem interior he que depende tudo. Esta he a razão, por que Jesus Christo sacrificou primeiro que seu corpo o espirito em satisfação do nosso peccado. Vio o Redemptor que era chegado o tempo de cumprir com o fim, para que fora mandado por seu Eterno Pai ao mundo, e retirando-se dos homens, se põe na presença do mesmo Eterno Pai, falla com elle de espaço, e por meio de huma fervorosa oração se

se prepara para as ultimas , e mais importantes funções do seu ministerio. Nada póde apartar o Salvador de seus propositos. He o sacrificio de sua Paixão voluntario, affim o quiz, e por isso tem de padecer : faz gosto de morrer na Cruz por nosso amor : desde a sua infancia traz diante dos olhos , e premeditadas todas as circumstancias da sua morte : he impossivel que deixe de acertar em tudo, e de levar ao fim tão grande empreza , ainda que entrasse nella de repente , porque he homem , e juntamente Deos, superior a todas as forças da natureza , e que não padece mudança nos seus propositos , nem erro nas suas resoluções ; e sem embargo de tudo isto , ora com a mesma efficacia , como se lhe pudéra faltar alguma cousa destas. Mostra que se esquece de quem he , e que só lhe lembra a importancia do negocio , que tem a seu cargo. Alli medita miudamente quanto ha de obrar : alli o aniquilla a sua humildade , e lhe faz parecer que só por si he

he inutil para tão relevante empreza : alli pede soccorro ao Eterno Pai para o bom successo de seus intentos : alli espera que ha de cumprir perfeitamente seus desejos : alli finalmente se resolve , se offerece de novo aos trabalhos , dá graças infinitas ao mesmo Eterno Pai , e tem com elle suavissimos colloquios.

Mas ai , meus ouvintes , que pouco tempo durão estas doçuras ! Já o Redemptor se considera com o pezo de todas as nossas culpas sobre seus hombros : já principia a exercitar-se em actos de penitencia ; já todas as paixões humanas , que podem ter exercicio sem culpa , o accommettem , e já as não quer vencer , sem que todas lhe resistão com a maior força. Que martyrio não experimenta em sujeitar-se a semelhante Paixão ? Nunca a faudade obra em nossos corações com maior violencia , que quando nos ausentamos daquellas pessoas , a quem de véras amamos ; e amando Christo tão extremosamente a sua Mãe Santissima , a seus queridos Disci-



cipulos, e geralmente a todos os homens, que mágoa não sentirá no seu coração, vendo-se obrigado a deixallos? Sempre a morte he feia, sempre he triste, sempre he horrorosa; mas nos poucos annos he mais que nunca violenta: e vendo-se Christo na flor da sua idade, quanto sensível será á natureza este golpe? Quanto mais delicado he o corpo, tanto mais são insoffriveis os tormentos: e sendo Christo a mais delicada creatura, que repugnancia de padecer não experimentará em todos os seus sentidos? Naturalmente fallando, qualquer castigo he custoso de se levar, ainda quando o conhecimento da culpa mostra que he justo, e merecido: que impressão fará em Christo hum tão grande castigo, supposta a sua innocencia? Quando não ha, nem era possivel outro remedio, póde haver conformidade no trabalho, ainda que grande; porém sendo tal o valor dos merecimentos de Christo, que só hum unico acto de caridade seu bastaria para remir mil mundos, que

que esforço não he necessario no Redemptor para se conformar com huma Paixão a mais sanguinolenta? O certo he que só este combate da razão com as paixões da natureza seria bastante para lhe tirar a vida, se Deus nesta occasião não fortalecêra o homem na pessoa de Christo.

Porém não parou aqui a interior afflicção do amantissimo Redemptor; porque renunciando de todo a propria vontade, entregue cada vez mais nas mãos de seu Eterno Pai, de repente se lhe representarão todos os peccados dos homens, e se considerou como se fora complice de todos elles. A desobediencia de Adão, todas quantas abominações se originarão della, tudo pezava no seu juizo como se fora pessoal, e proprio, de tudo o fazia reo a sua misericordia para satisfazer por tudo com a sua penitencia; e considerando-se qual outro filho de Josedech envolto em tão immundos habitos, sabendo que Deus aborrece infinitamente o peccado, que não consente junto a si o

peccador, e que diante de seus olhos de nenhum modo poderá permanecer o iniquo, foi tal a tristeza, que occupou sua bemdita alma, quando se contemplou em tão horrorosas circumstancias, que, segundo affirmão Santo Agostinho, S. Bernardo, e São João Chrystomo, este foi o maior tormento de sua Paixão Sacrosanta. He o peccado de sua natureza tão feio, que ainda no coração mais impio gera desgosto. Huma só culpa foi bastante para fazer amargosos a David todos os dias de sua vida. Não pudérão os Discipulos no Thabor soffrer huma breve representação da Gloria, por ser hum bem extraordinariamente grande, e de que não tinham uso. Considerai agora lá, meus ouvintes, que horror causaria o peccado a hum Justo, que amargura seria considerar-se carregada de culpas a mesma innocencia, quanto custaria a Christo soffrer hum mal, que he o maior de todos, e do qual nem havia tido, nem podia ter uso.

Seguiu-se logo a esta tristeza o

te-

temor da Justiça Divina. Não sómente se considera Christo como se houvera commettido todos os peccados do mundo, tambem se julga digno de todos os castigos. E pondo-se-lhe diante dos olhos juntamente todos os tormentos de sua Paixão, e Morte, que já offerencia em satisfação de tantos delictos, o que mais opprime o feu espirito he considerar na ira de Deos, e na pena eterna, que merecem tantas culpas. Isto fim, meus ouvintes, este he o mais terrivel, e espantoso objecto, que se póde representar ao entendimento do homem. Pouco perde quem perde o amor das creaturas: sem elle se póde viver, e ser eternamente ditofo. Nenhum homem póde sentenciar o meu crime, que não tenha de algum modo offendido a Deos. Todos os castigos, que podem inventar os homens, nem destroem a alma, nem podem passar além da morte. Taes podem ser as circumstancias, que para com Deos peor fique o Juiz, que o delinquente. Do tribunal dos homens ainda pos-

posso appellar para o Tribunal Divino, e se podem trocar de modo as scenas, que venha a ser reo quem com tanto poder me julgava. No mundo o mesmo supplicio póde ser o principio da minha ventura, e servir de meio para ir mais depressa gozar do eterno descanso; porém nada disto póde consolar a quem se considera reo da Justiça Divina, porque tudo lhe acontece pelo contrario. O amor, que perde, he hum amor, que faltando, tudo he desgraça. O Juiz, que sentença, he a fonte da pureza, e santidade. O castigo do peccado he corporal, he espirital, he eterno. A sentença, que se profere, sempre he justa, e não ha para onde se possa appellar della. Não póde ter esperança de mudar de estado quem chega a ser ultimamente condemnado no Tribunal Divino. E sujeitar-se Christo a fazer por nós semelhante figura, e a considerar-se em taes circumstancias, he o mais, a que podia chegar o seu amor, e a sua caridade!

De-

Depois de Christo se considerar reo da Justiça Divina, era consequencia recorrer á dor, e arrependimento dos peccados, que he o meio unico de applacar a ira de Deos antes de proferida a sentença. E aqui vos peço, meus ouvintes, considereis em dous pontos, que são merecedores da maior attenção. Primeiramente no pouco, com que Deos se contenta para nos perdoar hum castigo eterno: depois no muito, que o Redemptor padeceo neste lance. He qualquer peccado mortal de immensa malicia, porque he offensa contra hum Deos de infinita Magestade: he huma semrazão, que não tem desculpa, porque he negar o coração a hum Deos infinitamente bom, e digno de ser amado: he huma ingratição a mais abominavel, porque he faltar com o agradecimento a hum Deos, que todos os instantes nos está enchendo de beneficios: he huma injuria a mais atroz, porque he no effeito antepôr huma vil creatura a hum Deos, que he Senhor de tudo: he hum atrevimen-

mento o mais execrando , porque he perder o respeito a hum Deos da maior authoridade. E he Deos tão bom , que o mesmo he doer-se verdadeiramente o peccador , que perdoar-lhe. He a caridade a justa medida da nossa dor. Assim como amamos alguma pessoa , assim nos doemos de a ter offendido , se commetemos este erro. E amando tanto Christo a seu Eterno Pai , qual feria a sua dor , olhando para as innumeraveis , e gravissimas offensas de Deos , que havia posto sobre si ? Foi huma contrição igual á sua caridade : foi huma dor sobre todas as dores : foi finalmente hum pezar , que não cabendo no seu espirito , fez rebentar o sangue por todas as partes de seu corpo , e com tanta violencia , e abundancia , que chegou a correr pela mesma terra.

Deste modo nos ensinou Christo como havíamos de reformar o homem interior para o imitarmos em sua Paixão Sacrosanta. E que cousa menos conforme com este original , que a nossa vida ? Ah meus ouvintes ,  
que

que terrivel comparação he esta !  
Que mal encaminhados andamos por  
não seguirmos as pizadas do nosso  
Redemptor ! He o negocio da nossa  
salvação o mais importante, que po-  
demos ter nesta vida : nelle se inte-  
ressa todo , e totalmente o homem.  
Nobreza de fangue , riquezas , gran-  
de poder , honra , fama , gostos , dig-  
nidades , e tudo o mais , que o mun-  
do préza , de nada aproveita , se per-  
demos a alma. Tudo quanto vemos ,  
tudo quanto possuimos , tudo quanto  
desejamos , e podemos desejar do mes-  
mo mundo , tudo he lodo , tudo pó ,  
tudo fumo , e sombra , que se deiva-  
nece , e em breve tempo acaba. Pa-  
ra nos salvarmos he que Deos nos  
creou : para este fim nos conserva :  
este finalmente he o nosso ministerio.  
E que horas gastamos em meditar  
nesto ponto ? Quantas vezes fallamos  
com Deos , e connosco mesmos so-  
bre este particular ? Que orações fa-  
zemos para este fim ? Que preparos  
interiores para entrarmos em huma  
empreza tão consideravel ? Deitai con-



ta ao tempo : vede quanto nos levão os jogos , os espectaculos profanos , os commercios cheios de ufuras , as pertençaes injustas , a fome , a sede de nossos desordenados appetites , e achareis que pouco , ou nada nos resta para o que só devia importar-nos. Rasgai esse peito , olhai bem para esse coração , e encontrareis com humas paixões tão fortes , que parece querem tragar-vos.

Vamos mais adiante , e sigamos fielmente a Christo com o pensamento , já que tanto nos desviamos delle nas obras. Dizei-me , meus ouvintes , tendes para vós que sem quebrar as forças ao appetite , sem renunciar a propria vontade , sem fazer o que hoje Christo fez , que podeis emprender o importante negocio da vossa salvação ? Eu não vos supponho tão faltos de Fé , e de juizo , que deis tamanho erro. O caminho do Ceo sim o fez muito mais suave do que era a graça do Redemptor ; mas he hum caminho muito pouco accomodado ao genio das nossas paixões.

A Ef-

A Escritura toda está clamando, que he necessario combater, trabalhar, e vencer para entrar na Gloria. Não ha dúvida que o nosso espirito en- contra grandes consolações na virtu- de; porém a carne o maior martyrio. E sendo isto assim, como nos pode- mos persuadir de que renunciemos a vontade propria, se unicamente cui- damos em lisongear o nosso gosto, e o nosso appetite? Tudo nos oppri- me, tudo nos aborrece, tudo nos des- accommoda em se fallando em cou- sas pertencentes á salvação! Lembrar a morte diante de pessoas de distin- ção, he crime, e incivilidade, que se costuma castigar ou com hum per- petuo desagrado, ou com injurioso escarneo. O Sermão se he dilatado, faz sono; e se nelle se falla verda- de, he satyrico. A Missa busca-se de proposito quem a celebre voando, e ouve-se sómente por costume. O je- jum tem contra si innumeraveis acha- ques. A lição espiritual he incompativel com os negocios. A mortifica- ção, e penitencia muitas vezes he a-

valiada por hypocrisia , e julção alguns que só póde com ella gente robusta. Em fim só para o que he delectavel não ha embaraço. Lá se vão horas esquecidas no divertimento: nem o Sol queima , nem defaccommoda a chuva. Tudo he bom de soffrer-se , ainda que seja o trabalho mais penoso. Notavel cegueira ! Porém já de antiga , e ordinaria não admira.

Que direi da liberdade , com que se pecca ? Envergonha-se o homem de apparecer aos olhos do mundo ou menos bem tratado , ou em gráo menos distinto do que he devido á sua pessoa : não podemos olhar em paz para outro homem , a quem injustamente offendemos: temos grande desprazer se encontramos em nós qualquer defeito natural , que possa causar desagrado nos outros : o menor mal , que encontramos , nos affusta : tudo quanto he obrar sem honra julgamos indigno de hum animo nobre : fugimos de quem nos importuna com a maior cautella ; porém pelo que respeita ao peccado seguimos

outros dictames. Não só nos não envergonha a culpa , mas até parece que fazemos gloria de peccar : não só não fugimos á occasião do nosso peccado , mas antes a estimamos , honramos , e premiamos , fazendo particular gosto de viver só com ella : em fim , e he cousa bem notavel , na mesma offensa de Deos he que ordinariamente procuramos alivio em as nossas tristezas , e esta mesma elegemos para consolação , e companheira inseparavel da vida. Agora se quem assim obra tem horror , e aborrecimento ao peccado , eu me contento que o julgue qualquer daquelles mesmos , com quem fallo.

Só em huma cousa me poderão dizer que os peccadores imitam de algum modo a Christo , e vem a ser no temor da Justiça Divina. Não ha dúvida , meus ouvintes , que he este temor inseparavel da culpa. Santo Agostinho diz , que foi providencia de Deos decretallo assim , para que nenhuma culpa , ainda neste mundo , ficasse sem castigo. Epicuro com ser

Gentio , e sem tanta luz , affirma , que a muitos poderá livrar a fortuna da pena , mas a nenhum do medo. A nossa mesma experiencia , por maior que seja a nossa obstinação , o confirma ; e talvez que algumas queixas , que se attribuem á perturbada harmonia dos humores , tenham esta raiz lá dentro na alma. Tudo isto assim he , e isto só bastava , para que principiássemos a abrir os olhos , e a conhecer a nossa cegueira ; porém parando aqui , nem este temor he semelhante ao de Christo , nem por si só serve para a nossa justificação. O temor sim he util , mas he necessario que se ordene , e encaminhe para o mais , a que somos obrigados : ha de ser acompanhado de huma firme esperança na Divina misericordia , de huma detestação da culpa , de hum dor sincera da mesma culpa , e de hum verdadeiro proposito da emenda. Temer a Justiça Divina , e continuar na offensa , he converter o temor em atrevimento : he mostrar no effeito que o nosso temor não passava de hum

leve susto : he finalmente hum temor , que faz mais aggravante o peccado.

Porém toda esta falta de imitação teria remedio , se com effeito tanto della , como de todos os mais peccados tivessesmos huma verdadeira dor. Este he o meio unico , que temos para desmanchar o mal , que havemos feito. Sem dor verdadeira nem podemos ser perdoados , nem devemos esperar salvar-nos , porque sem ella de nada nos aproveitão os merecimentos de Christo , e he falsa a nossa penitencia. Mas ó affecto nobilissimo , que poucas vezes entras no coração dos peccadores ! Poderá ser , meus ouvintes , verdadeiro hum fogo , que tão frios nos deixa ? Poderá ser verdadeiro hum golpe , que de nenhum modo nos separa ? Poderá ser verdadeiro hum pezar , que apenas se percebe ? Não póde ser : aquillo , que deste modo obra , não tem realidade. Pois assim he a nossa dor : estamos carregados de culpas as mais enormes : cada huma dellas bastava para nos dar que sentir em toda a nos-

nossa vida : pouco basta para nos causar aborrecimento de qualquer objecto : e sem embargo de tudo isto , dizemos que nos doemos , e ficamos ou peiores , ou no mesmo estado ? Ainda não fugimos da occasião do peccado ? He mentira : a nossa dor não he verdadeira : a nossa penitencia não he sincera. A dor dos peccados , que verdadeiramente nasce do coração , não he dor , que passe tão de pressa : he dor , que ao menos por algum tempo continúa. Quem de véras se doeo huma vez , logo conhece o proveito ; e se não mudou de proposito , continuou a doer-se até á morte. Olhai o que fez em David huma dor verdadeira : vede o que faz em vós , e conhecereis que vos fallo verdade , e que a nossa vida he não só muito differente , mas totalmente opposta á Paixão de Christo.

Tanto como isto nos desviamos do caminho , que o nosso Redemptor nos ensinou em sua Paixão Sacrosanta pelo que pertence á emenda , e reformação do homem interior ; e não

menos he a nossa vida diversa da paixão de seu corpo , a que deve conformar-se o homem exterior para imitar completamente ao Divino Mestre. Confesso porém , meus ouvintes , que muito me custa entrar nesta empreza , e propôr á vossa consideração tanto fangue , tormentos tão crueis , e tão deshumana morte. O coração em fim cansa , e já não pôde com tantos sustos ; mas como eu hoje tomei por empreza fallar unicamente com os peccadores , em quem não causa horror a culpa , pouca impressão podem fazer seus tristes effeitos. Ouvi pois , ó peccadores ; e quando vos não horrorize semelhante espectáculo , se olhar des para vós , não poderá deixar de confundir-vos. São os cinco sentidos , onde se costumão receber todas as impressões , que vem da parte de fóra , e onde se costuma dizer que o homem corporalmente padece. De sorte , que quanto maior he a percepção da alma , e mais perfeita a disposição do corpo , tanto he mais sensível a paixão , ou dor ,  
que



que se experimenta. E sendo Christo a mais perfeita creatura, em quanto á humanidade, que Deos creou, não houve sentido algum em seu corpo, em que não padecesse os maiores, e mais exquisitos tormentos. Não só padeceo cruelísimos açoutes, penetrantes espinhos, golpes, e percussões as mais violentas, padeceo também dores sobre dores, e martyrios, que são incompreensíveis. Desde as plantas de seus Divinos pés até o alto de sua sacrosanta cabeça não ficou parte sã em seu corpo: todos os seus membros forão quasi reduzidos a nada: perdeu totalmente a semelhança de homem: parecia hum sujeito, sobre quem havia descarregado toda a ira de Deos: admirava-se destruída toda a perfeição, e belleza corporal, com que o mesmo Deos o havia formado. Além de tudo isto taparão-lhe os olhos, derão-lhe a beber fel amargosíssimo: ouviu as mais horrendas blasfemias, que já mais se proferirão: até soffreo o pestilencial halito, e asqueroso fertum dos sordidos minif-

nistros , que o atormentavão. Assim o escrevem os Euangelistas , assim o havião vaticinado os Profetas , e ainda o mesmo natural discurso o convence , pois na pessoa de Christo defogárão os Judeos todo o seu odio , e toda a sua crueldade.

E que vos parece , meus ouvintes ? Lestes , ou ouvistes já dizer que homem algum no seu corpo padecesse tanto ? Darieis credito a semelhante relação , senão fora tão autentica ? Pois ainda Christo padeceo mais do que tenho dito , porque padeceo na sua fama outro tanto. De tudo quanto póde alcançar o homem neste mundo nada he mais estimavel que a honra. Para quem sabe pezar bem as cousas , o mesmo he perder a honra , que perder tudo. Se ha bem temporal , que mereça estimação , he só este. He materia tão melindrosa , que pouco basta para offendella. Quanto maior he a dignidade da pessoa , tanto mais lhe he sensível qualquer toque. E sendo Christo a pessoa de maior authoridade , que já mais hou-

ve

ve no mundo , parece que apóstárão os homens a enchello das maiores blasfemias. Comprárão-no por trinta dinheiros , como se fora hum vil escravo : persuadirão ao povo , e Magistrado que era amotinador , que se fingia Profeta , que fazia obras extraordinarias em virtude do demonio , que era blasfemo , encantador , hypocrita , reo de lesa Magestade , e de todos quantos crimes pode inventar a sua malicia. Levárão-o de rastos pelas ruas públicas de Jerusaleem : fizerão escarneo da sua pessoa por modos nunca pensados : não descançárão em fim até que o não puzerão no mais vil , e affrontoso patibulo ; e tudo soffreo o Redemptor sem se queixar com huma humildade , com huma paciencia infinitamente maiores , que todas estas injurias. Até nos bens da fortuna , que he cousa bem estranha , até nisto quiz padecer o Senhor para nos dar exemplo , e tiverão os barbaros em que fazer emprego. Já todos sabem o quanto foi sempre Christo amante da

po-

pobreza. Era Rei supremo, e Senhor de tudo; porém nunca usou senão do que lhe era preciso para conservação da vida, e reparo da honestidade. Humas simples tunica erão todos os bens deste homem, que accusavão de ambicioso, e até desta o despírão. Fortemente obra semelhante paixão nos iniquos! Nem a mesma pobreza vive izenta da sua cobiça. Não sentia Christo ficar ainda mais pobre do que estava; porém ver-se nú á vista de tanto povo foi tormento, que lhe traspassou a alma toda. Aqui se encheo de confusão a sua modestia: aqui lhe correo ás faces o pouco sangue, que ainda se conservava no seu corpo; e deste modo ficou não só despido de tudo, mas tambem feito o ludibrio das gentes, como muito antes estava profetizado.

Pfal. 30.

12.

Nada faltava para Christo padecer, senão a morte; e sendo este golpe só por si, naturalmente fallando, o mais terrivel, que póde experimentar o homem, na morte de  
Chri-

Christo se apurou mais que nunca a tyrannia dos homens , e lhe accrescentou todas quantas circumstancias póde haver horrorosas. Só hum coração mais duro , e mais insensível que o mesmo marmore poderá sem lagrimas contemplar neste passo. Não ha cousa , que mais custe , que morrer com deshonra ; e sendo naquelles tempos a morte de cruz a mais affrontosa , em huma Cruz he que puzerão a Christo para lhe tirarem a vida. O alivio unico de quem morre he a compaixão dos que ficão ; Christo porém morre amaldiçoado do povo , clamando , e pedindo todos a sua morte. He a morte vagarosa a mais violenta ; e depois de estenderem , e cravarem a Christo na Cruz , o deixão assim ficar crucificado , para que vá morrendo pouco a pouco , e deste modo dilatarem quanto poder ser a sua morte. Nunca necessitamos mais de quem nos conforte , que naquella ultima hora ; porém Christo acaba a vida no maior desamparo. Nem sua Santissima Mãi pode valer-lhe , nem seus

seus queridos Discipulos acudir-lhe. Até seu mesmo Eterno Pai parece que o deixa. E neste fatal desamparo, sem honra, sem compaixão, sem alivio, sem piedade, como malfeitor, entre dous ladrões, no alto de hum monte, na presença de povo innumeravel, entre clamores, maldições, e blasfemias do mesmo povo, espira. Aqui se devia dar por satisfeita a malicia, e crueldade dos homens; porém quiz o odio mostrar ao mundo todo que costumava passar além da mesma morte. Ainda depois de Christo estar morto, a instancias dos Judeos vierão os soldados para quebrarem os ossos a Christo, como era costume fazer aos crucificados; porém achando-o já morto, e tendo horror ainda com serem barbaros de pôrem as mãos em hum cadaver em cumprimento das profecias, só hum delles se atreveo a correr-lhe ao peito huma lança, de cuja ferida sahirão aquelle sangue, e aquella agua, em que os Santos Padres descobrirão tantos mysterios, como misericordias.

Aca-

Acabada deste modo a Paixão de Christo, alcançada licença do Magistrado, vierão José, e Nicodemus, despregarão da Cruz com summa piedade o corpo do Redemptor, ungião-o com os aromas mais preciosos, que pode descubrir a sua diligencia, e assim envolto em hum lançol novo, e limpissimo, occultamente, sem pompa, sem acompanhamento, sem outro algum apparatus, o depositarão em tosca, mas assejada sepultura.

Esta foi, meus ouvintes, a Paixão de Christo pelo que respeita ás acções externas, nas quaes estamos obrigados tambem a imitallo para nos conformarmos com elle não só no interior, mas tambem no exterior; não só em quanto tratamos unicamente com Deos, mas tambem em quanto tratamos com os homens. E qual de nós póde olhar para si, e lembrar-se do que tenho dito, sem que trema, e se confunda de tão notavel diversidade? Não ha sentido algum no nosso corpo, que não tenha servido de instrumento para of-

fen-

fender a Deos huma , e muitas vezes : e qual he a mortificação dos nossos sentidos ? Digão-o os artificios , que tem inventado a gula para lifongear o gosto , e de que usamos com tanto excesso , que parece vivemos para comer , e beber sómente. Digão-o os aromas exquisitos , de que usamos , tão indignos de hum Christão , como de hum homem. O immenso ouro , que se desperdiça em agradaveis musicas , e vistosos espectáculos. A desinquietação , com que se procurão remedios ainda para aquellas enfermidades de nenhuma ponderação , e que são quasi inseparaveis da mesma vida. Essas olandas em fim , esses arminhos , todos esses trofeos da vaidade , que a corrupção dos costumes chegou a fazer caracter da grandeza , esses são os nossos espinhos , as nossas disciplinas , e os mais instrumentos , com que mortificamos o corpo. Fatal loucura ! Tratar com semelhante indulgencia a quem tanto concorre para a nossa ruina ! Desprezar totalmente a peni-

-15-

ten-



tencia quem tanto necessita della! Se este tratamento exterior, de que usamos, não serve de capa para occultar aos olhos do mundo a virtude, eu não sei, meus ouvintes, que Fé, ou que esperança he a nossa! Não he verosimil que tantos peccados fiquem sem algum castigo ou temporal a beneficio da penitencia, ou eterno em fatisfação da justiça.

Além do seu exemplo, antevendo o Redemptor o pouco, que havíamos de aproveitar-nos delle, nos deo Lei particular para perdoar injurias, soffrer affrontas, e fazer bem a quem nos fizesse mal; e com obstinada cegueira exemplo, e Lei tudo desprezamos. He cousa pasmosa que sendo o homem em comparação de Deos hum vil bichinho da terra, cheio de tantos peccados, e miserias, que se o mesmo Deos corresse a cortina, que huns aos outros nos encobre, nenhum de nós saberia onde esconder-se, para que o não vissem: he cousa pasmosa ver o quanto o homem se perturba com o mais leve aggravo!

E

E ainda he mais admiravel reflectir no grande conceito , e apreço , que á força quer que todos formem del-  
le ! O homem , que logo que Deos o creou lhe foi desobediente , e ingra-  
to : o homem , em cujo coração tem morada tantos vicios : o homem , que para ter que comer lhe foi preciso puchar pelo cabo de huma enxada : o homem , que nem conhece o que tem diante de seus olhos , que se ignora a si proprio , que por ultimo ha de vir a ser podridão , pasto de bichos , cinza , pó , e terra , esta he a consideravel creatura , que de huma palavra se offende , que a ninguem perdoa , que de tudo toma vingança , e se julga digno de que todos o honrem , e estimem ! Só a mesma innocencia perdoa hoje a todos ! Só o Filho unigenito do Eterno Pai de nenhuma cousa mostra que se offende ! Só o Deos omnipotente de ninguem toma vingança ! Só a Magestade suprema , a sabedoria infinita busca na sua Paixão os desprezos , as infamias , as deshonoras , e tudo por nosso amor de

de boa vontade soffre ! Forte defiguraldade ! E ainda que vejais ao Redemptor tão pobre dos bens do mundo, não julgueis que neste particular he menos attendivel a differença. E se não, ouvi-me, e respondei-me.

Se por acaso vos achasseis naquella praia de Syria, onde depois de lhe tirarem insolentemente o sceptro, e o mandarem para perpetuo desterro, escapando do naufragio, veio parar ElRei Seleuco abraçado com huma taboa, palido, macilento, myrrado de fome, sem outro reparo contra o rigor do tempo mais que os limos, de que vinha cuberto: se vos acontecesse presenciarem este triste espectáculo, e visseis mais, que ainda desta mesma vestidura, com que o havião respeitado as aguas, correndo a encontrallo os traidores, despião tão respeitavel personage para mais o ultrajarem; e voltando depois para dentro da Cidade por não ver tão sacrilego insulto, se chegassem a vós diversas pessoas, hum chorando por haver perdido huma ve-

lha , e remendada capa , outro lamentando-se , porque lhe faltava huma ferrugenta agulha , e finalmente muitas derramando lagrimas por cousas semelhantes , e procurando com o maior disvelo , e enthesourando bens semelhantes a estes , a quem julgarieis que era mais necessaria a paciencia para chorar a sua pouca ventura ? Seria áquelle Principe , ou áquelles insensatos homens ? Não digais palavra : já sei qual he a vossa resposta. Pois o mesmo aconteceo hoje a Christo , e nos acontece de ordinario a nós mesmos. A tunica , da qual despojarão a Christo , era na materia pouco estimavel : seria hum faco , huma mortalha ainda mais rude , aspera , e desprezivel do que esta , de que ando vestido ; mas nem isto deixão ao Rei dos Reis , ao Senhor de tudo. Os bens , por que choramos , e andamos sempre em huma roda viva , em a nossa fantasia são de grande preço , mas na realidade , e nós bem o sabemos , a respeito da nossa salvação valem menos que huns re-

men-

mendos , são huma pouca de ferru-  
ge , importão de nada. E sem em-  
bargo de tudo isto consente Christo,  
e leva com paciencia que o dispão  
do que he seu : não consentimos , nem  
soffremos que nos tirem , ou neguem  
ainda o que não he nosso ! Muito  
havia que dizer sobre este ponto , po-  
rém vamos concluindo ; e já que a  
morte he o mal , que se costuma jul-  
gar por maior de todos , vamos tam-  
bem ver como nos conformamos com  
Christo neste ultimo lance.

He a morte justissimo castigo do  
nosso peccado. Logo que chegamos  
a ter uso de razão , sabemos de cer-  
to que havemos de morrer. Os Im-  
peradores , os Reis , os Principes , os  
homens sabios , os valerosos , e quan-  
tos nos precedêrão ; todos já acabá-  
rão. Além de ser esta Lei universal ,  
se a nossa desgraça não for grande ,  
podemos ter esperança de acabar os  
nossos dias ao menos acompanhados  
de quem com entranhas de caridade  
nos ajude a morrer , que em seme-  
lhante hora he o que sómente im-

porta. Não temos finalmente que oferecer a Deos no fim da vida, senão huma humilde conformidade com seus altos juizos, e huma perfeita sujeição aos seus decretos; e com tudo não podemos acabar comnosco que havemos de morrer, e olhar sem alguma impaciencia para este futuro. Confesso, meus ouvintes, que sem embargo de todos os descontos da vida, sempre he feia, sempre he horrorosa a morte. Se isto assim não fora, pequeno sacrificio seria dar a vida por Christo, e na realidade não ha maior excesso de amor. Porém depois de Christo morrer para nos salvar de huma morte tão cruel, e affrontosa, em tal desamparo, e sem algum soccorro, nenhum genero de morte, temporalmente fallando, podemos temer, que em comparação da morte de Christo seja mal grande, e que se não possa levar com paciencia á vista de tão heroico exemplo.

Só me falta conferir as nossas chamadas ultimas honras com o enterro, e sepultura de Christo. Se cada

da hum de nós cuidasse unicamente em quanto vive no que pertence ao espirito , ou ao menos mais do que em outra qualquer cousa , e deixasse á piedade dos que ficão vivos as exequias dos mortos , nada teria que dizer sobre este particular , que pudeffe fazer impressão grande no meu auditorio : qualquer excesso se poderia attribuir ou ao agradecimento , que se costuma algumas vezes tributar ás boas qualidades dos defuntos , ou tambem á lisonja , que até da mesma morte se costuma servir para seus intentos ; porém como antes de acabar a vida hum dos nossos cuidados he trabalhar , para que ainda depois de mortos nos estimem , não posso dispensar-me de deitar em rosto aos homens com liberdade Evangelica semelhante desconcerto. Por ventura tendes para vós , meus ouvintes , que he licito a hum Catholico , que morre abraçado com hum Crucifixo , confessando que tem huma alma eterna , e que deixa hum mundo , em que tudo he engano , ir a enterrar com a  
mes-

mesma pompa, com que se costumá-  
vãõ sepultar aquelles, que morrião  
sem Deos, e sem verdadeiro conhe-  
cimento da eternidade? Não he mais  
acertado que até o cadaver de hum  
Catholico respire mais Religião, que  
magestade? Não será melhor que  
quando vos levarem para a sepultu-  
ra, assim como ides desenganando  
aos que ficão do que he a vida, os  
desenganeis tambem do que o fasto?  
Para que falsificais com tanta arte  
hum desengano, que póde ser o mais  
proveitoso? Esse mausoleo, que ten-  
des delineado, não era mais util con-  
vertello em obras de piedade, que a  
favor vosso ficassem pedindo a Deos  
misericordia, do que ficar fabricado  
de pedras mudas, e que só podem  
servir para perpetuo padrão da vossa  
 vaidade? Por ventura o nosso corpo  
merece mais nobre deposito do que  
teve o corpo de hum homem Deos?  
Pois que loucura he esta? Estar gas-  
tando o precioso tempo da vida, que  
se podia empregar em obras merito-  
rias: estar gastando-o em cuidar no

ap-



apparato , com que se hão de ornar as nossas cinzas ! Mas perdoai-me , se com algum de vós tenho fallado. Nenhuma razão tendes para o fazer assim ; porém eu tambem não a tenho para admirar-me. He muito natural que quem se parece tão pouco com Christo na vida , e na morte , tambem depois de morto o não imite.

Eis-aqui , meus ouvintes , o que fez Christo em sua Paixão Sacrosanta , e tambem o que pelo contrario fazemos , e temos feito em quasi toda a nossa vida. E quem poderá negar que he justo o motivo , por que hoje mais que tudo me entristecem as palavras do meu thema ? He possível que Deos unicamente por amor , para me remir , para me ensinar obrasse finezas tão extraordinarias , e que eu nem por obrigação , nem por conveniencia , nem por agradecimento queira seguir as suas pizadas ! He possível que a minha miseria movesse a tanta compaixão ao mesmo Deos , que chegou a morrer de huma morte  
tão

tão cruel, e affrontosa, e que nenhuma cousa seja bastante para me obrigar a viver como devo, e como me importa! He possível que hum exemplo tão heroico não ha de produzir em mim o menor effeito! Deos orando, e eu dormindo! Deos suando sangue, e eu correndo atrás dos prazeres! Deos triste, e eu muito alegre! Deos prezo, e eu tão solto! Deos soffrendo os mais crueis tormentos, e eu querendo passar a vida sem o mais leve descommodo! Deos sentenciado, e julgado como se fora o maior malfeitor do mundo, e eu querendo que todos me tenham por innocente! Deos escarnecido até pelos mais vis da plebe, e eu com pensamentos de que me prezem, e estimem as pessoas mais altas, e mais sublimes! Deos arrastado pelas ruas públicas de Jerusalem, e eu buscando todos os meios de me exaltar, e de subir aos mais levantados póstos! Deos justificado, e morto no mais affrontoso patibulo, e eu sem me querer conformar com huma morte honrosa!

Deos permittindo que sepultem seu corpo sem pompa, e em tosco deposito, e eu delineando para depois da minha morte honras públicas, e sonhando com os sepulchros mais soberbos da antiguidade! O certo he, meus ouvintes, que estas considerações são bem horrorosas para quem as pezar como ellas merecem.

Eu não sei que havemos de responder a este mesmo Deos, que hoje feito homem morre por nosso amor, quando nos vier julgar como Juiz, e nos deitar em rostro a sua mesma Paixão Sacrosanta? Que desculpa havemos de dar a quem nos deo huma Lei tão justa, e a observou primeiro em si proprio, e tanto á risca? Que conta havemos de dar de tantos auxilios, e particularmente deste do dia de hoje? Que vergonha será apparecer diante do nosso Redemptor carregados de culpas depois de nos ter merecido á custa de seu proprio sangue tanta graça? Que frio horror nos accometterá o coração, e que desesperação será a nos-

nossa, se chegarmos a ouvir a tremenda sentença da nossa condemnação eterna depois de ter dado o mesmo Deus feito homem a vida em huma Cruz para nos salvar? Oh dia para os peccadores verdadeiramente triste! Então he que a Paixão de Christo ha de parecer horrorosa a quem agora se não quer aproveitar della! Então he que ha de pezar a muitos de não a terem imitado! Então he que se ha de chorar, e sem remedio, ter passado tão ligeiramente por este dia, e pela celebração deste Mysterio! Oh quem tivera aprendido de Christo a orar, e em fantasm meditações houvera empregado tantas horas, quantas levárão cuidados vãos, e máos pensamentos! Oh quem tivera aprendido de Christo a quebrar as forças ao appetite com o santo jejum, e houvera applicado para esmolas o superfluo, que se offereceo em sacrificio á gula! Oh quem tivera aprendido de Christo a ser humilde, e a soffrer com paciencia as faltas do seu proximo! Oh quem tivera aprendido de

de Christo a mortificar o corpo , a viver , e morrer penitente ! dirão todos aquelles , que se considerarem condemnados á morte , e tormentos eternos , que merecem huma vida relaxada , e huma morte impia. Finalmente esta mesma Paixão , que podia naquelle apertado lance fallar pelos peccadores , e servir-lhes de meio efficacissimo para alcançarem perdão , e misericordia , servirá de maior condemnação aos obstinados , e aggravará infinitamente a sua culpa.

E sendo tudo isto assim como eu o represento , e ainda muito mais do que podemos comprehender , que outra cousa devemos fazer neste dia , senão considerar na Paixão de Christo , e no modo , com que vivemos , para que depois não tenhamos que sentir tamanhos pezares ? Que affectos devem ser hoje os nossos , senão huns affectos de penitencia os mais fortes ? Chorem muito embora a Morte , e Paixão de Christo com lagrimas doces , e devotas as almas , que são justas , que eu , e os mais , que so-

fomos peccadores, só a devemos chorar com lagrimas de contrição, e de amargura. E se nenhuma das cousas, que tenho ponderado, vos deo ainda a ultima pancada efficaz. no coração, ponde os olhos nesta Imagem, olhai com attenção para ella, e para vós, e defenganai-vos de todo. Eis-aqui tendes, meus ouvintes, a copia, que de sua Paixão Sacrosanta nos deixou o nosso Deos, o nosso Redemptor, e o nosso Mestre para nos conformarmos com ella. Este he o espelho, ao qual devemos compôr todas as nossas acções, e emendar todos os defeitos da nossa vida. Este he finalmente o verdadeiro modelo de hum predestinado. Que outra cousa nos estão indicando os sinaes destes espinhos, senão a penetrante lembrança das nossas culpas, que devemos trazer sempre diante dos olhos para as chorarmos, e nos arrependermos dellas? Que outra cousa nos inculcão estes Divinos olhos fechados, e amortecidos, senão a modestia, com que devemos edificar ao pro-

ximo , e guardar a nossa alma da morte , que tantas vezes nos accomette por este melindroso sentido ? Que outra cousa quer dizer a nudez desta figura , senão o silencio , no qual devemos escutar a voz , com que Deos falla ao espirito , e com o qual devemos tambem refrear as nossas linguas ? Esta corda ao pescoço do Redemptor nos ensina a humildade mais profunda. Estas mãos prezas nos estão prégando a obediencia mais perfeita. Este peito aberto nos recomenda huma sinceridade de coração a mais pura. Estes estragos dos açoutes nos lembrão a necessidade que temos de fazer penitencia. Esta nudez dá claramente a conhecer o pouco , que devemos estimar os bens do mundo. Este sangue nos convence do quanto he estimavel a nossa alma. Esta morte em fim nos desengana de que todos havemos de morrer para cuidarmos nella.

Mas , ó meu Deos , e que pouco me pareço com este primoroso retrato ! Quanto desdiz a minha vida desta

ta nobre pintura ! Sim me tem atormentado crueis pensamentos ; mas forão pensamentos de soberba , pensamentos de ambição , pensamentos de vaidade. De vos ter offendido , meu Deus , apenas huma leve lembrança. Sim tenho vivido não só com os olhos fechados , mas totalmente cego ; porém foi porque não queria acertar com o caminho da cruz , que he o da salvação. Para correr em seguimento dos vicios sempre tive abertos os olhos. Sim callei , e por muitas vezes emudeci de todo ; mas foi para não dizer a verdade. Para lifongear aos poderosos , e dizer mal do meu proximo sempre fui eloquente. Para com os Grandes , a quem pertendia agradar , sempre fui humilde : aos pequenos , de quem nada esperava , sempre desprezei com soberba. Para obrar conforme a vossa Santa Lei sempre tive as mãos prezas : para as más obras , que me pedião meus depravados appetites , sempre as tive soltas. Por muitas vezes abri o peito , e entreguei o coração  
às



às creaturas : sempre porém o tive fechado aos vossos auxilios , e nunca patente ao vosso amor. Quebrei não poucas vezes as forças ás minhas paixões , e mortifiquei com excesso o meu corpo ; mas foi para que de humas mesmas paixões se pudessem melhor servir as outras , e de todas triunfassem meus desordenados appetites. Não tive dúvida em desprezar os bens do mundo ; mas foi para os sacrificar aos meus mesmos appetites. Estimei em muito a minha alma ; mas sempre para me servir della , e empregalla no que mais me deleitava. Tenho vivido com o maior cuidado na morte ; mas sómente para a evitar , e viver mais tempo engolfado nos gostos do mundo.

E poderemos dizer os que assim vivemos , que imitamos este exemplo ? Haverá quem nos dê credito , se dissermos que aprendemos a viver nesta escola ? Teremos valor para afirmar que somos discipulos deste Mestre ? Fatal cegueira ! Rematada loucura ! Ha de trabalhar tanto qual-  
quer

quer discipulo de outro homem por imitar seu Mestre ; ha de ter pela maior gloria parecer-se com elle , e isto em cousas , que de pouco importância , e que finalmente acabão , e nós , que tivemos a fortuna de ter por Mestre ao mesmo Deos , havemos de desprezar a sua doutrina , e desviarnos tanto do seu ensino , dependendo desta imitação necessariamente a nossa unica , e eterna felicidade ! Não tenho nem arte , nem palavras para explicar o que dentro em mim sinto a este respeito. Ora , meus ouvintes , seja este o dia da minha conversão , e tambem da vossa. A occasião he a melhor. Todas as circumstancias concorrem a nosso favor , porque a hora toda he de misericordias : o tribunal quanto mais cheio está de sangue , tanto he nelle maior a piedade : o Juiz olha para nós com affecto ainda de Pai : ao pé da Cruz temos Mãi , e advogada poderosissima : os auxilios chovem sobre as nossas almas a diluvios : a mesma natureza nos está excitando a penitência : o demonio nunca

ca se vio mais prezo : o mundo está de todo vencido : o appetite perdeu já totalmente o imperio : só falta resolver-nos , e vencer-nos a nós mesmos para cantar com a Igreja o triumpho. Animo pois , ó filhos do Crucifixo , não se diga que enfraquecemos com tantas ventagens. Seja este mesmo Sudario o Real estandarte , com que tomeis hoje posse , e conquisteis vossos proprios corações : seja este mesmo sangue o nobre instrumento de tão glorioso triumpho. Quebrai , quebrai esses grilhões , que vos prendem a razão ao appetite. Rompei , rompei esses laços , que vos atão para não podes em pratica huma acção de tanta honra. Não tendes que temer : nada será capaz de embaraçar os vossos progressos. Chegai todos aos pés de Jesus Christo contritos , e arrependidos , e sahireis certamente perdoados. Seja hum pezar verdadeiro de ter offendido a Deos acompanhado de hum firme proposito de o não offender mais o primeiro final da vossa penitencia , e

a primeira linha , que lanceis na vossa alma para copiar em vós este Divino retrato.

Dizei pois de todo o coração: Misericordiosissimo Pai, piedosissimo Redemptor , e amabilissimo Mestre, se até agora tão pouco cuidámos em nos aproveitar da importante lição, que nos déstes em vossa Paixão Sacrosanta: se até agora vivemos tanto pelo contrario do que nos ensinastes com tão heroico exemplo , já todos conhecemos , e confessamos prostrados a vossos pés o nosso erro : já todos nos arrependemos , e protestamos com a vossa Divina graça a emenda. Suspendei , Senhor , a vossa justiça. Não olheis para o que temos sido, olhai sómente para o que promettemos ser daqui por diante, e perdoai-nos pela vossa infinita misericordia. Ainda que affeados pela culpa, sempre somos vossos. Lembrai-vos de que nos creastes, e de que padecestes por nosso amor. Deste mesmo sangue, que temos desprezado: desta mesma Paixão , de que fizemos tão pouco apre-

apreço: desta mesma morte, que por tantas vezes repetimos: deste mesmo exemplo, que nunca imitámos, he que hoje nos valem. Por vós mesmo, e unicamente em vós esperamos o perdão das nossas culpas: a graça para nos doermos dellas, como he necessario: as virtudes, que são precisas para de algum modo vos imitarmos: a protecção para nunca mais perdermos tão estimavel semelhança: o vosso amparo, o vosso amor, a vossa misericordia.





S E R M ã O  
 D A  
 C O N C E I Ç Ã O  
 5  
 D A V I R G E M M A R I A  
 Senhora nossa,

Prégado em Alcantara na festa,  
 que todos os annos lhe faz  
 o Regimento.

*De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. Matth. 1.*



AS poucas palavras,  
 que servem de clausu-  
 la ao presente Euan-  
 gelho, se contém hum  
 forte argumento, e que  
 prova com bastante evi-  
 dencia a pureza da Conceição da Vir-  
 gem

gem Santissima Senhora nossa. Nasceu Christo de Maria ; e a obrar Deos como quem he , e como he seu costume , havia de preservar sua Mãe do peccado. He doutrina de S. Thomaz , fundada em boa razão , que quando Deos elege alguma creatura para fim extraordinario , lhe communica todas as graças , que são necessarias para se pôr em execução o mesmo fim. He Mysterio de Fé que Jesus Christo foi decretado para remir o genero humano com o sacrificio de huma vida , e morte acompanhadas de circumstancias as mais espartofas. He tambem certo que não foi acaso nascer Christo de Maria ; para tão alta dignidade foi antes dos seculos escolhida entre muitas : e de tudo isto se infere que foi pura a Conceição da Senhora. Hum dos estragos , que faz em nós o peccado original , he enfraquecer os nossos corações, deixallos quebrantados, moídos , cheios de temor , para poucos trabalhos , e tão frouxos , que em qualquer empreza mais que ordinaria

ria se enchem de receio, e vergonhosamente desmaião. E huma creatura escolhida por Deos para Mãi do Redemptor, e Mãi, que sempre o havia de acompanhar até o fim da vida, necessitava de hum coração não fó forte, mas tal, que nunca tivesse nelle entrado o temor.

Dizei-me, meus ouvintes, e sentenciái sem paixão os meus pensamentos: Poderia huma mulher de coração por algum modo fraco soffrer o que soffreo a Mãi de Deos? Poderia obrar as acções heroicas, com que a Senhora illustrou o grande Mysterio da nossa Redempção? Que valor, que animo, e coração não erão necessarios a Maria para se mostrar, como quem era, firme, constante, imperturbavel em tantas occasiões de risco, como teve na sua vida? Concede por obra do Espirito Santo, vê-se elevada á mais alta dignidade, e seu Esposo atormentado de huma suspeita, que a fere vivamente na honra. Conhece que he chegada a hora de dar á luz hum Filho de tanta

ta



ta magestade , e acha-se em hum lugar o mais improprio , o mais desprovido do necessario , e tão indigno , que sómente serve para nelle se recolherem alguns brutos. Ainda nascido de pouco traz seu querido Filho nos braços , e já se vê obrigada , para o livrar da tyrannia de Herodes , a fugir com elle para regiões remotas , e desconhecidas , peregrinando por terras estranhas , experimentando diversos climas , com muito pouco sustento , o trabalho cada vez maior , e a morte sempre á vista. Acaba-se em fim o desterro , torna para a patria , e quando imagina gozar por alguns annos em paz de tão doce companhia , antes de muito tempo o vê apartado de si , vivendo em hum deserto , enfraquecido com jejuns , esvaído em suores de fangue , vendido por hum discipulo , desamparado dos mais , prezo por seus inimigos , e por estes mesmos açoutado , coroado de espinhos , despido de seus vestidos , cheio de opprobrios , e finalmente em público patibulo justica-

ca-

gado, e morto sem honra, sem piedade, como se fora o peor de todos os homens, sem lhe poder valer, nem haver quem acuda pela sua innocencia. E tudo isto vê sem perder cousa alguma da sua constancia com a maior paciencia, e, como he conjectura de alguns Padres, sem chorar huma só lagrima.

Porque fogem os Apostolos, e deixão só a seu Divino Mestre, quando os soldados o prendem? Porque o nega Pedro trez vezes em casa do Ministro? Porque não o acompanha mais que hum ao Calvario? Porque se fechão todos no Cenaculo, e se escondem tremendo de medo, e receando o poder dos Judeos? Porque duvidão alguns do Mysterio da Resurreição, e andão tristes, julgando perdidas as suas esperanças? Foi por ventura malicia? Não por certo. Pois que foi? Fragilidade. Erão todos homens concebidos em peccado: erão filhos de Adão, herdeiros de seus temores: ainda nos seus corações a cicatrice da culpa original estava fresca,

ca, e melindrosa: qualquer sobrefal-  
to menos ordinario lhes renovava a  
dor insoffrivel, e a vehemencia des-  
ta lhes confundia as potencias, e da-  
va lugar a que triumphassem as paixões  
algumas vezes da razão, e do espiri-  
to. Se pois na Mãe de Deos em tan-  
tas occasiões de risco, e capazes de  
triumfar de toda a humana fortaleza,  
se conservarão sempre inteiras o va-  
lor, a constancia, a paciencia, a fé,  
e todas as mais virtudes, que tanto  
necessitão de que os sentidos, e pai-  
xões vivão sujeitas ao imperio da ra-  
zão, bem se infere que em seu cora-  
ção santissimo não havia final algum  
de peccado original, que he o prin-  
cipio de toda a nossa fraqueza, tem-  
por, e pusillanimidade. Tanto como  
isto prova o presente Evangelho a  
pureza da Conceição da Senhora, e  
por isso bastava o que tenho dito pa-  
ra confirmar mais a vossa piedade, e  
acrescentar novos motivos á crença  
deste soberano Mysterio; porém co-  
mo hoje tenho a honra de prégar na  
presença de hum auditorio, ao qual,  
mais

mais que a outrem , compete o ser valeroso pela patria , pelo sangue , e pela profissão da vida , tomarei por empreza amplificar o mesmo argumento , mostrando em hum unico ponto o quanto depende o valor da graça ; e isto para dous fins : o primeiro , para que todos conheçais a necessidade , que tendes para os vossos augmentos , e credito de vossas pessoas , deste dom sobrenatural : o segundo , para que eu possa acabar o discurso , concluindo que o ser Maria Santissima concebida sem peccado he consequencia de ser Mãi de Jesus Christo. Principiemos.

He o presente assumpto huma das verdades , que mais expressamente constão da Sagrada Escritura. Em

Pfal. 17.  
48.

Pfal. 45.  
10.

Pf. 17. 2.

Pf. 27. 8.

Pf. 75. 4.

quasi todos os livros santos se acha escrito que Deos he quem dá a victoria a quem he vontade sua : que elle he quem governa todas as guerras dos homéms : que he a fortaleza dos robustos : que não basta espada , ou lança sem o seu auxilio : que não póde defender-se a Cidade , que elle não

não guarda : que até aos fracos dá Pf. 126.1.  
 esforço para vencerem aos podero-  
 sos : e que ainda os mais fortes , se Et mult.  
 elle quer , ficão no campo enfraque- in loc.  
 cidos , desmaiados , sem movimento ,  
 vencidos , e mortos. O Apostolo das Ad Cor.  
 Gentes diz , que pela graça de Deos 15. 10.  
 he tudo quanto he : o Euangelista  
 S. João confessa , que sem ella , e de Joan. 2.  
 si proprio não póde obrar acção al- 2. 5.  
 guma , que seja boa : finalmente até  
 quando na mesma Escritura se nos Cant. 6.  
 propõe Maria Santissima tão pura 9.  
 como o Sol , e tão engraçada como  
 a Lua , então he que o Espírito San-  
 to lhe chama terrivel como hum es-  
 quadrão bem ordenado. Porém sem  
 ficarmos parados sómente em princi-  
 pios de Fé , a querermos tambem  
 usar da razão , não se póde formar  
 idéa de valor , que seja verdadeiro ,  
 sem que se conheça a grande depen-  
 dencia , que tem da graça esta excel-  
 lente qualidade.

Não consiste o valor verdadeiro  
 naquelle impeto forte , e sem conse-  
 lho , que arrebatadamente faz correr  
 o ho-

o homem por entre os perigos , e sem reparar nelles , atrás de huma vaidade , a que os mundanos com bem pouca razão chamarão honra ; nem tão pouco consiste em hum precipitado atrevimento , com que o appetite vencendo a razão excita o homem a empresas de grande perigo sem fim heroico , que possa prudentemente mover a vontade. Não he tambem hum vão desprezo dos males , que todos temem , sem outro motivo mais que o desejo de deixar no mundo nome de destemido. Tudo isto forão delirios da gentildade : como discorrião sem luz verdadeira , em qualquer fervor de sangue , ou fogo de fantasia mais extraordinario fazião consistir huma virtude. Por isso nenhum dos seus heroes foi verdadeiramente valeroso. O mesmo valor de Alexandre , que tanto tem dado que fazer á fama , se reflectirmos bem nelle , acharemos que não merece os applausos , que logra. Assim he que desbaratou exercitos , fazia Reis , tirava outros do  
thro-

throno , toda a terra tremeo , e se callou na sua presença ; porém ao mesmo passo que arrastava tantos trofeos , era victima vergonhosa das suas paixões. A ambição , a soberba , a vaidade alcançavão d'elle completa victoria. Mais vezes ficava vencido de si proprio , que triunfante de seus inimigos. A mesma sede de reinar só no mundo , em que ardia , era huma perpetua , e pezada escravidão ao seu desordenado appetite.

O verdadeiro valor Christão he filho de huma perfeita caridade. A justiça , a prudencia , a magnanimidade lhe fazem inseparavel companhia : a paixão , ou o appetite não tem parte alguma nos seus effeitos. He hum impulso , que sómente procede do espirito : nada emprende , que não seja justo : a nenhuma acção sua se póde chamar temeridade : em tudo procede com o maior acerto : consiste finalmente em huma resolução prudente , que faz com que o homem forte por hum fim nobre , e verdadeiramente heroico se arrisque

nas

nas maiores empresas , sem que algum trabalho , por maior que seja , o inquiete , perturbe , ou faça mudar de sistema. Ou o descanso se lhe represente agradável , ou a conservação da vida amavel , ou a morte se lhe ponha diante dos olhos horrorosa , o coração magnanimo , e valeroso tudo igualmente despreza , e semelhante ao rochedo no meio das ondas , por mais que estas se movão , e se mostrem bravas , e inquietas , firme , constante , e no seu proposito inalteravel só cuida em cumprir com o que deve , e só lhe lembra o honrado fim , a que aspira.

E não vos parece , meus ouvintes , que he necessaria muita graça no original deste retrato ? Este dom sobrenatural he aquelle , que só póde sujeitar as paixões da natureza aos dictames da razão : he a luz , que nos mostra o verdadeiro caminho da heroicidade. Hum homem , que está em graça , não póde já mais ser vencido. Acostumado a triunfar de si proprio , a ninguem cede : só o  
que



que he eterno occupa seus pensamentos : só o que he justo attrahe seus affectos ; e como nada estima , nem deseja de quanto possue o mundo : como só Deos lhe occupa o coração todo , e nada mais lhe cabe nelle , nenhum mal , por maior que seja , lhe póde causar temores. Ainda que se lhe opponha o maior poder , para tudo tem valor , porque pela graça he superior a tudo. Ainda que o mundo todo venha sobre elle , ameaçando ruinas , para tudo olhará sem susto , porque tem Deos da sua parte. E como o ama , tão pouco teme a morte , que antes deseja com o Apostolo desfatar-se das prizões do corpo para melhor , e mais de pressa se unir ao summo Bem , que sómente póde fartar seus desejos. Quem deo valor a Moysés para reprehender a Faraó no seu Reino , e dentro do seu mesmo Palacio ? A David para aceitar ao Filistheo o desafio ? E a Judith para cortar a cabeça a Holofernes ? Nem hum peregrino temeo hum Rei do Egypto : nem hum pastor

tor vestido de pelles hum gigante armado: nem huma mulher hum exercito inteiro. Como a graça fortalecia seus animos , tudo era pouco para affustar seus corações destemidos. He o que respondeo Carlos V, quando em huma batalha lhe advertirão que se retirasse para lugar , onde o não pudessem offender as armas dos inimigos: Não receio, disse o magnanimo Principe , não receio o perigo, porque vivo confiado na protecção Divina. E ainda com expressões mais fortes, e mais eloquentes o disse o grande Chrylostomo, prégando contra as perseguições de Eudoxia: Todo o terror do mundo desprezo: de todos os seus gostos me rio: não appetço riquezas: não tenho horror á pobreza , nem temo a morte , dizia aquelle intrepido Prelado.

E poderá ser assim valeroso hum homem , que vive fóra da graça de Deos ? Que triste imagem se representa aos meus olhos, quando o considero ! Que sobrefaltos , e medos causa em huma alma o peccado !

Que

Que folha de arvore bole , que não faça enfiar , e estremecer o peccador ! Que ar se move com violencia , que lhe não faça palpitar o coração ! Que vulto desconhecido apparece ao longe , que o não affuste , e encha de temores ! Qualquer sombra o affugenta , e acovarda : sem que alguém o persiga foge : até desconfia de si proprio ; e como teme muito a morte , na occasião de menor risco qualquer poder o intimida , a nada se atreve , as forças se lhe quebrantão , aperta-se-lhe o coração , perde o animo , e antes de usar da espada o vence o susto , e triunfa delle o temor. Olhai para Adão como se espanta , porque ouve o som de hum pouco de ar , que por entre as arvores do Paraíso se move. Olhai para Cain como foge medroso , escondendo-se pelos bosques mais incultos , sem haver quem possa seguir seus passos. Reparai em Saul como desmaia vergonhosamente na batalha , e nem a desesperação lhe dá alentos para se deixar morrer como homem

com a espada na mão no conflicto. O mesmo David, que ha pouco viſtes, ſendo ainda hum pobre paſtor, intrepido, e ſem armas, na preſença de hum exercito inimigo, accommetter hum gigante: agora que já he Rei, agora que já ſabe uſar da espada, na ſua meſma Corte, dentro do ſeu proprio Palacio, treme diante de hum ſeu vaſſallo: não pôde olhar para Urias, ſem que ſe lhe eſfrie o ſangue. Tanto vai de eſtar em graça a viver em peccado. E ſe entre eſtes dous contrarios, como he Theologia certa, não ha meio, cauſando o peccado tanto medo no coração do homem, como poderá haver valor onde não houver graça?

O' dom ceſtial, e Divino, que pouco ſabem conhecer os homens o quanto es neceſſario para a guerra! Como ſe trocarião em grande parte os ſeus cuidados, ſe os mortaes reflectiſſem no valor, que produzes! Sem graça, meus ouvintes, de nada ſervem todas as outras preparações militares: as armas mais fortes fó-

men-

mente servem de pezo aos soldados: o grande numero dos combatentes perturba a boa ordem da peleija: os estratagemas dos Capitães mais celebres huns aos outros se confundem: quanto maior abundancia ha de sustento, a fome, e a sede mais se accendem: porque o peccado enfraquece os corpos, he inimigo da boa ordem, confunde os entendimentos, altera os appetites, e tudo põe no maior desconcerto. No capitulo quinto do livro de Judith se acha escrito quasi tudo quanto tenho dito. Depois de sahirem os Israelitas do Egypto, em quanto se conservarão fieis ao seu Deos entravão por toda a parte victoriosos sem arco, sem flecha, sem escudo, e sem espada: peleijava Deos por elles, e os fazia sempre vencedores: ninguem podia resistir ao seu valor. Tanto porém que derão adorações a outro Deos, tudo lhes aconteece pelo contrario: huns perdêrão a liberdade, outros a vida, e os mais delles a honra, servindo de opprobrio á sua nação. Finalmente andavão a

victoria, e a ruina a respeito daquelle povo tão dependentes da graça, e do peccado, que quasi sempre se experimentou a mesma diversidade de successos.

Nem me digão que semelhan-tes castigos erão tão milagrosos como as mesmas victorias ; porque ainda supposto o modo ordinario, com que Deos governa o mundo, he muito natural que sempre aconteça o mesmo, pois todos os motivos, que podem despertar o valor no coração do homem, ficão sem força alguma para o mover, tanto que se perde a graça. O zelo da justiça, a grandeza do premio, o desejo de nome eterno, e o amor da patria são os principaes motivos, que obrigão o homem a levantar os seus pensamentos do barro, a pôr-se em risco, a entregar-se aos perigos, e a desprezar a mesma morte. Estes gloriosos motivos forão aquelles, que fizeram obrar prodigios de valor aos innumeraveis heroes, que venera a Christandade. A conformidade, e obediencia os  
fa-

fazia esquecer dos parentes , deixar as patrias , e peregrinar pelo mundo sem temer os seus enganos , nem as suas inconstancias. A esperança do premio os movia a desprezar os maiores perigos , a correr alegres para a morte , a offerecer destemidos as cabeças aos alfanges. O nome eterno , promettido pelo mesmo Deos aos vencedores, os fazia esquecer de tudo o que he transitorio. A belleza da virtude os obrigava a metter debaixo dos pés todos os respeitos humanos para a defenderem a peito descuberto , e sem temer o poder do mundo. O amor da patria finalmente fazia com que gostosos sacrificassem pelo bem commum todos os seus particulares interesses ; porém tudo isto enfraquece pelo peccado. E se não , digão-me : Como ha de seguir a vontade de Deos , e por ella expôr-se aos perigos quem a está contrariando na observancia de huma Lei , que pela graça he doce, e suave? Como ha de esperar hum premio sobrenatural , e eterno , e por elle desprezar

o mun-

o mundo quem tem posto o seu ultimo fim nas creaturas? Que nome sólido, e verdadeiramente grande póde attrahir huns affectos, que andão engolfados no lodo? Como póde zelar a justiça quem tem dentro de seu coração o principio de toda a iniquidade? Que amor finalmente poderá ter á patria, e aos seus naturaes quem se esquece tanto de si, e se deixa perder por dar satisfação ao proprio appetite? E se a vontade não póde obrar acção alguma digna de louvor, e de credito, sem que algum fim nobre, e verdadeiramente heroico a mova: se os motivos principaes do valor sem graça perdem a força, e não podem levantar da terra o coração do homem, não he necessario que eu me demore mais em mostrar a dependencia, que ha entre estas duas virtudes. Esta ultima demonstração bastava, ainda que não houvesse outra alguma.

Tenho provado o meu assumpto: só me falta responder a hum argumento, com que alguém poderá que-



querer mostrar que foi incoherente todo este discurso. Parece que de tudo quanto tenho dito sómente se infere que a Mãe de Deos teve mais graça actual que todas as outras creaturas, mas não que teve a original, que he a graça particular, e o glorioso caracter da Conceição. Se tambem os que são concebidos em peccado podem com a graça actual, que ao depois recebem, encher de valor seus animos, e obrar tambem acções grandes, diga-se que Deos concedeo a sua Mãe as maiores graças, mas não que por este motivo a preservou da culpa. Para esta dúvida já eu me preparei no exordio com a razão, e com a experiencia: agora responderá por mim a authoridade, e se conhecerá a coherencia deste discurso.

Ninguem póde negar que S. Paulo 1.ad Tim. 1. 14. foi hum dos homens, que tiveram mais graça. Elle mesmo diz, que era tanta, que lhe sobejava. Não 2.ad Cor. 11. 26. houve outro mais forte em desprezar perigos, e caminhar por entre elles destemido, constante, e sempre o mesmo.

mo. Nem o mar o horroriza com as suas tempestades, nem a solidão lhe mette medo com seus pavores, sabe os perigos dos caminhos, conhece os enganos, e falsidades dos homens, mas nada pôde embaraçar seus passos. Nada teme, e rompe por tudo por obedecer a Christo: a mesma vida, e felicidade eterna lhe offerece, sem que se lembre de si proprio. Porém com tanta fortaleza, que diz o mesmo Paulo ácerca do que experimenta dentro do seu coração? Diz

**Ad Rom. 7. 23.** que sente huma lei no seu corpo, que repugna, e faz resistencia á lei do seu espirito. Tudo pôde com a graça, e em Jesus Christo, que he o seu conforto; mas a razão com o

**Ad Phil. 4. 13.** appetite sempre em viva guerra. Ainda lhe he necessario castigar com rigor o mesmo corpo para o reduzir á servidão, de que depende huma perfeita obediencia. A graça actual sim lhe dá a victoria, mas não o livra da peleija: dá-lhe forças para vencer o appetite, mas sempre este fica em estado de fazer al-

gu-

guma resistencia aos dictames da razão.

Isto he o que S. Paulo confessa de si mesmo com ter tanta graça. E que dizem os Santos Padres a respeito da Mãe de Deos? S. João Damasceno diz, que o appetite concupiscivel estava disposto sómente na Senhora para o que se deve amar, e appetecer, e que do appetite irascivel só a culpa podia ser objecto. São Basilio affirma, que a santidade sempre fora inseparavel do corpo da Senhora. S. Boaventura ensina, que em lugar da inclinação natural, que os mais filhos de Adão tem ao peccado, se admirava na Santissima Virgem humana mysteriosa ancia, e natural inclinação á misericordia. Sim temeo ser Mãe do Verbo Divino, sim experimentou grandes sustos, e pezares, principalmente na Paixão, e Morte de seu querido Filho, mas tudo isto são effeitos da sua grande santidade. As muitas, e diversas virtudes, de que estava ornada sua bemdita alma, são causa destes prodigiosos effei-

feitos , ao nosso parecer contrarios á sua fortaleza. O espirito governava inteiramente o seu interior: nada podião as paixões contra o seu entendimento. Se pois a graça actual , ou habitual não restitue todos os maravilhosos effeitos da original justiça , os quaes se admiravão na Mãe de Deos : se a Senhora por modo tal era valerosa , que a natureza se não atrevia a resistir aos dictames da sua prudencia , bem se infere que para este genero de valor não bastavão enchentes de graça actual , mas que era necessaria huma graça original , que he huma preservação de toda a culpa , visto ser a culpa o principio , e a raiz da humana fraqueza. Nem era decente que a Mãe de Deos ficasse sujeita a huma contínua luta do appetite com a razão. Fora de menos honra para o seu caracter terem as paixões força para lhe fazerem guerra. Seria menos conforme ao fim , para que foi escolhida , haver quem pudesse perturbar as funções do seu ministerio. O certo he , que para  
Deos

Deos fundar com segurança o edificio da sua Igreja, nos diz a *Escritura* Pfal. 86. <sup>1.</sup> que o edificára sobre montes de santidade. Não só lhe deo muros fortes, fez-lhe fortissimos os alicerces. Concluamos pois o discurso, confessando que supposta a dependencia, que o valor tem da graça, e supposto tambem o valor, que era preciso a huma creatura destinada para fim tão nobre; o ser Maria Santissima concebida em graça he consequencia de ser Mãi de Jesus Christo.

Meus ouvintes, tendes visto a dependencia, que o valor tem da graça, e bem conheceis o quanto vos he necessario ser valerosos para desempenhar as obrigações do vosso estado. Se eu não olhára para vós como para hum auditorio o mais pio, e o mais Catholico, agora ajuntára todas as forças da eloquencia para vos persuadir com maior efficacia o quanto deveis buscar a graça de Deos, e estimalla depois de a achar, supposto communicar este dom celestial tantos brios, e alentos ao coração hu-

humano ; porém em semelhante lugar a peroração fora superflua , e muito impropria. A vossa Christandade me capacita de que todos estais em graça. A vossa fé me faz certo de que não duvidais da verdade do meu discurso. Só me fica liberdade para vos dizer , que não consentais que a graça esteja em vós ociosa. Já que Deos nos concedeo hum Monarca tão prudente , que sabe com a paz conservar os dominios em beneficio dos seus vassallos , e fazer-se ao mesmo passo , sem puchar da espada , temido , e respeitado dos estranhos , exercitai dentro de vós mesmos o vosso valor. Peleijai com as paixões , quebrando-lhes as forças , para que nunca possam vencer em cruel guerra vossas almas. Sujeitai o appetite , para que nunca possa triunfar da razão. Soffrei constantes ainda os mais pequenos trabalhos da vida para poderes depois , se vierem , com os maiores. Triunfai em todas as vossas acções de vós mesmos , olhando só para o que he eterno , para que assim

vivendo costumados sempre a vencer, se a occasião o pedir, e a patria necessitar do vosso braço, a defendais valerosos, como pede a nobreza de vossas pessoas, e nós vos vamos receber em triumpho, e vos entoemos os mesmos louvores, que os de Bethulia cantavão á sua famosa libertadora, chamando-vos a gloria, a alegria, e a honra da nação Portuguesa. E vós, soberana Senhora, communicai a quem tanto confia na vossa protecção a graça, e o valor mais heroico. Todos necessitamos deste dom sobrenatural, e desta virtude para vencermos o mundo, o Inferno, e a nós mesmos; porém em repartires com mão mais liberal com estes vossos devotos vos lembrais de nós todos. Já que Deos permittio, para os fins, que elle sabe, que no mundo houvesse guerras, e que no poder das armas estivesse, como em deposito, a nossa liberdade, fortalecei muito particularmente os corações daquelles, que tem a seu cargo a nossa defensão. Não vos peço a mesma izenção

ção de temor , e de fraqueza , que vós tivestes , pois esse privilegio foi singular prerogativa vossa por serdes concebida em graça : peço-vos sim huma graça capaz de vencer todo o susto : huma graça , que tire o medo desordenado , que temos á morte : huma graça , que fortaleça o animo para desprezar qualquer perigo : huma graça finalmente , que nos segure a eterna gloria.







S E R M ã O  
 D A  
 SOLEDADE  
 DA SENHORA,  
 Prégado em Marvilla.

*Idcirco ego plorans , & oculus  
 meus deducens aquas : quia longe fa-  
 ctus est à me consolator. Thren. I. 16.*



EM conheço , meus  
 ouvintes , que por an-  
 tigo costume concor-  
 restes todos a esta Igre-  
 ja para fazer compa-  
 nhia á Mãi de Deos  
 na sua mágoa , e derramar copiosas  
 lagrimas sobre a sepultura do nosso  
 Re-

Redemptor, entregando vossos corações a todos aquelles movimentos de compaixão, que a Soledade da Santissima Virgem costuma causar nos animos dos fieis; porém eu subi a este pulpito com pensamentos muito diversos, e para fim muito differente, porque venho com animo de vos persuadir a que vos compadeçais não da Mãe de Deos, mas fim de vós mesmos, e a que choreis o vosso estado, e não a sua Soledade. Não he este espectáculo como são os profanos, nos quaes se desperdição de ordinario os affectos: he huma representação a mais sagrada, na qual se devem aproveitar bem as lagrimas. Os que regem os theatros do mundo põem maior estudo em deleitar os sentidos, e recrear as potencias, do que ainda em nos instruir nos bons costumes; eu porém só devo cortar pelos vicios, e posto que defagrade, devo persuadir severamente o caminho da virtude. Nos outros espectaculos só livremente nos podemos compadecer daquellas desgraças, que admi-

miramos , porque ainda que a sua memoria esteja pedindo a nossa compaixão , de nenhum modo as padecemos : nesta triste noite devemos chorar necessariamente sobre nós mesmos , porque a Mãe de Deos não tem necessidade da nossa compaixão , e todos nos devemos considerar participantes do motivo das suas lagrimas.

Chora Maria Santissima , como diz Jeremias , porque se considera longe de seu querido Filho , que he só quem a podia consolar. E quem ha entre nós , que de certo se possa considerar na presença de Deos , que he o nosso unico Consolador ? Não sabe o homem , diz o Ecclesiastes , Cap. 9. 1. se he digno de amor , ou de odio , e ficão estas cousas como incertas , e para sómente se poderem saber no tempo futuro. E como por alta providencia de Deos vivemos nesta incerteza , todos nos devemos considerar em qualidade de peccadores , por ser esta a parte mais segura deste importante problema. Este santo te-

mor enchia de trévas o coração de David, quando considerava neste Myfterio, e tambem nesta noite deve despertar em nossos corações huma forte, e vehemente saudade do nosso Deos na consideração de que o poderemos ter perdido. Bem conheço que os Justos tem grandes motivos para se consolarem; porém como todos devem temer, todos devemos chorar. Será pois o meu empenho propôr aos meus ouvintes o excesso das lagrimas da Mãe de Deos na sua Soledade, formando dellas a mais nobre conjectura, a que poderem chegar as forças do meu entendimento, e mostrando tambem aos peccadores a sem-razão, com que sentimos tão pouco a ausencia do nosso Deos, devendo esta causar em nossos corações huma saudade incomparavelmente maior do que a mesma saudade, que hoje martyriza o coração de Maria, e a obriga a derramar tantas lagrimas. Principiemos.

Se reflectirmos bem nas circumstancias admiraveis, que acompanhão a fau-

a fauldade da Mãi de Deos; julgaremos á primeira vista que não devia causar tão extraordinarios effeitos no seu coração este delicado affecto. A Senhora sabia muito tempo antes que hoje havia de morrer, e ser sepultado seu querido Filho; e nunca o mal, que antecipadamente se espera, causa tão grande afflicção, como aquelle, que de repente se experimenta. A Virgem Santissima estava desde Belém costumada aos sustos, e aos pezares; e no coração, que tem o padecer por vida, não costumão fazer a maior impressão as desgraças. O espirito da Mãi de Deos era grande, forte, imperturbavel; e a hum animo dilatado, e generoso não ha trabalho, que de todo o opprima. Desta morte resulta a Christo a maior gloria; e huma morte, que he verdadeiramente gloriosa, não deve ser chorada. Esta ausencia certamente ha de durar pouco; e hum mal, que passa, não merece tamanho pranto. De Christo morrer se ha de seguir não tornar a padecer outros al-

guns tormentos ; e para quem tanto sentio vello pregado na Cruz , não he pequena consolação esta. Era necessario que morresse Christo para remedio do peccado ; e quando o mundo todo se resgata , parece que sómente he occasião de cantar triumphos. Era finalmente vontade de Deos que assim acontecesse ; e esta consideração parece que só basta para enxugar todas as lagrimas.

Para tudo isto , e o mais , que eu não alcanço , podia olhar a Senhora , e tirar daqui motivos para consolar-se; porém como a sua fauldade se media pelo seu amor , não reflectia senão no bem , que de presente lhe faltava. Considera-se só sem o objecto das suas ternuras , e chora como se nunca mais houvera de o ver. Alegre-se muito embora a mãe dos Macabeos , quando vê morrer o filho pela Lei : exhorte-o ella mesma ao martyrio , e fique contente sobre maneira depois de o ver morto pela Fé, que nem o seu amor he tão forte , que possa vencer o entendimen-  
to,

to, nem seu filho he tão amavel , que possa obrigar a tamanho excesso o amor de huma mãe. Porém Maria chore , e encha-se de tristeza , porque o seu amor he mais forte , e extremo que todos os amores , e seu querido Filho merece ser amado sobre todas as creaturas. He Deos quem está ausente : he a Mãe de Deos quem se considera sem filho : por força huma ausencia sem comparação ha de causar huma saudade sem semelhante. Admira-se nesta occasião na Senhora o mesmo milagre , que se admirou em Christo em sua Paixão Sacrosanta. Era Christo ainda em quanto homem bemaventurado , estava vendo a Deos claramente , e sua alma Santissima gozava de todas as doçuras da Bemaventurança ; e sem embargo deste summo prazer , e alegria , de que estava cheio o seu espirito , reprimio todos estes gloriosos effeitos , e tiverão no seu coração lugar as amarguras , derramou por nosso amor muitas lagrimas , cubrio-se de suores de sangue , e teve agonias de  
mor-

morte. Está o entendimento da Mãe de Deos cheio de idéas as mais nobres, e mais capazes de a consolarem na sua saudade; porém a Virgem Santissima despreza todas estas representações agradaveis, e como esquecendo-se dellas por hum novo milagre do seu amor, só escolhe para meditar naquelle silencio o que he triste, o que he desagradavel, o que póde encher seu coração de amarguras.

Não medita nos triunfos da Ressurreição, que espera a sua fé: contempla nos tormentos do Calvario, que admirou a sua constancia. Bem sabe que aquella Cruz, na qual vio morto, e pendente a seu querido Filho, ha de ser adorada por todas as gentes, collocada em todos os Altares, e venerada com o joelho em terra por todas as nações; porém quando se lhe representa, só lhe parece patibulo cheio de ignominias, e de affrontas. Bem conhece que aquelle mesmo sangue, que se derramou no Horto, no Pretorio, e no Calvario, he parte essencial do mais respeitavel



vel sacrificio , que nelle se lavou o genero humano da culpa , que tanto o affeava , e que offerecido a Deos até o fim do mundo por mãos dos Sacerdotes ha de reconciliar com os homens o mesmo Deos , e movello a misericordia ; porém quando o contempla , só o vê derramado pela terra , desprezado , e pizado pelos mesmos homens. Não ignora que o sepulchro ha de ser o theatro dos maiores triunfos , que alli junto a elle ha de ficar sepultada a mesma morte em final da victoria , que os Anjos lhe hão de tirar da mão a fouce para com ella gravarem na pedra a historia da sua ruina , e que por conquistarem lugar tão sagrado se hão de armar , e sahir das suas patrias muitos Reis , e grandes Senhores , abrindo para tão nobre fim os seus thesouros , e expondo aos maiores perigos as vidas ; porém nesta hora só lhe parece sepultura triste , funebre , e horrorosa , lugar de esquecimento , deposito de cinzas , e coval de ossos. Conhece finalmente que ser Mãe de hum

hum Filho , que sendo Deos , e homem quiz padecer , morrer , e ser sepultado pelos homens , he o maior credito da sua maternidade , que de hoje por diante será adorada por Mãi do Redemptor , e Corredemptora do mundo , que esta he a maior gloria , que podia alcançar o seu merecimento , e a sua ventura , e que o Calvario foi o lugar , no qual se fez manifesta a todos esta grandeza ; porém de tudo isto se esquece , e só lhe lembra que não vê a quem ama. E como o seu amor separa as idéas , e só préza para meditar tudo o que he triste , por isso cercada de amarguras permanece sem consolação no seu pranto , e sem alivio na sua Soledade.

Parece-me que a Mãi de Deos sem articular vozes , porque a grandeza da sua dor lhe não permite este desafogo , revolve , e fórma no seu entendimento semelhantes pensamentos : Filho de minhas entranhas , porque motivo me desamparastes ? Queixastes-vos hoje na Cruz a vosso  
Eter-

Eterno Pai , porque vos deixou só , tendo-me a mim presente , e não vos compadeceis agora de mim , que ainda experimento maior desamparo ? Até agora tanto amor , agora tanto esquecimento ? Não vos lembrão as lagrimas , e dor , que me custastes , quando vos perdi no Templo ? Para que permittistes pois que outra vez , e com circumstancias tão horrorosas vos perdesse ? Izentastes-me das pensões , com que as outras mãis dão á luz seus filhos , tive o privilegio de que nascesteis de mim , sem que experimentasse dores , e consentistes que eu hoje vos visse morrer de huma morte , que me custa tantas lagrimas ? Não fora maior piedade pedires a vosso Eterno Pai que me encurtasse os dias , para que não chegassem a cahir sobre mim tantos pezares ? Meu amado Esposo , a quem só devieis o amor de Pai , teve a ventura de escapar á tyrannia desta faudade ; e eu , a quem deveis o amor , e o sangue , fiquei com vida para experimentar este golpe ? Porém já que assim a-

con-

conteceo , e foi vontade vossa , para que permittistes que vos sepultassem depois de morto , e vos escondessem a meus olhos ? Por ventura saberá guardar-vos melhor a pedra fria , que meu peito amante ? He mais digno deposito de vosso sagrado corpo huma sepultura tosca , que os braços de huma Mãe fina , e extremosa ? Ingratos homens , povo barbaro , cruel , e deshumano , assim pagais a meu Filho tantos excessos ; e a mim , porque o criei para vos remir , me pagais tambem assim , causando-me tantas mágoas ? Por vos dar huma vida eterna lhe tirastes a temporal , com que viviamos ambos ? Faz-vos immortaes , e dais-lhe a morte ? E por eu tambem concorrer para esta fortuna , o tirastes de meus olhos , deixando-me só , e com vida , para que padeça tantas mortes , quantos são os instantes , nos quaes o confidero sepultado ? Porque não defafogastes tambem em mim a vossa ira ? Porque me não arrastastes pelas ruas públicas de Jerusaleem em companhia de meu querido

do Filho? Porque me não feristes, e maltratastes, como fizestes ao meu Jesus? Porque não mandastes cravar no Calvario mais huma Cruz para esta afflicta, e desconfolada Mãe? Porque me não crucificastes na mesma do meu Deos, para depois de morrer com elle ser tambem sepultada no mesmo sepulchro? O' Ceos, quanto maior seria então a minha ventura! Mas o meu amor teve a culpa de ficar tão só como me vejo. Se eu não fora tão constante, ao pé da Cruz ficára morta. Se eu me oppuzera á piedade de José, e Nicodemus, ainda tivera Filho, em que pôr os olhos. Se eu não dera licença para o enterro, ainda me poderia consolar com o seu cadaver. Se eu me fora enterrar viva na mesma sepultura, ficaria triste, mas acompanhada.

Porém que digo? Que frios são os meus pensamentos! Que imperfeitas são as minhas conjecturas! Que grosseiras são as minhas expressões! Outros, e muito outros seriam os pensamentos da Mãe de Deos, mais nobres,

bres , mais sublimes , mais extremos , e mais cheios de ternura. Lembrar-lhe-hia a Divindade da pessoa de seu querido Filho , a belleza do seu aspecto , a doçura das suas palavras , a suavidade do seu trato , a ternura dos seus colloquios , e todos os mais extremos gozados pelo espaço de trinta e tantos annos. Tambem teria presentes na memoria os açoutes , os espinhos , os desprezos , a Cruz , os cravos , a esponja , a lança , todos os mais tormentos da Paixão Sacrosanta ; e repartidos os affectos por esta multidão de agradaveis , e horrorosos objectos , huns lhe augmentarião a saudade, outros a compaixão por modo tão violento , que obrigarião o seu amor a romper nos maiores excessos , e em desejos tanto além da comprehensão humana , que se os pudessemos comprehender , nos parecerião incriveis. Teria desejos de se ir sepultar com effeito viva no sepulchro , em que está o corpo de Christo , como a mesma Senhora revelou a Santa Brigida. Chamar-se-hia  
me-

menos bem afortunada, e daria queixas contra a morte pela deixar com vida, como ponderou S. Bernardo. Perguntaria ao Archânjo S. Gabriel, porque lhe chamára bemdita entre todas as mulheres, se havia de vir a ser entre todas as mãis a mais desconsolada, como conjecturou Santo Efrem? Diria finalmente dentro de si mesma cousas tão altas, formaria discursos, e colloquios ora ternos, ora cheios de afflicção, tantos, e tão elevados, que nenhum dos mortaes os póde conjecturar, até que finalmente considerando só em que está longe de quem unicamente a podia consolar com a sua presença, ficaria continuando as suas lagrimas, e repetindo as mesmas palavras, com que Jeremias a considera, e representa saudosa.

Assim lamenta, meus ouvintes, a Mãe de Deos a triste ausencia de seu querido Filho, e por isso ainda está chorando, porque não vê a quem tanto ama. E que diversos são os nossos pensamentos, os nossos cuidados,

e os

e os nossos affectos, não tendo comparação com a Soledade da Senhora o miseravel estado, e a solidão, em que ficamos pela culpa! A' bemdita Virgem só lhe falta ver com os olhos do corpo a quem tão extremosamente ama: na alma o tem sempre presente, e com elle vive affectuosamente unida. A sua fé lhe promette com certeza infallivel a ventura de o tornar a ver antes de muito tempo: quanto mais tempo dura o rigor desta faudade, mais cresce o merecimento da Senhora, e se augmenta a sua gloria; e sem embargo de tudo isto, só porque he Mãe de Christo chora sem admittir consolação, e sente até onde póde chegar o sentimento. O homem no estado da culpa nem vê a Deos com os olhos do corpo, porque estes o não podem ver, nem com os olhos da alma, porque não he digno dessa fortuna. Não sabe se o tornará mais a ter dentro do seu coração depois de huma vez o haver perdido, porque ninguem póde ter certeza infallivel da graça actual;



como já disse. O peccador he que tem toda a culpa de semelhante ausencia, e por isso quanto mais tempo esta dura, mais pecca, e mais se condemna. Não póde negar que he filho de Deos, ainda que ingrato. E conhecendo tudo isto, não chora? Não se lhe parte o coração em pedaços? Não tem hum pezar maior que elle mesmo? Descança com socego? Vive com gosto? Cabem no seu peito prazer, e alegria? Oh loucura! Oh cegueira imponderavel dos mortaes!

Dizei-me, meus ouvintes: Aquelle Capitão valeroso, cuja morte ainda hoje julgais digna de que toda a patria a chore amargamente, expoz-se por ventura a maiores perigos para nos defender a liberdade, do que se expoz o nosso Deos para nos resgatar da culpa? Aquelle homem sabio, que foi venerado como Oraculo, e de quem ainda hoje estais sentindo tanto a perda, deixou melhores documentos para nossa instrucção do que o nosso Deos? Aquelle Rei  
mag-

magnanimo , e generoso , de quem fostes validos , e que tanto honrou , e enriqueceo as vossas casas , cujo nome não podeis pronunciar senão entre soluços , fez-vos maiores mercês do que vos tem feito o nosso Deos ? Aquella creatura finalmente , por quem ainda chorais tantas lagrimas , de quem a saudade ainda vos enche o coração de tristeza , soffreo por vós tantos tormentos , derramou por vós tanto sangue , padeceo por vós morte tão affrontosa , como fez o nosso Deos ? Pois que razão póde haver , para que sejais de vós mesmos tão differentes ? Porque não chorais , porque não sentís a ausencia de Deos , já que tanto vos magôa a falta das creaturas ? Podeis fingir algum motivo , que vos console , ou allegar algum fundamento , que justifique a vossa insensibilidade ? As lagrimas da Senhora não vos estão justamente condemnando de ingratos ? A Mãe de Deos podia consolar-se com a certeza de que havia de tornar a ver seu Filho já em estado glorioso , e quan-

quando os sentidos lhe propunhão para meditar o corpo de Christo despedaçado, ferido, cheio de sangue, e morto, podia considerar que o mesmo corpo havia de ficar pela Resurreição agil, subtil, immortal, impassivel, e adoçar com o gosto de huma idéa a mágoa, que lhe causava outra; porém o peccador, sem que primeiro se converta para Deos, não póde olhar para objecto algum, que o console, nem formar idéa, que o alegre: tudo para elle he triste, tudo he horroroso.

Sabeis o unico objecto, para que póde olhar o peccador? Pois he este triste retrato, porque este mappa de tormentos, este aggregado de horrores, esta desaprazivel pintura he effeito, que sempre acompanha o peccado. Se este sangue, ó peccadores, pizado, e denegrado vos não lastíma, razão tendes para não chorares. Se tantas feridas, vergões, nodoas, e pizaduras vos não horrorizão, vivei muito embora alegres, e contentes. Se esta copia do nosso Redemp-

tor desfigurado , sem femelhança de homem , desconjuntado , e morto vos não affusta , sem motivo me queixo da vossa insensibilidade. Se não temeis a justiça , que ao Ceo está pedindo contra vós este cadaver , mal chamo obstinação ao vosso descuido. Se finalmente não tendes amor a quem por nós padeceo tanto , em vão perendo a vossa saudade. Mas , ó meu Deos , e meu Senhor , quem haverá tão barbaro , tão ingrato , e tão de marmore , que vos possa ver neste lastimoso estado , e se não entristeça com representação , que he tão horrorosa ! O certo he , meus ouvintes , que nenhum de nós , quando pecca , se considera só , nem olha para esta pintura. Se eu considerára com S. Paulo que o meu peccado renova estas feridas , e esta morte : se me viera ao pensamento que o mesmo he peccar que ser complice de tamanho delicto : se me lembrára de que este sangue todo de misericordia poderá ser para mim de justiça , e condemnação eterna : se reflectira que me aparto de

Ad Hebr.  
6. 6.

de Deos, que Deos se aparta de mim, que fico na maior soledade, que não tenho para onde me volte, senão para fangue, tormentos, e morte, eu nunca peccára, ou não permanecêra por hum só instante na culpa. Mas como de tudo isto voluntariamente me esqueço, por isso pécco, por isso não choro, por isso me não arrependo, por isso logo logo não busco ao meu Deos.

Mãi sentidissima, e piedosissima Senhora, a vós recorro nesta hora, como a unico refugio dos peccadores. Por este fangue, por estas feridas, e pelo original deste retrato, que tanto vos enche nesta triste noite o peito de amarguras, vos peço que remedieis a nossa cegueira. Illustrai, clementissima Senhora, os nossos entendimentos com algumas daquellas idéas do summo Bem, de que hoje está cheio o vosso entendimento, para que saibamos ponderar o que perdemos pelo peccado, e o que he viver ausentes do nosso Deos. Já que sentistes tanto huma separação, á

qual não déstes motivo, abrandai os  
nossos corações, para que choremos  
huma ausência, da qual nós temos  
toda a culpa; e se a nossa obstinação  
tem merecido já hum total desampa-  
ro, valhão-nos as vossas lagrimas, e  
a vossa faudade. Assim como este  
sangue nos reconciliou com o Eterno  
Pai, sirvão tambem de nos reconci-  
liar com vosso querido Filho as vos-  
sas lagrimas. Não permittais, ó Mãe  
de misericordia, que no dia do Jui-  
zo, para nos condemnar, nos appare-  
ça esta espantosa figura. Uni ao nos-  
so entendimento tão intimamente es-  
te lastimoso objecto, como vós o  
tendes impresso na memoria, para  
que esta lembrança nos obrigue a  
chorar lagrimas de contrição, e por  
meio destas lagrimas achemos o bem,  
por que ainda ficais chorando.



S E R M ã O  
 D O  
 S A N T I S S I M O N O M E  
 D E  
 M A R I A ,

Prégado na Ermida da Flamenga  
 junto a Via-Longa, estando o  
 Sacramento exposto.

*Et nomen Virginis Maria. Luc. i.*



ADMIRAVEL por todas as circumstancias he o Santissimo Nome de Maria. Se olharmos para o seu principio, he este o mais antigo, e nobre, que se póde considerar. Não he hum nome introduzido de novo, e por

e por capricho de algum extravagante genio : não foi inventado pelos homens , que tão facilmente se engañão com os fogeitos , como com os titulos , com que pertendem honrallos : não foi tirado da multidão sem numero , que ha de nomes , por acaso , sem escolha , e sem que a prudencia tivesse na sua eleição a melhor parte : he pelo contrario hum nome da mais alta origem , hum nome todo celestial , hum nome Divino , hum nome o mais bem posto , que se podia desejar. S. Pedro Damião affirma , que fora tirado dos immensos thesouros da mesma Divindade. São Fulberto prova , que fora dado á Senhora por aviso , e revelação Divina. E o sabio Idiota lhe chama nome vindo do Ceo , obra da sabedoria infinita do mesmo Deos , resolução do prudentissimo conselho de toda a Santissima Trindade.

Se attendermos á significação deste Soberano nome , são tantas , e tão magestosas as interpretações , que lhe dão os Santos Padres , que não ha



## Do SS. Nome de Maria. 199

ha idéa de grandeza , ou de merecimento , que se não represente a quem as pondera. S. Pedro Chryfologo diz , que significa Senhora , para denotar que a Virgem Santissima tem dominio amplissimo sobre as demais creaturas , e que todas lhe devem dobrar o joelho como a Princeza do Universo. S. Jeronymo affirma , que o nome de Maria vale o mesmo que santificação , para mostrar que toda he cheia de graça sua bemdita alma. Santo Ambrosio escreve , que este nome Santissimo quer dizer ter parentesco com Deos , para manifestar a maternidade ineffavel , para que a Virgem bemdita havia sido destinada. S. Bernardo assevera , que se interpreta Estrella do mar , para que saibamos que este he o brilhante astro , que predomina em nossas almas , em quanto navegamos por entre os perigos desta miseravel vida. S. Thomaz ensina , que significa illuminada , e illuminadora : illuminada , para mostrar que ninguem do Sol Divino recebeu maior enchente de luzes : illumina-  
do.

dora, porque sem esta luz ficaria o mundo para sempre sepultado nas maiores trévas.

Se finalmente reflectirmos nos attributos desta Divina palavra, he impossivel repetir tudo quanto a devoção nos deixou escrito a este respeito. Huns dizem com Santo Anselmo, que o nome de Maria ainda he mais veloz, e prompto em favorecer que o mesmo nome admiravel de Jesus: outros com o Idiota se persuadem de que tem tal virtude, e excellencia, que a ouvillo pronunciar se enchem o Ceo de riso, de alegria a terra, e de prazer os Anjos. Estes com Thomaz de Kempis publicação, que os malignos espiritos fogem, e desapparecem ao som de tão doce vocabulo: aquelles com S. Boaventura o julgão nome glorioso, e ineffavel quasi do mesmo modo que o he o nome de Deos. Todos em fim assentão, que he hum compendio de quantas perfeições se podem commu-  
nicar a huma creatura; que os habi-  
tadores do Ceo, que os homens, que

os mesmos demonios lhe dobrão o joelho ; que he nome todo cheio de suavidades ; que infunde huma tal ternura , que vence , e triunfa dos corações mais rebeldes ; que ninguem póde cabalmente louvallo , porque não ha louvor humano , que iguale ao feu superior merecimento.

Porém sendo tudo isto muito , e materia abundantissima para os maiores elogios , o meu discurso tomou hoje por muito diverso caminho. Sim adoro com o mais profundo respeito tanta grandeza , mas a devoção me leva os pensamentos para outra parte. Vivemos neste mundo tão cercados de perigos , tão opprimidos de trabalhos , tão pobres , e por modo tal necessitados , que parece só nos lembra como póde ter remedio a nossa miseria. A Mãi de Deos nos ama com tanto extremo , que tem pela mais agradavel gloria o nosso bem , e a nossa felicidade. Nos corações humanos sempre teve maior poder a misericordia que a magestade. E como eu pertendo hoje por fruto da

Di-

Divina palavra que os meus ouvintes professem á Mãi de Deos o maior amor, e que invoquem ainda mais vezes do que costumão feu nome Santissimo, sómente lhes lembrarei o que julgo póde conduzir melhor para fim tão importante, suppostas as circumstancias, em que nos achamos. Afesentando por tanto em que o nome Santissimo de Maria he depois do nome de Jesus o nome da maior grandeza, e da maior gloria, será unicamente o meu empenho ponderar os admiraveis effeitos, que costuma causar nas almas daquelles, que dignamente o invocão, servindo de remedio a todas as nossas misérias, e de alivio em todos os nossos trabalhos. Bem conheço que este motivo não he o mais nobre, mas talvez que seja o que obra com maior força nos corações humanos. Principiemos.

O modo natural, e proprio, com que obra huma palavra, he, como todos sabem, ou lembrando a quem a ouve o que ella significa, ou avivando mais em quem a profere a  
mes-

mesma lembrança; e em nenhum estado da vida, por mais miseravel que seja, se póde considerar huma alma, no qual não experimente prompto remedio, se ouvir, ou pronunciar o nome Santissimo de Maria. Ainda os trabalhos, que julgamos por maiores nesta vida, não tem comparação alguma com o que padeceo, e experimentou a Mãi de Deos, em quanto viveo em nossa companhia. Julgamos por grande trabalho a pobreza ou porque assim pobres nascemos, ou porque nos desandou, como se costuma dizer, a roda da fortuna; porém a Senhora, sendo descendente dos maiores Principes, nasceo, e viveo tão pobre, que lhe era preciso valer-se do trabalho de suas proprias mãos para sustentar-se. Parece-nos cousa insoffrivel tocar-nos alguem na honra: e o mesmo Esposo de Maria, José, o Justo, chegou a ser accommettido de pensamentos contra a fidelidade de sua castissima, e purissima consorte, e o soube de certo a mesma Senhora. Avaliamos por grande mal

mal faltar-nos na occasião o necessario: he chegada a hora de dar a Virgem á luz o mesmo Deos feito homem, e tão desprovida se vê de socorro humano, que apenas acha hum presépio de animaes, a que possa acolher-se, e humas pobres palhas, de que se possa servir. Falta-nos a paciencia para soffrer huma perseguição injusta: a Mãe de Deos porém se vê perseguida de hum Rei tyranno, e poderoso, e para livrar da sua crueldade ao querido Filho, com immenso trabalho, por entre perigos os maiores, accommettida de sustos, e de temores, peregrina, e foge para o Egypto. Em fim o sentimento, que Maria Santissima teve de ver com seus proprios olhos padecer, e morrer ao seu amado Jesus: a solidão, em que ficou antes de o ver resuscitado, e o mais, que tudo isto trazia consigo, são trabalhos os maiores que já mais se padecêrão nesta vida.

E que remedio mais prompto nas afflicções, que invocar hum nome, por meio do qual nos lembra-

mos

mos de quem padeceo tanto? Não fez já a experiencia com que passasse a ser proverbio, que he grande consolação ter companhia nos trabalhos? Pois quem se deixará vencer da tristeza em casos semelhantes com tão prodigiosa lembrança? Quem perderá o animo nas adversidades com huma tal companhia? O mesmo será invocar o nome Santissimo de Maria, e formar idéa da soberana pessoa, que significa, que desapparecerem logo todas as sombras, que podem encher de tristeza o coração mais afflicto. Nem o merecimento se queixará no caso que não seja pelos homens premiado, nem de se ver desprezada a virtude, nem de se achar ferido o credito, nem de experimentar necessidades quem teve riquezas, nem de ser perseguida a mesma innocencia: tudo parecerá pouco em comparação dos trabalhos da Mãe de Deos. A mesma consideração de que podemos de algum modo imitar a Senhora, soffrendo com paciencia as adversidades da vida, causará em  
nos-

nossas almas estupendos affectos : tornar-á o mesmo padecer em suavidade : fará com que aborreçamos os gostos, e prazeres terrenos : mostrará que são dignas de desprezo todas as fortunas do mundo , e nos despertará hum desejo ardentissimo de que o mesmo mundo cada vez mais nos aborreça , maltrate , e persiga.

Admiravel effeito he este , meus ouvintes , da celestial palavra , que hoje veneramos ; pois trazendo-nos á memoria hum exemplo unico , com elle em todos os trabalhos nos consola ! Não só nos faz lembrar de quem padeceo mais do que podemos todos juntos padecer , sendo superior a todas as creaturas puramente humanas , mas tambem nos lembra quem tem poder para nos remediar em todos os nossos trabalhos. Esta he a notavel differença , que em semelhantes circumstancias faz a lembrança da Mãi de Deos a tudo o mais , que póde lembrar-nos. Quando nos vemos afflictos , e os que padecemos nos lembramos huns dos outros , não ha dú-



dúvida que recebe alívio a nossa mágoa : a consideração de que muitos padecem o mesmo faz menos horrosas , e mais soffríveis as desventuras. Na realidade porém ficamos quasi no mesmo estado , em que estavamos : menos afflictoes sim , mas como de antes eramos mal afortunados , porque hum infeliz não póde remediar a outro no mesmo mal , que ambos padecem. Quando porém nos lembra a Santissima Virgem , he muito diverso o alívio , que experimentamos. Não só nos lembra quem para nos consolar acreditou com a propria experiencia os trabalhos : não só olhamos para quem nos ensinou com o seu exemplo a soffrellos : não só temos a quem imitar com grande credito da nossa paciencia : lembra-nos tambem huma poderosa Senhora , a quem Deos , pelo amor que lhe tem , e em premio de seus merecimentos , communicou grande parte da sua omnipotencia : huma Senhora , que de todos os trabalhos póde livrar-nos ; que a muitos tem soccorrido , remedi-

diando por vezes innumeraveis a pobreza, defendendo a honra, amparando a innocencia, sustentando a virtude, restabelecendo o credito. Lembra-nos finalmente huma Senhora, que he nossa Mãi, nossa Protectora, nossa advogada, que do coração nos ama, e de véras nos deseja o maior bem.

Só huma desgraça me lembra, a maior de todas, que he o peccado, para a qual parece não poderíamos achar consolação, ou remedio em tão Santo nome. Não ha idéa mais opposta ao significado do nome Santissimo de Maria, que a triste idéa de hum peccador. Não póde haver cousa, que nos faça mais indignos da sua protecção, que o peccado; porque a Virgem bemdita he mais pura que o Sól, foi concebida sem peccado, he toda cheia de graça, e ama com tal extremo a seu querido Filho, que sente, mais ainda que se fora proprio, qualquer aggravo, que lhe fazemos; porém com ser isto affim, nunca melhor nos vale, que quan-

quando neste lamentavel estado, com sincero animo de melhorar de vida, invocamos seu prodigioso nome. Aqui he que se conhece mais o quanto he efficaz a sua lembrança, e poderoso o seu patrocínio. Assim como he grande remedio para diminuir os trabalhos a companhia, que nelles nos fazem pessoas respeitaveis, e a esperança, que temos na sua compaixão, se acaso tem poder para nos livrar delles, assim tambem he motivo grandemente forte para fugirmos dos vicios, e não experimentarmos seus tristes effeitos, a virtude de quem deve servir-nos de exemplo, e a misericordia de quem nos póde alcançar o perdão das culpas; e tudo isto encontra o peccador, quando se lembra da Mãi de Deos por meio de seu nome Santissimo.

Este nome ineffavel traz á memoria ao soberbo huma Senhora tão humilde, que tendo sido escolhida para Mãi de Deos, se julgava ainda por escrava do Senhor, e depois de estar já de posse de tão alta dignida-

de , vivia com huma tal sujeição ás outras creaturas , como se fora a mais inferior de todas. Este nome augusto mostra ao ambicioso hum coração tão magnanimo , e hum espirito de tanta generosidade , que sendo-lhe devida toda a grandeza , desprezou sempre o mundo , escolheu para si , e fez estimação do estado mais pobre , e mais ordinario. Este nome Santo põe diante dos olhos ao lascivo huma alma tão pura , que a luz mais clara he grosseira comparação da sua pureza. Este nome Divino mostra finalmente a todos os outros peccadores em cada huma das mais virtudes da bemaventurada Virgem a mais leve reprehensão , e no muito , que pôde para com Deos a mesma Senhora , quasi hum seguro de que serão perdoados todos aquelles , que se quizerem aproveitar de tão efficaç estímulo , e de tão poderoso valimento.

E que peccador se não envergonhará de peccar , ou perderá a esperança da sua salvação , por mais familiarizado que se ache com a culpa ,

## Do SS. Nome de Maria. 211

pa, e por maiores que sejam os seus peccados, se reflectir em tão prodigiosa lembrança? Se não temos atrevimento para obrar mal na presença dos bons, ainda daquelles, nos quaes divisamos alguns defeitos: se nunca nos podemos lembrar de huma virtude, ainda ordinaria, sem que esta nos deite em rosto o vicio, e nos accommetta o coração o horror da propria culpa: se a maior guerra, que o Ceo faz ao Inferno, na qual o vence, e vezes sem numero d'elle triunfa, he o exemplo da mesma virtude: se finalmente tanto confiamos no poder, e valimento dos homens, que chegamos a parecer insensiveis a respeito das infelicidades, que nos podem sobrevir sem algum milagre, que impressão não fará em huma alma affeada pela culpa a bella imagem de huma creatura sem mancha de peccado? Que horror não será o nosso, e qual será a nossa confusão, se olharmos para a Mãe de Deos á vista de representações tao contrarias? Que victorias se não devem esperar

de tão poderoso exemplo? Quem haverá, que tema perder-se com tão bem fundadas esperanças?

O Nome admiravel, e digno dos maiores louvores! Que mais podiamos desejar, que hum bem, no qual achamos remedio para todos os males? Que desgraça podemos temer, se a maior de todas desaparece com a lembrança, que produz tão suave palavra? Eu não sei, meus ouvintes, que mais tiverão os Israelitas no maná, com ser este hum dos grandes milagres da omnipotencia, antes julgo que he incomparavelmente maior a nossa ventura; pois se naquelle celestial alimento achava o appetite do corpo todos os sabores, com que podia cada hum sustentar-se conforme o seu temperamento, e a sua necessidade, neste Divino vocabulo encontra a nossa alma quanto lhe he necessario para se conservar pura, e para conforme a necessidade de cada hum de nós fartar seus desejos, se forem prudentes, com tanta differença de hum a outro milagre, quanto he o

excesso, que leva ao corpo o espirito, o racional ao sensitivo, e ao temporal o eterno. Louvada sejais, ó Virgem bendita, pelos admiraveis effeitos, que obrais em nós por meio de vosso poderosissimo nome. Tudo devemos á vossa virtude, tudo nos adquirio o vosso merecimento. Será indesculpavel o nosso descuido, meus ouvintes, se deixarmos de recorrer a tão universal, e prodigioso remedio. De grande castigo nos faremos merecedores, se recorrermos a outro amparo. Aqui he onde devemos depositar todas as nossas esperanças, e aqui devia tambem eu pôr fim ao discurso, se o maná me não houvera excitado huma especie, que ainda serve de maior gloria ao nome de Maria, e de grande consolação aos seus devotos.

A maior singularidade daquelle milagroso sustento era, como prova o Abulense, além da sua natural virtude, obrar tão admiraveis effeitos por virtude sobrenatural, e Divina. De sorte, que podendo Deos dar ao maná sómente huma natural virtude,

que

que a todos fosse util, e agradável, para fazer maior o prodigio não quiz fiar só das forças da natureza a sua efficacia: tomou por sua conta os seus effeitos, para que obrassem sem resistencia, e com maior actividade. Tanto como isto se empenhou Deos em favorecer aquelle povo, e o mesmo empenho mostra a nosso respeito no Santissimo nome de Maria. Não só obra naturalmente, e por meio da sua propria significação os singulares effeitos, que tenho ponderado, tambem obra sobrenaturalmente, e por virtude do mesmo Deos tudo quanto tenho dito, e o mais, que eu não fei dizer, nem alcanço. Que abundancia de argumentos me não occorrem, huns tirados da razão, outros da experiencia, outros da authoridade, para persuadir a todos este meu pensamento? Só delles poderia formar hum longo discurso, senão receára ser molesto a quem me attende. Unicamente os irei apontando, e reparai, meus ouvintes, se ha verdade mais bem estabelecida do que esta.

Foi



Foi Deos particular Author do nome de Maria, assim como o he das palavras nos Sacramentos: e que muito se pareção na virtude de obrar, sendo na instituição semelhantes? Foi este nome Soberano extrahido dos thesouros da Divindade: e que cousa mais natural, que ser extraordinariamente poderosa huma palavra, que traz da omnipotencia a sua origem? Toda a Santissima Trindade se empenhou em escolher para a Mãi de Deos tão Santo nome: quem se não persuadirá que para maior distincção o enobreceria tambem com a efficacia? Invocar Maria Santissima he hum grande obsequio, que se faz a Deos; porque he estimar huma palavra, que sahio da sua Divina boca; he mostrar confiança em quem o mesmo Senhor mais estima: he honrar a pessoa, que o mesmo Deos mais ama. E sendo certo que Deos se agrada dos nossos affectos, e os costuma pagar com generosidade, que cousa mais decente, que ter prevenido o premio no poder do mesmo nome?

Na

Na ordem da natureza nada he tão forte , que ao menos não encontre resistencia nos seus contrarios : e mostrando-nos a experiencia que a tudo vence , e de tudo triunfa este nome admiravel , que prova se póde desejar mais concludente de ser sobrenatural a sua virtude ? Finalmente lede o devoto Canisio , pessoa respeitavel por letras, e virtudes, e vereis quanto estava persuadido desta mesma verdade. Diz expressamente , que o nome de Maria tem huma singular energia , e virtude Divina. Lede tambem a Methodio, e achareis que diz não só o mesmo, mas ainda acrescenta alguma cousa. Escreve que o nome de Maria he hum nome cheio de graças, e benções Divinas. Nem vos inquiete o pensamento de que parece superstição pôr a virtude de obrar em huma palavra, porque são cousas muitos diversas ter virtude de obrar huma palavra pelo numero das syllabas, de que se compõe, ou ter virtude de obrar, porque Deos decretou obrar sobrenaturalmente, quando

do a mesma palavra se proferisse. E deste segundo modo he que obra o nome Santissimo de Maria.

E que maior gloria para a Mãe de Deos? Que maior consolação para os seus devotos? Só os effeitos admiraveis, que este prodigioso nome obra por meio da sua natural significação, erão sufficientes para o fazer glorioso, e para encher as nossas almas de hum prazer inexplicavel, considerando tão bem fundadas as nossas esperanças. A virtude porém sobrenatural, com que obra, augmenta tanto esta ventura, e esta gloria, que não acho expressões proporcionadas ao que dentro em mim sinto a este respeito. Até agora fim me dava por seguro; porém ainda me lembrava que poderia haver remedio mais poderoso: agora descança totalmente o meu espirito: nada me lembra, que possa ter maior efficacia. O mesmo maná fica sendo impropria semelhança de tão raro prodigio, e só o que elle figurava, aquelle Sacramento Augusto, com a devida proporção, ex-  
pli-

plica bem a excellencia deste Santo, e ineffavel nome ; pois assim como naquelle Pão dos Anjos, por virtude Divina, encontram nossas almas todas as doçuras, assim a empenhos da omnipotencia no Santissimo nome de Maria acha remedio para todos os males o nosso espirito. Assim como naquelle milagre do amor de Christo está depositada toda a nossa ventura, assim tambem desta palavra, que significa a Mãi de Deos, póde nascer toda a nossa felicidade. Assim como finalmente naquelle altissimo Mysterio adoramos hum compendio das maravilhas de Deos, assim neste adoravel nome reconhecemos hum resumo de todos os prodigios de Maria.

Tenho acabado, e parece-me superfluo persuadir a hum auditorio tão pio, tão Catholico, tão generoso, e tão discreto o amor, com que devemos corresponder á Mãi de Deos, e o quanto importa invocar seu nome Santissimo. Tambem não devo suspeitar, nem levemente, que todo

ef-

este obsequio seja hum cadaver de devoção disfarçado nas apparencias de huma falsa piedade. Tamanha irreverencia não cabe em animos tão Christãos, e religiosos. Estes incensos, este culto, estes sacrificios, pelo que em si são, e por quem os offerece, dão claro testemunho do mais fervoroso affecto, da mais fina correspondencia, e de hum perfeito conhecimento do muito, que devemos á Mãe de Deos, e do grande poder de seu nome Santissimo; e para mover os affectos de quem se acha em circumstancias de tanta ventagem nenhuma arte he necessaria. Basta propôr o bem, para que o amor seja o mais extremo; basta lembrar o beneficio, para que seja cada vez maior o agradecimento. A mesma experiencia do passado fará com que para o futuro, e sempre recorramos a tão poderoso patrocínio. O que sómente me occorre, que devo advertir, e de que me não posso dispensar em razão do meu ministerio, he, que não faltemos áquellas condições, que de-

vemos pôr da nossa parte, para que este Santo nome obre em nossas almas os seus admiraveis effeitos. Nenhuma outra cousa pôde frustrar a sua efficacia senão o nosso descuido: só não concorrendo nós para o nosso mesmo bem, he que deixaremos de experimentar a virtude deste universal, e poderosissimo remedio. E será mágoa que por nossa culpa, e muito por nossa livre vontade percamos tanta ventura!

Não seja pois assim, meus ouvintes, não causemos tamanho mal a nós mesmos. Não roubemos á Mãe de Deos tanta gloria com a nossa perguica. Meditemos com devoção na vida de Maria, para que nos lembrem, e consolem os seus trabalhos, quando invocarmos afflicto seu admiravel nome. Confiemos com firme esperanza no seu poder, para que nos socorra, quando recorrermos á sua protecção nos maiores perigos. Conservemos sempre na memoria o horror do peccado, para que lembrando-nos a immaculada Virgem por

## Do SS. Nome de Maria. 221

por meio de seu nome, faça em nós impressão efficaz, e forte a idéa da sua graça. Detestemos para sempre a culpa, para que a Senhora nos alcance o perdão com o seu valimento. Invoquemos finalmente este celestial nome com aquella pureza de consciencia, com que se devem tratar as cousas santas, para que recebamos o fruto da sua sobrenatural, e milagrosa virtude.

Assim o permitti, misericordiosissimo Senhor, e Deos omnipotente, para maior gloria vossa, e do nome Santissimo de Maria. Vós, Senhor, bem conheceis o que somos, bem sabeis o pouco que podemos, ninguem, senão vós, comprehende o muito, que vossa Mãi vos merece. O amor, que a bendita Virgem vos tem, he tambem grande. A vossa misericordia he infinita como vós mesmo. Por todos estes motivos, e pelo mais, que eu não alcanço, esperamos completeis com vossa mão poderosa a nossa ventura. Concedei-nos, Senhor, aquelles auxilios, sem os quaes  
nem

nem podemos dignamente invocar  
tão Santo nome , nem receber em  
nossas almas seus prodigiosos effeitos ,  
para que vencendo todos os perigos  
desta miseravel vida em virtude do  
Santissimo nome de Maria , vamos  
triunfar com vosco , e louvar-vos por  
toda a eternidade na Gloria.







# S E R M ã O

D E

# MANDATO,

Prégado em Marvilla.

*Mandatum novum do vobis , ut  
diligatis invicem , sicut dilexi vos.*  
Joan. 13.



ASSIM como o pai , que ama de coração seus filhos , quando se vê perto da morte os chama á sua presença , e depois de os receber nos seus braços , e banhado em lagrimas os chegar ao peito , lembrando-lhes a boa doutrina , com que sempre os creára , lhes torna a repetir juntas em

em breves conselhos todas as máximas, que pouco a pouco lhes ensinára em toda a idade, e ultimamente lhes recommenda, com encarecimentos de quem lhes deseja o maior bem, a observancia daquella virtude, na qual mais se distinguirão seus antepassados, e que he como brazão, e timbre da sua casa, do mesmo modo Christo, sabendo ser chegada a hora de se ausentar deste mundo para seu Eterno Pai, ajuntando no mesmo lugar os seus Discipulos, depois de lhes dar sinaes de amor o mais extremo, depois de os consolar com grandes promessas, para que seus corações pudessem soffrer melhor os crueis effeitos da saudade, com sabedoria infinita lhes tornou a ensinar toda a doutrina da sua Lei em huma só pratica, e por ultimo lhes deu hum preceito, a que chama novo, sem embargo de ser muito recommendado nas Escrituras. Amai-vos huns aos outros assim como eu vos amei a vós. He o que nos recommenda o nosso Redemptor, quando se

vê obrigado a deixar a nossa companhia, e se considera já perto da morte.

E na verdade, meus ouvintes, que não podia o amante Pai, e Divino Mestre deixar-nos documento mais proveitoso do que este para o nosso bem em testamento do seu amor. A caridade he tudo, e sem ella não ha cousa, que seja boa. He o refumo de todos os Mandamentos: he o complemento de toda a Lei Euangelica: he o principio da nossa eterna felicidade: he o final, por onde se conhece quem he Discipulo de Christo: he o vinculo sobrenatural, e admiravel, que nos une huns aos outros, e a Christo, para que sendo muitos, façamos hum só corpo o mais bem ordenado, e perfeito. Sem caridade, ainda que eu agora estivera fallando com as linguas dos homens mais eloquentes, e até dos mesmos Anjos, a minha voz seria semelhante ao som material de qualquer corpo solido, que se toca com outro, a qual não tem graça, nem efficacia

I. ad Cor.  
13.

alguma. Sem caridade, ainda que eu tivera o dom de profecia, ainda que conhecêra claramente todos os Myfterios, ainda que tivera toda a sciencia, que póde haver das cousas naturaes, e sobrenaturaes, ainda que a minha Fé fora tão viva, e poderosa, que em virtude della arrancasse os montes, e os fizesse passar de huma para outra parte, com tudo isto ficava sendo nada tudo quanto em mim havia. Sem caridade, no caso, que eu fora o mais rico de todos os homens, e distribuiffe todos os meus bens pelos pobres para os fazer bem afortunados, e depois disto entregasse o corpo ás chammas para com effeito ser reduzido a cinzas, de nada me aproveitarião todas estas obras, que parecem tão heroicas. A caridade he soffredora, he benigna, não he invejosa, nada obra sem conselho, não he ambiciosa, não cuida com de nasia no proprio interesse, nunca dá lugar á ira, não occupa no mal os seus pensamentos, não lhe caufa prazer a maldade, só o que he

ver-

verdadeiro, e solido lhe agrada, tudo quanto he necessario para a salvação soffre, tudo crê, tudo espera. A caridade finalmente já mais acaba ou tenham fim as profecias, ou emudeção as linguas, ou se destrua a sciencia, ella sempre fica a mesma, constante, eterna, invariavel.

Esta virtude tão bella, e admiravel, como tendes visto, he a que hoje nos deixa Christo por preceito o mais essencial da sua Lei, para que o observemos com o maior cuidado, e esta he tambem a importante materia, de que hoje hei de tratar neste Sermão. E como supponho que ninguem duvida nem de que está obrigado a guardar este Mandamento, nem de que he o mais util para a nossa salvação, sómente tratarei do modo, com que o devemos observar. Será pois o meu empenho mostrar como nos devemos amar huns aos outros, para fazermos o que manda Christo, isto he, para nos amarmos como Christo nos amou, que he a razão, por que chama novo a este preceito;

pois supposto que seja antigo , hoje o renova o Filho de Deos feito homem , ensinando-nos a sua pratica pelo modo mais prodigioso. Bem conheço ser cousa difficultosa affinar justa medida a huma virtude tão heroica ; porém como temos á vista o exemplo de Christo , fica sendo mais facil a empreza. Principiemos.

Não ha preceito , que tenha objecto mais universal , que o preceito de nos amarmos huns aos outros. Santo Agostinho , tratando desta materia , diz , que todo o homem he nosso proximo , e que a todos deve abranger o nosso amor ; e as razões , que dá , são as seguintes : Porque todos temos o mesmo ser , todos somos filhos do mesmo Pai , a todos nos creou Deos á sua imagem , e semelhança , todos fomos creados para o mesmo fim sobrenatural , por todos desceo o Verbo Divino do Ceo á terra , e se fez homem , a todos amou Christo , e por todos deo a vida na Cruz. De sorte , que qualquer homem , de qualquer estado , ou condição que seja , he

he objecto digno do nosso amor, e objecto, que nos obriga a que o amemos; porém, supposta esta generalidade, S. Thomaz, fundado no que ensinão as Escrituras, admite no amor alguma ordem. A todos devemos amar com verdadeiro amor, mas em primeiro lugar aos parentes, aos amigos, aos que nos fazem bem, ás pessoas de honra, e merecimento, e aos da nossa criação. Em segundo lugar ás pessoas, que são indifferentes, que não são da nossa amizade, que já mais nos fizerão bem, ou mal. Em terceiro, e ultimo lugar aos nossos inimigos, que nos tem offendido, e offendem gravemente, ás pessoas vís, impias, e inuteis. E como desejo tratar com a clareza possível materia, que he tão importante, para que a minha doutrina faça fruto no meu auditorio, irei por partes explicando o modo, com que se deve observar este preceito.

Depois de Deos são os parentes, os amigos, as pessoas, que nos fazem bem, os fogeitos de honra, e me-

merecimento, e os do nosso conhecimento, e criação, os que devem ter o primeiro lugar no nosso amor; e parecendo este preceito de muito facil practica em quanto a esta parte, ainda aqui mesmo se commettem grandes erros. Não ha cousa mais natural que ter amor a quem me gerou, e me ama mais que outrem, a quem me faz beneficios, a quem me dá mostras de me querer bem, e a quem se faz digno de que todos o estimem. A mesma razão está persuadindo a practica desta virtude, e com tudo aqui tem grande perigo o exercicio da caridade. Para que esta virtude seja perfeita, deve ser sobrenatural o seu motivo, isto he, devemos amar o proximo por amor de Deos de sorte, que todo o amor, que tivermos ás creaturas, vá parar ultima, e principalmente no mesmo Deos. E quantas vezes perturbamos nós esta ordem, ou, para dizer melhor, quantas vezes deixamos de a observar? Amão-se os parentes; mas porque a natureza nos inspira hum affecto, que  
quali



quasi sem o sentirmos nos sahe do coração. Amão-se os bemfeitores; mas porque nos lembrão os favores recebidos, e ainda esperamos outros maiores. Amão-se os amigos; mas porque a necessidade, que temos delles para não vivermos lós neste mundo, nos obriga a corresponder-lhes com igual affecto. Amão-se os conhecidos; mas porque julgamos que algum dia nos serão necessários. Amão-se as pessoas de merecimento; mas porque não diga o mundo que somos inimigos da virtude. Não he isto, meus ouvintes, o que experimentamos em nós mesmos? Tem sempre o nosso amor motivo sobrenatural, e Divino? O certo he, que se quizermos fallar verdade, havemos de confessar que a maior parte da vida temos empregado neste amor cego, e sem ordem.

Donde senão deste erro podião proceder os desconcertos, que tanto a miudo estamos vendo? Porque se esquece o filho da obrigação, em que está a quem lhe deo o ser, e chega a des-

a desprezar-se do mesmo pai, que o gerou, senão porque o amava sómente segundo a carne, que facilmente cede a vãos pensamentos? Porque se esquece o favorecido de quem o fez gente, e se esconde, para que o não veja quem o conhece, senão porque o seu amor era de interesse, que não tendo mais que esperar logo acaba? Porque he tão ordinario perderem-se as amizades, e converterem-se muitas vezes em refinados odios, senão porque o amor se regulava pelo appetite, tão sujeito a mudanças, quanto he fragil? Porque se não lembrão alguns dos que chegão a grandes felicidades temporaes daquelles, com quem forão criados, ou os ajudarão a subir tão alto, senão porque o seu amor era amor de costume, que tambem dá volta com a roda da fortuna? Porque nos retiramos do honrado, e virtuoso velho, que tanto veneravamos, depois que soubemos que lhe desprazião as nossas verduras, senão porque sómente o amavamos para nos cubrir com a capa da sua virtu-

tude ? Se o nosso amor fora puro, se tivera motivo eterno, não podia ser de tão pouca duração, não podia estar sujeito a tantas mudanças.

E que erro póde haver mais lamentavel do que este ? Huma virtude, que he o caracter do Christianismo, equivocada com as maximas da pagã Filosofia ! Se tirarmos o motivo sobrenatural ao nosso amor, que podemos fazer, que não seja o mesmo, que ensinarão Seneca, e Socrates, ou algum de seus discipulos ? Que acção podemos obrar, que não fosse igualada pelo paganismo ? Lede as historias da Grecia, e a Romana, e encontrareis filhos sustentando os pais, defendendo-lhes a honra, e livrando-os dos perigos ainda com risco da propria vida. Encontrareis amigos dando a vida huns pelos outros, como se tiverão huma só alma. Encontrareis vassallos obrando pelos seus Principes os maiores excessos, e Cidadãos sacrificando pela patria, e pelos seus naturaes todos os seus bens, todo o seu descanso,

ço, e totalmente a si próprios. Que mais póde fazer hum filho por seu pai, que não fizesse Lauso por Mefencio, defendendo-o até perder a propria vida só porque elle vivesse? Que mais póde fazer hum pai por hum filho, que não fizesse Artaxerxes por Dario, fazendo-o reinar ainda em sua vida contra o costume dos Persas? Que mais póde fazer hum irmão por outro, do que fez Cleomenes Lacedemonio por Euclidas, sentando-o comfigo no throno, para que fosse igual a felicidade de ambos? De forte que só no motivo póde estar a differença. Elles punhão o seu ultimo fim na creatura: nós só o devemos pôr no Creador. Elles obravão excessos de amor, para que os seus nomes fossem gloriosos na terra: nós devemos amar com extremo para fermos felices no Ceo. Elles finalmente obravão deste modo para imitarem os homens, e obedecerem a seus conselhos: nós devemos exercitar a virtude da caridade para imitarmos a Deos, e por observarmos

mos o seu preceito. E porque não reflectimos nesta differença, nem a tem o nosso amor, por isso algumas vezes a respeito dos mesmos logeitos, de que tenho fallado, obramos com excesso criminoso, e indigno da nossa Fé.

Não ha cousa, de que Deos mostre ter maior ciume, que do nosso coração: como nelle reside, ou por elle se explica a potencia mais nobre da nossa alma, não quer que outrem tenha nelle o primeiro lugar; e de ser menos bem ordenado o nosso amor commettemos huma especie de idolatria a mais abominavel. Quantas vezes deixamos de fazer o que Deos manda por agradar aos homens? Que verdades não callamos por não desagradar a quem vivemos obrigados, as quaes verdades pelo estado, em que Deos nos poz, tinhamos obrigação de dizer claramente, e diante de quem quer que fosse? Que exercicios santos, e sacrificios agradaveis ao Altissimo não deixamos de fazer por gozar mais tempo da com-  
pa-

panhia das creaturas, a quem temos amor? Que tempo não perdemos, que tanto nos era necessario para contemplar no summo bem, que esperamos, só por admirar as perfeições das creaturas? Que vaidades não seguimos, e conservamos só porque fomos criados com ellas? E que outra cousa he tudo isto, senão roubar a Deos o lugar, que lhe toca no nosso coração? Que outra cousa he isto, senão profanar a nossa alma, e corromper toda a nossa caridade? Que eu ame a quem me gerou, he justo; mas não devo seguir os seus conselhos, se forem errados, nem fechar os ouvidos ás vozes do meu Deos, que me creou á sua imagem, e semelhança. Que eu ame a quem neste mundo me enche de beneficios, assim o pedem as leis do agradecimento; mas não devo fazer-lhe mais a vontade; e tributar-lhe maiores obsequios do que a Deos, que me enriquece de dons sobrenaturaes, e me quer fazer eternamente bemaventurado. Que eu ame a quem me tem amor, ninguem o pó-

de

de condemnar; mas não devo dar-lhe o coração todo: em lhe dar a parte, que lhe toca, mostro a minha amizade. Que eu ame a quem he dotado de boas qualidades, he saber dar estimação a quem a merece; mas não devo cativar-me tanto das perfeições das creaturas, misturadas sempre com defeitos, que me causem maior prazer que a contemplação das perfeições Divinas, limpas, e puras sem algum defeito, porque só isto he saber amar como Deos quer que nos amemos huns aos outros, só isto he amor sobrenatural, só isto he perfeita caridade.

Mas para que me canso com reflexões, que, por serem feitas por mim, não podem ter grande efficacia? Ponde os olhos da consideração no Cenaculo, e alli aprendereis a pratica do verdadeiro amor. Alli estão na presença de Christo parentes seus muito chegados, pessoas, que algum dia lhe desejarão fazer bem, amigos, a quem o mesmo Senhor descobria o seu peito, e dava particular  
en-

entrada no seu coração , e tambem  
pessoas de prestimo , e merecimento.  
Alli está João consanguineo do mes-  
mo Christo ; Pedro , e André , que  
algumas vezes o passarão nos seus  
barcos ; o mesmo João , que era en-  
tre todos o mais amado ; Mattheus ,  
homem de merecimento distinto en-  
tre os outros ; porém vede como os  
ama. A primeira cousa , que faz an-  
tes que principie as finezas desta ho-  
ra , he inteirallos de que os ama ,  
porque seu Eterno Pai lhos entregá-  
ra , e erão seus , mostrando-lhes que  
o objecto , e motivo ultimo , e prin-  
cipal do seu amor he o mesmo Deos.  
Ama-os muito , e deseja ficar na sua  
companhia ; mas como he vontade  
de seu Eterno Pai que se ausente  
delles , não o podem embaraçar as  
suas lagrimas , ensinando que nunca  
devemos deixar a Deos pelos homens.  
Quer a João com extremo , e pouco  
ha , que o havia reclinado no seu  
peito ; mas não entrega as chaves se-  
nãõ a Pedro , para nos fazer ver que  
para os premios tem o primeiro lu-  
gar



gar o merecimento, e não a amizade. Conhece que Mattheus he mais civilizado que os outros; porém não o distinguio o seu amor, para nos convencer de que as perfeições dignas da verdadeira estimação são a Fé, e as mais virtudes, que vem de Deos, e não as boas qualidades, que estudão, e naturalmente adquirem os homens. Oh amor de hum Deos igualmente sabio, e misericordioso! Que divinamente nos ensina, meus ouvintes, este exemplo! Que bem reprehende o modo, com que nos amamos huns aos outros! Eis-aqui como Christo quer que seja o nosso amor para com aquelles, que devemos amar em primeiro lugar, conforme a ordem da caridade, para os amarmos do mesmo modo, que o Divino Mestre nos amou a nós: amor, que vá ultimamente acabar em Deos: amor, que não dê ás creaturas aquella preferencia, que sómente he devida ao mesmo Deos: amor, que não despreze as leis da justiça: amor, que não olhe sómente para o sangue, para o

interesse, para o appetite: amor em fim sobrenatural, amor limpo, amor puro, amor eterno.

Os que tem o segundo lugar na ordem da caridade para com o proximo, são aquellas pessoas, as quaes consideramos como indifferentes, isto he, que não são parentes, nem amigos, nem bemfeitores, nem da nossa criação, e conhecimento, nunca nos fizeram mal, ou bem; e tendo nós obrigação de os amar com amor verdadeiro, ordinariamente nos consideramos a seu respeito como dispensados deste Mandamento. Nem as suas felicidades nos causão gosto, que chegue ao coração, nem compaixão grande as suas desgraças: sim nos espantamos, e affligimos, quando vemos, ou nos contão as suas misérias; mas o objecto da nossa tristeza não he a pessoa, que padece, he a mesma desgraça. Receamos que nos aconteça o mesmo, por isso nos vem as lagrimas aos olhos. E se não, disse-me: Quando alguma destas pessoas cahe em pobreza, lembrais-vos del-

della, não digo já tirando-o ao vosso regalo, mas ainda com alguma parte do que costumais gastar em outras superfluidades? Cortais por algum appetite de tantos, que tendes, para soccorrer ao miseravel, que não tem hum pão, que coma: para vestir o nú, que tem vergonha de apparecer diante de gente: para dar estado á desamparada donzella, que corre risco de se perder: para soltar da prizão o pai de familia, que o detem huma pequena divida, e por elle faltar em casa tudo são desordens, e se vão criando mal seus filhos: para alimentar o pobre enfermo, que se vai consumindo mais por causa do máo tratamento, que da mesma enfermidade? Quando a injustiça persegue algum miseravel, acudís pelo seu direito, dais passadas, para que o não opprimão, tomais a peito a sua causa? Quando ouvís despedaçar o credito de alguma pessoa destas, defendeis a sua honra, desculpais a sua fraqueza, encubris os seus defeitos? Que outra cousa fora o mundo,

se os homens se amassem deste modo huns aos outros! Quem teria medo ás desventuras, ou quem poderia haver desgraçado, se os que podem acudissem ao seu proximo? Que inveja poderíamos ter áquelle feliz tempo, no qual ainda a ambição não havia dado motivo para que os bens se repartissem entre os homens, se entre nós houvesse caridade? Com que gosto não olhariamos huns para os outros, vendo que erão igualmente de todos as fortunas? Tudo o que não he isto, meus ouvintes, não he amar como Deos manda ao proximo. Huma cortezia, hum final de agrado, humas palavras agasalhadoras, duas lagrimas, que mostram especie de ternura sem mais cousa alguma, he sim politica, mas não he caridade: he não ser tyranno, mas não he ser caritativo. A caridade, como diz S. Paulo, tem a propriedade de ser benefica para todos, e só ama ao proximo quem o soccorre.

Ad Rom.  
12. 20.

Luc. 10.  
29. usque  
ad 37.

Quiz hum Doutor da Lei tentar a Christo, e perguntou-lhe, quem era

era o seu proximo? Disfarçou o Senhor a tentação, e accommodando-se ao modo de pensar dos Judeos, que usavão muito de parabolas, lhe respondeo com a seguinte: Hum certo homem descia de Jerusalem para Jericó: cahio o miseravel nas mãos dos ladrões: estes o despirão de seus vestidos, e enchendo-o de feridas, o deixárão no caminho meio vivo. Aconteceo passar pela mesma estrada hum Sacerdote, bem vio o desgraçado, porém passou adiante. Fez por alli caminho hum Levita, reparou no moribundo, mas foi continuando a sua jornada. Veio finalmente hum Samaritano, vio o mesmo, que os outros havião visto, encheo-se de misericordia, apeou-se, embalsamou, e atou as feridas, pollo com muito trabalho em cima de quem o levasse, e elle mesmo o foi guiando para a estalage, nella o servio com grande amor, ao outro dia, tendo de fazer jornada, deo dinheiro ao estalajadeiro para o ir curando, recommendou-lho muito, e lhe disse, que gastasse

o preciso , porque se excedesse o gasto ao dinheiro , que deixava , quando voltasse lhe pagaria tudo. Acabada a parábola , perguntou Christo ao Fariseo : Qual destes julgas que era proximo a respeito daquelle homem ? O terceiro, respondeo o tentador. Pois vai , concluiu Christo , vai , e faze o mesmo. Eis-aqui como se devem amar as pessoas desconhecidas com amor de proximo , fazendo por ellas o mesmo , que fariamos pelo maior amigo , se a occasião o pedisse. Que mais podia fazer aquelle Samaritano por hum irmão seu muito amado , se o encontrasse na miseria , na qual encontrou aquelle pobre homem ? Poderia ser mais extremosa a sua caridade ? Não por certo. Pois esta he a regra , que devemos guardar na pratica desta virtude a respeito das pessoas , que julgamos indifferentes. Temos obrigação de os amar assim como amamos aos nossos maiores amigos. E se não , respondi-me ao seguinte argumento : Não correis apressados para acudir ao pai , ao bem-

fei-

feitor, ao amigo, ao conhecido, á pessoa, que he do vosso agrado, logo que tendes noticia de que necessita do vosso braço? Não fazeis extremos os maiores para na occasião lhes mostrares o vosso amor? Não lhes offerereis as vossas posses, e a mesma vida, para que veção que he verdadeira a vossa amizade? Pergunto mais: Ou fazeis isto, porque os amais segundo a carne, ou porque os amais segundo o espirito? Ou o amor, que a isto vos obriga, tem motivo sómente natural, ou tambem sobrenatural? Se o primeiro, nem com os mesmos, a quem mais bem quereis, tendes caridade, e he o vosso amor como o dos Gentios. Se o segundo motivo vos obriga, o mesmo na occasião deveis fazer por outro qualquer proximo, porque todos são vossos irmãos, e filhos do mesmo Pai.

Que homem póde haver no mundo, que não mereça o nosso amor, por mais apartado que viva de nós?

S. Paulo usa de huma semelhança nes-

Ad Rom.  
12. 5. Ad  
Eph. 4. 4.  
& alibi.

ta materia admiravel, e sobre ella  
 - forma hum discurso muito natural,  
 - e que totalmente convence. Todos  
 nós, diz o Apostolo, formamos hum  
 só corpo mystico, do qual he cabeça  
 o mesmo Christo; e assim como o  
 corpo natural se não póde conservar  
 inteiro, sem que haja união entre  
 todas as suas partes, nem póde ter  
 vida, sem que a alma chegue a to-  
 das, do mesmo modo he necessario  
 que todos vivamos unidos para nos  
 conservarmos: he preciso que o mes-  
 mo espirito do Senhor nos anime  
 para vivermos. E que final póde ha-  
 ver desta união, e desta vida, senão  
 o amor reciproco, com que nos ama-  
 mos? Quando padece huma parte do  
 nosso corpo, não o sentem todas as  
 mais, ainda as que estão em maior  
 distancia? Não acodem logo todas,  
 e, se he necessario, não se defen-  
 dem mutuamente humas ás outras?  
 Não he principio de morte perder  
 alguma semelhante movimento? Pois  
 se todos somos hum só corpo, por-  
 que não aprendemos de nós mesmos  
 o mo-



o modo , com que nos devemos amar? Porque repartimos com tão pouca justiça os nossos cuidados? Para hum a alma , o coração , os affectos todos , para outros nenhuma misericordia? Que aborrecimento nos causaria hum Monarca , se vissemos que só fazia mercês , e administrava justiça áquelles , com quem se criára , e que vivião ao seu lado? Que horror nos causaria hum pai de familia , se vissemos que sómente amava aquelle filho , que mais lhe cahio em graça , e o trazia farto , e cuberto de ouro , e que sem estimar os outros , os deixava andar nús , e mortos de fome? Que conceito formaríamos ainda do mesmo Deos , cujos segredos não podemos alcançar , se criando para huns sómente o dia , fosse para outros sempre noite escura? Se para huns tudo fossem misericordias , e para outros nenhuma piedade? Pois este mesmo juizo condemna a nossa falta de caridade , e nos mostra claramente aos olhos o quanto erramos na pratica desta virtude.

Mas

Mas já he tempo de nós chegarmos ao Cenaculo para observarmos de mais perto como Christo quer que amemos aquelles, que tem o segundo lugar na ordem da caridade para com o proximo. Não pode Christo nesta occasião mostrar pessoalmente a todos os homens o quanto nos ama com esta especie de amor, porque todos os que estão na sua companhia, exceptuando Judas, fazem por lhe merecer o seu amor. E que faz? Oh amor o mais extremo! Institue aquelle Sacramento, deixando-o até o fim do mundo para remedio, e bem de todos. Bem tão immenso, que ao mesmo tempo, e no mesmo instante se póde communicar ao mundo todo: bem tão universal, que sempre, e a qualquer hora está patente para todos: bem tão grande, que se não busca nelle couza alguma boa, que se não ache. Alli acha consolação o afflicto, fartura o faminto, remedio o pobre, amparo o perseguido, faude o enfermo, em fim alli se acha Deos, que  
he

he tudo o que he bom, e para todos o mesmo. Ainda grande parte dos homens não existe, e já Christo os ama: ainda são futuros, e já está feito o beneficio: ainda não conhecem o bemfeitor, e já os enche de misericordias. O' Senhor, quem sempre estivera considerando no modo admiravel, com que nos amais nesta hora! Que viva, pura, igual, e bem ordenada fora a nossa caridade! Que pontualmente, como vós quereis, observaríamos este Mandamento, a que chamais vosso! Porém, Senhor, as nossas paixões nos perturbão, o nosso appetite nos cega, a nossa fragilidade nos enfraquece para não ver, nem reflectir em tão admiravel exemplo.

Porém a nossa maior cegueira, meus ouvintes, e a maior desordem da nossa caridade he a respeito dos nossos inimigos, que são os que tem o ultimo lugar no nosso amor. Aqui he aonde o amor proprio usã de todos os seus artificios. Que pretextos não busca para desculpar, e encubrir o nosso odio? Que não he preciso

para curar hum coração, no qual ainda está viva a chaga do agravo? A honra, o brio, o falso conhecimento de si proprio, a lembrança da injuria, a ingratiidão do inimigo, a sua vileza, e ainda huma virtude aparente, tudo se arma contra a pratica da caridade. E supposto que haja muitas razões para convencer todos estes enganos, com tudo eu não pertendo desculpar o vosso inimigo, nem fazer com que appareção menos feias as suas acções. Tambem não quero suppôr em vós odios refinados: o meu fim he convencer com aquella razão, que me parece mais forte, e prégar huma doutrina accommodada a quem me ouve. He o vosso inimigo o retrato mais feio, que se póde pintar da ira, da inveja, da ingratiidão, da injustiça, da maledicencia, e da crueldade: era huma vil creatura, sem prestimo algum, roto, e morto de fome, que vivia dos sobejos da outra gente. Trouxeste-o para vossa casa, depois de o pôr em limpeza criaste-lhe amor, fizestes delle

es-

estimação, déstes-lhe bens, com que se pudesse sustentar em toda a sua vida honradamente. Sem algum motivo, além do seu máo genio, tomou-vos aborrecimento, apartou-se de vós, e declarou-se por vosso inimigo. Anda publicamente descobrindo todos os vossos defeitos, ainda aquelles, que lhe confiaes em segredo. Levanta-vos testemunhos, que vos desacreditão de todo, e dão occasião a que todos vos desprezem, e desejem tirar a vida. Elle he o primeiro, que continuamente cuida em todos os modos de perder-vos. Se houver occasião, sabeis de certo que de boa verdade vos atravessará o peito; que depois de vos ter morto, vos arrancará o coração, o morderá, e que vos ha de beber o sangue. Não he só cruel para comvosco: o mesmo deseja fazer a todos os mais viventes. Os mortos não escapão á sua má lingua: faz tristes prognosticos aos que ainda não nascêrão: ainda aqui não pára: até em si mesmo desafoga a sua ira. Diz mal de si proprio: aborrece a sua mes-

ma

ma companhia: algumas vezes se fere, se maltrata, e busca precipicios com intentos de perder-se. Em fim não cabe no mundo todo a sua insolencia. Põe a boca no Ceo, diz blasfemias nunca ouvidas, e profere palavras, que fazem tremer as carnes a quem as ouve.

Quereis que assim seja o vosso inimigo? Sou contente. Tambem quero suppôr do vosso bom animo que podendo lhe não fazeis algum mal, nem lho desejais fazer, que não intentais vinganças, ultimamente que lhe não tendes odio. Parece-me que se não póde fingir caso, que vos seja mais favoravel. Pois sabeí que este mesmo monstro horrendo de maldades, que vos pinteí tão feio, e de tal modo, que não será facil achar-se, ainda he objecto digno do vosso amor, e que sómente em lhe não desejaes mal, nem lhe teres odio; não observais o Mandamento de Christo. Espantais-vos? Sim, meus ouvintes, he digno do vosso amor este monstro de maldades, porque Deos  
af-

assim o manda, e tem muita razão para o mandar assim. Esta Lei não he fundada em capricho, he fundada na sabedoria infinita do mesmo Deos. Primeiro que assim o mandasse, nos mostrou que era possível, e conforme á razão a sua observancia. A este mesmo homem, que he vosso inimigo, e tambem de Deos, tem o mesmo Deos ainda amor: não fallo do amor, no qual consiste a graça, fallo daquelle amor, que se explica pelos effeitos da misericordia. Ainda Deos o está conservando, ainda o sustenta, ainda se compadece da sua cegueira, ainda lhe dá auxilios, ainda o chama, e faz quanto basta para o trazer outra vez para si. Talvez que para este perverso tenha preparado no Ceo glorioso assento. Póde ser que ainda seja hum grande Santo, e que venha a ser adorado nos Altares. Não ha de ser esta a primeira obra maravilhosa da mão direita do Altissimo. E julgais indigno do vosso amor quem ainda recebe de Deos tantos favores? Julgais indigno do

do vosso amor quem ainda póde ser bemaventurado? Julgais indigno do vosso amor quem ainda póde chegar a ser objecto de culto, e veneração para toda a Christandade?

Mas quero apertar mais o argumento, e para de todo vos convencer pezemos na balança da razão as offensas, que este homem vos tem feito, com as offensas, que vós tendes commettido contra Deos. Qualquer offensa, que a creatura commette contra Deos, ou tem malicia infinita em si mesma, ou ao menos em razão do seu objecto, que he o mesmo Deos. Todas as offensas, que as creaturas podem fazer humas ás outras, sem dizer respeito á Lei da caridade, e consideradas sómente em si como mal, que se nos faz a nós, são tão limitadas como nós mesmos. E offendendo nós a Deos tantas vezes, e com offensas infinitas, que são maiores que tudo quanto se póde considerar, ainda Deos nos ama, ainda nos faz beneficios, e não queremos amar a quem nos agrava com offensas,



fas, que todas juntas, e outras tantas não chegam a pezar tanto, quanto péza huma unica offensa de Deos? Offende a vil creatura, o barro, o nada ao Todo poderoso, e não se acaba de todo o amor! Offende hum lodo a outro lodo, e acaba-se de todo a caridade! Não he isto provocar a justiça Divina, para que nos faça o mesmo a nós, que nós fazemos aos outros? Cuidais que em não ter odio aos inimigos observais o Mandamento de Christo? Pois he engano. O preceito da caridade he hum preceito positivo, e obriga a positivo amor. Para se observar o preceito de não matar, basta que nem se tire a vida, nem se deseje tirar a pessoa alguma, nem se consinta, quando se póde impedir este crime; porém para se observar o preceito de amar ao proximo he necessario que verdadeiramente se ame, e esta indifferença não he amor, he suspensão de odio. Não tem dúvida que quem assim obra não faz ao seu inimigo o mal, que lhe pudéra fazer; mas não lhe  
faz

faz o bem, que Deos manda. Misereáveis de nós, se Deos usára assim conosco, quando o offendemos! Se Deos suspendêra os seus beneficios, quando peccamos, que havia ser de nós? No mesmo instante acabariamos, e seriamos desgraçados para sempre.

Nem me argumentem com dizer David, que tinha odio aos máos, que he peor que sómente não lhe ter amor; porque o Profeta fallava do odio perfeito, como elle mesmo lhe chama, e este odio bem se compadece com a caridade. Aborrecer, e ter odio ao peccado he virtude: não amar a pessoa, que o commette, como proximo, he culpa. Aborrecer ambas as cousas he odio cheio de imperfeição: aborrecer, e juntamente amar he odio perfeito; e este odio vos quizera eu persuadir em lugar da vossa indifferença. Nelle consiste a regra da caridade para com os inimigos. Devemos fugir da sua companhia, se della nos póde resultar prejuizo á nossa consciencia: devemos detestar interiormente os seus

cof-

costumes, senão são como devem ser: devemos porém perdoar-lhes as offensas, amar as suas pessoas de todo o coração, fazellos participantes das nossas orações, desejar-lhes todo o bem, e fazer-lho, se virmos que necessitão d'elle, como fariamos a qualquer dos nossos maiores amigos, porque isto he o que nos manda o Divino Mestre, e o que fez hoje no Cenaculo, para que assim o fizessemos. Que maior inimigo de Christo que Judas? Que monstro mais cheio de maldades? Não vos parece o original do retrato, que ha pouco pintei de hum perverso? Pois ainda he mais horrendo, porque tem dentro do seu coração o mesmo demonio. E que mais finezas obra Christo pelos outros Discipulos, que não faça tambem por elle? Sabe que he indigno de viver entre os homens, e come com elle á mesma meza. Conhece que he escravo do demonio, e ajoelha na sua presença. Sabe que o ha de vender pelo vil preço de trinta dinheiros, e lava-lhe os pés com

muita humildade. Prevê que o há de entregar dalli a poucas horas, e como amigo o recebe nos seus braços, e lhe dá seu corpo sacramentado. Por elle derrama lagrimas, explica-lhe as mais importantes maximas da sua doutrina, adverte-o do seu peccado, sem que os mais saibão com quem falla, para que se arrependa; em fim d'elle se despede, e até mostra ter faudade, que he a ultima prova do amor.

Eis-aqui, meus ouvintes, como devemos amar ao proximo, e como Christo nos ensina a pratica desta importante virtude. Amar a todos por amor de Deos, e não por algum respeito humano. Aos parentes, e amigos em primeiro lugar depois de Deos, mas sem excessão. Aos que não são amigos, nem inimigos em segundo lugar, mas tanto como aos primeiros. Aos inimigos em ultimo lugar, mas com verdadeiro amor. A todos finalmente como Christo nos amou. De sorte, que em quanto a fazer beneficios, sendo a necessidade igual,

igual, e não podendo acudir a todos, devo guardar esta ordem ; mas em quanto ao amor, igual para com todos, e sempre o mesmo, porque o motivo sobrenatural tem a respeito de todos a mesma força, e a natureza não deve ser attendida neste particular por hum Discipulo de Christo, que deve obrar por fim mais sublime. Faça quantas differenças fizer a carne, que todas deve desprezar o espirito. Fallem quanto quizerem os homens, que na observancia deste Mandamento só devemos attender ao que nos diz Christo, amando-nos huns aos outros como elle nos amou.

E que bemaventurança feria a nossa, se isto assim acontecêra ! Que retrato do Ceo se pôde formar, que mais se pareça com elle, do que então feria a terra ! Se cada hum de nós cuidasse em ter perfeita caridade, pouco a pouco se irião domesticando os homens, e sem que fossem pezados huns aos outros, viverião em huma união, e paz admiraveis : terião fim as lagrimas, e as invejas, e

todos igualmente viverião contentes com a sua fortuna : perderia o ferro a jurisdicção , que a crueldade lhe deo sobre as nossas vidas , e todos dormirião o seu sono descansados : nenhum trabalho feria grande , porque sempre teriamos quem nelle nos valesse : não haveria enfermidade má de soffrer-se , ainda na menor teriamos muito quem nos consolasse : nenhuma paixão nos destruiria a saude , e ferião mais compridas as idades : não haveria para nós dia triste , huma constante alegria feria companhia inseparavel da vida ; e o que mais he , que Deos cheio de gosto , por nos ver tão amigos huns dos outros , suspenderia todos os seus castigos , e com mão mais liberal deixaria cahir sobre nós os seus favores. Nem consentiria que o Ceo nos atemorizasse com os seus raios , nem que a terra engolisse inteiras as Cidades , nem que o mar passasse dos seus limites para nossa ruina , nem que o ar se movesse de modo , que pudesse offender-nos. Os tempos guarda-

darião boa ordem nas suas estações, sempre olhariamos para o Ceo fere-no, e poucas vezes amanheceria o dia sem ser claro. A fertilidade feria tal, que já mais se experimentaria a menor falta: ainda Deos nos daria maiores graças do que hoje nos dá, e trataria familiarmente connosco, fallando-nos mais vezes do que fallou a Moysés.

O' felicidade, que por grande parecees sonhada! He possível, meus ouvintes, que estando em nossas mãos tão grande fortuna, sejamos por nossa livre vontade desgraçados? Senhor, só vós, que foubestes idear tão grande bem, nos podeis abrir os olhos para o vermos tão bello, e digno dos nossos affectos como em si he. A nossa cegueira he tal, que fechamos os olhos ao vosso exemplo, e he tão forte em nós o amor proprio, que resiste á força da vossa Lei, e do nosso mesmo interesse. Porém, Senhor, se hum coração contricto vos merece piedade, tende misericordia de nós. A todos nos peza de ter faltado á

ob-

observancia de tão importante preceito : todos desejamos de hoje por diante, e para sempre viver abraçados na mais perfeita caridade. Allumiai, Senhor, os nossos entendimentos para conhecermos o mal, que temos obrado, e o bem, que devemos obrar. Purificai os nossos corações, para que nenhuma paixão possa apagar tão Divino fogo. Reparti, Senhor, connosco desse mesmo amor, pois só elle nos póde unir huns aos outros, e a vós mesmo agora, e sempre por toda a eternidade. Amen.







S E R M ã O  
 D A  
 SOLEDADE  
 DA SENHORA,

Prégado em Marvilla.

*Ambulate filii, ambulate: ego enim derelicta sum sola.* Baruch 4.  
 19.



NÃO ha cousa mais usada entre os homens, que fazer companhia, e pertender consolar a quem se acha afflicto. Nunca o padecente caminha só para o patibulo. Sempre vemos cheia até á porta a casa, onde acabou de espirar algum moribun-

bundo. Aqui se topa com hum tropel de gente, que vai dar os pezames de huma morte : acolá se encontra hum tumulto, que se ajuntou para levantar do chão a hum desgraçado. A ninguem se conta hum desastre, que não segure que o fente, que não rompa em palavras as mais compassivas, que não offereça para logo todo o seu prestimo. Porém com ser isto tão ordinario, que poucos são aquelles, que verdadeiramente nos servem de consolação nas nossas mágoas ! O perseguido foge da communicação das gentes, e só acha no retiro algum alivio para a sua queixa. O faudoso nem da companhia da mesma luz se agrada, busca a solidão, procura as sombras para desafogar a sua dor em suspiros. O enfermo só para quem lhe póde dar remedio olha com gosto. O pobre não conta senão a outro como elle a sua miseria. Finalmente havendo tanto quem nos console, costumamos para nossa consolação procurar a mui poucos.

Notavel contrariedade parece ser esta, meus ouvintes! Mas se bem a considerarmos, he forte defengano para todos aquelles, que buscão nos homens alivio para os seus pezares. Para que alguém console a outrem, como adverte o meu S. Boaventura, he necessario que o ame com amor verdadeiro, porque só este he efficaz, só este he compassivo; e como semelhante affecto he tão raro, por isso nas afflicções nem a todos recorre a nossa mágoa, por isso sómente estimamos a companhia de poucos, por isso antes queremos a solidão que o engano. Para que alguém possa consolar a outrem, como ensina Santo Agostinho, he necessario que primeiro se condoa com o afflicto, e se faça participante do mesmo mal, que elle padece, porque só assim poderá desejar dar remedio ao trabalho alheio como se fora proprio, e cuidará nos meios mais efficazes para remediallo; e a estas pezadas condições só costuma sujeitar-se quem verdadeiramente ama. Porque nos re-

pre-

**Thren. I.** apresenta Jeremias a Jerusaleem só, sem ter entre tantos filhos quem a console, senão porque são poucos os que choravão como propria, e particular a sua ruina? Porque não consolárão a

**Job. 16. I.** Job os amigos, que o forão visitar nos seus trabalhos, senão porque temêrão lhe pedisse algum soccorro, e elles sómente querião satisfazer ao mundo com aquella cerimonia? Por-

**Joan. II.** que achárão as irmans de Lazaro em Christo prompto remedio para a sua pena, senão porque o Senhor amava a seu irmão de véras? O certo he, meus ouvintes, que amigos verdadeiros são poucos: os officios da humanidade tornárão-se totalmente em fantasmas: a compaixão dos homens já ha muito que se converteo em dissimulada politica.

E sendo isto assim, quantos dos que estamos presentes seremos dignos de que Maria Santissima se queira servir da nossa companhia? Quantos entrariamos nesta Igreja com o coração ferido de dor por causa da morte de Christo, assim como se acha

o da

o da Mãi de Deos nesta triste noite? Quantos desejaremos efficazmente enxugar, ou ao menos diminuir as suas lagrimas? Quantos estaremos promptos para procurar a todo o custo algum remedio para a sua Soledade? A esta pergunta só póde responder cada hum de nós por si, e a Senhora por todos, pois conhece como em si são os nossos affectos. Deos permitta que o nosso interior corresponda ao funebre silencio desta hora, e ao exterior penitente, e compassivo de todo este congresso; porém se esta compaixão he só apparente, se vos trouxe aqui algum motivo, que feja alheio de huma piedade Christã, e verdadeira, bem podeis retirar-vos, porque isso he o que a Mãi de Deos vos está dizendo pelo Profeta nas palavras do meu thema, e o que eu tambem em nome da mesma Senhora vos hei de repetir em todo este discurso.

Dai-me, Senhora, luz, para que acerte em reprehender severamente os que pertendem profanar o sagrado

do Myfterio da vossa Soledade. Ajudai-me, Virgem Santissima, para que as palavras, que eu differ, sejam tão limpas, e escolhidas, como se fossem vossas. Assisti-me, Mãi amabilissima, para que os discursos, que formar, sejam tão convincentes, que possa com elles triunfar de quem de coração vos não ama. E vós, meus ouvintes, dai-me attenção com hum verdadeiro espirito de Christandade. Não repareis na grosseria do estylo: não vos affrouxe o desconcertado da oração: não vos enfastieis da vulgaridade dos pensamentos. Ouvi-me como a quem vos falla verdade, e vos deseja o maior bem, e faz relevante conceito de vós. Não seja outro o vosso fim, senão receber em vossas almas o fruto da Divina palavra, e offerecer á Mãi de Deos hum sacrificio, que lhe seja agradavel, em agradecimento do muito, que sentio, e chorou tambem por nosso amor. Principiemos.

Para que vindes augmentar mais a minha pena, homens sem razão, e sem

sem piedade? diz a Senhora a todos aquelles, que lhe não fazem verdadeira companhia na sua Soledade. Se esta ausencia de meu querido Filho vos não fere o peito, para que appareceis diante de meus olhos? Sente toda a natureza esta morte: chorão as mesmas ruas de Jerusaleem esta perda: toda a Igreja está cuberta de luto, e de tristeza por causa desta ausencia: nada disto me consola; e quereis que eu receba alivio com a vossa presença, vendo-vos com os corações tão empedernidos, com os semblantes tão pouco mudados, e com os olhos tão enxutos? Hei de soffrer que huys ingratos, que tanto sentem a ausencia de qualquer creatura, que amão, estando ausente o seu Deos, se mostrem pelo contrario das mais creaturas tão indifferentes? Não vos envergonhais de vir á minha presença tão insensiveis? Por ventura este Filho, que choro, he a vosso respeito alguma pessoa estranha? Não he este mesmo o vosso Deos, o vosso Redemptor, o que vos ha de julgar, e por

e por ultimo ou premiar, ou castigar para sempre? Esta morte, que padecio, não foi para vos comprar a liberdade, de que gozais? Esta Solidade, em que me acho, não teve motivo no vosso peccado? Pois se tanto vos pertence este caso, como quereis que eu só o finta? Eu, que sempre o amei, a chorar sem alivio; e vós, que sempre fostes ingratos, sem derramar huma lagrima! Eu, que nunca o offendi, a padecer sem limite; e vós, que tanto o tendes aggravado, sem o menor sentimento! Nem a pessoa mais ordinaria, em occasião de tanta pena, deixaria de se aggravar, se qualquer de vós entrasse por sua casa vestido de gala, com palavras de gosto, com ar menos fizado; e quereis que leve a bem este vosso obsequio, vendo interiormente os vossos corações nada sentidos, os vossos animos nada tristes? Quando assim o pede a urbanidade, todos vos cubrís de luto, para que o mundo vos não tenha por grosseiros; e sabendo que eu vejo os vossos affectos,



Estos, não temeis que me offenda de os ver tão impropriamente adornados? Para que viestes acompanhar-me, senão sois capazes de participar da minha dor? Para que vos demorais neste lugar, senão tendes animo para me ajudar a sentir a minha pena? Porque não voltais outra vez para o mundo, donde viestes, senão tendes a principal condição, que se requer para ser compassivo? Ide, ide, crueis: deixai-me, deixai-me, tyrannos. Não necessito de vós: basta que eu chore.

E quem serão, meus ouvintes, estes desgraçados, que a Mãe de Deos lança hoje fóra de si, que lhe não fazem verdadeira companhia na sua mágoa, que não sentem a morte de seu querido Filho, e a quem a Senhora falla por hum modo tão alheio da sua piedade? Quem serão estes, a quem ainda a dor não partio os corações na ausencia do nosso Deos? Quem se não víra obrigado a dizello! Que temerosa sentença devo pronunciar tambem contra mim mesmo!

Eu,

Eu, e todos aquelles, que do mesmo modo vivem, fomos os infelices, que profanamos este Sagrado Myfterio. Os que não amamos a Deos com hum verdadeiro amor de preferencia: os que idolatramos em nossos appetites: os que só cuidamos nos interesses do mundo: os que totalmente nos esquecemos da eternidade, fomos aquelles, que não sentimos com verdadeira dor a morte de Christo. Sim corremos esta noite nas Igrejas; mas o coração lá deixa noutro lugar os affectos. Sim nos convencem os discursos dos Prégadores; mas parando toda esta moção no entendimento, nunca chegamos a ficar inteiramente persuadidos. Sim nos arrebatam a tragica representação, de que usa a Igreja com pio, e discreto artificio, para nos enternecer o espirito; mas o effeito não passa dos sentidos, porque a alma totalmente se emprega em bem differentes objectos; e como nos achamos tão alienados, por isso não sentimos huma ausencia, que nos representa a perda do verdadeiro bem,

bem, do bem unico, do bem eterno, do bem, sem o qual tudo he perdição, tudo he ruina, tudo he infelicidade, e desgraça tudo. Bem podiamos aqui ficar, meus ouvintes, pois bastante materia tinhamos para reflectir, e para nos desenganar; porém attendamos outra vez ao que a Mãe de Deos por entre soluços, e lagrimas continúa a dizer-nos.

Que sacrilega hyprocrisia de affectos he esta? diz a saudosa Senhora, continuando contra os peccadores a sua queixa. Se nenhum desejo tendes de me dar alivio na minha mágoa, de que me serve a vossa companhia? Imaginais que me posso agradar de fingimentos, como tendes por costume usar huns com outros? Tanto desejo de valer a quem sabe Deos se vos ama, e nenhum de me consolar a mim, que tanto vos quero? Tanto pezar de não poder acudir aos que talvez o não mereção; e a mim, que tantos beneficios vos tenho feito, até me negais este pouco? Tantos arbitrios para fazer

feliz a quem póde ser que nem de vós se lembre; e para me dar alivio em tão grande mágoa a mim, que nunca me hei de esquecer de vós, nem o mais leve cuidado? Com que pensamentos sahistes hoje de vossas casas? Que fim vos moveo a entrar nesta Igreja? Ainda desejavaes que eu tivesse mais que sentir? Ainda vos pareciao poucas as lagrimas, que até agora tenho chorado? Que mais era preciso para eu ter que sentir sem limite, que a viva lembrança da impiedade, que ha pouco usárão com meu querido Filho? Para que vindes accrescentar mais a este motivo a consideração da tyrannia, de que tambem agora usais comigo? Tanto apreço fazeis de vossos affectos, que os julgais em mim mal empregados? Até agora nesta materia tão prodigios com as outras creaturas, agora para comigo tão escaços? Não tivestes dúbida de gastar a vida toda nos mais depravados desejos, que sómente servirão de vos arruinar os coraçãoes, de vos estragar o espirito, e  
ain-

ainda vos não resolveis a formar hum unico nesta hora, que possa dar indício do vosso bom animo? Como podeis esperar que eu com liberal mão reparta abundantes graças a quem nem ao menos deseja dar-me alivio? Que justiça tendes, para que eu vos defenda de vossos inimigos, se quando vos devieis compadecer de mim, me estais com a vossa obstinação insultando? Como podeis esperar que eu diante do supremo Juiz vos ampare com o meu valimento, se agora nada vos posso merecer? Só desejais que eu vos valha? Só quereis que eu por vós suplique? Só nas afflicções sou vossa Mãe? Só quando o interesse he vosso sois meus filhos? Ah des-humanos! Filho de minhas entranhas, não consentais que estes ingratos me estejam ultrajando. Assim como deitastes fóra do Templo aquelles sacrilegos, que perdêrão o respeito á vossa casa, mandai aqui hum Anjo, que separe nesta Igreja os ingratos dos animos piedosos. Fazei que da minha presença se afastem todos aquelles,

S ii

que

que me não acompanhão. Castigai ao menos com os manifestar os que se não compadecem das minhas lagrimas.

Pasmosa queixa! Estranho acontecimento! Que não sintamos a pena da Mãe de Deos, he cegueira: que não façamos propria a sua dor, he insensibilidade; mas nem ao menos desejar-lhe alivio, inaudita crueldade! Somos homens criados entre gentes civilizadas, ou feras nascidas nos mais inacessiveis bolques? Temos algum conhecimento, ou totalmente fomos insensives? Mas que ha de fer? São inefficazes todos os nossos desejos, por isso a Santissima Virgem os não aceita, por isso com elles se dá por aggravada. O remedio unico, que a Senhora póde esperar de nós, he a emenda da vida: he buscarmos outra vez a seu querido Filho, de quem vivemos ausentes pela culpa; e como os propositos da nossa conversão nada tem de sinceros, por isso despreza, como fingidos, todos os nossos desejos. Dizei-me, meus ou-  
vin-

vintes: Aceitaries como sincera huma promessa a quem já mais cumprio sua palavra? Dareis credito ao que vos differ quem nunca vos fallou verdade? Desejastes efficaamente algum fim, desprezando os meios de conseguillo? Pois como pertendemos que a Senhora receba como verdadeiros huns propositos, que sendo tantas vezes repetidos, já mais se cumprirão? Como quereis que aceite humas promessas, que nunca se verificarão? Como vos admira que aborreça huns intentos, que antes de chegar á eleição dos meios se acabarão? Não soffreria qualquer Rei da terra, sem castigar-nos severamente, que o enganássemos: e pertendemos enganar a Mãe de Deos, a Senhora do Universo, ficando sem castigo a nossa ousadia? Perdoai-me, afflictissima Senhora, interromper as vossas palavras. A vossa queixa he tão justa como vossa: o nosso procedimento nos faz merecedores dos maiores castigos; porém a vossa misericordia ainda nos soffre; e por isso, para mais

nos

nos abrir os olhos, e abrandar os corações, vai continuando a queixar-se.

Ingratos filhos, assim he que me pagais o amor, que vos tenho? Humma espada cruel traspassa a minha alma, todos a estais vendo, e nenhum de vós se resolve a livrar-me desta dor tão penetrante? Estão correndo de meus olhos as lagrimas a rios, e, como se vos fora agradavel semelhante espectáculo, não ha entre vós quem se offereça para enxugar-mas? Fui por esses caminhos mostrar a todos o motivo de meus pezares, e outra vez me recolho como se não houvera sahido? Tenho retratada neste sudario a causa, por que choro, e ninguem mo pede para o ver, e adorar como merece? Para quando guardais o ser compadecidos? Esperais que eu acabe ou de ter motivos para chorar, ou de ter alento para padecer? Por vosso bem vi hoje morrer meu querido Filho de huma morte a mais cruel, e affrontosa: tive-o morto em meus braços, estalando-



do-me o coração de sentimento , e agora me acho só cercada de tantas penas ; e vós por meu amor nada quereis obrar ? Tendes coração para me deixar neste estado ? Nem sentís a causa da minha mágoa , nem desejais dar-me alivio nella , nem finalmente vos compadeceis de mim ? Quem nunca vos houvera aceitado por filhos , para me não ser tão sensível esta má correspondencia ! Quem nunca vos houvera amado com tanto extremo , para me não ser tão pezado este aggravo ! Mas já que nenhum motivo vos obriga , já que nenhuma razão vos convence , eu vos deixo. Já não quero a vossa companhia , já vos não peço compaixão , já não espero de vós alivio. Eu ficarei sem vós ; mas como tenho nos meus braços ao meu querido Jesus , ainda que morto , nelle me fica tudo. E vós , como não sois dignos de me fazer companhia , nem quereis sinceramente acompanhar-me no meu pranto , ficareis sem mim , e sem elle em hum total desamparo. A minha faudade terá fim :

fim : a vossa poderá ser eterna. As minhas lagrimas algum dia se converterão em prazeres : os gostos , que são causa de que agora não choreis comigo , talvez se convertão em desesperação , e lagrimas para sempre.

Confesso, Mãe amabilissima, que estas ultimas palavras da vossa queixa são capazes de partir em pedaços o coração mais duro, e mais obstinado. He possivel , meus ouvintes, que a nossa Mãe , a nossa Advogada , a nossa Protectora nos chegue a despedir da sua companhia ! Que ha de ser de nós , se nos faltar este bem ! Quem poderá caminhar seguro sem esta Divina luz por este vale de sombras, e de horrores ! Quem terá animo nas adversidades sem ter quem o defenda ! Quem poderá triunfar dos perigos sem tão poderoso soccorro ! Que aborrecimento nos terão as outras creaturas , vendo que a Senhora nos declara por ingratos ! Lamentavel desgraça ! Mas que acção de piedade será esta , a que faltamos , e por isso merecemos este ultimo castigo ?

Não .

Não póde ser outra senão hum acto de contrição verdadeira. Até no Ceo, onde a posse do summo Bem occupa totalmente os entendimentos, e as vontades dos bemaventurados, he a conversão de hum peccador attendivel. Ha na Bemaventurança mais hum particular prazer, quando fazemos penitencia das nossas culpas. Só nisto póde receber a Mãe de Deos na occasião presente algum alivio. Ver que temos saudade de seu querido Filho: ver que desejamos buscallo: ver finalmente que de véras o amamos, deixando por elle tudo, e propondo firmemente de nunca mais o tornar a offender, he o que póde de algum modo moderar a dor da Senhora, diminuir o seu pranto, e adoçar as amarguras da sua Soledade. Nunca deixará de chorar; mas não será dobrado o motivo das suas lagrimas. Não se acabará de todo a solidão; mas terá quem nella lhe faça alguma companhia.

E parece-vos justo, meus ouvintes, que voltemos para nossas casas  
em

em peor estado do que sahimos dellas? Tão carregados de peccados, como viemos? Sem se lograr o principal fim deste Sagrado Mysterio? Despedidos da Mãi de Deos por ingratos, crueis, e insensiveis? E isto por faltar a huns actos, que os estão pedindo a razão, o tempo, a honra, as leis da compaixão, o agradecimento, o nosso proprio interesse, e para os quaes nem temos falta de auxilios, nem de liberdade? Não he possivel que haja entre nós quem resista a tão fortes motivos. Aqui estamos já todos, saudosissima Senhora, dispostos para vos fazer verdadeira companhia na vossa Soledade. Nada sentimos mais que a ausencia de vosso querido Filho, e nosso Deos: o coração se nos parte de sentimento: a dor nos penetra até o ultimo de nossa alma: o pezar nos opprime todo o espirito: tudo o mais quizeramos antes haver perdido, que a doce companhia do nosso Jesus. A mesma vida nos he pezada sem elle: até agradavel nos parece a morte, quando

do a consideramos como unico meio de o possuir. He tão efficaz o desejo, que temos de o achar, que por elle deixaremos tudo. Percão-se os bens da fortuna: não se alcancem os póstos: não se configão as honras: carregem sobre nós as injustiças: não achemos já mais cousa alguma do mundo, que procurarmos, com tanto que alcancemos a doce presença do nosso adorado Redemptor. E como para o achar he preciso renunciar o mundo, e a nós mesmos, entregando ao mesmo Deos os corações, e os affectos, detestando a culpa, chorando-a amargamente, e propondo de nunca mais peccar, já de todo damos as costas ao mundo, e ao amor proprio, crucificando-nos com Christo na sua Cruz: já de todo o nosso coração formamos throno ao nosso Deos, para que nelle reine como nosso unico, e verdadeiro Senhor: já aborrecemos para sempre a culpa: já choramos o nosso peccado para nos purificarmos delle em lagrimas de verdadeira penitencia: já finalmen-

mente propomos de nunca mais offender ao nosso Creador. Permitti, clementissima Senhora, algum alivio á nossa mágoa: soffrei que por algum tempo esteja em nosso poder esse sagrado deposito: consenti que esse Divino retrato, ainda que seja por breve espaço, venha consolar os nossos afflictos corações. Bem sabemos que he tosco esse desenho; porém affim mesmo o queremos. De qualquer modo que esteja em nossa companhia, he melhor infinitamente que viver sem elle. Por isso mesmo que mostra os effeitos horrorosos da nossa culpa, o queremos adorar, para que seja mais intensa a nossa dor, e mais vivo o nosso arrependimento. Não dilateis mais esta consolação aos nossos animos afflictos: apressai os passos, ó piedosos ministros: chegai com essa copia sacrosanta, que já não podemos soffrer os golpes de tão cruel, e tyranna saudade.

Deixai-me fartar, meus ouvintes, deixai-me fartar de ver o meu Bem. Satisfazei, satisfazei vossos de-

fe-

fejos com o doce objecto do nosso amor. O' suave presença! O' amavel companhia! E houve quem pudesse viver hum só instante sem vós? Ainda depois de padecerdes tanto por nosso amor, ainda houve quem vos deixasse? He possível que tivésse o peccado quem o seguisse depois de causar tão horroroso estrago? O' meu Deos, e meu amor, quem tivera ha mais tempo conhecido tão grande erro! Quem nunca vos houvera offendido! Quem já mais vos houvera deixado! Quem sempre trouxera diante dos olhos este retrato para nelle vos ver, e vos imitar! O' sacrosanta cabeça, quem toda a vida meditára nesses espinhos, para me não ter coroadado por tantas vezes de rosas! O' Divinos olhos, quem sempre contemplára nessa modestia, para já mais ter empregado a vista em torpes objectos! O' soberana face, quem reflectíra, como he devido, no final dessa bofetada, para não tomar vingança de alguma offensa! O' sagrado silencio, quem vos houvera imi-  
ta-

tado , para não cortar pelo credito do proximo com tanta crueldade ! O' mãos omnipotentes , quem tomára o vosso exemplo , para não ter vivido com tanta soltura ! O' amante peito , quem assim houvera tido sempre o nosso aberto , para não ter dissimulado delle tamanhos odios ! O' sangue precioso , ó bemditas chagas , quem foubiera aproveitar-se do vosso inestimavel valor , e merecimento infinito ! Porém , meu Redemptor , já que a vossa paciencia soffreo até agora a nossa sem-razão , e o nosso descuido , agora que a Soledade de vossa querida Mãi nos aviva mais a lembrança da vossa ausencia : agora que todos pertendemos fazer companhia á faudosa Senhora , e offerecer-lhe hum sacrificio , que lhe seja agradavel : agora finalmente , que por serdes vós quem sois , summamente bom , e digno de ser amado , vos queremos amar sobre todas as cousas , e para sempre , prostrados a vossos pés prometemos huma verdadeira emenda da nossa vida : fazemos hum firme pro-  
po-



posito de nunca mais dar occasião a que vos ausenteis de nós. Concedei-nos, Deos omnipotente, graça, para que esta nossa penitencia seja sincera. Perdoai-nos, clementissimo Senhor, todos os nossos peccados pelo merecimento daquellas lagrimas, pelo valor deste sangue; pelo heroico daquella Soledade, pelo infinito preço desta morte; por aquelle martyrio, por este sacrificio; por aquellas dores, por estas chagas; por amor de vossa querida Mãi, por vós mesmo; por aquella compaixão, pela vossa misericordia. Misericordia, Mãi clementissima. Misericordia, amorosissimo Pai. Misericordia, amabilissima Senhora. Misericordia, querido, e adorado Jesus.





S E R M ã O  
 D O  
 S.<sup>OR</sup> J E S U S  
 D A V I A - S A C R A ,

Prégado em Marvilla na Domingo *in Albis* , estando o Sacramento exposto.

*Ostendit eis manus , & latus.*  
 Joan. 20.



N ã O vos perturbeis , meus ouvintes , nem com as palavras do thema , nem com o objecto da presente festividade. Em dias de tanto gosto não podia eu subir a este pul-

pulpito com pensamentos de encher os vossos corações de tristeza. As chagas, que hoje mostra Christo aos Discipulos, já não significão tormentos, são sinaes de victoria. A memoria de sua Paixão Sacrosanta já não he triste, he muito alegre. Diz São Paulo, que todos resuscitamos com Christo não só naturalmente, por ser a sua Resurreição principio da nossa, mas tambem no sentido mystico, porque resuscitamos do peccado para a graça. E como neste feliz tempo nos consideramos todos os homens regatados com o preço do sangue bemdito, que sahio por aquellas feridas, e com os merecimentos da Paixão Sagrada, nem o Divino Mestre perturba aos Discipulos o gosto de o verem resuscitado com lhes mostrar as chagas, nem deve perturbar-nos a alegria deste santo tempo ser o mesmo Christo considerado nos passos de sua Paixão o objecto deste culto.

Bem conheço que o nosso coração costumado desde o seu principio a desgostos, desconsoações, e peza-

1. ad Cor<sup>o</sup>  
15. 20.  
21. Ad  
Colof. 2,  
12.

res, mais de preffa se deixa possuir da tristeza, que do prazer: o continuo uso lhe faz ser quasi natural a mágoa, e já pelo muito exercicio concorre sem violencia para as lagrimas. Tambem não ignoro que afrontas, tormentos, fangue, e morte ainda ao animo mais cruel cobrem de sombras, e que tudo isto lembra a quem olha para aquella Imagem, e medita devotamente nos seus passos; porém, supposta a nossa redempção, não póde haver meditação mais alegre, mais doce, mais cheia de consolações do que esta: nenhum objecto nos póde encher mais de gosto que o mesmo Christo, que por nós padeceo, e morreo naquella Cruz, porque desta Paixão, e Morte se tirão humas consequencias tão alegres, que na sua presença desapparecem todos os pezares, assim como da luz fogem as trévas: humas consequencias tão gloriosas, que fazem esquecer de tudo quanto póde affligir o nosso espirito. Assim o pertendo mostrar em hum breve discurso, para per-

persuadir aos meus ouvintes com doutrina accommodada ao tempo o quanto se devem inflamar neste santo exercicio, e augmentar cada vez mais a devoção, que tem ao Senhor Jesus da Via-Sacra. Principiemos.

De dous modos se póde considerar a Paixão de Christo, ou como effeito do peccado, ou como satisfação d'elle, e principio da nossa eterna felicidade. E posto que quando me considero reo daquella morte, me entristece a minha maldade, que motivos não tenho para me alegrar, quando me considero de posse da maior fortuna? Ninguem sabe tomar melhor o gosto á ventura, que todo aquelle, que algum dia foi desgraçado; e conservando nós tão fresca na memoria a lembrança do que antigamente fomos, que prazer não causará em nossos corações a consideração do feliz estado, no qual de presente nos achamos? Que triste memoria a do nosso cativo! Deos offendido, e cheio de ira: o homem desherdado da Gloria, e aborrecido: a nossa

alma mais escura que a noite, na qual não apparecem Lua, nem estrellas: as portas do Ceo fechadas: o mundo cheio de lagrimas, e suspiros: o Inferno triunfante, a morte victoriosa, e vencedor o demonio. Desce porém o Divino Verbo do Ceo á terra, e se faz homem. Mas ó prazer, que me não cabes no peito! Padece, e morre Christo por nós: troca-se na maior fortuna a nossa desgraça: Deos se dá por satisfeito, e nos recebe outra vez no seu amor: volta para nós seus Divinos olhos todo cheio de misericordia: o homem toma novamente posse da sua herança, e alcança graça, com que a pôde augmentar muito: o nosso espirito se enche de huma nova luz mais resplandecente que o Sol: arrancão-se as portas do Ceo, e fica aberto para sempre: convertem-se em prazeres as lagrimas: o Inferno arde na mais desesperada inveja: a morte cede por força o seu imperio á vida: em fim perde totalmente as suas esperanças o demonio.

E que

E que alegria pôde haver, que seja igual a esta? O gosto dos Israelitas, quando virão submergidos no mar vermelho os esquadrões de Faraó, tendo-o elles passado a pé enxuto: os jubilos dos moradores de Bethulia, quando Judith entrou pela Cidade triunfante, trazendo pelos cabellos, e mostrando ao povo a cabeça de Holofernes: a alegria do povo Hebreo, quando Esther fez revogar o decreto de morte, que Assuero havia mandado publicar contra o mesmo povo: a consolação, que teve David, quando se vio triunfante de seus inimigos, e em posse pacifica do seu Reino, tudo são sombras em comparação do gosto, que nos deve causar a nossa felicidade. Só a nossa desgraça era verdadeiramente grande, porque era eterna: só nós fomos hoje verdadeiramente bem afortunados, porque se acabárão para sempre para nós as desventuras. E se tudo devemos áquelles tormentos, áquellas chagas, áquelle sangue, e áquella morte, que meditação mais alegre que a da Paixão

xão de Christo? Que objecto mais cheio de doçuras que aquelle Crucifixo? O certo he, meus ouvintes, que o nosso coração he pequeno para tamanho gosto: tanto prazer não cabe em peito humano. Por isso hoje Thomé duvidou tanto da Resurreição de Christo, porque ainda se não julgava digno de tamanha ventura. O mesmo gosto, que havia de ter, representado na imaginação, lhe perturbava o discurso, e o fazia ser incredulo.

Só parece nos ficou para sentir do nosso antigo estado a sujeição ás molestias, e trabalhos, que a mesma Paixão do Redemptor nos traz á memoria, e de que não ficámos livres pela sua morte. Mas ó redempção toda cheia de Mysterios! Que gosto he o padecer, e soffrer depois de Christo fazer o mesmo por nosso amor! Antigamente erão os trabalhos castigos, hoje são tambem premios: antigamente erão só effeitos do peccado, hoje são tambem merecimentos dignos de gloria: antigamente nunca mostrava a creatura melhor o

quan-



quanto se distinguia do Creador, que quando padecia, hoje então se parece o homem mais com Deos, quando padece. As obras de caridade mostram, como diz o Apostolo S. João, Ep. I. c. 3. que somos filhos de Deos, e o soffrimento nos trabalhos que somos discipulos de Christo. O amor sobrenatural nos faz participantes da natureza Divina, e a paciencia nos faz parecidos com o nosso Redemptor. Esta he huma das razões, conforme o parecer de S. Bernardo, por que Christo quiz padecer todo o genero de tormentos, podendo com hum só acto heroico de sua vida remir mil mundos, se houvera tantos. Queria fazer doces, e suaves todos os nossos trabalhos com sua Paixão Sacrosanta, por isso padeceo tudo quanto nesta vida se póde padecer, deixando-nos a sua misericordia este meio para o imitarmos.

E que trabalho póde haver, que de hoje por diante nos entristeça, se considerarmos que quanto mais padecemos, tanto mais imitamos ao nos-  
so

fo Deos, e ao nosso Redemptor? Que molestia póde desconfoliar o nosso espirito, se as afflicções nos servem de meio para alcançarmos as maiores fortunas? Se por imitarmos aquelles, dos quaes se conserva no mundo honrada memoria, sacrificamos de boa vontade o nosso descanso, e a nossa vida huns ao consumidor estudo das letras, outros ao arriscado exercicio das armas: se para alcançarmos felicidades temporaes, que valem tão pouco, soffremos com alegria trabalhos, que se olhassemos para elles sem paixão, e com vista clara, nos causarião horror ainda de longe, com que gosto não devemos padecer para nos parecermos com Deos, e para alcançarmos huma coroa eterna? Sem dúvida que a considerarmos bem neste ponto, todos com Santa Tereza de Jesus desejaríamos ou padecer, ou morrer; porque depois de Christo soffrer o que soffreo, e dar tanto valor aos trabalhos, só quem padece póde viver com gosto.

Nem me digão que parece cruel-

da-

dade em quem confessa ter amor a Christo meditar em sua Paixão Sacrosanta, sem que se compadeça dos seus trabalhos. Assim he que se os considerarmos separados de tudo o mais, a que dizem respeito, devem mover a lastima o animo menos enternecido; porém contemplados com os seus gloriosos effeitos, á medida que for grande o nosso amor, será tambem excessivo o nosso gosto. Esta Paixão foi aquella, pela qual mereceo Christo, em quanto homem, ser exaltado sobre tudo quanto se póde considerar de grandeza, e ter hum nome sobre todo o nome, ao qual ajoelhão todas as creaturas do Ceo, da terra, e dos Infernos. Esta Paixão foi aquella, que obrigou a que todos confessassem que nosso Senhor Jesus Christo está na Gloria de seu Eterno Pai. Esta Paixão o fez Redemptor do mundo, que he ser idéa de todos os predestinados, cabeça da Igreja, e causa meritoria da nossa salvação. Esta Paixão lhe mereceo sentar-se á mão direita do mesmo Eter-

no

no Pai no Reino da Gloria, e ser o nosso Juiz, que nos ha de julgar no ultimo dia, que he não menos que ter nas suas mãos a nossa fortuna. Em fim em padecer tanto mostrou verdadeiramente que tambem era Deos, e o mostrou com tanta evidencia, que entre os mesmos, que lhe tinham odio, e estavam cegos, houve quem o confessasse por Filho de Deos verdadeiro.

E póde haver cousa, que mais encha de gosto a quem tem amor a Christo, que huma Paixão, que o engrandeceo tanto? Podem causar tristeza huns tormentos, que durando poucas horas, merecêrão huma gloria tão grande, e que ha de durar para sempre? A Igreja chama feliz á culpa, por dar occasião a que tivéssemos hum Redemptor tal, como foi Christo; e eu julgo que mais felices forão os tormentos, que merecêrão ao mesmo Christo a Gloria, á qual por sua Resurreição admiravel o consideramos exaltado. Mas quando nem esta, nem alguma das outras razões,

on que

que tenho ponderado, tivessem força para provar o meu assumpto, bastava para ficar de todo provado ser opinião de grandes Doutores, que se Christo não padecesse, nem morresse por nosso amor, não instituiria aquelle Sacramento augusto; porque assistir comnosco o nosso Deos, ficar para sempre em nossa companhia, consentir que espirital, e corporalmente o tratemos, sem já mais se negar aos nossos desejos, he consideração, que só a quem não tiver fé deixará de causar a maior alegria, e o maior gosto.

E se na Paixão Sacrosanta encontra tão grandes consolações o nosso espirito: se tanto devemos a quem nos remio, e fez venturosos á custa do seu sangue, que exercicio mais digno de occuparmos nelle o nosso espirito, que a meditação dos passos de Christo? Quem merece mais que lhe offereçamos os maiores obsequios que o nosso Redemptor? Se tanto procuramos tudo o que póde concorrer para levarmos huma vida alegre:  
se

se tanto agradecimento julgamos ser devido a quem neste mundo nos engrandece, e livra de miserias, que melhor meio para suavizar todos os pezares da vida, que meditar em huns Mysterios, que nos trazem á memoria gostos perfeitos, e bens, que são eternos? A quem devemos todos os nossos affectos, senão a quem nos fez ditosos para sempre? Só quem usar mal da Fé, e da razão pertenderá encontrar nos gostos do mundo consolação verdadeira. Só quem perder de todo o juizo poderá julgar que deve mais aos homens do que a Deos.

Meus ouvintes, eu não quero prégar-vos huma doutrina áspera, desagradavel, e que pareça censura feita aos vossos costumes: o meu fim he persuadir-vos huma devoção fervorosa ao Senhor Jesus da Via-Sacra, e á meditação dos passos de Christo. Gozai muito embora dos gostos do mundo, que forem innocentes: servi sem offensa de Deos, e desvelai-vos por quem no mundo vos estima, e hon-

honra ; mas vivei na certeza de que quanto mais usares de semelhantes delicias , menos ireis gostando dellas : quanto maiores excessos fizeres pelos homens , menos serão estimadas as vossas finezas ; e pelo contrario na meditação da Paixão de Christo cada dia irão crescendo mais as consolações , e as doçuras : em servir a Deos irá cada vez mais augmentando-se o vosso merecimento.

Só vós , Senhor , sabeis pagar bem a quem vos serve : só o gosto , que vem de vós , he gosto perfeito. Não ha quem duvide desta verdade : todos conhecemos a grande differença que ha entre vós , e o mundo ; porém os objectos sensiveis tem huma especie de encanto , a que poucas vezes resiste a nossa fraqueza. Este véo , que tanto nos cega , só o pode rasgar vossa mão poderosa ; e esta he a graça , que vos peço para mim , e para todos os que vivemos na mesma cegueira. Pelo Mysterio , que ainda celebramos , por todos os mais , e por vós mesmo , vos supplico nos concedais

dais hum raio daquella luz, á qual apparecem todas as cousas, e as vemos como em si são, para que reflectindo nas doçuras, que a vossa Paixão causa a quem a medita, e no muito, que vos devemos, contemplemos devotamente nos passos, que destes para nos salvar, e vos tenhamos hum amor, que dure para sempre assim nesta, como na outra vida.







S E R M ã O  
 D E  
 M A N D A T O,

Prégado em Marvilla.

*Si non laveris te, non habebis partem mecum.* Joan. 13.



E cousa admiravel ver o quanto Deos gosta, e o caso que faz de que lhe tenhamos amor! He a grandeza, e bemaventurança de Deos toda sua: delle mesmo nasce: não depende de outrem: nada a póde diminuir, ou augmentar. A creatura he o que todos sabemos: todos experi-  
 men-

mentamos o pouco que póde; e sem embargo de tudo isto, empenha-se Deus em que o amemos, mostra disto o maior desejo, chega a pedir-nos o coração, e diz que são as suas delicias viver em nossa companhia. Bello ponto para meditar não só por huma hora, mas por toda a vida! Que pouco poder teria em nós o mundo, se considerassemos com vagar, e madureza que Deus quer que o amemos, e que estima o nosso amor! Que prazer, e alegria imperturbaveis haveria dentro da nossa alma, se nos lembrassemos de que em nós havia cousa capaz de agradar ao nosso Deus! A mesma razão natural nos está dictando ser este hum grande bem. Mas he tal a nossa cegueira, e obstinação, que sendo este motivo tão forte, e capaz de desfazer o regelo dos nossos corações, e abraçallos no mais vivo amor, nada obra em nós: ficamos frios, como de antes eramos, e cada vez mais apegados aos bens do mundo. Só amamos o que vemos; e como se fomos homens todos de

bar-

barro, sem alma, e incapazes de cousas eternas, só damos estimação ao que he temporal, e se parece connosco.

Este he hum dos motivos, por que o mundo desde o seu principio até o presente foi sempre hum theatro de finezas, e castigos de Deos os mais espantosos, e assim mesmo ha de continuar até o fim dos tempos. Os diluvios de agua, e fogo, as subversões das Cidades, as ruinas dos Imperios, as pestes, as fomes, as guerras, e todas as mais calamidades particulares, e públicas, que enchem as historias do passado, e hão de servir de complemento ás profecias do futuro: as infinitas misericordias, de que sempre usou Deos connosco, e ainda esperamos que use, tudo se encaminha a este fim. Não ama Deos aos homens, porque estes lho mereção, nem os castiga, porque deixe de os amar, as finezas, e os castigos são tudo artificios do seu amor. Vio que fechavamos os olhos do entendimento ao que nos propunha a Fé, e a

boa razão, e compadecendo-se de nós; quiz obrigar-nos com excessos: pas-  
fámos de cegos a obstinados, e o mes-  
mo amor, como fazendo violencia a  
si proprio, desembainhou a espada  
da Divina Justiça, mostrou-nos hor-  
rorosos castigos, ameaçou-nos com  
outros ainda maiores, para que o me-  
do, e o temor obraſſe em nós o que  
não pudérão obrar a suavidade, e a  
brandura. Assim o temos visto em  
todas as idades, humas vezes banha-  
dos em lagrimas de goſto, outras ve-  
zes de mágoa. Assim o hão de ver  
todos aquelles, que depois de nós  
vierem, e isto meſmo nos mostra a  
ceremonia do lavatorio dos pés, que  
hoje celebra a Igreja.

Foi esta acção de Christo ajoe-  
lhar aos pés dos Discipulos o maior  
excesso, em que podia romper o ſeu  
amor, porque parece improprio de  
hum Deos, de hum Mestre, e ainda  
de qualquer homem ajoelhar aos pés  
das creaturas. He o lavatorio dos pés  
na opinião de Santo Agostinho huma  
figura, que myſticamente representa o

Sa-

Sacramento da Penitencia , no qual o homem espiritualmente se lava , e purifica das immundicias da culpa para se converter para Deos , e para o amar de coração limpo , e puro. Resistio Pedro com pensamentos de verdadeira humildade ; mas conhecendo Christo que assim lhe havião de resistir os peccadores não por humildes , mas sim por obstinados , e desagradecidos ás suas finezas , disse a Pedro o que diria aos rebeldes : Se te não lavar , não terás parte comigo ; como se dissera : Se te não obrigão as finezas , que obro por ti , para purificares a tua alma de todos os affectos terrenos , e para me dares o coração , como te peço , sabe , ó mortal , que te hei de negar a minha Gloria , e que has de ser desgraçado para sempre. Não quero que se me deva nem a exposição , nem o pensamento , tudo he de S. Cypriano , e de Alberto Magno. Visto pois mostrar Deos tanto empenho em que o amemos , e procurar por tantos modos o nosso amor , tomarei por em-

preza mostrar, que para amarmos a Deos, como elle quer que o amemos, isto he, de todo o coração, nem erão necessarias finezas, nem castigos: bastava sabermos de certo que estima, e quer os nossos affectos. Bem fei que todos se contentão hoje com persuadir hum amor de correspondencia á vista de tão extraordinarias finezas; porém como eu quero tirar por fruto hum grande pezar de o não termos amado, escolho por melhor este caminho. Principiemos.

Se considerarmos com reflexão em a nossa vida, havemos de achar que todos temos trabalhado mais por agradar aos homens, que ainda por adquirir fortunas, ou fugir dos castigos. Ha em cada hum de nós hum certo desejo de que os outros se agradem das nossas acções, que parece ser natural a todo o homem de boa razão, e nos obriga a cousas pasmosas. Bem sabia Catão que Roma era ingrata: Alexandre conhecia muito bem que se não podia aproveitar dos immensos despojos de tantas

victorias ; e sem embargo deste conhecimento , o querer agradar aos homens , e deixar no mundo nome digno de honra para os vindouros , os obrigou a consumir o fangue , e as vidas no exercicio das armas , e no zelo do bem publico. Todos experimentamos que neste mundo ordinariamente he infeliz o merecimento : sabemos que a mentira , e lisonja se achão em posse pacifica dos corações dos homens : todos porém invejão o mesmo merecimento , que vem abatido , e desprezado. Os mesmos , que chegão a possuir as maiores fortunas , não podem olhar com socego para os menos venturosos , se nelles reconhecem merecimento verdadeiro. Não ha homem , que sempre se engane consigo mesmo : lá vem a hora da tristeza , na qual cada hum de nós conhece o que nos falta. Não he o premio da virtude o objecto da sua inveja , porque esse já suppuzemos que sem o merecer o tinhão : não he tambem o temor do castigo o que os entristece , porque o mesmo poder , e

a experiencia quasi os segura neste mundo do perigo : nem finalmente he a mesma virtude, só pelo que em si he, quem os inquieta, porque esta só he amada, e desejada pelos bons : he a estimação, que os homens costumão fazer de hum fogeito, que se reveste de boas qualidades. Este agrado he que se inveja ainda por aquelles mesmos, que no mundo tem quanto desejão : ainda por aquelles mesmos, que aborrecem a virtude. Christo a todos os seus Discipulos fazia grandes favores: o mesmo foi porém agradar-se mais de João, que logo romper em murmurações a inveja. Tal he o apreço, que até os máos fazem do agrado dos outros; porém como eu prégo diante de pessoas, nas quaes não póde ter lugar huma paixão tão vil, e tão torpe, eu me volto para os sentimentos generosos, que vos inspira o vosso bom animo.

Quantas vezes tendes feito violencia ao juizo, ao genio, e a todas as paixões sem outro fim mais que agradar a quem julgais que vos dá

hon-



honra com estimar-vos? Porque vos parece mal o Grande, que sendo na realidade do mesmo tamanho, que são os outros homens, a todos quer opprimir com a sua grandeza? Porque aborreceis ao Ministro, que sempre recebe as partes com semblante carregado, e nunca já mais sabe dar huma resposta em boas palavras, fahindo todos da sua presença igualmente descontentes ou do despacho, ou do modo? Porque vos move a colera ainda o desgraçado, que sendo pobre dos bens da fortuna, até o he de agrado, e ainda quando pede parece que se agasta com a mesma pessoa, de quem espera o beneficio? Mas para que he perguntar o que de todos he sabido? Julgais indigno de ser homem quem não sabe agradar aos outros homens, por isso vos contrafazeis para agradar, por isso vos escandaliza quem assim não obra; e sendo isto assim, como nos mostra a mesma experiencia, que mais era necessario para amarmos a Deos, que sabermos que em lhe ter amor lhe

-113

agra-

agradamos? Ora ponderai comigo; não porque deixeis de o saber, mas para que melhor vos lembre, a differença que vai do agrado de Deos ao agrado dos homens.

Trez são os motivos, que nos podem mover a estimar o agrado alheio: ou a excellencia do fogeito, que se agrada de nós; ou o perfeito conhecimento, que tem das cousas quem nos estima; ou a permanencia, com que havemos de ser estimados. Nenhum homem de juizo se desvanece com o agrado da plebe, que ordinariamente estima o que menos vale, nem com o louvor dos nescios, que nenhuma authoridade tem na Republica, nem com hum agrado, que passa, e desapparece, quando se lhe principiava a tomar o gosto. Agradar a pessoas distintas, a homens de juizo, e agradar sempre he o que fortemente póde inquietar o coração humano. Em quanto pois á primeira circumstancia, que entendimento ha, que possa medir com seus pensamentos a infinita distancia, que ha

entre Deos , e a creatura? Eu não gosto de fallar muito , quando sei que com as minhas palavras não posso explicar , nem persuadir o que pertendo. O que he a creatura , facilmente se comprehende , olhando para o que foi , e he cada hum de nós : o que Deos he , não se póde comprehender , e nisto se diz tudo. Eis-aqui a differença , que vai do agrado de Deos ao agrado dos homens. Quando Deos se agrada de mim , agrada-se hum Senhor de tanta magestade , que não só excede no ser a todas as creaturas , mas fica totalmente além da nossa comprehensão : quando se agrada de mim o homem , seja elle quem quer que for , agrada-se de mim hum pouco de pó ; huma pouca de cinza , hum pouco de barro , em fim huma cousa , que foi nada. Esta he huma das razões , por amor da qual aquelles venturosos , que chegarão a conhecer bem como em si são as cousas deste mundo , tão pouco apreço fizeram da estimação , e agrado dos homens. Por isso os A-  
pos-

postolos, quando andavão pelo mundo prégando o Evangelho, ouvião com semblante alegre, e cheio de rizo as blasfemias, com que os injuriavão, e escarnecião: vivião seguros do agrado de Deos, conhecião o pouco, que vale o agrado dos homens, e estimavão as cousas pelo seu justo valor.

Em quanto á segunda circumstancia, que comparação póde haver entre o conhecimento, que Deos tem das cousas, e o conhecimento, que tem os homens? Quantas cousas julgão os homens por estimaveis, que o não são na realidade? Nada mostra isto melhor, que a grande variedade de opiniões, que reina no mundo. Que diversidade de pareceres entre os Filósofos antigos em quasi todas as sciencias? Nenhum se pode accomodar por tudo á doutrina de seu Mestre: todos ou mudavão de feita, ou lhe introduzião alguma novidade. Que accões não cantárão os Poetas como dignas de louvor, que certamente não merecem o applauso

publico? Qualquer tyranno era hum  
heroe : qualquer temeridade era va-  
lor : qualquer excesso era virtude. Que  
diversidade houve ainda em materia  
de gosto? A poesia, e a musica, que  
sempre forão o encanto dos mortaes,  
não pudérão entrar em algumas Ci-  
dades da Grecia. Que Leis, costu-  
mes, e ceremonias não houve sem-  
pre, e ha tão differentes no pequeno  
espaço de terra, de que temos co-  
nhecimento? E que inconstancia em  
todas estas cousas! Eu não me posso  
persuadir de que tenha movimento  
circular a terra; porém os seus habi-  
tadores certamente o tem nos seus  
juizos. Hoje se principia outra vez a  
usar, e a estimar o mesmo, que se  
estimava, e de que se usava antiga-  
mente. Até em materia de Religião,  
que he negocio, no qual o homem  
se interessa todo, e totalmente, por-  
que d'elle depende não menos que  
huma felicidade, ou infelicidade eter-  
na, até nesta materia he notavel a  
variedade. Tem a verdadeira Reli-  
gião notas claras, e que a dão a co-  
nhe-

nhecer por boa, e com tudo muitos dos homens deixão a verdade, e a luz, e abração a mentira, e as trevas. Em fim se partirmos o mundo pelo meio, acharemos que ametade dos homens se estão rindo de nós, e nós da outra ametade. Deste modo conhecem os homens as cousas, e assim mesmo as estimão como as conhecem. Por isso não merece grande estimação o seu agrado; pois se estes me louvão, aquelles me condemnão, e quando muito fica o meu credito em opinião provavel. Não assim porém Deos: o que elle estima he verdadeiramente estimavel: não tem paixão, que lhe perturbe o entendimento: não tem appetite, que se faça servir da razão: só o que he justo, só o que he santo póde agradar aos seus Divinos olhos: só o que he verdadeiramente bom merece o seu amor. De todos os homens se agradarem de mim não posso tirar certeza de que sou verdadeiramente estimavel, porque cada hum por si, e todos juntos podem enganar-se comigo.

go. Se Deos porém me estima, ainda que todo o mundo me despreze, verdadeiramente sou estimavel, porque Deos não póde enganar-se comigo. Por isso S. Paulo aconselha aos 2.ad Cor. 6. 8. Ministros do Euangelho, que ou seja por meio da infamia, ou da boa fama, vão sempre seguindo o feu caminho, porque da opinião dos homens só fazem caso os mundanos, e não os Discipulos de Jesus Christo.

Em quanto á terceira circumstancia não he menor a differença. Não he necessario argumentar com outra cousa, senão com o mesmo, que experimenta cada hum de nós em si proprio, e temos visto com os nossos olhos. Exemplos tirados da antiguidade de pessoas, que em breve tempo de hum geral applauso cahirão em universal aborrecimento, e desprezo, com pouco trabalho se achão, e todos tem disto alguma noticia. Não devo gastar o tempo em cousas desnecessarias: o maior argumento he o da propria experiencia, porque he muito sensível, e por isso  
o mais

o mais forte. Dizei-me, meus ouvintes: Quantas pessoas, que algum dia se agradavão tanto de vós, com o tempo, e suas mudanças vos chegarão a ter aborrecimento? Quantos vos ajudavão a passar os dias escuros, e a fazer mais alegres os claros, a quem hoje apenas abaixais a cabeça? Pois isto, que passa com vósco, he o mesmo, que vai pelo mundo todo. Assim como no homem fez Deos hum mundo abbreviado em quanto ao natural, assim tambem em cada hum de nós se acha hum compendio do mesmo mundo em quanto ao moral, e politico. A differença sómente está em serem mais, ou menos os que representão; em ser mais pequeno, ou maior o theatro: no mais he muito pouca a desigualdade: todos no seu tanto passão pelos descontos da vida. Nem ao Principe lhe vale a magestade, nem ao valído a fortuna, nem ao grande o poder, nem ao illustre a nobreza, nem ao rico o thesouro, nem ao digno o merecimento: todos sabem o que he ser  
ama-



amado , e aborrecido dos homens. Não he cousa ordinaria achar hum coração, no qual só more huma paixão destas : não ha homem algum, que a ambas não tenha visto a cara. Por isso na Escritura somos compara- Psal. 112.  
dos ao feno, porque qualquer vento 15.  
nos move, qualquer aballo nos des- Isai. 40. 6.  
concerta, e nunca permanecemos no mesmo estado. Mas oh que firme, constante, e sempre o mesmo he o agrado de Deos ! O que he bom, o que he santo, o que he justo sempre agrada a seus Divinos olhos. Alli não tem jurisdicção o tempo, porque tudo se mede pela eternidade : alli não ha que temer inconstancias, porque tudo he immutavel. Ainda que eu queira agradar aos homens, e estude mil modos para me conservar no seu agrado, não me posso dar nunca por seguro: não está na minha mão o seu agrado. He tal a inconstancia do coração humano, he tão amigo da liberdade, que ou por natureza, ou por malicia he facil deixar-me, e aborrecer-me. O agrado  
po-

porém de Deos he como se estiverá na minha mão. Em quanto eu quizer que Deos me ame, e se agrade de mim, tenho bastante certeza de possuir este bem. He verdade que sem graça não posso agradar-lhe, e he tambem certo que este dom sobrenatural se não póde merecer com obras naturaes, e o costuma Deos dar livremente ás creaturas; mas fei que me não ha de faltar com a mesma graça, em quanto eu fizer quanto está da minha parte por conservalla, pois creio por Fé, e conheço por experiencia que Deos he fiel nas suas promessas. Finalmente o agrado dos homens, ainda quando por acaso durasse a vida toda, ha de acabar, como tudo acaba com a morte; o agrado porém de Deos, não deixando eu de o amar, já mais acaba, dura para sempre.

E se tanto como isto he diverso o agrado de Deos do agrado dos homens, trabalhando nós tanto por agradar huns aos outros, ainda quando não esperamos outro premio, nem

te-

tememos castigos, que desculpa poderemos dar do nosso procedimento para com Deos? Não sei explicar o que sinto dentro de mim mesmo, quando considero nesta desigualdade! Por merecer hum agrado, que he nada pelo fogeito, que o mostra; que vale pouco pelo conhecimento, de que procede; e que pela sua duração passa de pressa, tantos desassocegos, tantos disvellos! E por merecer hum agrado, que he infinito pela pessoa, verdadeiro pelo conhecimento, eterno pela duração, tão pouco cuidado! Sem esperança de premio, sem temor de castigo, tanta arte em agradar aos homens! E para agradar a Deos he necessario que primeiro obre por nós tantas finezas, e nos mostre aos olhos os mais horrorosos castigos! O' Senhor, que vergonha, e confusão he olhar para os excessos, que por mim estais obrando nesta hora, e ouvir ameaças da vossa Divina boca! He possivel que foi necessario que o meu Deos me pedisse de joelhos hum coração, que he

feu , e que eu por tantas vezes offereci ás creaturas sem ellas mo pedirém ! He possível que foi necessario que o meu Creador puchasse da espada da sua justiça , para que eu o amasse ! Horroroso espectáculo , e capaz de me congelar o fangue todo se torna para mim o Cenaculo , quando considero no que Deos obra por mim , e no que eu tenho feito , e obrado por elle ! Cada hum de nós julga por cousa indigna de hum homem de honra obrar ou por medo , ou por interesse ; e sendo no mundo tão decantada esta maxima , nunca ha de valer para com Deos ! Só o hei de amar , porque me faz , e póde fazer beneficios ! Só o hei de amar , porque temo os seus castigos ! Se me não lembro do Ceo , vivo como senão houvera Deos ! Se me não lembro do Inferno , he o meu Deos o meu appetite ! Forte vileza ! O Profeta Rei chama louco a quem nega a existencia de Deos : e com quanta maior razão se deve chamar louco a quem confessa que ha Deos , e o não ama ,

ama, por ser elle quem he, de todo o coração?

Porém o que mais reprehende o nosso procedimento, e mostra mais a nossa loucura, não he o que tenho dito, he o que ainda hei de dizer. Eu estou arrependido de fazer tantas reflexões. Para homens gentios todos estes discursos erão necessarios, porque sómente se deixão levar da razão; mas para homens Catholicos, que tem Fé, e dão credito ao Evangelho, que mais he necessario que mandar Deos na sua Lei por preceito principal, e primeiro que o amemos? A perfeição da obediencia consiste em ser prompta, e não em ser entendida: ouvir o preceito, e sem outra averiguação executallo. Amar a Deos, porque o entendimento me mostra com evidencia que merece ser amado, não he propriamente obedecer ao preceito de Deos, he obedecer a mim mesmo, e ao dictame da minha razão. Amar a Deos só porque elle me manda que o ame, sem fazer outros discursos, he amor de

verdadeira obediencia. E para amar a Deos não he necessario ser discreto, basta não ser desobediente. Hum das cousas, que tem dado mais que entender aos homens, he averiguar a razão, por que ainda aquellas creaturas, que não tem conhecimento, nem liberdade, se inclinão, e procurão sempre o seu determinado fim, e fogem de tudo aquillo, que lhes não he proprio, com admiravel constancia; e supposto se tenham inventado alguns termos para explicar este maravilhoso effeito, com tudo qualquer pessoa de são juizo conhece serem vozes, que pouco significão, e que deixão a questão quasi no mesmo estado. Eu sem fazer injuria aos professores da natural Filosofia, me dei persuadir de que isto, sem algum estudo, era cousa clara de se entender. Creou Deos todas as cousas para fins determinados pela sua providencia: poz Leis para se governarem por ellas; e he tal a obediencia, e sujeição das creaturas inferiores, que nenhuma desobedece ao seu Creador:

o Sol,

o Sol, a Lua, as estrellas, o mar, a terra, as fontes, o ar, as feras, e as mais creaturas todas louvãõ a Deos com a sua obediencia, todas se movem conformes á sua Divina vontade.

E sendo o homem huma creatura tão nobre, creado por Deos para o amar, que mais he necessario que este preceito para nos obrigar ao amor mais puro? Forte descredito da razão negarmos a Deos a obediencia, que todas as outras creaturas lhe sacrificão! Que façamos discursos, quando nenhum preceito nos obriga, muito embora; porém senão podemos negar que somos creaturas; se muito bem sabemos que Deos manda que todos o amem, e de todo o coração, que mais esperamos? Mas ó sem-razão dos corações humanos! Não só a obediencia, e a razão, que he o que bastava, nos não obrigão a levantar do lodo os nossos affectos, mas nem ainda as finezas, e os castigos, que tudo são misericordias de Deos, podem abrandar a nossa dureza.

za. Ainda Pedro se atreve a negar a seu Divino Mestre! Ainda Judas tem animo para o vender! Ainda o estamos offendendo! Oh cegueira! Oh loucura! Oh perversidade! Ora, meus ouvintes, seja este o dia, no qual de todo nos convertamos para Deos. A tantos motivos juntos, e tão fortes só poderá resistir quem não tiver entendimento para os conhecer. As dividas do amor pagão-se com os arrependimentos: seja o nosso arrependimento tal, qual devia ser o nosso amor. Deviamos amar a Deos só por lhe agradar, e por lhe obedecer: estes sejam hoje os motivos do nosso pezar. Não seja necessario que outra vez as suas finezas, ou os seus castigos tenham por fim abrandar a nossa dureza: sejam os milagres do seu amor daqui por diante effeitos sómente da sua generosidade: sejam os trabalhos, que nos permittir na vida, sómente meios para mais se augmentar o nosso merecimento. Temamos fim, e muito os castigos eternos, mas só porque nelles não podemos amar ao nosso Deos.

Sim,



Sim, amante Pai, e Senhor omnipotente, todos prostrados por terra cheios de confusão, e de vergonha vos pedimos humildemente perdão de vos não termos amado com hum amor digno da nossa Fé, e de vós mesmo. Assim he, Senhor, que o nosso procedimento não tem desculpa. Nem olhamos para o que deviamos ao ser de racionaes, nem para o que deviamos ao ser de Catholicos. No lodo das creaturas, como loucos, e insensatos, vivemos até agora submergidos; e se algumas vezes nos levantámos ou por interesse do premio, ou por temor do castigo, o pezo de nossos corações, e a nossa malicia nos tornárão a fazer cahir, e sepultar no abyfmo de nossos appetites. Tudo isto confessamos, e nos sentenciamos a nós mesmos por indignos do vosso amor, merecedores da maior vingança, e reos da vossa justiça; porém como a vossa misericórdia he infinita, e sois tão bom Pai, que vos satisfazeis com hum pezar verdadeiro de vos havermos offendido, e hum

pro-

propósito firme de nunca mais vos offender, no intimo de nossas almas nos peza de vos não termos amado só por ferdes vós quem sois, só por vos agradares do nosso amor, e só por nos mandares que vos amemos. De todo o coração vos promettemos de nunca mais vos offender, ainda que o mundo todo se conjure contra nós. Aqui tendes, Senhor, o coração todo, e do mesmo modo que o que-reis. Recebei-o, meu Deus, como vosso, e tomai d'elle inteira posse. Se he vontade vossa, não obreis por nós mais finezas: se he vontade vossa, venhão muito embora sobre nós todos os castigos, exceptuando porém a fineza da vossa graça, sem a qual vos não podemos amar como vós quereis que vos amemos; e tambem exceptuando o castigo da condemnação eterna, porque vos queremos amar para sempre.



# SERMÃO

DA

# SOLEDADE DA SENHORA,

Prégado em Marvilla no primeiro anno depois do terremoto.

*O' vos omnes , qui transitis per viam , attendite , & videte , si est dolor , sicut dolor meus. Thren. I. 12.*



VIRTUDE, pela qual mais tem trabalhado os homens, he a virtude da paciencia, e sofrimento nos trabalhos. Dar á mágoa o que ella merece sem desperdiçar lagrimas;

mas: ter coração para ver desgraças próprias: poder lembrar-se com acôrdo das fortunas no meio das infelicidades, foi o ponto sobre o qual fez maiores esforços a pagã Filosofia. Não só dictavão os antigos nas suas aulas documentos importantes sobre esta materia, e ensinavão tudo quanto podia alcançar a razão natural, e o bom discurso, mas tambem em si proprios davão exemplos admiraveis desta virtude, e que he mágoa não serem ordenados ao verdadeiro fim das acções boas. A Socra-tes nem vinte annos de trabalhos soffridos na guerra, nem trinta de calamidades experimentadas na paz, nem ver a patria em poder de tyranos, nem ver-se a si proprio mettido em hum carcere, nem a mesma morte cruel, e deshumana pudérão de algum modo perturbar seu animo: para tudo olhava com huma indifferença, que parecia exceder as forças da natureza. De Catão se escreve por hyperbole, que padecendo Roma no seu tempo tantas, e tão consideraveis mu-

mudanças , elle nunca mudára de animo , sempre imperturbavel , sempre o mesmo. Nem só com as cans , madureza , e experiencia se admirava junta esta constancia : logo desde a pouca idade se adquiria este bom habito. Sendo costume entre os Lacedemonios açoutar cruelmente em hum dia do anno alguns innocentes no altar de Diana , estes sem embargo do horror , que ao soffrer tem semelhante idade , não só levavão com paciencia incrível aquella barbara cerimonia , mas tambem a soffrião alegres até á morte , contendendo huns com outros sobre quem se havia de mostrar mais constante. Em fim seria causar enfado a quem me ouve repetir os exemplos singulares , que desta virtude nos offerece a historia da gentilidade : baste dizer-se que o douto Foresti se persuadio de que não seria facil obrarem os homens por Deos cousas maiores do que fizeram sem fim tão nobre.

E na verdade , meus ouvintes , que era bem merecida a boa reputação ,

ção, em que vivia para com os gentios esta virtude, porque nenhuma outra he mais necessaria do que esta para a vida. São no mundo as infelicidades quasi inseparaveis de qualquer estado: nenhum dos que vivem sobre a terra se póde chamar completamente ditoso: a todos chegam com pouca desigualdade os trabalhos. O prazer, o gosto, a consolação, a alegria, e a felicidade temporal, se algum dia a houve verdadeira, e sólida, só a virão nossos primeiros pais, elles a perdêrão, e sómente nos deixarão della a noticia, e a saudade. E como todos naturalmente desejão restaurar-se das suas perdas, já que não he possivel tornar a ser feliz temporalmente como de antes, pede a razão que ao menos adocemos os trabalhos com a paciencia para não ficarmos de todo perdidos; porém como este grande bem, e os mais só quando vem de Deos são perfeitos, por mais que os homens tenham trabalhado, nunca poderão chegar á perfeição desta virtude: por mais que

que se pinte com pompa , sempre era huma virtude por necessidade , por capricho , sem fim heroico , e que sómente nascia do homem , que póde tão pouco , como he só por si. Por esta razão toda a Escriitura Sagrada he huma continuada serie de exemplos , e documentos de paciencia os mais admiraveis. Conhece Deos o quanto nos he necessaria esta virtude : sabe que só d'elle a podemos aprender com perfeição , e não só nos revelou nos livros santos as regras da sua verdadeira observancia , mas tambem nos seus servos nos deo huma doutrina viva , efficaz , e sensivel. A paciencia de Job , do Rei David , dos Machabeos , e dos mais Profetas , e Varões santos do Testamento velho confirmou tudo quanto até então havia a este respeito revelado. Não satisfeito porém com tudo isto o seu amor , nem a sua misericordia , desceo do Ceo á terra , e feito homem padeceo , e soffreo mais que todos os homens juntos havião soffrido , permittindo tambem que sua Mãe

San-

Santissima padecesse no seu espirito os mesmos tormentos da Paixão Sacrosanta , e depois de sua morte a mais cruel, e tyranna Soledade. Não consente Deos, meus ouvintes, que a Senhora padeça tanto para provar o seu amor, ou a sua constancia: permite sim esta segunda paixão para mais nos persuadir o soffrimento nos trabalhos. E como na occasião presente, ou mais, ou menos, todos nos consideramos afflictos, e o remedio mais prompto, e mais seguro, que se póde achar, he o da paciencia, será o meu empenho consolar com o exemplo da Mãi de Deos a todos: aos de coração manso, para que se não perturbem: aos de animo mais inquieto, para que soffrão, fazendo comparação, e mostrando a differença, que ha entre huns, e outros trabalhos. Principiemos.

Considerado com reflexão o que he o mundo, não era necessario muito para soffrer com paciencia os trabalhos da vida. Assim como não ha bem algum dos terrenos, que farte



o coração do homem, assim também não ha mal capaz de o affligir de todo. Não ha felicidade temporal, que farte o coração do homem, porque não ha quem possua todos os bens juntos: se a hum sobejão as riquezas, falta-lhe a faude: se tem riquezas, e faude, falta-lhe a nobreza: se também he nobre, não tem valimento: se he valido, não tem huma só hora de descanso, e no mais succede o mesmo. Não ha mal capaz de affligir de todo o coração do homem, porque he cousa quasi impossivel achar-se homem algum em estado tão infeliz, que não haja outro mais desgraçado; e com ser isto assim, sempre julgamos pequeno o bem, que possuimos, e por maior de todos o mal, que nos afflige. Nenhuma fortuna inteiramente nos alegra, e qualquer desgraça nos opprime de todo. Tal he a nossa ambição, e a pouca justiça dos nossos pensamentos. Desta desordem nascem duas consequencias iguaes a ella: a primeira, que a nossa mesma imagi-  
na-

nação nos faz ainda mais infelices do que somos na realidade: a segunda, que por isso não levamos com paciencia os trabalhos; porque a fazermos comparação, quando nos consideramos afflictos, de nós mesmos com outros muito mais desgraçados, acharíamos ainda nesse mesmo estado grandes motivos para nos confortarmos, e nos alegrarmos, o que permittisse a humana fraqueza, por nos faltar o maior mal, que outros padecem. Mas he fatal desconcerto! Na fortuna logo nos lembra outra maior para a desejarmos: na desgraça só olhamos para nós, e nenhuma outra infelicidade nos parece grande senão a nossa, fechando deste modo por nossas proprias mãos a porta ao alivio. Porém o certo he, que ninguém hoje se póde esquecer do que padece a Mãe de Deos na sua Soledade, e esta consideração nos deve envergonhar não digo já por termos levado com pouca paciencia as pequenas afflicções da vida, mas ainda por termos chorado pelas cousas do

mundo huma só lagrima. Ora entre-  
mos miudamente a ponderar a nota-  
vel differença, que ha entre huns, e  
outros trabalhos, e conhecereis a ver-  
dade, com que vos fallo.

Não tem os trabalhos, que pa-  
decemos, comparação alguma com a  
Soledade da Mãe de Deos, porque  
todos os trabalhos da vida, ou quasi  
todos, tem mais de apparentes, que  
de solidos. Não ha por onde se pos-  
são medir melhor os trabalhos, que  
pelas felicidades. E que felicidade  
ha sobre a terra, que seja verdadei-  
ra? As riquezas, as amizades, os va-  
limentos, as dignidades, as honras,  
os gostos, e todas as mais cousas,  
que o mundo préza, são apparentes.  
Apparentes, porque todas estas cou-  
sas vistas de perto são muito outras  
do que ao longe se julgava: appa-  
rentes, porque todos estes bens tra-  
zem consigo huma mistura de ma-  
les, que he insoffrivel: apparentes,  
porque não ha gosto, por maior que  
seja, que ou mais cedo, ou mais  
tarde não aborreça a quem mais gos-

tava delle. As amizades fim ajudam muito a passar a vida; mas no parecer de Seneca ou são iguaes, ou exceedem aos gostos os pezares, que de ordinario causão os amigos. Com a riqueza se alcança muito; mas a faulde, e alegria da vida, e outras muitas coufas não se comprão com todo o ouro. Os valimentos encantão, e fazem adormecer os homens; porém gerão hum ciume, que parte o coração em pedaços. As dignidades honrão, e fazem respeitados os fogeitos; porém com ellas se perde de todo a liberdade, e se vive huma bem cançada vida. As honras causão hum gosto, que he proprio da alma; mas logo se lhe põe diante com medonho, e horroroso semblante a inveja. Os mais gostos arrebatão com força grande os sentidos; mas canção, e moem por tal modo o espirito, que chega a não poder com elles. E se todo o mal, que se padece, ordinariamente fallando, he perda de algum destes bens, que tenho referido, claramente se deixa ver serem

rem de pouco porte as cousas, por que choramos. Não assim as lagrimas da Santissima Virgem: chora a desconsolada Senhora a perda de hum bem verdadeiro, de hum bem solido, de hum bem em nada apparente. Que felicidades verdadeiramente grandes não perdeu na morte de Christo? Perdeo quem verdadeiramente a amava: perdeu quem enchia a sua alma de hum prazer, e consolação, que se não podem explicar: perdeu quem lhe dava huma honra, que ninguem já mais teve, nem se póde invejar: perdeu quem lhe fazia gostosa completamente a vida com a sua amavel presença, e doce trato: perdeu finalmente hum Filho, que era o mais perfeito de todos os homens: hum Filho, que era juntamente Deos. Isto sim, que he trabalho, que merece lagrimas! Isto sim, que he perda, que merece ser sentida! Isto sim, que he afflicção, a que não póde resistir o humano peito! Os homens, percão dos bens do mundo quanto perderem, no mesmo bem, que lhes

falta, ou nas suas conſeſquencias acharão para ſe conſolar alguns motivos: ou o bem, por que chorão, em ſi meſmo não he como parece, ou traz comſigo algum deſconto, que ſerve de alivio á ſaudade. Maria Santiffima porém quanto mais conſidera no bem, por que chora, tanto maiores motivos vai achando para ſentir, e para chorar: he a ſua dor huma dor ſem alivio, e por iſſo dor ſem ſemelhança.

Mas quando os noſſos trabalhos foſſem verdadeiros, e nada tivesſem de apparentes, nem por iſſo poderião ter com os da Mãi de Deos alguma ſemelhança. Todos os trabalhos, que ſe podem experimentar no mundo, ſe reduzem a ſinco claſſes: ou ſão perdas da fortuna, ou da fama, ou do corpo, ou do eſpirito, ou do proximo. E quem ha, que tudo iſto padeça, ſenão a Mãi de Deos? O meſmo Job, que he o encarecimento dos trabalhos, não padeceo tanto. Vierão os inimigos ſobre ſeus filhos a primeira vez, e depois de os rouba-

rem,

rem, os ferirão, e maltratarão: tornarão segunda vez, levarão os camellos, e maltratarão ainda mais aos mesmos filhos: desceo fogo do Ceo, e reduzio a cinzas não só os gados, mas também quem os guardava: levantou-se hum grande furacão de vento, causou hum violento tremor em casa de seu filho primogenito, e sepultou debaixo das ruinas toda a sua posteridade: tomarão posse do mesmo Job as enfermidades, e todas as miserias, e cheio todo de feridas, e chagas, com a pelle sobre os ossos, nú, e sem abrigo jazia sobre a terra hum dos maiores Principes della; porém nem soffreo testemunhos falsos, nem perdeo a vida, nem cousa alguma da sua honra: ficou pobre, cheio de miserias, mas vivo, e com o seu credito inteiro. Mas, ó meus ouvintes, que outra he a paixão da bem-dita Virgem na sua Soledade! He opinião corrente dos Santos Padres, e consta de algumas revelações, que a Senhora está padecendo na sua alma tudo quanto padeceo Christo em sua

sua Paixão Sacrosanta. E que comparação tem os trabalhos de Job com os de Christo? Tão pobre o deixarão os tyrannos, que até o despojarão da propria tunica, e sobre ella deitarão sortes. No seu corpo não houve parte alguma, que não servisse de desafogo á sua crueldade. Desconjuntarão seus ossos, rasgárão as suas carnes, derramarão o seu sangue, e só lhes faltou bebello. A' sua fama em nada perdoarão: levantarão-lhe os maiores testemunhos, differão lhe horriveis blasfemias, escarnecerão por todos os modos a sua pessoa, e para maior deshonra, antes de o justicarem no mais affrontoso patibulo, o apregoarão pelas ruas publicas de Jerusaleem, á vista de todo o povo, por traidor, blasfemo, amotinador, perjuro, e reo de todos os crimes. Na sua alma padeceo agonias indiziveis: afflicto por se ver desamparado dos seus: afflicto por se ver tão mal correspondido dos homens: afflicto por se considerar até desamparado de Deos: afflicto final-

men-



mente, e sobre tudo, por conhecer que tanto sangue não aproveitaria a muitos por culpa dos mesmos homens. Do proximo ninguem recebeo peiores tratamentos: no Calvario vio com seus proprios olhos commetter contra a sua pessoa sacrilegios, e peccados os mais enormes. E se tudo isto padece a Senhora, pois sobre tudo isto chora, e tudo lhe opprime o coração, como se realmente o padecêra, que dor póde haver femelhante á da Mãi de Deos na sua Soledade? Se nem os trabalhos de Job tem comparação com estes trabalhos, quem haverá, que considerando a Mãi de Deos na sua Soledade, se não confunda, e se não envergonhe de fallar em trabalhos? O' Virgem dolorosissima, que mal pezamos as vossas lagrimas! Que pouco nos lembramos do que estais padecendo nesta triste noite! Quantos trabalhos, que eu não alcanço, nem saberia ponderar, ainda que os conhecesse, affligem, e martyrizão vosso amante peito! Que fatal esquecimento tenho de vós, quando choro,

-1000  
e me

e me entristeço por cousas deste mundo! Grande pezar feria o nosso, meus ouvintes, e muito nos desagradaríamos de nós mesmos, se nas afflicções comparassemos os nossos trabalhos com os trabalhos da Mãe de Deos! Que pequeno nos pareceria o mal, que de todo nos perturba, á vista da grandeza, e immensidade de amarguras, que a Santissima Virgem sofre constante!

Porém eu quero mudar de sistema: já não pertendo que façais conceito de que são apparentes os vossos trabalhos, nem de que são menores que os trabalhos da Soledade da Mãe de Deos. Assentai comvosco que são verdadeiros, e solidos os bens, que perdestes, e por isso que tambem he verdadeiro, e solido o motivo das vossas lagrimas: lede todos os Profetas, que em figura pintão com mais miudeza, e maior pompa a Soledade da Virgem: lede tambem as contemplações de todos os Padres, que mais se enternecerão, e dilatarão nesta materia: fingi que vos acontece o  
mes-

mesmo; e se quizerdes considerai-vos ainda mais afflicto, mais triste, mais cheios de amarguras, e de pezares. Neste estado, a nosso respeito impossivel no tempo presente, e no futuro, em quanto nos durar a vida, ainda haveria grande differença entre huns, e outros trabalhos. Ainda nesta mesma supposição he muito mais o que soffre a Mãe de Deos nesta triste noite, porque a Senhora só tem hum unico motivo para se consolar, e qualquer de nós tem o mesmo, e outros muitos, e todos fortes para focegarmos o animo, e para enxugar as nossas lagrimas. Ora não percais cousa alguma do que eu disser.

O primeiro motivo, que temos para nos consolarmos nos trabalhos, he por serem estes o melhor meio de nos reconciliarmos com Deos. Todos ou actualmente somos peccadores, e o conhecemos muito bem, ou devemos temer, e recear que em nós haja algum peccado, que nos faça desagradaveis aos olhos de Deos. Nesta incerteza vivemos, e com ella

mor-

morremos por altissima disposição da Providencia. Porém com ser este ponto de Fé, revelado nas Escrituras, e enfiado pela Igreja, com tudo são os trabalhos, que Deos nos permite na vida, se os sabemos levar com paciencia, o maior seguro, que podemos ter de que o mesmo Deos se compadece de nós, de que nos perdoa, e de que nos recebe outra vez na sua graça, e amizade. Hum coração contrito, e arrependido, fraco por natureza, cercado de afflicções, cheio de amarguras, perturbado com as miserias, e com tudo isto obrigando o homem a que posto de joelhos, cozido com a terra, com as mãos levantadas peça a Deos misericordia, e que lhe perdoe as suas culpas, he muito provavel que Deos se compadeça delle, pois he caracter da verdadeira grandeza ter compaixão dos atribulados, e perdoar aos afflictos.

Pfal. 50.  
19.

Assim o entendeo David, quando falando com o mesmo Deos lhe disse, que nunca deixaria de olhar com olhos de misericordia para hum co-

ra-

ração contrito, e humilhado; e São Lucas nos Actos dos Apostolos nos Act. 14; deixou escrito, que os trabalhos, e <sup>21,</sup> as tribulações nos erão muito necessários para a nossa salvação. Porém este alivio tão grande, que póde ter qualquer peccador, quando padece trabalhos, de nenhum modo acompanha a Senhora na sua Soledade a respeito da sua pessoa. Foi concebida em graça, nella se conservou sempre pura, sempre immaculada, e por isso de nenhum modo podia temer, porque lhe faltava a raiz do temor, que he o peccado.

O segundo motivo de consolação, que nos póde acompanhar em semelhante estado, he considerar no muito que servem os trabalhos para farar dos vicios, adquiridos ordinariamente no tempo da felicidade. O corpo trabalhado dos pezares facilmente obedece ao espirito, e este não achando consolação nas creaturas, facilmente olha para si, e como se acha só, ou por necessidade, ou por desengano busca a Deos, e prin-  
ci-

cipia a ser muito outro do que era. Santo Agostinho chama ao trabalho remedio da alma; e porque muitos outros Santos sempre querião amar a Deos, não desejavão viver nem hum só instante sem occasiões de padecer, porque assim como o ouro se purifica no fogo de todas as suas fezes, assim a nossa alma na tribulação se alimpa de todos os máos costumes. Foi a Mãe de Deos isenta da culpa original, que he a causa de se rebelarem as paixões contra o entendimento: nunca seu corpo purissimo desobedeceo ao espirito: sempre este se governou pela vontade de Deos; e assim os trabalhos nada tinhão que fazer na Senhora, sómente servião de affligir seu innocente coração.

O terceiro motivo, que nos deve animar muito, he ser Deos tão misericordioso, que se levamos os trabalhos deste mundo com paciencia, os aceita em satisfação das nossas culpas, e nos livra dos tormentos, que por ellas havíamos de padecer no outro mundo. De modo, que sendo os

trabalhos da outra vida, sem fallar nos eternos, maiores que todos quantos se podem experimentar no mundo, a paciencia dá hum tal valor ás pequenas afflicções da vida, que Deos se dá por satisfeito com ellas. E se vissemos a differença, que ha entre humas, e outras amarguras, ficaríamos como pasmados, e fóra de nós, e nenhum mal deste mundo nos pareceria grande. Basta ler a descripção, que do Purgatorio faz Santo Agostinho, para ficarmos sem gota de sangue. Diz o Santo Doutor, que he tão grande a pena, e dor sensitiva, que se padece naquelle lugar, que excede a todos os tormentos, que se padecêrão, padecem, e podem padecer no mundo, ainda entrando nesta comparação os tormentos da Paixão de Christo, e de todos os Martyres, que tem havido, e ha de haver até o fim do mundo; e que he tão activo, tão forte, e tão abraçador aquelle fogo, que tem a mesma semelhança com o fogo natural, de que usamos, que póde haver entre  
hum

hum pouco de fogo pintado, e outro fogo verdadeiro. De tanto como isto nos podem livrar os trabalhos, se nos foubemos aproveitar delles. Porém á Mãe de Deos de que lhe servem, se desde o primeiro instante de feu fer foi santa, e immaculada? Só lhe podem servir de os offerecer tambem em satisfação das nossas culpas.

O quarto motivo, que nos póde enxugar as lagrimas, he a consideração de que os trabalhos são a escola das virtudes. Muitas virtudes exercitamos hoje, que nem ainda nos lembrarião, se a felicidade temporal como de antes nos acompanhára. A falta do necessario nos ensina a ser pobres: as perdas de fazenda nos ensinão a desprezar os bens do mundo: as quedas, e tombos, que nos dá a fortuna, nos ensinão a ser humildes: chegar a estado de não poder ter hum unico servo, nem que comer sem servir a outrem, nos ensina a ser obedientes: a mesma teima, com que as afflicções nos perseguem, nos levão, sem o percebermos, ao estado de



de as soffrer com paciencia. Por isso o Apostolo Sant-Iago nos aconselha, que em vez de nos entristecermos, nos alegremos muito com os trabalhos, porque além de nos fazerem perfeitos, humas afflicções nos põem em estado de poder levar bem as outras. Mas são taes as circumstancias, em que a Senhora se acha na sua Soledade, que de nada lhe serve este motivo. Teve a Mãi de Deos sempre em gráo heroico todas as virtudes, e assim os trabalhos só lhe podião servir de occasiões para as exercitar, de nenhum modo porém para as aprender, ou adquirir.

O quinto motivo, que póde diminuir em grande parte a nossa mágoa, he serem os trabalhos o final mais certo, que podemos ter da nossa predestinação. Todos sabem que as afflicções levadas com paciencia são de grande merecimento para com Deos. Bemaventurados chamou Christo aos que chorão, aos que padecem perseguições, e a todos os mais atribulados. E se Deos nos não quizera fal-

Cap. 10

3. 4.

Cap. 5.

10. 13.

Tiba .s

+ dion

3

salvar, não havia de nos dar tantas  
 occasiões de merecer. Não se costumava  
 coroar senão quem peleija, e vence. E que  
 melhor final posso eu ter de que Deos me  
 quer premiar, que pôr-me em circumstancias  
 de eu poder peleijar, e vencer, para depois  
 lhe poder pedir com S. Paulo de justiça a  
 mesma gloria, allegando com a sua palavra,  
 e com as suas mesmas promessas? Santo  
 Ambrosio teve para si, que quem neste  
 mundo não padecia trabalhos, podia desconfiar  
 da sua salvação, e ter grande receio de  
 não ser do numero dos escolhidos. Grande  
 consolação he certamente esta para quem  
 deve sempre temer o seu ultimo fim! Mas  
 para Maria Santissima de nenhuma efficacia.  
 Conforme a sentença de grandes Doutores,  
 já neste mundo era a Senhora bemaventurada.  
 Se tamanho bem se póde pagar, ou ao menos  
 agradecer, fó disto lhe poderião servir os  
 seus trabalhos, pois não podia ter receios  
 de perder huma gloria, que Deos lhe havia  
 dado, e que assim convinha ao caracter de  
 Mãe sua.

O sexto motivo, que temos para soffrer de boa vontade tudo aquillo, a que o mundo chama delgranças, he a consideração de que a serem castigos de Deos, e não favores, justissimamente os padecemos, pois todos temos peccados, que merecem ainda muito maiores castigos. Eu bem conheço que nenhum reo folga com a pena; mas a justiça, com que se padece, e o conhecimento da culpa deve diminuir a mágoa. Qualquer peccado mortal he digno de pena eterna: e como posso eu impacientarme por Deos me castigar com penas temporaes, merecendo eu por meus peccados penas eternas? Eu não sei como possa ser que hum peccador, sem estar louco, julgue por grandes castigos todos os trabalhos da vida! A misericordia não consiste só em fazer beneficios agradaveis, e doces: tambem castigar com brandura, e sem rigor he grande misericordia, e isto só póde desconfolar a quem o não conhece. Não assim a respeito da Mãe de Deos: não podia a Senhora

descubrir em si culpas , ainda com toda a sua humildade , porque tudo na Virgem era graça , virtude , pureza , e gloria , e por isso lhe faltavão este , e os outros motivos para a consolarem na sua mágoa.

Só hum motivo unico dos que temos lhe póde servir de consolação na sua Soledade , que he a conformidade com a vontade de Deos. He vontade de Deos que a Senhora soffra estes trabalhos para nosso exemplo , para credito do seu amor , e para que tambem nos aproveitemos do seu grande merecimento : isto he que póde consolar a Santissima Virgem. Porém quanto mais nos obriga a nós este mesmo motivo ! Nós ainda devemos mais a Deos do que a Senhora lhe deve. Esta proposição parece atrevida ; mas não me julgem sem me ouvirem. Para me explicar não me quero valer por agora da Theologia Escolastica. Bem sei que alguns Authores escrevem , que a Senhora merecêra de algum modo ser Mãe de Deos ; porém deixemos estas sub-

Mãe sua. 5

ti-

tilezas, que nem todos as podem entender, vamos pelo caminho mais trilhado, fallemos com clareza, e de modo que todos nos possam perceber sem trabalho.

Foi a maternidade da Senhora huma graça, e hum favor o maior, que Deos lhe podia fazer; porém o certo he, que a querer Deos, como quiz, ter huma Mãe, que fosse a mais perfeita, certamente havia de escolher a Maria, porque nenhuma outra lhe podia agradar mais. O ser filho adoptivo de Deos não he tamanha graça; mas tambem he grande. E a quantos poderia Deos escolher para este fim mais perfeitos na ordem da natureza do que muitos de nós? Quantos gentios morrêrão sem alcançar este bem, que forão mais humildes, mais caritativos, de maior honra, e verdade, e mais ornados de virtudes moraes do que alguns de nós? Eu tenho receio de ser molesto, se não havia de mostrar disto, que vou dizendo, exemplos pasmosos. Todos vós sabeis que vos fallo verdade,

e tendes alguma noticia da antiga historia : logo mais devemos nós a Deos do que lhe deve sua Mãi ; porque supposto lhe communicou a maior graça , não a podia empregar melhor ; e a nós tambem nos fez huma grande mercê , que talvez fosse noutros mais bem empregada. Ainda me lembra outra reflexão. Deos para com sua Mãi Santissima nunca usou de outro attributo senão da omnipotencia , e liberalidade : tudo quanto lhe fez forão sempre favores. A nosso respeito porém tem posto em exercicio os seus attributos todos : usou da omnipotencia , porque nos creou de nada ; da generosidade , porque nos enche de beneficios ; e de todos os outros , porque nos soffre , nos perdoa mil offensas , e em vez de nos castigar por ellas , nos reprehende suavemente como Pai , nos chama outra vez para si como amigo , e se nos arrependemos , nos recebe outra vez como se nunca o tiveramos offendido. Agora se he mais perdoar tambem aggravos , e offensas , do que sómen-

te fazer favores, isso quero eu que cada hum de vós o julgue pelo que experimenta em si proprio. Eu pelo que em mim sinto lhe acho grande differença; e quem considerar o que he a creatura a respeito de Deos lhe achará huma differença infinita. E se mais deve fazer a vontade de Deos quem lhe he mais obrigado, com quanta maior razão nos devemos consolar nos trabalhos, vendo a paciencia, com que Maria Santissima soffre os maiores, que houve já mais no mundo, e sabendo nós todos que tudo vem da mão de Deos!

Tenho acabado, e agora desejava eu ter aqui presentes, e por modo, que se pudessem ver, de huma parte todos os trabalhos, que podemos padecer neste mundo, e da outra parte todas as afflicções, angustias, e amarguras, de que está cheio o coração da Mãe de Deos, para vos mostrar aos olhos a notavel differença, que tenho proposto ao vosso entendimento. Tudo quanto vos tenho dito vos pareceria bem pouco, e não

e não me feria necessario dizer mais cousa alguma. Eu vos prometto que todos deffemos por bem mal empregadas as lagrimas, que pelos bens do mundo temos chorado: não haveria trabalho, que de hoje por diante nos pudesse parecer grande: todos estimariamos ter muitas occasiões de padecer: para todas as afflicções haveria em nós paciencia; mas já que não posso cumprir deste modo os meus desejos, eu vos mostro hum final sensível, que supposto não signifique tudo quanto Maria Santissima está padecendo, bem prova ser ainda pouco quanto vos tenho dito.

Eis-aqui, meus ouvintes, huma pintura, ainda que diminuta, de quanto a Mãe de Deos está soffrendo na sua Soledade. Vedes esta desnudez, capaz de causar pejo, e vergonha ao mais vil homem? Vedes estas chagas, cruel, e barbaramente abertas nestas mãos, e pés tão mimosos? Vedes esta Divina face pizada por desprezo com a mais sacrilega bofetada? Vedes estas mãos omnipotentes pre-  
zas,



zas, e atadas como se forão de hum miseravel escravo? Vedes este amante peito aberto com o duro ferro de huma lança, como se fora de algum traidor? Vedes este cadaver, este corpo de hum homem Deos tão desconjuntado, e ferido, como se fora de algum malfeitor? Vedes finalmente este resumo de dores, este aggregado de tormentos, esta pasta de sangue, este homem sem apparencias de o ter sido, este compendio de tudo quanto he triste, de tudo quanto he horroroso? Pois tudo isto está padecendo a Mãe de Deos nesta triste noite. Este sudario, meus ouvintes, não só he copia da Paixão de Christo, he tambem retrato do coração de Maria. E que imagem podeis formar dos vossos trabalhos, que se pareça com esta? Que pobreza, que desprezos, que desamparos, que desconsoações, que enfermidades padecestes já mais semelhantes a estes trabalhos, por maiores que os julgue a vossa imaginação, e o vosso amor proprio? Que perdas são estas, em  
que

que ouço fallar por toda a parte? Hum morgado, que se diminuiu, que sabe Deos a quem elle pertencia? Humas propriedades, que se arruinárão, cujo rendimento talvez servisse para melhor satisfazer aos appetites? Huns parentes, que morrêrão, dos quaes muitos já aborrecião pela idade? Hum divertimento, que só era innocente, porque lhe querião dar esse nome? Hum fasto improprio da humildade Christã, introduzido no mundo pela vaidade, pela soberba, e por abuso? Isto he o que vos inquieta, e para o que dizeis que não basta toda a paciencia?

Que descommodos são estes, que nos fazem tão pezada na occasião presente a vida? Viver no campo, como vivêrão os antigos Patriarcas? Usar de trajas menos preciosos, que são os mais propios de hum discipulo de Christo? Serem menos delicados os manjares, que não são os peiores para a saude? Oh vergonha! Tornai a olhar para esta pintura: ajuntai tudo quanto tendes padecido:  
dai-

dai-lhe as cores , que puder fingir a vossa fantasia , e vede se o motivo da vossa dor he semelhante ao da mágoa , que opprime o coração da Mãe de Deos ? Mas oh que differença ! Que pequenos trabalhos , que leves afflicções tem sido as nossas ! Huma vida toda empregada em satisfazer ás paixões , e aos appetites : huma vida toda empregada em procurar alivios , e divertimentos para o corpo : huma vida toda empregada em regalos , e vaidades ; fugindo ao frio , ainda quando he menos penetrante ; reparados da calma , ainda quando he menos intensa ; não ouvindo senão lisonjas , e mil louvores proprios ; em fim sem padecer o menor incommodo , ou ao menos sem o poder soffrer , que bem se parece huma vida destas com os trabalhos , de que nos faz lembrados esta copia !

Ah , meu Deos , que mal empregais o vosso amor , e que mal tambem o emprega vossa Mãe Santissima em nós ! Soffrestes tanto para nos ensinar a soffrer , permittistes que a bem-

di-

dita Virgem padecesse a mesma paixão para nosso ensino, e tão pouco nos aproveitamos desta misericórdia, que nem á menor afflicção queremos viver sujeitos! Quem me dera, meu Deus, ser merecedor de que nesta hora fallasse em mim aquelle poderoso espirito, que vós costumais comunicar aos Ministros, que são dignos de annunciar a vossa palavra, para ponderar vivamente aos meus ouvintes a sem-razão, com que nos lamentamos, e o pouco, que vivemos conformes com a vossa vontade. Porém, Senhor, já que por complice do mesmo delicto desmereço esta graça, concedei-me aquelle dom de lagrimas não doces, mas amargosas, que concedestes a outros peccadores como eu, para que chore como devo a minha cegueira.

Só hum mal me traz á memoria esta mesma pintura, tão grande, e horroroso, que nem a Senhora o padeceo maior, nem o podia padecer, e vem a ser, que este mesmo sangue póde servir de condenar-me.

Sim,

Sim, meus ouvintes, esta mesma Paixão, que Deos feito homem soffreo para me salvar, se me não aproveitar della, ha de ser motivo da minha maior condemnação. Este mal sim, este mal he que deve occupar todo o nosso espirito, porque só este he mal verdadeiro, só este he mal grande, só este he mal sem remedio, só este he mal, que merece ser chorado. Não o permittais, meu Deos, e meu Redemptor, não permittais que sobre nós venha tamanha desgraça. Já que para nos salvar derramastes tanto sangue, permitti que a todos chegue, e que todos se aproveitem de Redempção, que he tão copiosa. Já não choramos outro mal; só este será de hoje por diante o motivo das nossas lagrimas. Para tão grande mal não temos paciencia. Todos os outros, sendo vontade vossa, soffreremos, e por elles vos daremos muitas graças, e louvores. De o não termos feito assim vos pedimos perdão, e nos peza muito. Se he necessario, Senhor, para satisfação da vossa justiça que padeça-

çamos todo o restante da vida os maiores trabalhos, aqui estamos, fazei de nós o que for do vosso agrado. Ou continuem as mesmas afflicções, ou venhão ainda maiores. Salvai-nos, meu Deos. Nada mais vos pedimos.

E vós, Virgem dolorosissima, ajudai-nos com o vosso amparo, para que seja verdadeiro o nosso proposito, e bem aceito o nosso sacrificio. Vós sois diante de Deos a nossa advogada, em vós confiamos, em vós seguramos a nossa ventura, em vós esperamos alcançalla. A incomprehensibilidade da vossa dor nos fará julgar pequenas, e suaves todas as afflicções, que neste mundo padecemos, e podemos padecer: a grandeza da vossa mágoa nos ensinará a desprezar todos os trabalhos do mundo: as amarguras da vossa Soledade nos deitarão em rostro a nossa fraqueza; e já que tudo isto padecestes para nosso bem, ferverão as vossas lagrimas de merecimento, para que o justo Juiz nos não condemne a trabalhos, e lagrimas eternas. Lembrai-vos,

vos, Senhora, de que somos vossos filhos, e não permittais se mal lo-grem em nós os vossos trabalhos. Af-sim o esperamos da vossa piedade, e assim o pedimos por este sangue, por estas chagas, e pelo original deste retrato, que he vosso querido, e a-mado Filho. A vós, Senhora, e a elle contritos, e arrependidos pedi-mos huma, e muitas vezes misericor-dia. Misericordia, amorosissimo Jesus. Misericordia, amabilissima Senhora.





S E R M ã O  
 D E  
 ACCÇÃO DE GRAÇAS  
 AO GLORIOSO MARTYR  
 S. SEBASTIÃO,

Prégado no Lumiar na festa,  
 que todos os annos lhe cos-  
 tuma dedicar aquelle  
 povo.

*Omnis ergo, qui confitebitur me  
 coram hominibus, confitebor & ego  
 eum coram Patre meo, qui in Caelis est.*  
 Matth. 10.



UM dos affectos mais nobres do coração do homem he o agradecimento. Não posso negar que todo o agradecimento he divida, e que o obsequio tanto he mais esti-  
 ma-



mavel, quanto he mais livre. Tambem conheço que quasi sempre na acção de graças vai misturado algum interesse, pois nada move com maior força o bemfeitor a continuar os beneficios, que ver-se correspondido, e o affecto mais limpo he o mais desinteressado; porém sem embargo de tudo isto, he de valor incomparavel semelhante affecto. A ingratição he o mais feio de todos os vicios; e não póde deixar de ser muito bella, e amavel huma virtude, que lhe he tão opposta. Pouco depois que Deos fez o homem lhe foi este ingrato; e he grande esforço triunfar de hum vicio, que nos vem como por herança. No mundo nenhuma cousa he tão ordinaria como esquecerem-se os homens dos beneficios; e a singularidade serve de grande credito á virtude. O agradecimento considerado em si mesmo, já não suppõe necessidade; e he lance de espirito generoso acabada a dependencia ser agradecido. Por isso mesmo que o agradecimento he devido, he muito illustre, pois  
ne-

nenhuma virtude he mais heroica, que a justiça. Finalmente até o mesmo Deos feito homem pelo modo, que he decente á sua perfeição infinita, se préza de ser agradecido. A todo aquelle, que o confessar digno de honra, e gloria na presença dos homens, promete não menos que tambem confessallo na presença de seu Eterno Pai digno dos maiores premios.

Tanto como isto, meus ouvintes, merece ser louvada a generosa acção de graças, que pelos beneficios recebidos offereceis annualmente a Deos, e a Sebastião bemaventurado; e os mesmos fundamentos, sobre que tenho discorrido, mostram com igual evidencia que nunca vos ha de desamparar Protector tão soberano. Sim, meus ouvintes, este obsequio vos segura a mesma protecção, que até agora tendes experimentado. Se Deos, e os Santos se pagão tanto de que os invoquemos, que por isso nos despachão as nossas súplicas: se tanto estimão qualquer affecto, que por elle  
nos

nos fazem grandes beneficios , que valor não terá huma súppllica , que he juntamente petição , e agradecimento ? Que favores não merecerá hum affecto , que he tão nobre ? Admiravel sacrificio , de que resulta a Deos , e a Sebastião seu servo tanta gloria , e aos homens tanta conveniencia ! Aqui mesmo no exordio podiamos dar o Sermão por acabado. Que mais me falta , senão persuadir-vos á continuacão deste obsequio ? Mas como temo que a vossa devoção se não dê por satisfeita com tão pequeno discurso , para que se possa defogor nos affectos mais ternos na contemplação das raras virtudes do vosso Protector soberano , e para que tambem as vossas esperanças em tão poderoso patrocínio sejam cada vez mais firmes , mostrarei em hum unico ponto o quanto nos merece Sebastião admiravel o seu patrocínio com a sua virtude , ou , para mais me accommodar com o Euangelho , veremos que o patrocínio do nosso Santo he hum dos premios , que lhe pro-

mette Christo pelo confessar na presença dos homens, e dar por elle a vida no mais glorioso martyrio. Principiemos.

Antes que principie o discurso devemos assentar como em verdade certa que Deos não sómente dá aos Santos pelos seus merecimentos a vida eterna, mas tambem lhes despacha as súplicas, que a favor nosso lhe fazem. Além de o entender assim a Igreja, o persuade a razão, e o mostra a experiencia. Assim o entende a Igreja, porque esta desde o seu principio sempre costumou pedir a Deos pelos merecimentos dos Santos tudo aquillo, de que temporal, e espiritualmente necessitamos. Assim o persuade a razão, porque Deos só faz apreço do verdadeiro merecimento, de sorte que para com Deos aquelle Santo he mais valido, que mais o amou, e servio neste mundo. Assim o mostra a experiencia, porque são innumeraveis os beneficios, que os homens tem recebido de Deos por intercessão dos Santos. Assentando  
pois

pois neste principio, segue-se por boa consequencia que tanto maior será o valimento de Sebastião para com Deos, quanto maiores forem as suas virtudes, e que por estas se deve medir o seu poder, e o seu patrocínio. Entremos pois a ponderar não todas, que farião muito dilatado o Panegyrico, mas sómente aquellas, que são mais singulares, e conhecereis o quanto são bem fundadas as vossas esperanças.

A primeira entre as virtudes singulares do nosso Santo foi desprezar as fortunas, que o mundo mais préza, por amor de Christo, e querer antes perdellas, que deixar de confessar a sua Fé. Não ha cousa no mundo mais estimada que o valimento dos Principes: este he o ultimo termo, para onde se dirigem todos os movimentos politicos de huma Corte: no agrado dos Soberanos tem posto a sua temporal bemaventurança os vassallos: nenhum subdito se julga feliz, se o seu Rei o não estima, e honra; e nada disto pode affrouxar

a Fé de Sebastião admiravel. Era tão estimado dos Emperadores Diocleciano, e Maximiano, que habitava dentro do seu proprio Palacio. Para o distinguirem dos mais, e mostrarem a confiança, que fazião da sua fidelidade, lhe havião conferido na militia o primeiro posto; mas tanto que chega a occasião, em que he preciso ou perder o valimento, ou negar a Fé, não padece a menor perplexidade o seu animo. De boa vontade troca o Paço pelo carcere, o bastão de General da primeira cohorte pelas cadeias de escravo, as estimações dos maiores Monarcas do mundo pelo desprezo da mesma plebe; e assim como Moysés nega ser filho de Faraó, e quer antes ser perseguido com o povo de Deos, que empunhar o sceptro do Egypto, com igual resolução nega Sebastião adorações aos falsos idolos, e por confessar a Christo não duvida sujeitar-se aos maiores castigos.

A tudo isto estava obrigado o nosso Santo, e tambem nós todos o

es.

estamos. Ainda que as estimações, e honras do mundo fossem verdadeiras, e solidas, nada fariamos em as renunciar por Christo. Muito mais devemos a hum Deos, que nos creou de nada, e que feito homem nos remio com o seu proprio sangue. Todos os trabalhos do mundo, como diz o Apostolo, não são merecedores do premio eterno, que por elles nos está promettido; porém costumando Deos pagar aos Santos as finezas, que por elle obrão, tambem com a efficacia do seu patrocínio, grande penhor temos nesta acção da nossa felicidade. Ninguem melhor póde pezar este merecimento, que alguns dos meus ouvintes. Deos estima o que por elle deixamos, não pelo que em si he, mas olhando para a estimação, que fazemos dos bens temporaes, e para o desordenado affecto, que lhes temos. E que estimação não fazeis muitos de vós dos valimentos, das honras, das dignidades? Não vos arrastrão os affectos? Não vos occupão os pensamentos? Não vos inquietão

Ad Rom.  
8. 18.

o coração? Não vos perturbão a alma toda? Pois considerai agora lá quanto merece a Deos o nosso Santo com huma virtude, que supposta a nossa fragilidade he tão heroica? Ainda que Sebastião não obrára outro excesso por Christo, com este unico se podia dar a nossa devoção por fatisfeita; porém a sua virtude cada vez nos hia segurando mais o seu patrocínio.

Não só confessou a Christo, mas tambem com a sua admiravel eloquencia fez com que muitos confessassem a mesma Fé. Entre todos he digno de reflexão o caso de Marco, e Marceliano, filhos de Tarquilino. Havião sido prezos estes dous illustres varões por confessarem a Fé de Christo, e depois de soffrerem com admiravel constancia o tormento cruelissimo dos açoutes, mandou o tyranno que fossem degollados. Supplicarão os pais dos dous Santos ao Juiz, que pelo espaço de trinta dias deferisse, e suspendesse a execução da sentença, e a impulsos do amor carnal, e fal-



falso zelo da religião barbara, ajuntando parentes, e amigos, vierão ao carcere com intentos de os persuadir a que adorassem os falsos deoses. Fallou no pai o respeito, na mãe a ternura, nos parentes o fangue, nos amigos a compaixão, e o amor em todos. Não pudérão os poucos annos olhar com indifferença para tantas lagrimas, nem desattender tão importunos rogos. As inclinações da natureza principiavão já a offuscar a razão, vacilava já a Fé, corria já grande risco a constancia nos dous manebos, quando Sebastião, que presente se achava, abrazado em zelo da honra de Deos lhes falla deste modo: Que he isto, valerosos soldados? Agora, que já havieis quasi merecido a coroa, he que desfaleceis na peleija? Tivestes valor para soffrer tão crueis tormentos, e não o tendes para desprezar tão importunos rogos? De que vos serve a vida, se perdeis inteiramente a honra em conservalla? A quem não causará aborrecimento a vossa inconstancia? Por ventura tornou-

nou-se menos glorioso o fim , pelo qual até agora trabalhastes tanto? Quereis perder huma felicidade eterna por viver mais algum tempo sujeitos a tantas misérias? Quem vos deleja a vossa perdição , nem vos tem amor , nem he sangue vosso. Não merece a vossa compaixão quem he tyranno para comvosco. Acaba Sebastião de fallar , e como se cada palavra houvera sido hum raio de luz celestial , de repente desaparece toda a sombra de inconstancia , e de pusillanimidade. Fortalecem-se novamente os animos , renovão-se as protestações , fogem os inimigos do nome de Deos , padecem Marco , e Marceliano o ultimo martyrio , e admira-se mais que nunca a Fé gloriosa , e exaltada. Eu não sei , meus ouvintes , que possa haver sacrificio mais agradavel a Deos do que este? Não ha cousa , que Deos mais estime , que huma alma. O mesmo Deos feito homem a julgou digna do preço infinito de seu precioso sangue. Nunca recebe o mesmo Deos maior gloria ac-

cidental, que quando o confessamos, contradizendo-o o mundo, e a carne, porque então he que se vê preferido a todas as creaturas. E que almas mais estimaveis que as destes Santos Martyres? Que confissão da Fé mais gloriosa do que esta? Grandes reflexões podia eu aqui fazer sobre o muito, que o nosso Santo mereceo a Deos com este admiravel effeito de seu ardente zelo; porém já me está chamando o seu glorioso martyrio.

Não ha espectáculo mais agradável aos olhos de Deos, que mais o entorneça, e que mais o mova a piedade, que ver o homem padecendo por seu amor afflicções, e trabalhos. Huma das razões, por que Deos permittio que Job padecesse tanto, foi, na opinião do grande Chrysostomo, para se comprazer o mesmo Deos na sua paciencia. Com os trabalhos de sua Paixão Sacrosanta nos mereceo Christo todos os bens sobrenaturaes, e eternos, que possuímos, e esperamos. E que não padecceo Se-  
bas-

bastião por amor de Deos? Bem conheço, meus ouvintes, que vos hei de magoar com a lastimosa imagem do seu martyrio; porém o mesmo amor, que vos entenece, deve consolar-vos. Não olheis para o seu sangue só como sinal do seu tormento, olhai também para elle como merecimento da sua, e da vossa ventura. Chega á noticia de Diocleciano o procedimento do nosso Santo, e convertido o antigo amor em soberbo odio, depois de rigorosa prizão o condemna ao supplicio das setas. Com a maior insolencia, e máo tratamento o levão os soldados para hum campo: com summa indecencia o despem de seus vestidos: com barbaridade inaudita o amarrão a huma arvore, e entrão á porfia a desaffogar nelle a sua crueldade. Não ha parte naquelle delicado, e gentil corpo, que não esteja cravada de setas: cada qual dos algozes dobra quanto póde as forças, para que sejam mais penetrantes as feridas: o sangue já corre a rios das suas veias: desfalecidos, e cançados já

já de o atormentar, o deixão por morto: esfrião as chagas, e fica o nosso Santo por muito tempo padecendo as mais intensas dores. Permite Deos que Irene, matrona devotissima, leve para sua casa occultamente a Sebastião, e o cure das feridas; mas ainda Sebastião se não dá por satisfeito com o passado martyrio. Torna a prégar a Fé, torna a ser prezo, converte os mesmos guardas do carcere com as suas familias, e outros muitos, converte Cromacio, Governador de Roma, com toda a sua casa, na qual havia quinhentos escravos, até que novamente enfurecido Diocleciano lhe manda tirar a vida á violencia de açoutes, que por acharem ainda frescas, e mal curadas as feridas, fizeram no corpo do nosso Santo o mais cruel estrago, e lhe causárão as mais finas, e penetrantes dores.

Setas, e açoutes chama David Pf. 17. 15.  
 ao mal de morte, com que Deos castiga os homens pelos peccados. E 143. 6.  
 que melhor escudo para rebater estas Pf. 31. 10.  
 se- 90. 10.

fetas , e para reparar destes açoutes , que as fetas de Sebastião , e os açoutes do seu martyrio ? Que preço , e que valor não terão na presença de Deos semelhantes tormentos soffridos com paciencia tão heroica ? Como poderá Deos negar a conservação de nossas vidas a quem deo a propria pelo mesmo Deos com a maior generosidade ? Não he o nosso Deos aquelle , que , segundo affirmão as Escrituras , e o tem mostrado por muitas vezes a experiencia , dá cento por hum a quem lhe offerece o menor sacrificio ? Não he este Senhor o mesmo , que por Moysés lhe offerecer a vida pelos peccados dos Israelitas , deixou de acabar de huma vez com aquelle povo , como havia proposto ? O sacrificio de Isac , que não passou do intento , não mereceo huma dilatada ferie de bençãos , e de prodigios para toda a sua posteridade ? Não ensinão as Divinas Letras , que o sangue dos que morrem innocentes por amor de Christo está sempre clamando , e pedindo ao Ceo vinganças contra

tra os homicidas? Pois se tudo isto assim he, e Deos he igualmente justo, e misericordioso, que vidas não concederá a Sebastião, que na sua lhe offerceco a mais preciosa victima? Como não embainhará a espada da sua justiça depois de ter dado o nosso Protector a vida tambem em satisfação das nossas culpas? Que milagres não devemos esperar os devotos de Sebastião por hum sacrificio na execução o mais completo? Porque não pedirá tambem misericordias ao Ceo o sangue do nosso advogado? Nós mesmos, que temos por costume ser tão pouco agradecidos, que mercê negariamos a quem por qualquer de nós obrasse semelhantes excessos? O' merecimento heroico! O' patrocínio admiravel! Esta he, meus ouvintes, a melhor arvore da vida, que plantada no Paraiso da Igreja nos livra com o fruto das suas virtudes dos mais arriscados perigos da morte. Este he o final mais prodigioso, que levantado pela providencia livra ao povo de Deos do mais

perigoso contagio. Este he finalmen-  
 2. Parali- te o melhor Josias da Lei da graça,  
 pom. 33. que offerecendo intrepido o peito ás  
 23. fetas pelos seus devotos, tomou sobre  
 si o castigo, que mereciamos pelas  
 nossas culpas.

Ainda se augmentará mais a nos-  
 sa confiança se reflectirmos na idade,  
 no tempo, e no lugar, em que o  
 nosso Santo deo a vida por Christo.  
 Sempre a vida he bem estimavel;  
 mas quando a idade nos dá lugar a  
 que possamos gozar della, cresce sem  
 comparação o seu valor. Os annos,  
 os achaques, os defenganos condu-  
 zem muito para nos ser menos sensi-  
 vel a morte; e na idade mais floren-  
 te, e vigorosa he que Sebastião deo  
 a vida por Christo. Muitos, dando  
 a vida por Christo, nella lhe offere-  
 cêrão quanto podião offerecer-lhe,  
 porque a possuição desacompanhada  
 de todas as outras temporaes felici-  
 dades; porém Sebastião era huma per-  
 sonagem illustre, vivia com o maior  
 fasto, achava-se em grande fortuna,  
 e podia esperar ainda maiores aug-  
 men-



mentos. Não necessitando Deos absolutamente das creaturas, por ser independente em todo o genero, com tudo ha lugares, e tempos, em que o mesmo Deos se quer servir do nosso nada, para manifestar por instrumentos fracos a sua gloria, e como depender de nós voluntariamente para fins altissimos. E em que lugar houve mais necessidade de que Sebastião acudisse pela honra de Deos, pizando idolos, e arvorando victorioso o estendarte da Fé, que em Roma, cabeça do mundo, cheia de idolatrias, abominações, e sacrilegios? Em que tempo era mais necessario o sangue dos Martyres, que quando ainda se andava plantando a Fé, para que não murchasse tão melindrosa planta? O certo he, meus ouvintes, que só quem for tão pouco avisado, que tenha para si que Deos he menos generoso para com os seus Santos, do que os mesmos Santos são para com Deos, he que poderá duvidar da efficacia do patrocínio de Sebastião prodigioso, suppostos tantos

tos merecimentos , e tão singulares virtudes.

Até agora fallou a razão , agora falle por ultimo a experiencia. Quem livrou a Italia da geral peste , que no reinado de Humberto , Rei da Lombardia , a infestava , e parece queria acabar de todo ? O mesmo foi levantar-se em Pavia hum Altar em honra do nosso Santo , e outro em Roma , collocando-se nelles as suas reliquias , que desapparecer o mal , e acabar-se o castigo. Que favores não tem recebido de Deos o nosso Reino pelos merecimentos de Sebastião prodigioso ? Por muitas vezes havião padecido os nossos antepassados pestes , e contagios horrorosos ; tanto porém que ElRei D. João o III. alcançou a estimavel reliquia de hum braço do nosso Santo , e o Papa Gregorio XIII. mandou a ElRei D. Sebastião huma das fetas , com que o nosso Protector foi martyrizado , tudo mudou de aspecto : nunca mais houve peste como d'antes se experimentava : forão-se diminuindo os con-

tagios : foi crescendo a devoção ao esclarecido Martyr, e cada dia fomos experimentando mais os milagrosos effeitos do seu efficaz, e poderoso patrocínio. Quem finalmente ha no mundo, que em semelhantes casos confiasse na virtude prodigiosa de Sebastião bemaventurado, que não cantasse o triunfo de mal, que he tão violento? Mas não nos devem admirar estes prodigios, porque deste modo costuma Deos premiar a quem o confessa na presença dos homens, e dá a vida pela Fé; pois além do premio eterno da bemaventurança lhe costuma despachar as suas súplicas, e faz com que seja efficaz o seu patrocínio.

Tenho acabado, e ainda agora faço reflexão em huma terrivel consequencia, que se póde seguir de quanto tenho dito. Este discurso assim como he capaz, pela verdade, em que se funda, de augmentar a devoção do nosso Santo, e de segurar grandemente a esperança, que temos no seu patrocínio, tambem póde causar gran-

de ruína espiritual em quem o não tiver ouvido com verdadeiro espirito de Christandade. Sim, meus ouvintes, póde fazer que demaziadamente confiados em tão poderoso patrocínio de nenhum modo temamos a peste, nem as outras calamidades, e que nesta confiança descancemos adormecidos nos vícios, sem recorrermos ao saudavel remedio da penitencia: póde fazer que cheguemos a desprezar os mesmos naturaes effeitos, de que muitas vezes se costuma Deos servir como de auxilios para nos trazer ao caminho da salvação. Porém não seja assim, meus ouvintes: não he justo que deste Sermão, que todo se encaminha ao vosso bem, tireis semelhante fruto de condemnação eterna. Tudo quanto póde o nosso Santo lhe vein da misericordia de Deos; e assim como Deos nega parte dos seus auxilios aos que chegam a obstinar-se na culpa, tambem para estes será menos efficaz o patrocínio de Sebastião admiravel: assim como o sangue infinito, e os merecimentos do

do nosso Redemptor não aproveitão aos que de nenhum modo querem emendar-se, também o martyrio do nosso advogado sómente será util para aquelles, que ao menos propuzerem firmemente de fazer penitencia das suas culpas: assim como Deos não ouve senão os rogos de quem humilhado, e contrito se prostra na sua presença, também Sebastião só ouvirá as nossas súplicas, se o invocarmos com semelhantes affectos.

Assim o pedi a Deos, ó Protector admiravel, para que sempre experimentemos a singular efficacia do vosso poderoso patrocínio. Que importa que sejais para com Deos tão valido, se as nossas culpas nos fizerem indignos do vosso amparo? De que nos servirá a isenção da peste, que só póde causar a morte do corpo, se em nossas almas cada vez mais se for ateando o contagio do peccado? A graça, meu Santo, a graça para dignamente vos agradecermos os favores recebidos, e sermos merecedores de outros maiores, he que

esperamos sobre tudo nos alcanceis, por vossa intercessão, e rogos, da Divina misericordia. Este unico dom sobrenatural nos basta para sermos completamente felices: antes o queremos, que a isenção de todas as temporaes calamidades: nem destas esperamos nos livre o vosso poder, senão para termos tempo de emendar a vida, de chorar as culpas, e de fazer obras merecedoras de vida eterna.

Com semelhantes affectos he que deveis, meus ouvintes, recorrer á protecção do nosso advogado. Esperar que os Santos nos alcancem grandes beneficios, commettendo nós os maiores peccados, he huma confiança, que passa a ser atrevimento, porque os Santos sentem como proprias, e ainda mais, as offensas, que se commettem contra Deos, e semelhantes aggravos não merecem favores. Pedir nos conservem a vida para mais a empregarmos nos vicios, he offender o bemfeitor com a súpplica, porque he intentar que os Justos concor-  
rão

rão de algum modo para o nosso peccado. Supplicar finalmente a vida do corpo, e hum total esquecimento da vida da alma, he a maior injustiça, porque he estimar mais o corpo que o espirito, he antepôr o temporal ao eterno, he prezar mais o que he incomparavelmente menos estimavel.

Não o permittais assim, Deos eterno, e Senhor omnipotente: já que tanto vos soube agradar, e merecer este vosso servo, fazei que a nossa devoção seja daqui por diante verdadeira, e sempre efficaz o seu patrocinio. Aos que estão em peccado concedei, misericordioso Pai, os auxilios, que são necessarios para detestar a culpa, e conseguir outra vez o vosso amor: aos que estão em graça augmentai, generoso Senhor, a mesma virtude, para que mais vos amem, e sirvão: a todos finalmente illustrai os entendimentos, inflammai os corações com aquellas luzes, com aquelle fogo, que só nos póde communicar o vosso Espirito, para que deste

mo-

modo vos seja agradavel este sacrificio, que hoje em acção de graças pelos beneficios recebidos humildemente vos tributamos, para que vos sejam bem aceitas as súplicas, que por mãos de Sebastião prodigioso fizermos subir á vossa presença, para que já mais nos falte hum patrocínio, em que tanto confiamos, e sobre tudo para que vos sirvamos, amemos, engrandeçamos, e louvemos por toda a eternidade.







# S E R M ã O

D E

# M A N D A T O,

Prégado em Marvilla.

*Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Joan. 13.



ã O só o bem, que se perde, se acha com gosto, tambem o que se busca enche o coração de jubilo, quando se acha. O bem perdido vale muito depois de achado; mas quem o havia perdido nada acha de novo: livra-se sim da saudade, que lhe causava a perda; mas o bem, que re-

recupera, he o mesmo, he o antigo. O bem porém, que se acha depois de se buscar com ancia, e sem já mais se ter possuido, não só livra da forte afflicção, com que a esperança dilatada perturba o animo, mas tambem causa hum gosto misturado com huma especie de admiração, que he natural effeito da novidade. Quando aquella mulher, de que falla Christo em huma de suas parabolâs, achou a moeda, que havia perdido, recebeu tal gosto, que não lhe cabendo no peito, o espalhou por toda a vizinhança: chamou amigas, e conhecidas, para que lhe ajudassem a festejar a sua ventura. Quando o filho prodigo tornou a buscar a casa de seu pai, tambem houve grande festa. Mas nada tem que ver com o gosto, que a terra toda recebeu com a vinda do Messias, por quem havia tantos annos esperavão com lagrimas, e suspiros os homens: nada se póde comparar com o prazer, que os trez Discipulos escolhidos tiveram no Thabor, quando virão huma representa-  
ção

ção da Gloria, que esperavão por premio dos seus trabalhos: a tudo ha de exceder o gosto de vermos a Deos claramente, se nos couber, como esperamos, tão boa sorte; e isto não só porque bens semelhantes excedem a todos, mas tambem porque são bens, que o nosso coração anciosamente deseja. Não posso negar que o bem se conhece melhor, quando se perde, e por isso depois que se acha muito mais se estima; mas hum bem, que eu julgo estimavel, e por isso anciosamente o procuro, e desejo, se tenho a fortuna de o achar, a todas estas circumstancias accrescenta a da novidade, a qual nos corações humanos produz effeitos de gosto os mais admiraveis. Tanto como isto he grande o prazer de achar hum bem, que se procura; e he tal a nossa felicidade, que todos nos achamos hoje em semelhantes circumstancias. Ora notem.

Não ha bem algum neste mundo, que se possa comparar com hum affecto verdadeiro. Ao amigo fiel chama  
ma

Ecclef. 6. ma o Ecclesiastico medicina da vida, e com grande propriedade, pois sem elle parece que se não póde viver. Se adoeço, tenho quem sinta comigo a enfermidade: se estou afflicto, não falta quem me console: se trabalho, tambem ha quem me ajude. Acho nas adversidades amparo, consolação nas desgraças, e nas outras miserias da vida encontro no bom amigo, se o tenho, ou remedio, ou companhia, que algumas vezes he bem estimavel remedio. Finalmente o homem parece que foi feito para amar, e ser amado de outrem. Alguns Theologos se persuadirão de que não seria Deos summamente feliz, senão fora Trino, e se entre as Divinas Pelloas não houvera hum amor infinito, e reciproco. A gloria não he outra cousa mais, que ver, e amar a Deos, e sermos delle amados para sempre; porém sendo grande este bem, nada se busca mais, e se acha menos, que hum verdadeiro affecto. São tantas as circumstancias, que se devem primeiro observar para  
nos

nos capacitarmos de que alguém verdadeiramente nos ama, que nem a nossa fraca comprehensão, nem a brevidade da vida nos permitem fazer completamente esta experiencia. O coração humano he hum labyrintho de affectos, onde huns se trocáo, e encobrem com os outros, porque sempre andáo em perpetuo movimento. Na amizade não só ha innumeraveis hypocritas, mas hypocrisias de infinitas especies. Huns disfarçáo na amizade o interesse, outros a vaidade, estes o appetite, e tambem alguns o odio, que he a mais refinada hypocrisia, que póde haver neste genero. Os Filosophos gentios, que de proposito tratáráo desta materia, deixáráo escritos fortes delenganos, e que prováo admiravelmente o que tenho dito. Huns disseráo, que entrar neste mundo a procurar hum amigo verdadeiro, era o mesmo que sem leme entregar-se ás ondas do Oceano: outros julgáráo, que ainda ao meio dia, e com luzes accezas se não achava. Alguns aconselharáo, que o mais se-

Math. 10.  
17.

feguro era costumar-se o homem a viver sem este bem, assim como vive sem outros. O Evangelho, onde se acha mais alta, e mais verdadeira politica, que toda quanta tem escrito, e hão de escrever os homens, nada recommenda mais que o pouco, que devemos confiar nos mesmos homens, e o muito, que nos devemos acautelar de seus enganosa. Ultimamente o mesmo Deos, que he bem summo, e de infinita bondade, sim teve sempre quem de veras o amasse; mas quem lhe enchesse as medidas dos seus desejos foi louvor, que na Lei antiga só lhe mereceo hum unico homem. Só David mereceo este louvor, nem se acha escrito de outrem. A razão desta singularidade só o mesmo Deos a conhece; mas daqui se infere o quanto custa achar hum affecto verdadeiro, e tão perfeito como se deseja.

Actos. 13.  
22.

Mas oh fortuna! Oh felicidade! Quem póde reflectir nos Mysterios, que presentemente celebramos, sem que festeje ter achado este grande


de bem? Olhai, meus ouvintes, olhai com os olhos da consideração para o Cenaculo, e vereis a hum amigo não só verdadeiro, mas tal, que nós mesmos o não saberíamos desejar assim. Que pessoa mais nobre poderíamos desejar para amigo, que o Filho de Deos? Que Senhor mais poderoso, que o Rei dos Reis, e o Senhor dos Senhores? Que fogeito mais sabio, e mais entendido, que o Verbo Divino? Que Monarca mais rico, que o Senhor do Ceo, e da terra? Que animo mais generoso, que quem costuma dar tudo, e até por amor se dá a si proprio? Que pessoa mais agradecida, que quem por hum affecto puro dá huma bemaventurança, que já mais acaba? Que coração mais amavel, que o centro de toda a bondade? Que affecto mais constante, que hum affecto, que he immutavel? Que amor mais firme, que hum amor, que he eterno? Reparai, e vede bem as finezas, que por nós está obrando. Depois de nos amar por toda a eternidade em quan-

to Deos, e por toda a vida em quanto homem, que fineza se póde considerar, que não obre por nós nesta hora? Os Anjos o adorão, e se prostrão na sua presença; e sem embargo disto ajoelha aos nossos pés para nos ensinar a fer humildes. He espelho puro, e sem mancha, onde se está vendo toda a bondade, e perfeição do Eterno Pai; e lava-nos os pés, e os alimpa, e os beija, e toma sobre si os nossos peccados para nos purificar delles. Está vendo claramente que o havemos de estimar em menos do que ao vil preço de qualquer gosto mundano; e ao mesmo traidor abraça como amigo, e dá o final mais sincero de huma verdadeira amizade. Sabe que o havemos de crucificar huns no Calvario com os instrumentos do odio, outros nos proprios corações com os desordenados affectos da concupiscencia; e a todos dá a comer seu corpo, e a beber seu sangue para nos encher de graça. Gosta finalmente, sem embargo de sermos ingratos, de viver em nossa  
com-



companhiã, e para nosso bem, e por  
nosso amor nos deixa, e se ausenta  
de nós, e se vai entregar á morte,  
privando-se deste gosto. E que sinaes  
póde haver mais evidentes do que es-  
tes de que Jesus Christo nos ama de  
véras, e com o maior extremo? Que  
mais poderíamos desejar, ainda que  
por toda a eternidade estiveramos  
formando a idéa de hum amigo? Lou-  
vado sejais, Senhor, por tantas fine-  
zas, e parabens nos sejam a todos de  
termos hum tal amigo.

Bem conheço, meus ouvintes,  
que á vista de semelhantes extremos  
parece injuria grande pretender eu  
persuadir-vos que só Deos verdadei-  
ramente nos ama, e que pouco se  
deve sentir ou não achar, ou perder  
os amigos do mundo. Hum amor co-  
mo este por si mesmo convence, e  
desengana: sem que alguem lhe pos-  
sa resistir está batendo ás portas de  
nossos corações; e para hum audito-  
rio tão pio sobeja o que tenho dito.  
Tudo isto confidero, e conheço que  
assim he; mas como esta cerimonia  
se



se repete todos os annos, e ainda vejo prezar tanto as amizades dos homens, e tão pouco a de Deos, me considero na precisa obrigação de não seguir outro assumpto, e discorrer sobre elle até onde chegarem as minhas forças. Forme por tanto cada hum de mim o juizo, que lhe parecer, que o meu empenho não ha de ser outro, senão confrontar o amor de Deos com o amor dos homens, para que reflectindo em hum, e outro extremo, nos defenganemos de todo, e tiremos por fruto desta sagrada cerimonia hum firme proposito de amar a Deos sobre todas as cousas, porque ninguem mais do que o mesmo Deos nos merece o nosso amor. Principiemos.

Para conhecermos a notavel differença, que ha entre o amor de Deos, e o amor dos homens, não he necessario mais que fazer reflexão no que ordinariamente acontece no mundo, e no que hoje contempla no Cenaculo a nossa Fé. A principal circumstancia, que deve ter a amizade pa-  
ra

ra ser verdadeira , he ser firme , perpetua , e sempre a mesma. O verdadeiro amigo não he aquelle , que algum dia me quiz bem ; he aquelle , que sempre me teve amor , que ainda o conserva , e que presumo me ha de sempre amar. Diz o Espírito por boca de Salamão , que o amigo fiel ama em todo o tempo. E nestas poucas palavras nos deo huma completa idéa do verdadeiro amor , porque este he o seu caracter , e particular distinctivo. Poderá o aço consumir-se com o tempo , poderá o bronze desfazer-se com os annos , poderá o diamante perder a firmeza andando os seculos ; porém não acabará já mais , se for verdadeiro , o amor. Suppõe este nobre affecto hum juizo pratico de que he estimavel a pessoa , que se ama ; e como o entendimento não póde mudar de conceito em quanto permanece o mesmo objecto : como a vontade costuma seguir , posto que livremente , os dictames da razão , quando obra perfeitamente , a mesma vontade , ou quem deixa de amar a

Proverb.  
17. 17.

outrem, nunca d'elle formou conceito de que era estimavel, ou se acaso lhe veio tal cousa ao pensamento, não lhe deo firme assenso. A verdadeira amizade he huma troca de coraçãoes, he huma identidade de affectos; e quem deixa de amar bem mostra que guardava em si o proprio coração, dá claro indicio de que não estavam identificados os affectos. Finalmente o amor não he qualidade do corpo, que padece varias mudanças com o tempo, e por ultimo se desfaz em cinzas; he huma paixão do espirito, que sempre he o mesmo, e ha de durar eternamente. E só hum amor, que he firme, constante, e invariavel, he digno de tão nobre principio, e se póde chamar verdadeiro amor.

E que homem ha tão feliz, que tenha experimentado nas amizades do mundo esta firmeza? Que mudança de affectos não observamos todos os instantes no coração humano? Não só acabão os que puramente se chamão amigos; porém ainda entre aquellas  
pef-

peſſoas , que por todas as leis ſe devião ſempre amar , ainda entre eſtas chega a ter fim o amor. Não ha mercês , que poſſão prometter a hum Soberano a fidelidade de hum vaſſallo : não ha ſerviços , que poſſão ſegurar a hum ſubdito a graça do ſeu Principe : não ha fineza , que ſeja capaz de prender para ſempre a liberdade de hum amigo. Eſquece-ſe o pai de que o filho he parte da ſua ſubſtancia : o filho não ſe lembra de que recebeu o ſer do meſmo pai. Os meſmos , que Deos ajuntou , e não póde ſeparar o homem ; os que devem viver mais eſtreitamente unidos , até eſtes coſtumão , não poucas vezes , ſeparar-ſe nos affectos , e perder de todo o amor. Finalmente he iſto tão ordinario no mundo , tão confirmado pela experiencia , que para ſe perſuadir a quem tem juizo , baſta lembrar-lho , chegando a ſer virtude rara , e exquiſita a obſervancia de hum preceito , ao qual nos obrigão não menos que as leis da natureza , da razão , e da Chriſtandade. Porém

nada menos se podia esperar de hum coração corrompido pela culpa; de huma vontade quasi sempre rebelde aos dictames da prudencia; de hum animo, que dá livre entrada a paixões, e affectos os mais desordenados; de huma alma, que para obrar depende da grosseria dos sentidos; de hum espirito, que está como submergido na vileza do nosso barro; de quem finalmente se não aproveita da graça, com que podia emendar todos estes defeitos.

Mas ó mysterio do amor o mais admiravel! Como se vai já descubriendo a notavel differença, que ha entre o amor de Deos, e o amor dos homens! Este mesmo amigo, meus ouvintes, este mesmo amigo, que hoje tanto nos ama, he aquelle, que nos amou desde a eternidade. Ainda não existia creatura alguma, e já nos amava: eramos sómente possiveis, e já nos preparava huma bemaventurança sem limite. Para nosso bem creou o Ceo, e a terra: empenhou a sua sabedoria para nos formar per-

fei-

feitos : communicou-nos tanto da sua bondade , que ficámos pouco inferiores aos Anjos : metteo-nos de posse de hum Paraíso cheio de todas as delicias : concedeo-nos dominio sobre todas as creaturas , que existem sobre a terra : permittio que de todas nos pudessemos servir para o nosso commodo. Perdemos grande parte desta fortuna pela culpa : fomos desobedientes , fomos ingratos , mas não perdemos a sua misericordia. Ficámos fracos , e sujeitos a mil perigos : compadeceo-se de nós , e remediou com os auxilios da sua graça as nossas misérias. Hoje nos mandava castigos para com o temor da sua justiça nos apartar do peccado : á manhã chovião sobre nós os beneficios para nos obrigar com o amor a que o não offendessemos. Desceo finalmente do Ceo á terra , fez-se homem , e além do que obrou por toda a vida , e do que estamos vendo no Cenaculo , determina soffrer os maiores tormentos , e dar a propria vida no mais affrontoso patibulo para nos metter outra vez  
de

de posse da Bemaventurança, e nella nos amar por toda a eternidade.

Tanto como isto he differente o amor de Deos do amor, que ordinariamente se experimenta entre os homens; porém como ha exemplos tambem de amigos, que sempre se amárão, não quero dissimular esta circumstancia. Deixemos já os amigos inconstantes, e não façamos mais caso algum do seu amor: venhão sómente a juizo os amigos, que são firmes. Que amor, por mais constante que seja, me podereis mostrar no mundo, que não esfrie com o tempo, e se não diminua, ainda que não acabe de todo? ou seja porque o entendimento chega ultimamente a conhecer que nenhuma creatura merece tão crecido affecto; ou porque as qualidades da pessoa, a quem amamos, não são tão estimaveis, como julgavamos ao principio; ou porque a multidão de objectos, que entra em o nosso coração, o perturba, e faz com que os mesmos objectos

huns



huns aos outros roubem os affectos; ou porque a nossa alma em quanto está unida ao corpo experimenta no exercicio das suas potencias a mesma debilidade, que os sentidos padecem com os annos; ou finalmente porque he condição do homem perder pouco a pouco o gosto a tudo quanto ha no mundo. O certo he, que aquelle mesmo, que hontem amava com extremo, hoje tem hum amor, que apenas se percebe: sim mostra ao amigo, quando o vê, o mesmo agrado; mas já não lembra quando está ausente: já não he chamado nas occasiões de gosto: já se podem sem elle soffrer os desconmodos da vida: já os segredos do coração se lhe escondem: já não ha com que dou- rar os seus defeitos: as suas virtudes valem já menos: perdêrão grande parte do seu merecimento as antigas finezas: os excessos em fim, que parecião mais sinceros, ou se convertem em demonstrações meramente politicas, ou ainda em menos, se não amortecem de todo.

Não

Não he isto o mesmo, que vos tem, meus ouvintes, mostrado a experiencia nos outros a vosso respeito, e em vós mesmos a respeito dos outros? Voltai agora para o Cenaculo: contemplai como he extremo o amor de Deos agora no fim: agora, que está chegada a ultima hora de Christo acabar a vida, e admirareis hum amor tão crescido como se não poderia imaginar, se o não vissemos. Não só nos ama agora mais que nunca: ama-nos com hum excesso, que parece impossivel, porque ainda se não satisfaz o seu amor com tantas, e tão grandes finezas. He fineza grande ajoelhar a nossos pés: he maior excesso sacramentar seu corpo para ficar em nossa companhia: he ultimo extremo entregar-se com gosto á morte para nos remir da culpa; porém mais que tudo he parecer-lhe ainda isto pouco. Todos estes excessos comparados com o desejo, que tem Christo de nos encher de beneficios, ainda o não igualão, e por isso guarda para depois da morte innumeraveis

extremos. Ainda nos ha de vir outra vez ensinar depois de refuscitado: ainda nos ha de mandar pelos seus Apostolos publicar o seu Euangelho: ainda ha de obrar estupendos prodigios, para que nos aproveitemos do merecimento infinito de seu sangue precioso: ainda finalmente nos ha de levantar muitas vezes da culpa, dar graça para o não offendermos, e por ultimo coroar-nos de gloria se não morrermos em peccado mortal. E que vos parece, meus ouvintes, póde haver amor mais firme, e mais intenso do que este? São assim os amigos do mundo? Parece-me que já se vos aperta o coração, e vos começais a entristecer por ter empregado tão mal até agora os vossos affectos. Pois sabei que tenho fallado na maior precisão, em que se podia fallar do amor. O melhor, o mais forte, o que mostra bem aos olhos esta differença, he o que me resta ainda para vos dizer. Ora vede se tenho razão para o julgar assim.

Nunca, como tenho ponderado,  
he

he o amor dos homens seguro: sempre finalmente ou acaba, ou enfraquece, attendendo ao principio, donde nasce. Porém se acontece haver mudança de fortuna, então certamente, ou ao menos com a maior probabilidade, ou o amor acaba de todo, ou toma huma figura tão diversa, que totalmente se desconhece. Não só nos achamos quasi sem amigos, quando actualmente somos desgraçados: não só nos deixão se com effeito sobem a lugar mais alto, mas até huma felicidade, que se espera, até huma desgraça, que se teme, he bastante para destruir as amizades. O amor dos homens, pela maior parte, ou se se funda em interesse de ambição, ou de necessidade. Quem nos ama, ordinariamente ou he porque espera de nós maior fortuna, ou porque não póde viver sem o nosso amparo; e como a felicidade nos faz mais independentes, e a desgraça nos constitue inuteis, por isso hum, e outro accidente, logo que apontão, nos deixão quasi só, e sem amigos. Hum

dis-

discreto Orador compara os primeiros ás andorinhas, que no bom tempo costumão cercar em grande numero os Palacios, e nelles principião a fabricar os seus ninhos; pois o mesmo he acontecer algum tremor de terra, que logo ao primeiro abalo, e ainda sem haver principio algum de ruina, fugirem todas, e principiarem de novo o seu trabalho em outra parte; e isto não porque tenham experiencia da firmeza do novo edificio, mas só porque ainda o não sentirão abalar. Os que deixão os amigos, porque sonhão fortunas, não tem comparação; sómente se parecem consigo: são homens sem honra; escravos do proprio interesse, e indignos de que nelles se falle huma unica palavra.

Eu só com elles fallára, se os tivera aqui a todos presentes, para os envergonhar com o amor de Christo desta hora. Vede, lhes diria eu, homens vís, e de animo baixo, vede como hum Deos feito homem ama a huns homens tão pobres, que até  
o pão,

o pão, que comem, lhes dá o mesmo Senhor: a huns homens, que não possuem cousa alguma do mundo: a huns homens, que de nada lhe podem valer. Reparai nas finezas, que está obrando nas vespervas de ir reinar com seu Eterno Pai no Reino da Gloria. Agora, que já no Ceo o esperão os Anjos para lhe cantarem eternos louvores: agora, que já está preparado o throno da maior honra, e magestade, em que se ha de sentar victorioso: agora he que o seu amor se mostra mais que nunca extremo, e fino: agora he que o seu amor chega ao maior auge. Porém a homens de semelhantes pensamentos o melhor he deixallos. Estes taes sogetos não se costumão persuadir com motivos tão nobres: entreguemo-los á inconstancia da mesma fortuna, em que idolatrão, e no movimento ve-loz da sua roda conhecerão, quando menos o julgarem, o seu erro: desengane-mo-nos todos nós, e tomemos daqui fundamento para nos acautelarmos de semelhante amor, e de semelhantes amizades.

Só huma unica desculpa poderiam ter as quebras de amizade, se os homens nellas se portassem como he devido, e vem a fer, os agravos, que se recebem daquellas pessoas, a quem verdadeiramente amamos. Quem me agrava certamente me não tem amor, e eu não devo ter por amigo a quem me não corresponde. Não ha dúvida que o Evangelho me manda que ame como proximo ainda a quem me aborrece; mas não ha lei, que me obrigue a que eu trate o traidor com as particularidades de amigo. Huma cousa he amar, outra cousa he ser amigo. Amar he desejar bem a outrem, e fazer-lho conforme a ordem da caridade: ser amigo he tudo isto, e o mais até onde póde chegar hum affecto bem ordenado. Ao primeiro estamos obrigados todos, porque assim o manda Christo: ao segundo obriga-se cada hum a si livremente, e conforme os dictames da razão, a qual não dicta que eu me entregue, e me fie de quem me he desleal, e ingrato. Po-  
rém

rém os homens de ordinario não se contentão só com isto : o mesmo he haver qualquer aggravo, que perder-se não só a amizade, mas totalmente o amor. Acaba-se a communicação, parão os beneficios, e principia a reinar o mais refinado odio; e não só acontece isto, quando ha verdadeiros aggravos, basta sonhallos. Hum leve suspeita, hum fraco indicio, huma palavra, que se proferio sem reflexão, huma acção mal interpretada, e que de sua natureza era indifferente, o que veio ao pensamento em hum instante, basta para arruinar huma amizade de muitos annos. Ainda que as antigas finezas não tenham já numero; ainda que os favores recebidos sejam tantos, e tão grandes, que já se não possam pagar, he tão falsa a balança, em que os mortaes equilibraão os affectos, que o menor aggravo péza no seu conceito mais que tudo isto.

Forte sem-razão do amor humano! Mas por isso mesmo se conhece hoje melhor a fineza, e o excesso do amor



amor Divino. Em que hora merecião menos os homens que os amasse Christo do que nesta? Já o discipulo traidor cuida na entrega: já tem os Judeos assentado entre si tirar-lhe a vida: já estão enfiadas as testemunhas, que hão de jurar falso na devaça: não suspeita o Senhor aggravos, já os tem a todos presentes, e os maiores, que se podião esperar da ingratição, e tyrannia humana: está já vendo os açoutes: está já ouvindo as blasfemias: tem diante dos olhos o Calvario, a Cruz, e a mesma morte: daqui a pouco hão de fugir, e o hão de desamparar os mesmos, que agora estão comendo com elle á meza: antes de muitas horas Pedro, aquelle Discipulo, que se não julga digno de que o Senhor lhe lave os pés, e que banhado em lagrimas o reconhece, e confessa por seu Senhor, e por seu Mestre, esse mesmo o ha de negar trez vezes; e nesta mesma hora, com estas faltas de amor, com tantos aggravos á vista, he que mais nos ama. O mesmo final  
de

de amizade, que mostra a Judas, mostrára aos mesmos, que o hão de crucificar, se os tivera presentes. Sente mais os agravos, que lhe fazem, pelo damno, que delles resulta aos mesmos ingratos, que os commettem, que por serem feitos á sua pessoa em quanto homem. Finalmente, para que diga tudo de huma vez, sempre nos amou muito, mas nesta hora foi tão extremo, que do seu amor nada se póde dizer, que seja encarecimento. Ama-nos com hum amor maior que todos os amores: excedeo-se a si mesmo nos extremos de toda a eternidade: poz a coroa a todas as suas finezas, e até parece que se esqueceo do que era para desafogar de todo o seu amor.

Eis-aqui, meus ouvintes, a grande differença, que ha entre o amor de Deos, e o amor dos homens, olhando unicamente para o que de ordinario acontece no mundo, e hoje no Cenaculo adora a nossa Fé. Eu repito tudo junto, para que o tomeis bem de memoria. O amor de Deos  
he

he sempre o mesmo: o amor dos homens nunca permanece no mesmo estado. O amor de Deos não sómente se não diminue, mas cada vez he maior, se lho sabemos merecer: o amor dos homens, quando não acaba de todo, esfria muito com o tempo. O amor de Deos então he mais extremo, quando nos considera mais necessitados, e o mesmo Senhor se conhece na maior gloria: o amor dos homens nem nos acompanha na desgraça, nem se lembra de nós na fortuna. O amor de Deos finalmente nem ainda o maior aggravo o acaba de todo, sempre experimentamos os effeitos da sua misericordia: o amor dos homens o menor aggravo o acaba, e converte em odio, que muitas vezes dura até á morte.

E haverá ainda entre nós quem por amor dos homens perca o amor de Deos? Forte golpe levarião as amizades do mundo se todos considerassem nesta notavel differença! Mas não digo bem, antes neste caso nos amariamos huns aos outros com os

mais sinceros affectos. Assim como o conhecimento das creaturas naturalmente nos leva ao conhecimento de Deos, tambem o amor do mesmo Deos nos levaria ao amor das creaturas. Quem fizer reflexão nas creaturas, por força vai dar no seu principio, que he Deos; e quem ama a Deos observa os seus preceitos, hum dos quaes he que nos amemos huns aos outros; e tão nobre motivo faria com que o nosso amor fosse firme, extremo, invariavel.

Assim o permitti, Deos amante, e Senhor omnipotente. Já que a vossa misericordia soffreo até agora as sem-razões do nosso amor, dai-nos graça, para que de hoje por diante sejão, como devem ser, bem ordenados os nossos affectos. A todas as creaturas amaremos com aquelle affecto, que merecem, e vós mesmo mandais que lhe tenhamos; porém o amor de preferencia, no qual consiste a perfeita caridade, só ha de ser vosso. Assim o promettemos, meu Deos, para satisfação dos aggravos,

que

que temos commettido contra vós  
nesta importante materia, e tambem  
para merecermos por meio desta vir-  
tude a vossa Gloria, na qual para  
sempre vos desejanos ver, e amar.





S E R M ã O  
 D A  
 SOLEDADE  
 DA SENHORA,  
 Prégado em Marvilla.

*Plorans ploravit in nocte.* Thren. 1. 2.



ESTE he, meus ouvin-  
 tes, hum dos attribu-  
 tos do bem, que he  
 summo, e infinito: ou  
 totalmente se perca,  
 ou falte por qualquer  
 circumstancia, em quanto se conside-  
 ra perdido, sempre merece ser cho-  
 rado. A idéa menos confusa, que te-  
 mos nesta vida deste primeiro, e so-  
 bre-

bre natural objecto, he não se poder dividir em partes, e conter em si todas as perfeições, que são possiveis. A summa identidade, de que goza, o faz simples: o ser infinito, em que consiste, o constitue em todo o genero perfeito sem limite, e por isso a quem de todo o perde nada lhe fica, e quem se considera sem elle, de qualquer modo que seja, imagina que o tem perdido todo. Se o entendimento o quer comprehender, já mais acaba: se o pertende dividir, não pôde; por isso qualquer perda de semelhante bem parece a mesma, ainda que verdadeiramente se perca por diferentes modos. Esta poderá ser humas das razões, por que hoje em Maria Santissima se observão affectos, que parecem entre si bem encontrados, e tambem por este motivo torno a subir a este lugar confiado em que hei de propôr ao meu auditorio o maior defengano, que já mais ouviu da minha boca. Ora notem.

Merece particular reflexão que achando-se na Escritura tantas figuras,

ras, que representam a Mãe de Deos chorando nesta triste noite a morte, e ausencia de seu querido Filho, se não ache no Evangelho lugar algum, no qual se nos represente a mesma Virgem tambem chorando, quando no Calvario na sua mesma presença crucificarão a Christo. Sim acharemos que a mais cruel dor, como penetrante espada, traspassára sua bem-dita alma; mas não havemos de achar que chorasse. E como tão encontrados effeitos nem podião ter principio na inconstancia do animo, nem podião proceder de perturbação de entendimento, só com o que disse ao principio se póde explicar claramente esta differença. Em quanto a Senhora estava na presença de seu querido Filho, posto que a dor de o ver padecer fosse a mais cruel, e a mais forte, ainda o estava vendo, ainda o não considerava perdido: sentia sim em semelhante occasião, e sentia com fineza, mas ainda podia com o pesar, ainda não chorava. Nesta noite porém, que já o não vê, que já o  
con-



considera sepultado , ou não póde com a pena , e por isso busca defaço nas lagrimas , ou sente mais que nunca , e por isso tambem chora. Assim he que mysticamente fallando , e por união amorosa vive com elle ; mas como de algum modo o perdeu , não lhe deixa a dor distinguir a perda. A bondade infinita do mesmo bem , que lhe falta , faz na Senhora huma impressão tão forte , que lhe parece que o perdeu de todo : o que lhe falta he tão estimavel , que , por não lhe achar limite , lhe parece tudo : por isso não só sente , não só chora , mas sem nunca descançar vai accrescentando a humas lagrimas outras lagrimas. Não perdeu a Senhora cousa alguma da sua graça , não perdeu a Fé , ainda conserva a esperança das Divinas promessas : perdeu sómente a companhia de seu querido Filho , de Deos feito homem. Porém como este bem nunca se póde acabar de comprehender , como se perdéra tudo nunca tambem acaba de chorar.

Parece-me que todos os meus ouvintes assentão comigo que he solido , e verdadeiro este discurso : agora vede , e considerai bem o que daqui se segue. Segue-se que nenhum outro bem , que não he Deos , ainda que se perca , merece ser chorado : segue-se que he grande sem-razão sentir tanto qualquer perda do mundo , e tão pouco a perda de Deos : segue-se finalmente que quem hoje não acompanha a bemdita Virgem nas suas lagrimas , tem de sensitivo muito pouco , e de racional ainda menos. E este he o desengano , que vos venho dar hoje , desengano o maior , que vos podia dar por muitos principios. O maior , porque he o mais importante , pois d'elle depende a nossa felicidade : o maior , por ser o contrario hum erro o mais universal , e que tem tomado quasi inteira posse dos corações humanos : o maior em fim , porque he grande o apego , que temos ao mundo. E como estas circumstancias se enlaço humas com as outras , quero dizer , como  
das

das lagrimas da Senhora se infere a grandeza do bem , por que chora ; da grandeza deste bem o quanto o devemos sentir se o perdermos ; e de tudo isto o pouco , ou nada , que outra qualquer perda nos merece , mostrando eu individualmente os motivos , por que este bem he sómente digno de ser chorado , se conhecerá de todo a justificada razão , por que a Mãe de Deos chora ; o quanto estamos obrigados todos a fazer-lhe fiel companhia no seu pranto ; e tambem a sem-razão , com que sentimos qualquer outra perda. Principiemos.

Trez são as circumstancias , que na perda de algum bem não só podem justificar as nossas lagrimas , mas pedillas , e obrigar-nos a ellas : ou ser o bem , que perdemos , verdadeiro , ou ser grande , ou finalmente ser unico. Hum bem verdadeiro com toda a justiça merece a nossa estimação. E quem não ha de sentir a perda de hum bem , que se estima ? Hum bem , que he grande , basta para nos fazer bem afortunados ; e a felicidade per-  
di-

dida justamente merece ser chorada. Hum bem finalmente, que he unico, vale mais que tudo : nada, que não seja o mesmo bem, póde supprir a sua falta ; e não ha cousa, que mereça maior sentimento, que huma perda, que he irreparavel. Se perco hum bem fingido, ainda que ao principio o finta, porque me enganava com elle, quando depois venho no conhecimento do que era, só me peza de o haver chorado. Se perco hum pequeno bem, sim me entristeço ; porém ou acho facilmente outro, com que possa consolar-me, ou ao menos he mal, com que posso. Se perco hum bem, que não he unico, poderei nelle perder muito, mas não fico totalmente perdido : serei menos feliz, mas ainda não sou de todo desgraçado. A perda porém de hum bem verdadeiro sempre me lembra para me affligir : a perda de hum bem, que he grande, tem muito difficuloso remedio : a perda de hum bem, que he unico, he huma completa desgraça. E se tudo isto se acha

junto no bem , por que choro , he hum mal sem semelhante : he huma perda , para sentir a qual não basta o maior sentimento : he huma desgraça digna de lagrimas sem fim. Tudo isto são idéas clarissimas , e proposições , que a experiencia , e razão tem já feito evidentes.

Agora pergunto : E que outro algum bem , senão Deos sómente , ha , ou póde haver , no qual se achem juntas todas estas circumstancias ? Discorrei , meus ouvintes , por todos os bens do mundo : pezai na balança da razão os que mais se estimão , e vereis claramente como todos nos enganamos com elles. Que cativoiro não he nascer hum homem Principe ? Quantas vezes lhe he necessario cortar pelo seu gosto ou porque mais não póde , ou porque assim lhe convem ? Em que prazeres doces , e innocentes não vê que os da plebe estão vivendo , e que são indecentes ao seu estado ? Vive sujeito ás leis da razão , vive sujeito ás leis da Christandade , e ainda tem outra lei de

politica , que totalmente o prende , e lhe tira a liberdade. Não tem acção , que os seus mesmos inferiores não vigiem , observem , e julguem ; e se a ninguém se tributão maiores obsequios , tambem não ha quem mais de véras , com sacrilego atrevimento , seja censurado. Eu nunca experimentei , nem he possível que experimente tão alta fortuna ; mas fe-guro-vos , meus ouvintes , que he vida bem má de soffrer-se , e os que a logrão mais piedade me devem , do que inveja. Que alvo de contradicções não he hum homem sabio ? Os ignorantes lhe chamão soberbo : os doutos ignorante : poucos o louvão : ha muito quem o persiga ; e se não tem fortuna , sabe muito , mas vive pobre , e do mesmo modo acaba. Que contratempos não trazem consigo as amizades ? Só o que acontece unicamente a cada hum de nós em particular pelo discurso da vida dá bastantemente que sentir ainda a quem he de animo dilatado. Que será pois fazer-me eu participante dos pezares

alheios, sem fallar no mais refinado odio, em que vem a parar não poucas vezes as amizades? As chamadas honras do mundo não se podem pezar, são mais leves que o mesmo ar: não pafsão de huns nomes, que inventarão os homens: são humas precedencias, que se explicão por numeros: finalmente senão trouxerão annexas algumas isenções, ou conveniencias, ellas só por si significavão nada. Os empregos elles sim são coufas de grande pezo; mas quem ha, que possa com elles? Está o pobre Ministro comendo sem gosto: soffrendo gente impertinentissima, que já mais o deixão: estudando sem descanço: trabalhando sem focego, e com a alma, que he trabalho dobrado: contando as horas do dia, e muitas vezes todas as da noite: sem divertimento, sem alivio, e sobre tudo isto muitos a queixarem-se d'elle, e sem saber que fruto ha de tirar por ultimo de seus trabalhos, nem em que ha de vir a parar a sua fortuna. Os valimentos não he necessario tambem

pe-

pezallos , basta o receio de cahir , que sempre acompanha aos validos , e he fundado na experiencia de todas as idades , para tirar o gosto a semelhantes fortunas.

E são isto , meus ouvintes , bens verdadeiros ? Merecem semelhantes cousas que hum homem de juizo , e muito mais sendo Catholico , se acaso lhe faltarem , chore por ellas ? Porém quero conceder-vos que sejam bens verdadeiros : tirai-lhes todos os descontos , que os fazem ser verdadeiros males. Tambem não quero que os considereis separados , e cada hum só per si , venhão todos juntos a juizo. Sabeis , meus ouvintes , o que he tudo isto , que tanto parece aos mor-

Sap. 5. 9. taes ? Pois eu o digo. Tudo he huma sombra , que velozmente passa :

Pfal. 103. huma poeira , que se desvanece com

29. qualquer affopro : huma flor , que pe-

Ifai. 28. 1. la manhã nasce , e de tarde se mur-

4. & cap. cha : huma folha tão leve , que o

40. 6. mais brando vento a leva : hum fo-

Ifai. 1. 30. nho finalmente , que dura pouco , e

& c. 64. 6. de repente acaba. Eis-aqui as com-

Pfal. 72. pa-

20.



parações , que acho na Escritura , e com que os Profetas explicarão estes bens todos juntos ; e para que não cuideis que estas expressões são encarecimentos , e artificios da piedade para nos apartar do mundo com maior efficacia , tomai-lhe a sua justa medida , e conhecereis que em nada fallarão com excesso os Varões Santos , que Deos illustrava para nosso ensino. Supponho que nenhum de vós he tão soberbo , que deixe de confessar com Job que o homem he nada, Job.7.17; isto he , tão pequeno , e limitado , que parece cousa nenhuma. Pois no coração humano , que he muito menor que o homem , não só cabem todos os bens do mundo juntos , mas nem ainda o enchem , porque todos o não fartão : he ponderação de Santo Agostinho , e a sede , que os mortaes experimentão , e na qual alguns delles ardem de maiores , e maiores fortunas , com bastante evidenciã o prova.

E que vos parece , meus ouvintes ? Poderão semelhantes bens ainda

to-

todos juntos chegar a ser grandes? Poderá alguém persuadir-vos de que he grande bem aquelle, que nem ainda enche junto com todos os mais tão pequeno espaço? Só me podereis dizer, que ninguem gozou já mais de todos estes bens juntos, nem os teve no seu coração mais que sómente com o desejo. Tendes razão; mas daqui mesmo podia eu concluir a sua miseria, pois são taes, que nenhum de nós os póde lograr juntos, e quando podião avultar alguma cousa, ainda ficão sendo a nosso respeito pequenos, e miseraveis bens. Porém vamos coherentes. No mundo nunca houve homem algum, que juntamente possuísse todos os bens temporaes; mas não podemos negar que Salomão teve de tudo muito. Ora perguntai-lhe, se lhe enchêrão o coração todas estas felicidades? Se vive de todo contente, e satisfeito? Se o gosto de as possuir dá lugar no seu peito a outro algum affecto? E não só responderá, que lhe não enchêrão o coração todos estes bens juntos,

po-

porém que lhe deixarão hum tal vazio , que no meio de tanta fortuna padece a maior afflicção , e claramente está vendo que tudo he vaidade. Nem a sabedoria de todas as cousas , *Ecclef. 2.* nem o ouro na maior abundancia , *11.* nem o throno em paz , e socego , nem o amor dos vassallos , que he a maior felicidade dos Principes , nem a fama pelo mundo todo espalhada , que tão fortemente arrebatá o amor proprio , nem finalmente outro qualquer bem , ou todos juntos , o socegão : tudo lhe parece nada : em tudo descobre motivos para se affligir , e para se entristecer. Este he o conceito , que faz dos bens do mundo o mais feliz de todos os homens. E ainda haverá quem julgue grandes as fortunas , que o mundo préza ? Ainda haverá quem as julgue merecedoras do menor affecto ? Só teria a nossa cegueira alguma desculpa , se estes bens fossem unicos. Neste caso dependia a nossa felicidade , ou pequena , ou grande , necessariamente da sua posse ; e para o pobre pastor

tão precioso he o tarro de cortiça, como para o Rei a taça de ouro : a medicina, que he necessaria para a vida, ainda que amargue, procura-se com ancia, e leva-se de boa vontade. Porém nada he menos verdade do que isto; e se não, reparem.

Hum homem para ser feliz, a querer usar bem da razão, de nenhum modo depende dos bens do mundo. Quem sabe pôr freio ás paixões, em ter o necessario para a vida, que a Providencia sempre distribue a cada huma das creaturas por varios, e admiraveis modos, tem quanto lhe basta para viver contente. A felicidade verdadeira, meus ouvintes, e a que neste mundo pôde haver, não consiste nas cousas, que da parte de fóra nos cercão : o vulgo assim o entende, mas he grande erro. Desenganai-vos, meus ouvintes, que só he feliz quem vive interiormente satisfeito; e para isto dá Deos a cada hum o que he necessario, pois nos conserva com a mesma sabedoria, com que nos creou. Isto, que acaba

bo de dizer, he fallando como Filofofo ; que a usar da Fé , como pede lugar tão fagrado, ainda se póde formar muito mais forte argumento. Que multidão innumeravel de homens não encontramos na tradição , e nas Divinas Letras, os quaes não só vivião contentes , e se julgavão por muito felices destituidos de todos os bens temporaes , porém ainda no meio dos maiores trabalhos não cabião em si de gofio, e de prazer ? Tanto se não entristecião , quando lhes faltavão as riquezas , que antes as desprezavão , e para aceitarem empregos era necessario constar-lhes primeiro que Deos os havia escolhido, e ainda affim com humilde liberdade se desculpavão. Os Profetas , e Patriarcas da Lei antiga florecêrão heroicamente nestas virtudes : fallavão verdade diante dos Reis, e por ella offerecião, e davão com gofio a vida : reprehendião tyrannos , e poderofos fem temer o feu poder , ou a fua ira : atravessavão por meio dos inimigos , obedecendo intrepidos ao que Deos

lhe mandava, e tudo isto fazião sem violencia, com semblante alegre, com animo focegado, e só lhes pezava se o não fazião assim.

Faltão a Job, e quasi ao mesmo tempo, todos os bens do mundo, e até quem se compadeça d'elle falta, e nem por isso perde o animo: sim chora, e se lamenta, mas he porque julga que os seus peccados forão occasião de semelhante castigo: não são as perdas temporaes as que lhe merecem as lagrimas. Vendem a José seus irmãos, padece varia fortuna, acha-se ultimamente mettido no maior perigo, quasi o tem perdido para o mundo a sua mesma virtude, e nada de todo o opprime, para tudo olha com animo igual, e sempre o mesmo. Finalmente seria molesto se referisse todos os casos semelhantes a estes. O que sobre tudo porém admira, e se não deve passar em silencio, he ver como os Apostolos na Lei da Graça, e todos aquelles, que lhes succedêrão no ministerio, e no espirito, desprezavão as cousas do mundo,

do, o que trabalhavão, o que padecião, e o gosto, e consolação interior, com que vivião, e acabavão as vidas. A sua pobreza era tal, que vivião de esmolas: a sua constancia nos tormentos a mais admiravel. Apurou-se a malicia dos tyrannos em inventar novos, e exquisitos generos de martyrios: não soube passar adiante: parou em fim em termo certo a crueldade; mas a constancia, e paciencia dos Martyres sempre foi por diante, não se diminuo em cousa alguma, cada vez era maior. Os jubilos de seus corações, quando vião preparadas as fogueiras, em que havião de ser queimados: o prazer, com que abraçavão as cruces, e as aspas, em que havião de ser crucificados: o quanto festejavão ser chegada a hora da sua morte, são cousas, que se não podem considerar sem espanto.

E donde, meus ouvintes, procedião tão maravilhosos effeitos, senão do bem solido, e verdadeiro, que dentro de seus corações se encerrava? Vivião em graça, e amizade

de de Deos : nada lhes fazia falta : não havia nos seus animos lugar para a tristeza : tudo era consolação , tudo prazer , tudo felicidade quanto nelles morava. O' bem unico ! O bem verdadeiro ! O' bem sem limite ! Só Deos , meus ouvintes , Deos sómente he o bem , que merece todos os nossos affectos , e ainda todos não são cousa alguma para o muito , que lhe devemos. Não podemos conhecer claramente o que em si he , em quanto nos não der aquelle lume sobrenatural , e Divino , que só póde illustrar de todo os nossos entendimentos ; mas sabemos de certo que he bem summo , infinito , e sem mistura de algum mal. Não ha felicidade alguma verdadeira , que em Deos se não continha , e por modo infinitamente mais perfeito do que o podemos considerar. O entendimento sempre terá mais , e mais que ver sem fim : a vontade nunca poderá gozar totalmente de tão grande bem : elle só he que póde faltar os nossos desejos : com elle são suaves todos os trabalhos.



lhos. O mesmo he faltar-nos este bem, que faltar-nos tudo: sem elle, a quem o considera, nem o juizo focega, nem o coração cabe no peito, tudo he confusão, tudo he tristeza, e desgraça tudo. Finalmente senão fora a confiança, que temos na sua misericordia de o acharmos outra vez depois de o haver perdido, o mesmo fora reflectir nesta perda, que acabar no mesmo instante a vida; pois só quem perde o uso da razão póde viver hum instante sem ter ao menos a esperança de ver a Deos.

E sendo tudo isto assim, como na verdade he, que lagrimas mais bem choradas que as de Maria Santissima, e as que tambem pertendo dos meus ouvintes nesta triste noite? Bem conheço, e já o notei ao principio, que a Senhora não perdeu inteiramente a Deos: ainda o seu coração o possui por graça, e, como querem alguns Doutores, por gloria. Tambem não devo suppôr que neste lugar, e em semelhante dia, que

que he o da nossa redempção, se ache pessoa alguma em peccado, e odio de Deos; porém no presente caso nada disto basta para enxugar humas, e outras lagrimas: todos devemos chorar a perda deste bem, ainda que não seja total, e encher-nos de confusão, e de vergonha por havermos desperdiçado pelos bens do mundo huma só lagrima. Como não ha de chorar a Santissima Virgem, se lhe falta a particular companhia de hum Filho, que he Deos, a quem estava vendo, com quem estava falando, que tantas vezes se reclinou nos seus braços, que descansava no seu peito, e com quem familiarmente tratava? Se já não vê a formosura, que enche de resplandores a mesma gloria: se já não ouve a sabedoria, que ensina as mesmas intelligencias: se finalmente o bem, que lhe falta, he hum bem infinito, como não ha de accrescentar a humas lagrimas outras lagrimas? Como quereis que distingua a perda, e de algum modo se console? Falte o que  
fal-

faltar, e por qualquer modo que seja, he Deos o bem, que á Senhora falta: por isso lhe parece que lhe falta tudo: por isso fecha de todo as portas ao alivio: por isso nada lhe lembra, senão chorar tão grande perda. E se nenhum de nós se acha em circumstancias tão ventajosas a respeito da perda deste grande bem, como se acha a Senhora: se todos temos derramado tantas lagrimas pelos bens do mundo, com muito maior razão nos deve ferir o peito o sentimento, e a saudade. Affligi-vos pois, Senhora, muito embora, que bastante razão tendes para chorar. Choremos todos, meus ouvintes, pois temos ainda maiores motivos para as nossas lagrimas. O bem, que perdemos, he verdadeiro: o bem, que se ausentou de nós, he o maior: o bem, por que suspiramos, he unico; e tão grande perda nunca se póde acabar de sentir, nem de chorar.

Mas parece sem-razão que eu acabe, sem que de algum modo procure consolar a Mãe de Deos, e aos meus

meus ouvintes nesta universal mágoa ; antes os persuada a maior sentimento. Huma noite a mais triste , huma desconfortação a maior , huma faulda de tão forte , e hum discurso , que sómente serve de entristecer mais ao auditorio ! Fogem os fieis para a Igreja a buscar consolação , e hão de encontrar maiores amarguras ! Nunca he mais necessario o alivio que nos grandes trabalhos , e neste o maior de todos nenhum conforto ! Bem conheço que estas razões são muito fortes : tambem não ignoro que o coração humano não he para tão grandes , e tão continuos pezares ; porém de que posso valer-me ? Se a Mãe de Deos não acha motivo algum para se consolar , como quereis que eu o ache para enxugar as vossas lagrimas ? Se eu ao menos pudéra mostrar-vos nesta hora hum fiel retrato do bem , que choramos ausente , daria essa consolação aos vossos olhos ; mas até este fraco remedio me falta : antes me vejo obrigado , por satisfazer ao costume , a entristecer , e magoar mais

os vossos corações com esta pintura, que he a unica reliquia, que de tanto bem nos ficou hoje.

Eis-aqui, meus ouvintes, do bem, por que choramos, o que sómente nos resta: este he o alivio unico, que póde ter a nossa saudade. O Author da vida está sepultado na terra: neste sudario só nos ficou huma imagem da morte. O Sol da formosura jaz eclipsado no sepulchro: neste sudario só nos ficou horror, e fealdade. A sabedoria infinita foi outra vez para o Eterno Pai, donde viera: neste sudario só nos ficou huma figura muda, e bem pouco elegante. Ausentou-se da nossa companhia aquelle espirito, que dava vida ás nossas almas: neste sudario não vemos outra cousa, que o toscó desenho de hum cadaver. E quem póde haver tão discreto, que saiba dar cores alegres a esta pintura? Quem póde haver tão de marmore, que olhe sem lagrimas para este lastimoso objecto? Se a loucura de nossos pensamentos foi quem traspassou com es-

pinhos crueis esta sacrosanta cabeça : se a enormidade de nossas vistas escandalosas foi quem escureceo a luz destes Divinos olhos : se a descompostura de nossas palavras fez emudecer esta eloquente boca : se a nossa avareza atou com rudes cordas estas mãos omnipotentes : se os nossos desordenados affectos rasgárão este amante peito : se o desconcerto de nossas acções, e de nossos passos cravárão na Cruz os pés , e mãos do nosso Redemptor : se as nossas culpas forão causa desta morte : se todos os dias renovamos esta mesma Paixão com outros novos peccados, como posso na consideração de tudo isto consolar-me a mim, consolar-vos a vós , e propôr motivos á Mãe de Deos para aliviar a sua mágoa?

Desenganemo-nos, meus ouvintes , esta noite só he para sentir , e para chorar : só as lagrimas podem fervir de alivio á nossa faudade : só o nosso sentimento poderá ser de alguma consolação para a Senhora. Esta he a notavel differença , que vai de

de chorar os bens do mundo a chorar o mal infinito de perder a Deos. As lagrimas, que se chorão pelo que he temporal, de nada aproveitão, nem restituem o bem, que falta, nem dão esperança de o achar, e tanto não consolão, que antes causão novo sentimento de as havermos chorado: são lagrimas sem razão, e de nenhum fruto. As lagrimas porém, que se chorão pelo que he eterno, aproveitão de muito: não só nos dão firme esperança de achar outra vez o bem, que perdemos, mas tambem o restituem tão bello como de antes era; e se em quanto as derramamos a contrição as faz amargosas, temos depois grande contentamento de as haver chorado: são finalmente lagrimas bem choradas, e que se aproveitão de todo. E se o remedio, que evidentemente he util, se não deve desprezar por aspero: se pelo que he transitorio, e não havemos de recobrar, temos sem proveito derramado tantas lagrimas, que melhor conselho, quando nos consideramos au-  
sen-

fentes do nosso Redemptor, que chorar, e sentir tão grande perda, principalmente tendo nós dado causa a ella? Seirão pois tudo lagrimas, e sentimento tudo, nem de outra consolação mais se trate: não entre em nossos corações prazer algum, em quanto não acharmos o bem, que perdemos. E como para aproveitarem até as lagrimas he necessario que haja quem as patrocine, já que nesta triste hora não temos a quem recorrer sensivelmente senão a esta Reliquia, e áquella Imagem, diante de huma, e outra, agora mais que nunca, será justo que demos o mais claro testemunho da nossa saudade, e do nosso sentimento.

Sim, meu Deos, e meu Senhor, nada já sentimos, senão termos sido causa desta morte: nada choramos, senão a vossa ausencia: só nos faz falta a vossa companhia, porque vos amamos sobre tudo. Este semblante tão denegrido, e affeado nos he mais amavel que todas as formosuras do mundo; e se a Fé não ensinára que o  
po-



podemos ainda ver cheio de gloria, posto que sempre estivéssimos chorando, antes o quizeramos ter presente, e neste estado, por ser huma copia vossa, que tudo quanto tem de agradavel o mundo. Este lado aberto, e ferido, ao mesmo passo que nos enche de horror, e de susto, o estimamos mais que todas as riquezas, e amizades do mundo, e a podermos entrar nelle, no mesmo estado, em que se acha, ainda que estalássemos de sentimento, por ser effeito da nossa ingratição, e crueldade, nelle viveramos, e por elle desprezamos tudo, como pelo centro da nossa ventura. Estas mãos prezadas, e escorrendo sangue, que se não podem ver sem mágoa, as prezamos mais que o poder todo do mundo; e a ser-vos agradavel o que se usa entre os homens, ainda que cheios de vergonha, por estarem atadas por nossa culpa, antes as quizeramos estar sempre beijando, que por grandes mercês as dos maiores Principes da terra. Todo este retrato finalmente, pa-  
ra

ra o qual não podemos olhar, sem que palpite o coração, e se resfrie o sangue, o queremos antes diante de nossos olhos, que estar sem vos ver de algum modo, e nelle empregaremos por modo tal sentidos, e potencias, que de nenhum outro objecto tenhamos lembrança. Sejam tantas as lagrimas, que desfeito nos faia o coração pelos olhos: seja tão grande o pezar, que não caiba no peito: com tanto que de algum modo estejais na nossa presença, antes o queremos, que totalmente sem vós outro qualquer estado. Aceitai, Senhor, estas lagrimas, já que não temos outra cousa, com que vos possamos satisfazer por tantas offensas. Recebei, meu Deus, estes desejos, já que de outro modo vos não podemos obrigar a que torneis para nossa companhia.

E vós, Mãe amabilissima, e saudosissima Senhora, já que melhor que todos sabeis conhecer o bem, por que choramos, e ninguem experimenta com maior rigor os crueis effei-

feitos desta tyranna faudade, compadecei-vos do triste, e miseravel estado, em que nos achamos, pois até para chorar, e sentir como he devido, não ha em nós forças proprias, que sejam bastantes. Dai, Senhora, valor, e preço ás nossas lagrimas, para que vosso querido Filho as aceite juntamente com as vossas. Fazei digno o nosso pezar com o vosso amparo, para que suba á presença de Deos em companhia da vossa mágoa. Assim como este sangue precioso, e os tormentos, que traz á memoria este retrato, nos merecêrão aquella gloria, de que estavamos desherdados, mereção-nos as vossas lagrimas, que, por serem vossas, são muito preciosas, mereção-nos aquelles auxilios, que nos são necessarios para nos arrependermos da culpa, para chorarmos aos pés do nosso Redemptor a nossa cegueira, para finalmente podermos romper em huma contrição verdadeira, e capaz de alcançarmos outra vez por meio della o bem, que perdemos. Assim he,

Virgem Santissima , que todos nós fomos complices desta morte , todos vos causamos esta tão grande pena ; porém assim como vosso querido Filho pediu hoje no Calvario a seu Eterno Pai pelos mesmos , que o crucificarão , pedi tambem vós nesta hora por quem foi causa de vos veres nesta occasião tão só , e tão desconfolada. Assim como á injustiça , e crueldade daquelles barbaros algozes correspondeo Christo com a maior misericordia , reprehendei tambem vós, Senhora, e confundi nesta hora a nossa ingratição , e descuido com a vossa clemencia.

E vós, meus ouvintes , não dilateis mais o vosso arrependimento. Esta he a occasião , em que mais que nunca vos peço que vos prepareis para huma dor a mais forte , e para hum pezar o mais heroico. Reflecti que de hum verdadeiro acto de contrição depende toda a nossa ventura. Este unico sacrificio nos fará possuir outra vez o bem , que choramos perdido. Nem Deos nos ha de faltar  
com

com a sua misericordia, nem sua Mãe Santissima com o seu amparo. Não lhe podemos nesta vida offerecer obsequio algum mais agradavel do que este. Digamos pois todos, mas de véras, e de todo o coração: Omnipotente Deos, e Senhor, peza-nos de vos havermos offendido, por ferdes vós quem sois, summamente bom, e digno de ser amado. Promettemos com vossa Divina graça de nunca mais vos offender. Esperamos na vossa infinita misericordia que nos haveis de perdoar. Se até agora tão facilmente, e por tão pouco estavamos costumados a perder-vos, nenhuma cousa daqui por diante nos poderá apartar de vós. Nem o medo da morte, nem todas as commodidades da vida, nem promessa alguma futura, nem o poder do mundo, nem a força do Inferno, nem outra qualquer creatura nos poderá separar mais de vós. Ou nos Ceos vos adoremos como Deos revestido de toda a vossa gloria, ou na terra vos contemplemos feito homem, e por nosso amor carregado

de opprobrios , com vosco permaneremos sempre firmes , sempre constantes , e em vos amar sempre os mesmos. A vossos Divinos pés estaremos sempre prostrados ou chorando as nossas culpas , ou louvando o vosso amor , ou finalmente clamando pela vossa misericordia.

F I M.



